

CLÁUDIA SOFIA RODRIGUES CAPELA

**Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um
Programa de Formação Parental**



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Porto, 2016

CLÁUDIA SOFIA RODRIGUES CAPELA

**Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um
Programa de Formação Parental**



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Porto, 2016

CLÁUDIA SOFIA RODRIGUES CAPELA

**Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um
Programa de Formação Parental**

Assinatura: _____

Trabalho apresentado à
Universidade Fernando Pessoa
como parte dos requisitos para
obtenção do grau de Mestre em
Ciências da Educação:
Necessidades Educativas Especiais
– Domínio Intervenção Precoce na
Infância, sob a orientação da
Professora Doutora Luísa
Saavedra.

Resumo

A Formação Parental poderá ser a chave para o sucesso de muitas famílias, principalmente para aquelas que se encontram menos preparadas para este novo papel, que é ser mãe ou pai, sobretudo quando ainda são jovens.

Desta forma, o presente estudo tem como objetivos identificar quais as necessidades de formação de mães com filhos com idades compreendidas entre os 3 e 6 anos apoiadas pelo Centro da Mãe do Funchal; aplicar um programa de formação parental adequado às necessidades das mães; avaliar a evolução das competências e estilos parentais e comparar os resultados com outros estudos. Como já supramencionado, este estudo desenvolveu-se no Centro de Mãe do Funchal, Instituição Particular de Solidariedade Social, que tem como objetivo apoiar e/ou acolher grávidas adolescentes e jovens mães, com os seus filhos, em situação de risco. As participantes do estudo foram três assistentes sociais, uma psicóloga e seis jovens mães de crianças em idade pré-escolar, apoiadas pelo Centro de Mãe.

A identificação das necessidades de formação das mães foi concretizada recorrendo a entrevistas semiestruturadas. Posteriormente, procedemos à adaptação de um programa de formação parental, baseando-o no programa “Escola de Mães” do estudo de Bernardo (2013). Após as alterações necessárias ao programa de formação parental, este foi aplicado às mães. Com o objetivo de avaliar a evolução das competências e estilos parentais, foi efetuada também uma entrevista antes e após a frequência da formação parental. De forma a consubstanciar esta avaliação foram utilizados três instrumentos validados para a população portuguesa, designadamente o Questionário de Estilos Parentais – Pais adaptado de *Parental Authority Questionnaire* PAQ, de Buri (1991, *cit in* Pires et al.,2011), a Escala de Estima de Si - S.E.R.T.H.U.A.L. adaptado de Tap et al., (2009) e a Escala de Autoeficácia Parental de Brites (2010).

As alterações do estilo parental praticado antes e após a frequência do programa indicam que o Programa de formação parental teve um impacto positivo junto da

maioria das participantes neste estudo. É de realçar ainda a evolução das competências parentais das mães, manifestadas na sua autoestima e na relação com os seus filhos.

Palavras-chave: Formação Parental, estilos parentais, autoestima e autoeficácia parental.

Abstract

Parental Training could be the key to the success of many families, mainly for those who are less prepared for this new role that is being a mother or a father, especially when they're still young.

Therefore, the present study aims to identify the training needs of mothers with children aged between 3 and 6 years old supported by Centro da Mãe of Funchal; apply a parental training program tailored to the mothers' needs; assess the development of parental' skills and styles and compare the results with others studies. As already mentioned above, this study took place in Centro da Mãe of Funchal, Private Institution of Social Solidarity, which has the purpose to support and/or welcome pregnant teenagers and young mothers, with their children at risk. Study participants were three social workers, one psychologist and six young mothers of children in preschool.

The identification of mothers' training needs was accomplished using semi-structured interviews. Then, we proceed to the adaptation of a parental training program, based on the program "Escola de Mães" of Bernardo' study (2013). After the necessary adjustments to the Parenting Training Program, this one was applied to the mothers. In order to assess the development parenting' skills and styles, it was also carried an interview before and after the Parental Training' frequency. In order to substantiate this valuation three validated instruments for the portuguese population were used namely o Questionário de EstilosParentais – Paisadapted fromBuri' *Parental Authority Questionnaire* PAQ (1991, *cit in* Pires et al.,2011), the Self Esteem Scale– S.E.R.T.H.U.A.L. adapted from Tap et al., (2009) and Brites'Parental Self-Efficacy Scale (2010).

The modifications on parental style practiced before and after the program' frequency indicate that the Parental Training Programme had a positive impact in the majority of the participants in this study. It should also enhance the development of the mothers' parenting skills, manifested in their self-esteem and relationship with their children.

Keywords: Parental Traininig, Parenting Styles, Self-Esteem e Parental Self-Efficacy

Agradecimentos

Quero agradecer ao meu filho, ao meu marido e à minha irmã por me acompanharem nesta caminhada.

À minha colega Ana Carolina Bernardo pela cedência das suas sessões utilizadas na sua tese de mestrado “Escola de Mães” e ainda pelas palavras de coragem, pelo apoio nos momentos difíceis, pelo esclarecimento de algumas das minhas dúvidas e inquietações, sendo desde o início a minha luz ao fundo do túnel.

Não posso deixar de agradecer à presidente do Centro da Mãe, a Doutora Mónica que deste o primeiro contacto se mostrou muito interessada neste trabalho, como contributo para as mães deste centro e a disponibilidade que sempre demonstrou em todos os momentos para que fosse possível desenvolver este estudo.

Agradeço também à Doutora Liana por todo o seu apoio ao longo deste processo, pelo seu incansável esforço para contactar as mães para este estudo, bem como para me ajudar sempre que foi necessário.

Agradeço agora à Doutora Silvana Freitas por ter aceitado tão prontamente fazer parte deste projeto, por toda a sua ajuda na planificação de atividades que fossem ao encontro dos interesses das mães deste estudo e por ter dado a formação às mães de uma forma exemplar. Obrigada amiga Andreia por todo o seu apoio.

Quero também agradecer à Professora Doutora Rute Brites pela cedência das escalas do seu doutoramento e à Doutora Mónica Taveira Pires pela cedência do questionário de estilos parentais. Às duas o meu muito obrigada.

Agradeço também à minha orientadora a Professora Doutora Luísa Saavedra pelo interesse e atenção que sempre manifestou por este estudo.

Por fim, agradeço a todas as mães que participaram neste estudo, pelo seu interesse, participação e empenho, pois sem elas este estudo não seria possível.

ÍNDICE

Resumo	v
Abstract	vii
Agradecimentos	vii
ÍNDICE	x
Índice de Gráficos	xiii
Índice de Tabelas	xvi
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
1. PARENTALIDADE	4
1.1. Conceito de família	4
1.2. Família enquanto sistema	5
1.3. Da conjugalidade à parentalidade	9
1.4. Conceito de parentalidade	11
1.5. Estilos educativos parentais	13
2. AUTOESTIMA E AUTOEFICÁCIA	18
2.1. Autoestima	18
2.2. Autoestima e parentalidade	22
2.3. Autoeficácia	23
2.4. Autoeficácia na parentalidade	26

3. INTERVENÇÃO PRECOCE	29
4. EDUCAÇÃO PARENTAL	34
4.1. Origem e evolução do conceito de educação parental	34
4.2. Programas de formação parental	36
CAPITULO II – ABORDAGEM EMPÍRICA	42
1. PROBLEMÁTICA	42
1.1. Perguntas de Partida	44
1.2. Objetivos do Estudo	44
2. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS	44
2.1. Participantes	47
2.1.1. Caracterização das participantes	50
2.2. Instrumentos e procedimentos	52
2.2.1. Formação parental: sessões e objetivos	57
3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE DA INFORMAÇÃO ...	60
3.1. Análise das respostas às perguntas abertas nas entrevistas	60
3.1.1. Análise das respostas às perguntas abertas nas entrevistas às mães antes da formação parental	61
3.1.2. Análise das respostas às perguntas abertas nas entrevistas às assistentes sociais e psicóloga do Centro da Mãe	66
3.1.3. Análise das respostas às perguntas abertas nas entrevistas às mães após a formação parental	67
3.2. Análise dos resultados da aplicação do Questionário dos Estilos Parentais – Pais (Adaptação Do <i>Parental Authority Questionnaire</i> Paq, De Buri, 1991)	75

3.3. Análise dos resultados da aplicação da Escala de Estima de Si – S.E.R.T.H.U.A.L.....	79
3.4. Análise dos resultados da aplicação da Escala de Autoeficácia Parental	96
3.5. Questionário de avaliação das sessões da formação parental	110
4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	112
5. CONCLUSÕES.....	122
6. LIMITAÇÕES DO ESTUDO	124
7. RECOMENDAÇÕES: LINHAS ABERTAS DE INVESTIGAÇÃO	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Questionário dos Estilos Parentais - Pais, avaliação antes e depois da formação parental – Mãe 1.....	75
Gráfico 2 – Questionário dos Estilos Parentais - Pais, avaliação antes e depois da formação parental – Mãe 2.....	75
Gráfico 3 – Questionário dos Estilos Parentais - Pais, avaliação antes e depois da formação parental – Mãe 3.....	76
Gráfico 4 – Questionário dos Estilos Parentais - Pais, avaliação antes e depois da formação parental – Mãe 4.....	76
Gráfico 5 – Questionário dos Estilos Parentais - Pais, avaliação antes e depois da formação parental – Mãe 5.....	77
Gráfico 6 – Questionário dos Estilos Parentais - Pais, avaliação antes e depois da formação parental – Mãe 6.....	77
Gráfico 7 – Dimensão positiva da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 1	79
Gráfico 8 – Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 1	80
Gráfico 9 – Dimensão positiva da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 2	82
Gráfico 10 – Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 2	83

Gráfico 11 – Dimensão positiva da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 3	85
Gráfico 12 – Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 3	85
Gráfico 13 – Dimensão positiva da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 4	87
Gráfico 14 – Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 4	88
Gráfico 15 - Dimensão positiva da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 5	90
Gráfico 16 – Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 5	91
Gráfico 17 – Dimensão positiva da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 6	93
Gráfico 18 – Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 6	94
Gráfico 19 – Comparação entre as médias dos scores das dimensões da Escala de Autoeficácia Parental, inicial e final – Mãe 1	97
Gráfico 20 – Comparação entre as médias dos scores das dimensões da Escala de Autoeficácia Parental, inicial e final – Mãe 2	99
Gráfico 21 – Comparação entre as médias dos scores das dimensões da Escala de Autoeficácia Parental, inicial e final – Mãe 3	101

Gráfico 22 – Comparação entre as médias dos scores das dimensões da Escala de Autoeficácia Parental, inicial e final – Mãe 4	103
Gráfico 23 – Comparação entre as médias dos scores das dimensões da Escala de Autoeficácia Parental, inicial e final – Mãe 5	105
Gráfico 24 – Comparação entre as médias dos scores das dimensões da Escala de Autoeficácia Parental, inicial e final – Mãe 6	107

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Caracterização das mães antes da formação parental.....	51
Tabela 2 – Forma de cálculo do score da Escala de Autoeficácia Parental	56
Tabela 3 – Objetivos das sessões do programa de formação parental	57
Tabela 4 – Temas e categorias relativas à análise de conteúdo da entrevista inicial	61
Tabela 5 – Categoria A: Relação das jovens mães com os seus filhos	62
Tabela 6 – Categoria B: Necessidades de formação enquanto mulher e mãe	62
Tabela 7 – Categoria: Importância de participar na formação parental	64
Tabela 8 – Temas mais pertinentes para as jovens mães	65
Tabela 9 – Categorias e subcategorias relativas à análise de conteúdo das entrevistas às assistentes sociais e psicóloga do Centro da Mãe.....	66
Tabela 10 – Temas mais pertinentes para a formação parental.....	67
Tabela 11 – Temas e categorias relativas à análise de conteúdo da entrevista final	67
Tabela 12 – Categorias, subcategorias e respetivas unidades de discurso relativas ao tema 1	68
Tabela 13 – Categoria, subcategorias e respetivas unidades de discurso relativas ao tema 2	69
Tabela 14 – Avaliação das melhorias após a formação parental, relativas aos temas: "Necessidades de formação das jovens mães" e "Mudanças pessoais alcançadas"	72

Tabela 15 – Avaliação das melhorias após a formação parental, relativo ao tema "Formação parental"	73
Tabela 16 – Síntese dos resultados do Questionário dos Estilos Parentais - Pais	78
Tabela 17 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão positiva da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 1	80
Tabela 18 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 1	81
Tabela 19 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão positiva da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 2	82
Tabela 20 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 2	83
Tabela 21 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão positiva da Escala de Estima de Sí na avaliação inicial e final – Mãe 3	85
Tabela 22 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 3	86
Tabela 23 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão positiva da Escala de Estima de Sí na avaliação inicial e final – Mãe 4	88
Tabela 24 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 4	89
Tabela 25 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão positiva da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 5	90

Tabela 26 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 5.....	91
Tabela 27 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão positiva da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 6.....	93
Tabela 28 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 6.....	94
Tabela 29 – Síntese dos resultados da Escala de Estima de Si S.E.R.T.H.U.A.L.....	95
Tabela 30 – Cotação, médias e percentis das dimensões positivas e negativas da Escala de Autoeficácia Parental – Mãe 1.....	98
Tabela 31 – Cotação, médias e percentis das dimensões positivas e negativas da Escala de Autoeficácia Parental – Mãe 2.....	100
Tabela 32 – Cotação, médias e percentis das dimensões positivas e negativas da Escala de Autoeficácia Parental – Mãe 3.....	102
Tabela 33 – Cotação, médias e percentis das dimensões positivas e negativas da Escala de Autoeficácia Parental – Mãe 4.....	104
Tabela 34 – Cotação, médias e percentis das dimensões positivas e negativas da Escala de Autoeficácia Parental – Mãe 5.....	106
Tabela 35 – Cotação, médias e percentis das dimensões positivas e negativas da Escala de Autoeficácia Parental – Mãe 6.....	108
Tabela 36 – Síntese dos resultados da Escala de Autoeficácia Parental para os itens das dimensões positivas e negativas, antes e após a formação parental	109

Tabela 37 – Síntese dos resultados da Escala de Autoeficácia Parental relativamente à autoeficácia total..... 110

INTRODUÇÃO

A presente investigação é baseada na implementação de um programa de formação parental e pretende avaliar a sua eficácia e qualidade no âmbito da intervenção precoce com jovens mães, realizado no Centro da Mãe do Funchal, Instituição Particular de Solidariedade Social.

A parentalidade, ou o compromisso de ser mãe/pai de uma forma eficaz, é muito importante para que uma família tenha sucesso, pois uma adequada parentalidade transforma as gerações futuras e condiciona o modo como estas se vão comportar, afetando tudo e todos à sua volta (Hoghughi, 2004; Abreu-Lima et al., 2010; Bennet & Grimeley, 2001, *cit. in* Borges, 2010; Dadam, 2011). Podemos assim interpretar que as alterações na relação entre pais e filhos são o resultado das modificações pelas quais a família passa e que têm levado a uma interrogação permanente sobre o papel dos pais na educação dos seus filhos.

Nesta sequência, a existência de serviços de intervenção junto das famílias nomeadamente no âmbito da Intervenção Precoce na Infância (IPI), ocupa um lugar importante ao nível das políticas educativas, uma vez que são reconhecidas vantagens a vários níveis, tanto para a família como para a criança em risco. Relativamente à família, pelo apoio que lhe é prestado com o intuito de lidar com as adversidades, e no que concerne à criança a vantagem incide no carácter preventivo da intervenção (Carrapatoso, 2003).

As práticas centradas na família assentam numa filosofia de atendimento onde a família tem um papel fundamental, reconhecido e respeitado na vida das crianças. Deste modo, as famílias devem ser apoiadas nos seus ambientes naturais e nos seus papéis de decisão, através do reforço das capacidades únicas que possuem como pessoas e famílias (Brewer, 1989 *cit. in* Campelo, 2007).

O desenvolvimento da parentalidade nestas famílias, muitas vezes, acaba por ser um problema educacional, principalmente quando os pais demonstram dificuldade em

assumir a responsabilidade da educação dos seus filhos, delegando estas funções para a escola e os profissionais que nela trabalham (Bernardo,2013).

Todas as famílias em transição para a parentalidade têm uma estrutura própria de referência que deve ser avaliada, reconhecida e compreendida. A avaliação dos padrões da família, de comportamentos de saúde, estilo de vida, crenças, valores e perceções, bem como barreiras aos comportamentos de saúde, é de fundamental importância para o planeamento da educação parental (Vilaça, 2012).

O envolvimento ativo dos pais, no processo de intervenção com os seus filhos, surge como uma forma inequívoca de potenciar e maximizar o desenvolvimento da criança. A criação deste tipo de oportunidades parece-nos extremamente útil e importante para os pais, permitindo-lhes sentirem-se mais informados, e eventualmente, mais competentes, em matérias que lhes interessam particularmente (Quingostas, 2011).

Tendo em conta o referido, consideramos pertinente investir nesta área de estudo que é a formação parental, por ser uma mais-valia para os pais e os seus filhos.

O facto de existirem instituições como o Centro da Mãe, que é uma Instituição Particular de Solidariedade Social, sem fins lucrativos, é um benefício para todas as utentes que dela necessitam. Esta instituição foi constituída em Junho de 1999, com o objetivo de construir um centro de acolhimento temporário para grávidas e jovens mães em situação de risco, com os seus filhos, uma vez que a inexistência de um organismo com esta valência obrigava ao acolhimento das jovens fora da Região.

Esta instituição para além de acolher adolescentes e jovens mães também lhes presta apoio a nível da formação. Porém, o nosso estudo considerou-se pertinente e útil por ser diferente daquilo que é feito nesta instituição ao nível da formação. Neste contexto, o presente estudo surgiu, pelo facto de trabalhar numa Escola Básica com Pré-escolar que está localizada ao lado desta Instituição, e contactar diariamente com algumas destas mães que ali têm apoio e perceber que muitas delas apresentam sérias dificuldades em conseguir impor regras e saber lidar com os seus filhos.

Relativamente à estruturação deste trabalho, este encontra-se dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo é denominado por enquadramento teórico, onde é efetuada a revisão da literatura atual acerca do tema em estudo. Aqui são abordadas várias temáticas segundo as perspetivas de diferentes autores, expondo consensos e contrariedades manifestadas entre eles. As principais temáticas abordadas são: a parentalidade, onde se fala sobre a família e os diferentes estilos parentais; a autoestima e a autoeficácia na parentalidade; a intervenção precoce e a educação parental.

No segundo capítulo, assinaladamente abordagem empírica, é apresentada a problemática desta investigação, bem como as perguntas de partida e os objetivos deste estudo. Aqui também é feita referência às orientações metodológicas, aos participantes, instrumentos e procedimentos utilizados. Por fim, são apresentados os resultados e a análise da informação obtida, assim como a discussão dos resultados a que chegámos, comparando-os com outros estudos desenvolvidos no âmbito desta temática.

No final deste capítulo são referidas as conclusões a que chegámos, as limitações deste estudo, bem como algumas recomendações: linhas abertas de investigação.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. PARENTALIDADE

1.1. Conceito de família

A origem etimológica da palavra “família” deriva do latim *famulus*, que tem como significado “servo” ou “escravo”. Presume-se que tal denominação provenha do facto das relações familiares estarem de alguma forma relacionadas com os conceitos de posse e obediência (Osório & Valle, 2002).

Para Silva (2003), o termo família é pouco específico e comporta um emaranhado de significados e interpretações que dificulta a procura de convergências entre a multiplicidade de perspetivas e, simultaneamente, reforça a ambiguidade e imprecisão da sua conceptualização. Como refere Pimentel (2001), isto é indicador da complexidade de relações e dimensões implicadas no espaço familiar e dos vínculos e limites que nele se articulam.

Ainda assim, o conceito de família remete para a representação mental de um grupo de pessoas constituído pelo pai, mãe e filhos. Estas são pessoas imaginadas vagamente, uma vez que as ligações mentais não se ligam a nenhuma imagem concreta, antes constituem como que um modelo, uma estrutura onde se enquadram as famílias que conhecemos (Silva et al., 2001). É habitual pensar na família como o lugar onde, naturalmente, as pessoas nascem, crescem e morrem, ainda que, ao longo desse percurso, possam recriar novas famílias (Alarcão, 2006).

De acordo com o Modelo Ecológico de Bronfenbrenner, a família é o primeiro ambiente em que a criança interage através das relações e que se assume como a principal responsável pela transmissão de normas, valores e crenças (Bronfenbrenner, 1996). Entre essas, encontram-se as crenças primárias, que são regras para a ação, nas quais a criança não tem condições críticas de refutar ou colocar em questão (Minuchin, 1990).

Segundo Alarcão (2006, p.35), a família é:

“Um espaço privilegiado para a elaboração e aprendizagem de dimensões significativas da interação (e.g. linguagem, comunicação, relações interpessoais) e da vivência de relações afetivas profundas (e.g. filiação, fraternidade, amor, sexualidade), numa trama de emoções e afetos positivos e negativos que na sua construção, vão dando corpo ao sentimento de sermos quem somos e de pertencermos aquela e não a outra qualquer família”.

Desde bem cedo que as famílias modelam e condicionam o comportamento dos seus membros permitindo-lhes o desenvolvimento do sentimento de pertença ao grupo familiar com que se identificam, mas também a tomada de consciência da sua autonomização e individuação (Giddens, 1999; 2004; Silva et al., 2001; Alarcão & Relvas, 2002; Amaro, 2006).

Na opinião de Relvas (1996), a família é a unidade institucional básica da sociedade primariamente responsável pelas funções de desenvolvimento, educação e socialização que envolvem necessidades físicas, suporte emocional, oportunidades de aprendizagem, orientação moral, desenvolvimento da resiliência e da autoestima de uma criança. Gameiro (1994, p. 45) salienta ainda que a família é:

“Uma rede complexa de relações e emoções na qual se passam sentimentos e comportamentos que não são passíveis de ser pensados com os instrumentos criados para o estudo dos indivíduos isolados (...). A simples descrição dos elementos de uma família não chega para transmitir a riqueza e a complexidade relacional desta estrutura”.

Mas a família é também, segundo Dias e Lopes (2003), uma instituição social que se modifica de acordo com as transformações sociais mais amplas. Com o aparecimento de novas configurações familiares, Alarcão (2006) considera necessário equacionar as particularidades desenvolvimentais que as novas formas de família (e.g. famílias reconstituídas, famílias monoparentais, famílias adotivas, famílias de acolhimento) comportam e que, dificilmente se enquadram num único conceito de família. Partindo deste pressuposto, a OMS (2004, *cit. in* Alarcão 2006, p. 204) sublinha que:

“O conceito de família não pode ser limitado a laços de sangue, casamento, parceria sexual, ou adoção. Qualquer grupo cujas ligações sejam baseadas na confiança, no suporte mútuo e num destino comum, deve ser pois encarado como uma família”.

1.2. Família enquanto sistema

Sampaio e Gameiro (2002, pp. 11-12), atribuem o conceito de família a:

“Um sistema, um conjunto de elementos ligados por um conjunto de relações, em contínua relação com o exterior, que mantém o seu equilíbrio ao longo de um processo de desenvolvimento percorrido através de estádios de evolução diversificados”.

Pensar na família enquanto sistema implica ter uma visão global da sua estrutura (dimensão espacial) e do seu desenvolvimento (dimensão temporal). Tal como qualquer outro sistema, o sistema familiar é composto por objetos e respetivos atributos e relações, contém subsistemas e é contido por outros inúmeros sistemas, todos eles ligados de forma hierarquicamente organizada e possui limites ou fronteiras que a distinguem do seu meio (Alarcão, 2006).

Cada um dos elementos que integram a família participa em diferentes sistemas e subsistemas desempenhando, simultaneamente, papéis diversificados consoante os contextos, que implicam diferentes estruturas, funções e tipos de interação com maior ou menor intensidade, autonomia e proeminência, distintos níveis de poder e habilidades diferenciadas (Silva et al., 2001).

Relvas (1996, p.13) define um subsistema como sendo:

“Uma unidade sistémico-relacional criada por interações particulares que têm a ver com os indivíduos nelas envolvidos, com os papéis desempenhados e os estatutos ocupados, com as finalidades e objetivos comuns e, finalmente, com as normas transacionais que se vão progressivamente construindo”.

Segundo esta autora, é possível identificar quatro subsistemas na família:

- ❖ O **subsistema individual** é constituído pelo indivíduo que, para além do seu estatuto e funções familiares, desempenha, simultaneamente, funções e papéis noutros sistemas. Esta dupla pertença cria-lhe um dinamismo que se repercute no seu desenvolvimento pessoal e, conseqüentemente, no seu posicionamento na família.
- ❖ No **subsistema conjugal**, composto pelo casal, a complementaridade e a adaptação mútua são aspetos fundamentais do seu funcionamento. Uma boa gestão da simetria permitirá, a cada elemento, manter a sua individualidade. Uma das funções deste subsistema é o desenvolvimento de limites ou fronteiras que protejam o casal da intrusão de outros

elementos de modo a proporcionar-lhes a satisfação das suas necessidades psicológicas (Alarcão, 2006). O subsistema conjugal é, ainda, essencial para o crescimento dos filhos, servindo-lhes de modelo relacional para o estabelecimento de futuras relações de intimidade (Sousa, 2006).

- ❖ Por sua vez, o **subsistema parental**, normalmente constituído pelos adultos (pais ou seus substitutos) mas agora com funções executivas, visa a educação, a proteção, a socialização e o desenvolvimento das gerações mais novas. É com base nas interações pais-filhos que as crianças aprendem o sentido da autoridade (implica a capacidade de controlar - impor limites, orientar, proibir e definir regras e exigir a sua aplicação), a forma de negociar e de lidar com o conflito. É também no contexto desta interação que se desenvolve o sentido de filiação e de pertença familiar (Alarcão, 2006). A autora salienta ainda que, para a criação do sentimento de pertença familiar, é necessário que ambos os pais proporcionem aos seus filhos a construção de um modelo interno de vinculação que lhes dê segurança para que, sentindo-se amados, possam partir à descoberta do mundo, de novas relações e de novos conhecimentos (Howe, 1997, *cit. in* Alarcão, 2006).

- ❖ O **subsistema fraternal**, composto pelos irmãos, representa, fundamentalmente, um lugar de socialização e de experimentação de papéis face ao mundo extrafamiliar, primeiro em relação à escola e depois em relação ao grupo de amigos e ao mundo do trabalho. É neste subsistema que as crianças desenvolvem as suas capacidades relacionais com o grupo de iguais, experienciando o apoio mútuo, a competição, o conflito e a negociação nas brincadeiras solidárias e nas “guerras” (Alarcão, 2006).

A forma como estes subsistemas se organizam, o tipo de relações que se desenvolvem entre eles e no interior de cada um, representa o que Relvas (1996) designa de estrutura familiar, nomeadamente:

“O conjunto invisível de exigências funcionais que organiza o modo como os membros da família interagem (“quem faz o quê”, “com quem” e “para quê”, “como”, “quando” e “onde”). (Minuchin, 1990, p.57).

O facto de os subsistemas terem funções distintas mas estreitamente relacionadas, e das mesmas pessoas pertencerem, simultaneamente, a diferentes subsistemas e da estrutura familiar variar ao longo do ciclo de vida da família, implica necessariamente, o estabelecimento de limites ou fronteiras que permitem a demarcação dos diferentes subsistemas familiares e dos seus membros. Como tal, a sua função é, por conseguinte, regular a passagem de informação entre a família, o meio exterior e os diferentes subsistemas (Alarcão, 2006). Na opinião de Gameiro (1994), os limites visam ainda manter a autonomia e a competência adquiridas pelos subsistemas.

Segundo a perspetiva sistémica, a família é um sistema em permanente evolução/mudança, caracterizado por “ (...) uma sequência previsível de transformações na sua organização, em função do cumprimento de tarefas bem definidas” (Relvas, 1996, p. 16). Esta sequência denominada de ciclo vital representa, na opinião do mesmo autor, um esquema de classificação em estádios, diferenciando fases ou etapas, e concretiza-se no caminho que a família percorre desde que nasce até que morre.

A passagem de uma etapa para a outra ocorre quando surgem mudanças na composição e nos papéis familiares, que conduzem inevitavelmente a uma mudança na sua estrutura. Estas mudanças estruturais têm, por sua vez, efeitos no funcionamento e no bem-estar familiar. Em cada uma das etapas, a família tem de completar tarefas desenvolvimentais específicas que contribuem para alcançar com sucesso o estágio seguinte e, simultaneamente, manter o equilíbrio familiar (Relvas, 1996; Silva, 2003).

Cada uma dessas etapas assinala, na opinião de Relvas e Lourenço (2001), um momento de crise (de transformação) com o duplo sentido de oportunidade, de mudança/crescimento e de risco, de bloqueio/dificuldade. A crise é, portanto, marcada pela necessidade de reestruturação relacional e funcional do sistema familiar e constitui um elemento essencial ao seu processo de desenvolvimento.

Para Sampaio e Gameiro (2002), o ciclo vital é constituído pelos momentos mais significantes da vida familiar, considerada no seu conjunto, no qual existem zonas de

particular instabilidade, relativos a mudanças na organização da família, que por si sós são geradoras de desequilíbrios momentâneos a que a família tem de dar resposta, de modo a atingir um novo equilíbrio.

A concetualização do ciclo vital e das suas diferentes etapas surge, pela primeira vez, nos anos cinquenta, pelo sociólogo Duvall que usa como critério para a delimitação dos diferentes estádios a presença de crianças na família e a idade e evolução do filho mais velho (Silva et al., 2001).

Relvas (1996) considera que o ciclo vital da família se inicia com a formação do casal, a que seguem outras etapas, nomeadamente, a família com filhos pequenos, a família com filhos na escola, a família com filhos adolescentes e a família com filhos adultos (*empty-nest*).

Numa perspetiva diferente, Carter e McGoldrick (1995) entendem que o ciclo de vida familiar começa no jovem adulto uma vez que consideram que a forma como ele chega a acordo com a sua família de origem, como se separa dela sem romper relações ou fugir para um refúgio emocional substituto, são fatores determinantes da forma como vão decorrer os estádios seguintes.

De acordo com Alarcão (2006), ainda que a concetualização das etapas do ciclo vital da família varie consoante os autores, os seus critérios de diferenciação são relativamente consensuais e traduzem-se no aparecimento de novos membros e, mais concretamente, de novos subsistemas, nas tarefas de desenvolvimento a realizar e, conseqüentemente, nas mudanças funcionais e estruturais a operar e na saída de elementos do núcleo familiar.

1.3. Da conjugalidade à parentalidade

A formação do casal marca o nascimento da família propriamente dita e o início da primeira etapa do seu ciclo vital. Segundo Relvas (1996, p. 51), “o casal surge quando dois indivíduos se comprometem numa relação que pretendem que se prolongue no tempo”. O casamento assinala assim, o assumir do compromisso, o desejo de uma vivência a dois, a criação de um lar e de um modelo relacional próprio.

Por conseguinte, a formação de um novo subsistema, o subsistema conjugal, implica o desenvolvimento de novas funções e papéis e a realização de algumas tarefas básicas. Para criar uma identidade própria e uma base segura, necessária ao seu crescimento, o subsistema conjugal tem que permitir aos cônjuges, articular a sua individualidade e a sua totalidade, o que obriga, naturalmente, a uma diferenciação do mesmo relativamente a outros sistemas, nomeadamente em relação às respetivas famílias de origem (Alarcão, 2006).

Na opinião de Gulotta (1993, p. 56, *cit in* Silva et al., 2001), “o casamento não é o resultado da simples soma dos indivíduos que o compõem. O casal é formado por três elementos: o Eu, o Tu e o Nós”. Nesta sequência, Alarcão (2006) define cada um deles como tendo uma identidade e uma vida próprias. O eu e o tu correspondem a cada um dos cônjuges: aos seus desejos, às suas necessidades, aos seus valores, às suas atitudes, às suas expectativas, aos seus comportamentos, às suas aprendizagens ou, por outras palavras, às suas características físicas, cognitivas, emocionais e morais. O nós engloba o par e diz, desde logo, respeito ao projeto e ao processo de casal. Mas o nós representa, também, o casal que cada um dos respetivos progenitores foi e as histórias que as famílias de origem criaram e desenvolveram sobre a conjugalidade (Alarcão, 2006; Dias, 2011).

Assim, com o nascimento do primeiro filho e o surgimento de um novo subsistema, o subsistema parental, a díade alarga-se a uma tríade o que implica uma adaptação a novos papéis, estatutos e responsabilidades, uma reavaliação e redefinição dos papéis conjugais e, conseqüentemente, uma maior articulação entre o par conjugal e o par parental (Relvas, 1996; Alarcão, 2006). Minuchin (1990) acrescenta que o subsistema parental necessita de se diferenciar para satisfazer as exigências da criança, que agora pertence à família. Ainda segundo este autor, a renegociação dos laços existentes no que se refere ao poder interpessoal e ao grau de aproximação emocional da relação, é apontada como uma das tarefas primordiais do casal nesta nova etapa.

Relvas e Lourenço (2001) referem também que é a partir deste momento que o casal, no papel de pai e mãe, enfrentará novos desafios no crescimento e educação dos filhos, que a todo o momento colocam à prova a sua flexibilidade, paciência, autoestima e criatividade na resolução das novas exigências que a parentalidade exige.

Por sua vez, Carter e McGoldrick (1995) salientam que o princípio chave no processo de transição da conjugalidade para a parentalidade assenta na aceitação dos filhos no e pelo sistema familiar. Uma das primeiras dificuldades que o subsistema conjugal enfrenta é a articulação espaço-temporal de funções distintas protagonizadas pelos mesmos adultos: na primeira etapa do ciclo vital, os cônjuges têm que, fundamentalmente, criar e alimentar o nós do casal e o eu de cada um deles; na segunda etapa, para além da manutenção destas funções, o casal tem de educar e proteger os filhos, socializando-os e proporcionando-lhes a construção de uma identidade própria. O investimento, até então, orientado para a relação marido-mulher é transferido para a relação pais-filhos (Sousa, 2006).

Outra das dificuldades prende-se, na opinião de Relvas (1996), com um decréscimo na intimidade e satisfação conjugal em termos globais e específicos, nomeadamente, ao nível das relações sexuais e do tempo e atenção mutuamente disponível entre os elementos do casal. Na maior parte das vezes, o quarto do casal, espaço imbuído de privacidade, intimidade e sexualidade passa a ser partilhado com um ser exigente que desconhece as horas do relógio dos pais e que, completamente centrado nele próprio, os solicita, a qualquer hora do dia e da noite, em função das suas necessidades (Alarcão, 2006).

Todavia, Relvas e Lourenço (2001) sublinham que um casal que desenvolveu fortes laços de cumplicidade, afeto, capacidade de negociação e flexibilização, é um casal com maiores probabilidades de ser um pai e uma mãe competentes sem deixar de ser um casal funcional. Por conseguinte, o nascimento de um filho fortalecerá (embora não a curto prazo) o relacionamento íntimo do casal, que concretizou a sua capacidade reprodutiva e a continuidade familiar.

1.4. Conceito de parentalidade

A nomenclatura *parentalidade* foi utilizada pela primeira vez, em 1961, pelo psicanalista e psiquiatra francês Paul Claude Recamier (Projeto Nós & os Laços, 2013). Embora o termo parentalidade seja um conceito amplamente usado, não consta nos dicionários de Língua Portuguesa. Os vocábulos mais próximos encontrados foram os de parental (relativo a parente ou a pai e mãe) e de parentesco (rede de relações

interpessoais culturalmente reconhecidas através das quais os indivíduos se relacionam entre si por laços de filiação ou de matrimónio; expressa-se na consanguinidade, pela filiação, e na afinidade, pelo matrimónio; condição dos que pertencem à mesma família). Ambos os termos têm significados demasiados amplos e pouco precisos sobre o que se entende, habitualmente, por parentalidade (Mesquita, 2013).

A parentalidade é, pois, entendida como o conjunto de ações iniciadas pelas figuras parentais (pais ou seus substitutos) junto dos filhos com o intuito de promover um desenvolvimento integral saudável e a satisfação das suas necessidades físicas, afetivas e sociais, utilizando os recursos de que dispõe dentro da família e, fora dela, na comunidade (Cruz, 2005).

Para Houzel (1997, *cit. in* Algarvio & Leal, 2004), o termo parentalidade designa o processo através do qual marido e mulher se tornam pais do ponto de vista psíquico e emocional. Com base nesta premissa, o autor identifica três dimensões que coexistem na parentalidade, mas que funcionam a diferentes níveis: o exercício, a experiência e a prática da parentalidade. O exercício remete para a identidade da parentalidade nos seus aspetos fundadores e organizadores. A experiência refere-se às funções da parentalidade e aos aspetos subjetivos, conscientes e inconscientes, do processo de parentalização, enquanto na prática são encontradas as qualidades da parentalidade e os aspetos mais ou menos observáveis das relações entre pais e filhos.

Cruz (2005) salvaguarda que existem cinco funções da parentalidade: (1) satisfazer as necessidades mais básicas da criança; (2) disponibilizar à criança um mundo físico previsível e organizado, com espaço, objetos e tempo para a existência de rotinas; (3) dar resposta às necessidades de compreensão da realidade e do meio; (4) satisfazer as carências de afeto, confiança e segurança; e, por fim, (5) satisfazer as necessidades da criança em interagir socialmente e na comunidade.

De acordo com Vilaça (2012), a parentalidade, ou a responsabilidade de ser mãe/pai, na sua eficácia, eficiência e efetividade é um fenómeno importante para o sucesso de uma família, sendo que a parentalidade adequada molda as gerações futuras e o modo como a próxima geração se vai comportar, afetando todo o mundo à sua volta.

Ainda que o subsistema parental comece por construir um modelo de parentalidade resultante das famílias de origem, é a evolução familiar e os contextos e vivências da própria família que vão desenvolver o modelo de parentalidade. Importa que nesse modelo de parentalidade, nas interações pais-filho, a criança aprenda a noção de autoridade, o modo como deve negociar e lidar perante um conflito numa relação vertical, desenvolver o sentido de filiação e de pertença familiar (Sousa, 2006).

1.5. Estilos educativos parentais

O exercício da função parental remete para a definição de um modelo educativo. Para a nova família, cada um dos pais traz consigo o modelo de parentalidade construído da sua família de origem. Este condensa e organiza dois modelos parentais, o maternal e o paternal, aprendidos na infância (Alarcão, 2006).

As mudanças na relação entre pais e filhos, decorrentes das transformações pelas quais a família vem passando, têm levado a um constante questionamento sobre o papel dos pais na educação dos seus filhos. As especificidades parentais, ou seja, as possíveis diferenças existentes entre os sujeitos, residirão na forma como as tarefas parentais são interiorizadas (emocional e cognitivamente) e desempenhadas, não desmerecendo também as características da criança e as especificidades ambientais que a envolvem (Brites, 2010).

De acordo com Darling e Steinberg (1993), os estilos educativos parentais compreendem as atitudes dos pais para com a criança, incluindo os comportamentos correspondentes às práticas educativas em particular, mas também a atitude afetiva, ou seja, a dimensão emocional presente na relação e no modo como essas atitudes são comunicadas aos filhos. Gomes e Ribeiro (2010) acrescentam ainda que estes são determinados pelas características das figuras parentais, da fratria e pelo contexto envolvente na relação com estes.

Em termos conceituais, os estilos educativos parentais podem ser definidos como um conjunto de atitudes e práticas relacionadas com as questões de poder, hierarquia, apoio emocional e estímulo à autonomia que os pais têm para com os seus filhos e que

refletem, em grande parte, os valores que estes consideram importantes e que tentam transmitir através das suas práticas educativas (Darling & Steinberg, 1993).

O estilo educativo parental influencia, assim, a eficácia de práticas educativas específicas e resulta tradicionalmente da combinação de duas dimensões de análise básicas: a sensibilidade dos pais face às necessidades da criança, a aceitação da sua individualidade e o afeto que lhes expressam e o tipo de disciplina e as estratégias de controlo utilizadas (Palacios, Hidalgo & Moreno, 2008 *cit. in* Simões 2011).

Nos anos 60, os estudos longitudinais desenvolvidos por Diana Baumrind contribuíram para a definição de três estilos educativos parentais (autoritário, permissivo e democrático) associados a padrões diferenciais de comportamento e de desenvolvimento por parte das crianças (Borges, 2010; Simões, 2011).

No **estilo autoritário**, os pais valorizam o controlo e a obediência inquestionável a partir do uso de poder e da exigência de respeito pela ordem e pela autoridade. Tendem a modelar o comportamento da criança em função de critérios absolutos e quando a norma é infringida, os castigos (verbais ou físicos) são automáticos. Estes pais excessivamente controladores, pouco calorosos e tolerantes e muito punitivos, recorrem a críticas e ameaças para desvalorizar e ridicularizar a criança, reagindo com reprovação aos seus questionamentos e opiniões. Por sua vez, os filhos de pais autoritários tendem a ser mais descontentes, inseguros, submissos ou revoltados. Estes apresentam dificuldades acrescidas no desenvolvimento adequado da autonomia, autoestima, autoconfiança e autoafirmação e do sentido de responsabilidade social (Baumrind, 1966; Borges, 2010; Cassoni, 2013).

Por sua vez, no **estilo permissivo**, os pais são encarados como recursos na satisfação dos desejos da criança e não como modelos de comportamento. Evitam o exercício da autoridade e a imposição de regras e limites, permitindo aos filhos controlar as suas próprias atividades e decisões sem consultarem uma das figuras parentais. Estes pais, que valorizam a autoexpressão, têm em consideração a opinião dos filhos na tomada de decisões familiares e evitam o recurso a medidas punitivas, por considerarem que interferem com o natural desenvolvimento da criança. São afetuosos, tolerantes e comunicativos mas, simultaneamente, pouco controladores e exigentes. Os

filhos de pais permissivos tendem a ser mais imaturos, inseguros e ansiosos e a apresentar um déficit de competências sociais, conducentes com o aparecimento de problemas de comportamento na adolescência (Baumrind, 1966; Borges, 2010; Monteiro, 2012).

O **estilo democrático** é caracterizado pela existência de uma reciprocidade entre as expectativas e exigências que os pais demonstram relativamente aos comportamentos e atitudes dos filhos e a sua compreensão no que se refere aos sentimentos, necessidades e pontos de vistas dos mesmos. São pais que respeitam a individualidade da criança e que têm em consideração as suas opiniões e interesses, proporcionando oportunidades para o desenvolvimento das suas competências e autonomia. A explicação do raciocínio implícito na tomada de decisões e no estabelecimento de regras e limites (claros e consistentes) favorece a internalização das normas parentais e dos valores sociais. São pais que não abdicam de exercer a autoridade e o controlo, nos pontos divergentes, mas que permitem aos seus filhos, explicar o motivo da não-aceitação ou incumprimento das regras estabelecidas. Utilizam de forma sensata as recompensas, o reforço negativo e os castigos. A comunicação entre pais e filhos é clara e aberta e assenta na responsividade e no respeito mútuo. Os filhos de pais democráticos tendem a ser mais seguros, autoconfiantes, empreendedores e assertivos. São crianças que demonstram maior autonomia, maturidade, responsabilidade social e aptidão para lidar com os problemas (Baumrind, 1966; Chitas, 1998; Borges, 2010).

Considerando as possíveis implicações que a adoção de diferentes estilos parentais pode ter no desenvolvimento da criança, são muitos os estudos que têm procurado analisar o seu impacto ao nível das competências sociais, do desempenho escolar, do desenvolvimento psicossocial e dos problemas de comportamento da criança e do adolescente (Borges, 2010). A revisão da literatura demonstra que, de uma maneira geral, o estilo democrático tem sido apontado como o mais vantajoso e o que melhor promove um desenvolvimento equilibrado da criança (Baumrind, 1971; Lamborn et al., 1991; Mandara & Murray, 2002; Cassoni, 2013).

Rodrigues (2008, p. 18) afirma que os filhos de pais democráticos são: “(...) socialmente mais competentes e esta característica tende a manifestar-se nos primeiros anos de vida e a manter-se durante a adolescência e a idade adulta”. Segundo este autor,

o estilo democrático apresenta um nível elevado de segurança emocional, transmitindo aos filhos um sentido de conforto e independência, importantes para o sucesso escolar.

Estudos desenvolvidos por Darling e Steinberg (1993) indicam que o estilo democrático promove uma maior integridade do ego e uma maior competência e disponibilidade para apoiar os outros. As crianças apresentam um melhor ajustamento psicológico e comportamental e são mais confiantes nas suas capacidades, apresentando uma autoestima mais elevada e uma maior competência social (Lamborn et al., 1991). Outros autores reforçam que o controlo dos pais sobre o comportamento da criança causa menos problemas de internalização e externalização e que a afetividade parental facilita o ajustamento das crianças (Aunola & Numi, 2005). Segundo Lamborn et al. (1991), o estilo democrático está ainda associado a melhores resultados escolares e a atitudes mais positivas relativamente à educação e aspirações académicas.

Um estudo realizado por Marin e Levandowski (2008) com jovens mães permitiu concluir que a idade materna é identificada como um fator que pode influenciar as práticas educativas. Os autores constataram ainda que a maioria das jovens da sua amostra recorriam ao uso de práticas coercivas, mas que com a existência de uma rede de apoio adequada, poderiam utilizar práticas menos coercivas na educação dos seus filhos.

Em contrapartida, os estilos parentais autoritários e permissivos não parecem ser tão adaptativos e potenciadores de um desenvolvimento psicossocial saudável (Baumrind, 1971; Maccoby, 1992; Mandara & Murray, 2002). De acordo com Borges (2010), estes estilos assentam em escassas competências educativas e revelam uma eficácia diminuta no que refere à aprendizagem e resolução de problemas, além de fragilizarem os laços afetivos através do uso de uma disciplina inadequada e intolerante.

Assim, na perspetiva de Borges (2010), os estilos parentais autoritários e permissivos, estão associados a comportamentos agressivos por parte dos filhos devido à ausência de reforços do comportamento pró-social e das competências de resolução de problemas, assim como, à ausência de punição adequada e eficaz dos comportamentos anti-sociais.

A literatura indica que o nível socioeconómico é um bom preditor das crenças e dos comportamentos parentais (Brooks-Gunn & Markman, 2005). A pobreza e a pressão económica constituem assim fatores de *stress* na parentalidade, que agravam as características parentais negativas existentes e contribuem, simultaneamente, para um aumento da hostilidade (Bem & Wagner, 2006; Montandon, 2005), controlo excessivo e menor responsividade parental (Kotchick, Dorsey, & Heller, 2005; Bronte-Tinkew et al., 2010 *cit. in* Simões, 2011).

Por conseguinte, os estudos empíricos salientam que os estilos educativos parentais variam consoante o nível socioeconómico da família. Deste modo, os pais pertencentes a um nível socioeconómico mais baixo adotam estilos educativos mais autoritários, usam mais o controlo e as estratégias baseadas na afirmação do poder (*e.g.* restrição e castigo) e demonstram menos afeto (Bem & Wagner, 2006; Montandon, 2005). Por outro lado, temos estudos que nos referem que pais com um nível socioeconómico mais elevado, são mais democráticos e permissivos e usam estratégias mais indutivas, com clara explicação para os factos (Bem & Wagner, 2006; Kobarg et al., 2006; Kobarg & Vieira, 2008; Montandon, 2005), proporcionado também aos filhos mais atividades lúdicas e culturais (Ceballos & Rodrigo, 2008 *cit. in* Simões, 2011; Pereira, 2007; Scaramella et al., 2008).

Nesta sequência, Pereira (2007) aponta ainda para a existência de uma correlação entre a variável escolaridade e os estilos parentais. Cruz (1996, *cit. in* Cruz, 2005) concluiu que as mães com um nível de educação superior utilizam predominantemente estratégias disciplinares indutivas, enquanto as mães com um menor nível de educação usam mais estratégias punitivas.

É de salientar, contudo, que alguns investigadores têm sugerido que os estilos parentais adotados, por si só, não determinam as consequências para o desenvolvimento das crianças. Além de que, a “adequação” dos estilos é variável em função de contextos sociais, culturais e históricos mais abrangentes (Darling & Steinberg, 1997, *cit. in* Pereira, 2007).

2. AUTOESTIMA E AUTOEFICÁCIA

2.1. Autoestima

Aquando da revisão da literatura verifica-se que a autoestima é um constructo complexo que tem vindo a ser amplamente estudado. São inúmeras as definições deste conceito, porém nem sempre concordantes ou esclarecedoras (Brites, 2010; Guerreiro, 2011), provavelmente associado ao facto de existirem opiniões muito díspares no que respeita à sua concetualização, avaliação e noções que lhe estão subjacentes (Nunes et al., 2009).

No que concerne à origem etimológica da palavra autoestima, *auto* vem do grego *autos*, “eu mesmo; por si próprio” e a palavra *estima* do latim *aestimare*, “ter afeição a (alguém ou algo) ou sentir afeição recíproca (Carvalho, 2008).

Segundo Guerreiro (2011, p.14):

“Este constructo começou por ser estudado pelos mais conceituados teóricos conhecidos na Psicologia, como William James, Alfred Adler, George Herbert Mead, e Gordon Allport, embora muitos desses esforços tenham sido considerados infrutíferos por “não serem científicos”. Com o passar do tempo as pesquisas foram sendo mais alargadas, tendo como principal objetivo a medição da autoestima como uma entidade global”.

Para Azevedo & Faria (2004), a autoestima é como o quociente da relação entre a perceção do sucesso (no numerador) e a perceção das expectativas (no denominador), ou seja, quanto mais a pessoa percebe que o que consegue realizar se aproxima do que esperou de si, melhor se sente consigo própria. Para este autor, a autoestima é, de um modo geral, a avaliação individual que cada pessoa faz sobre si própria (ou à atitude face a).

Coopersmith (1967) considera que a autoestima está relacionada com o modo como a pessoa se avalia a si própria, tendo acrescentado à definição o termo “valor” que, conjuntamente com o termo “avaliação”, são aspetos importantes e que devem ser tidos em conta para a compreensão do conceito.

Segundo Rosenberg (1979), a autoestima é a atitude global que a pessoa tem em relação a si própria, mas que está associada a um sentimento de valor, ou seja, a autoestima poderá ser uma componente predominantemente afetiva da representação que a pessoa constrói sobre si. Osborne (1996, *cit. in* Peixoto, 2003, p. 22) também partilha da opinião que a autoestima tem uma componente afetiva ao defini-la como:

“Um sentimento positivo ou negativo, relativamente permanente, sobre si próprio, que pode tornar-se mais ou menos positivo ou negativo à medida que os indivíduos se confrontam e interpretam os sucessos e os falhanços das suas vidas quotidianas”.

De acordo com Rosenberg et al. (1995), existem dois tipos de autoestima, a global e a específica. A autoestima global está relacionada com o bem-estar e a autoestima específica está condicionada a um determinado comportamento (e.g. autoestima académica). Este conceito de autoestima específica está associado à valorização de algo, como por exemplo o desempenho académico e pode influenciar a autoestima global.

Ainda sobre esta temática, Nunes et al. (2009) refere que a noção de estima implica ao mesmo tempo a medida (avaliação) e a valorização (valores). Segundo os autores uma prova de autoavaliação supõe, com efeito, a hipótese de que a pessoa tem a possibilidade de se analisar e medir, nas suas condutas, a presença e a intensidade de sentimentos e de emoções específicas, de julgar, positiva ou negativamente, as suas atitudes, preocupações, atos, potencialidades ou projetos. Esta medida implica a consciência, mais ou menos clara, do valor, positivo ou negativo, do juízo sobre si mesmo.

Para Bednar e Peterson (1995), a autoestima é um sentimento durável e afetivo de valor pessoal, assente em auto percepções precisas. Segundo estes autores, o conceito de autoestima está mais associado ao modo como as pessoas interpretam os *feedbacks* dos outros, em detrimento do conteúdo dos próprios *feedbacks*. Ainda assim, é de notar a influência que o meio intrínseco da pessoa possui para estimar os níveis de autoestima, uma vez que, uma pessoa que acredite em si própria e seja detentora de uma autoestima adaptativa tolera eficazmente os *feedbacks* do exterior.

Alcántara (2000) afirma que a autoestima é uma atitude pessoal relativamente a si mesmo, que reflete o modo como a própria pessoa, pensa, ama, sente e se comporta, possuindo assim uma componente cognitiva (o autoconceito, ou seja, as ideias e crenças que a pessoa tem de si), uma componente afetiva (a avaliação que a pessoa faz das suas próprias características) e uma componente comportamental (resultado, na ação da dinâmica interna, na procura da estima e do respeito dos outros).

Inicialmente os teóricos classificavam a autoestima como um traço, aparentemente estável e fixo ao longo da vida, posteriormente tem sido preconizada uma conceção mais complexa que contempla a autoestima enquanto estado e não apenas como traço, já que se podem observar flutuações individuais em determinadas situações (Greenier, Kernis & Washull, 1995).

A autoestima não se limita a um processo cognitivo de descrição de características individuais próprias, mas engloba um processo de avaliação das mesmas, de maior ou menor aceitação dos sentimentos decorrentes, e o produto/comportamento que resulta dessa interação. É assim uma construção dinâmica e longitudinal, na medida em que se processa durante todo o desenvolvimento humano e que tem impacto no modo como a pessoa vivencia o que a rodeia (Bednar & Peterson, 1995; Brites, 2010).

Na perspetiva de Oubrayrie, Safont e Tap (1991), a autoestima é frequentemente considerada como a dimensão afetiva da identidade pessoal, o fundamento do julgamento (positivo ou negativo) da autoavaliação. Representa o conjunto de atitudes e sentimentos da pessoa a respeito de si, orientadores das suas reações e do seu comportamento.

É usual referir a autoestima como sendo elevada ou baixa (ou positiva ou negativa), o que resulta de uma autoavaliação na qual o indivíduo se considera na sua globalidade, enquanto objeto de avaliação e não relativamente a qualquer contexto de realização (Peixoto, 2003). As consequências da autoestima dependem da sua grandeza, isto é, enquanto a autoestima positiva favorece as dinâmicas de realização pessoal e de integração interpessoal, com uma função de sustentação identitária e adaptativa, a autoestima negativa desencadeia no indivíduo processos opostos e prejudiciais (Fonseca, Santos, Tap & Vasconcelos, 2004 *cit. in* Brites, 2010).

Vários estudos concluíram que a autoestima elevada está fortemente relacionada com as crenças que cada pessoa tem sobre si própria, com efeitos benéficos consequentes, contrariamente à baixa autoestima (Crocker & Park, 2004).

Rosenberg (1979) aponta quatro princípios explicativos do desenvolvimento da autoestima: a forma como o sujeito avalia as suas ações (autoatribuição); as apreciações que o indivíduo pensa que os outros elaboram sobre ele; as comparações que ocorrem nas interações sociais, podendo o indivíduo sair favorecido ou depreciado e a importância e o valor relativos das várias dimensões do autoconceito.

De acordo com Pires (2004 *cit. in* Nunes et al. 2009), a representação que as pessoas possuem de si próprias, nos vários contextos onde se inserem, é um fator de impacto na forma como vivenciam aquilo que as rodeia. Esta representação integra uma componente avaliativa sustentada no conjunto de experiências vivenciadas subjetivamente.

A importância da autoestima reside no facto dela interferir com o modo como encaramos as situações com as quais nos defrontamos no dia-a-dia. A autoestima impulsiona a atuar, a seguir em frente e motiva para perseguir os objetivos. Mesmo que essa imagem pessoal não corresponda à realidade, a verdade é que orienta as opções e decisões das pessoas (Afonso, 2011).

Uma meta-análise apresentada por Kling et al. (1999) concluiu que há uma associação entre género e autoestima, traduzida na tendência das mulheres para apresentarem valores inferiores de autoestima relativamente aos homens, resultados corroborados por outras investigações (Ponsoda et al., 2008).

Lila (2009) refere no seu estudo que no subgrupo de adolescentes que frequentam o ensino secundário, a autoestima encontra-se correlacionada positivamente com o suporte materno e com o suporte paterno e negativamente com a rejeição/controlo paterno. No subgrupo de estudantes universitários, a autoestima não está relacionada com nenhuma prática parental.

Resultados de outros estudos revelam ainda que as mulheres separadas parecem também apresentar mais alterações emocionais, níveis mais elevados de *stress* e uma diminuição da autoestima (Amato, 2000; Garvin, Kalter & Hansell, 1993; Lorenz et al. 1997).

2.2. Autoestima e parentalidade

A autoestima pode intervir, positiva ou negativamente, na vivência de uma “melhor” ou “pior” parentalidade. Concomitantemente, nesta dimensão do funcionamento humano, a autoestima pode atuar como fator mediador do impacto das experiências parentais no processo identitário individual, pelo que se torna inevitável aprofundar a relação entre os dois processos, autoestima e parentalidade (Brites, 2010).

Monteiro (2005), num estudo que efetuou, verificou uma associação entre ser uma “boa mãe” e uma “boa mulher”, que a autora justifica com o facto de casamento e maternidade serem instrumentos identitários privilegiados no acesso à maturidade e ao reconhecimento social. Como prova irrefutável da associação entre maternidade e autoestima, as mulheres sob investigação enumeraram, como principais mudanças decorrentes da maternidade, entre outras, a transformação e o desenvolvimento pessoal e moral, e a apropriação da identidade feminina (sentir-se mais mulher).

Um estudo realizado por Dias e Lopes (2003) com jovens mães revelou que a autoestima refere-se à autovalorização pessoal, ou seja, quando as jovens valorizam-se quanto ao facto de se considerarem boas mães, conseqüentemente assumem-se como tendo uma boa autoestima. No mesmo estudo foi passível de ser observado, nas entrevistas, uma dificuldade das jovens mães em se descreverem a si mesmas como mães. Muitas delas disseram literalmente que tinham essa dificuldade, sendo que algumas enfatizaram o pouco tempo de maternidade como responsável por isto, enquanto outras associaram-na ao facto de ser mais difícil falar de si mesmas do que dos outros (Dias & Lopes, 2003).

A literatura refere que a maternidade na adolescência tem sido considerada como uma situação de risco para a mãe, ao nível dos comportamentos parentais, dos

comportamentos disfuncionais e das situações problemáticas para o filho (Coley & Chase-Lansdale, 1998; Hayes & Cryer, 1988 *cit. in* Silva, 2010).

Um estudo realizado com mães adolescentes verificou que existem fatores sócio-emocionais que estão associados à gravidez nesta fase do desenvolvimento, nomeadamente, sentimentos de desvalorização e baixa autoestima (Lourenço, 1996). A maturidade cognitiva das jovens mães, particularmente o predomínio do pensamento concreto e a dificuldade em raciocinar de forma abstrata tem o seu grau de influência na manutenção dos fatores socio-emocionais (Tobias & Ricer, 1998 *cit. in* Silva, 2010).

Os projetos de vida das jovens mães e dos seus filhos são marcados a longo prazo por desvantagens mais acentuadas, designadamente, baixas habilitações literárias; maior taxa de divórcio/separações e filhos com níveis mais desadaptados de funcionamento comparativamente com mulheres que engravidam noutras épocas do ciclo de vida (Furstenberg, Brooks-Gun & Morgan, 1987 *cit. in* Silva, 2010).

Na literatura ainda são poucos os estudos que procuram relacionar autoestima e parentalidade. Todavia uma investigação de Aunola et al. (1999) obtiveram resultados que evidenciaram a associação entre autoestima e a forma de educação das crianças: pais com uma autoestima elevada possuem um estilo parental caracterizado por uma vinculação positiva, expressões de afeto, encorajamento da autonomia da criança não negligenciando a sua supervisão e formas racionais de orientação.

2.3. Autoeficácia

A eficiência das pessoas não se restringe apenas a uma questão de saber o que fazer ou mesmo de saber fazer seja o que for, pois para Bandura (1986 *cit. in* Amaral, 1993) existe uma diferença significativa entre possuir determinadas capacidades e ser capaz de as utilizar com eficácia nas mais variadas circunstâncias.

Na perspetiva de Bandura (1977), o pai deste constructo teórico, a autoeficácia é a crença ou expectativa de que é possível, através do esforço pessoal, realizar com sucesso uma determinada tarefa e conseqüentemente alcançar um resultado desejado.

As crenças de autoeficácia desenvolvem-se e alteram-se em função do desempenho da própria pessoa, da observação do desempenho de outros sujeitos significativos (experiência vicariante), da persuasão social e das inferências que o próprio faz das suas reações fisiológicas e emocionais (Bandura, 1997). Estas crenças encontram-se ainda relacionadas com a capacidade das pessoas refletirem sobre si mesmas e gerirem o seu comportamento, tendo por base metas pessoais e padrões próprios de comportamento (Caprara et al., 2004).

O argumento básico de Bandura (1997), em relação ao papel das crenças de autoeficácia no funcionamento humano, é que o nível de motivação, os estados afetivos e as ações das pessoas baseiam-se mais no que elas acreditam do que no que é realmente verdadeiro. É mais fácil conseguir prever a maneira como as pessoas agirão por meio das crenças que têm sobre as suas capacidades, do que pelo que são realmente capazes de realizar.

A autoeficácia é uma crença (Bandura, 1977) mas isso não significa que o facto de alguém se considerar como eficaz na realização de determinada tarefa o seja efetivamente. Significa sim, que a forma como a pessoa avalia as suas capacidades, lhe dá a perceção de ser possuidor desse nível de desempenho. Neste sentido, poder-se-á dizer que a autoeficácia é um conceito subjetivo e autodeterminado, resultado de um processo interno de avaliação (Brites, 2010).

Bandura (1997) defende que um forte sentido de eficácia parece aumentar a autorrealização e o bem-estar do indivíduo num domínio específico. Por outras palavras, a confiança nas próprias capacidades permite que diferentes tarefas sejam vistas como desafios superáveis em vez de ameaças a serem evitadas. Além disso, os indivíduos que se autoavaliam como ineficazes parecem visualizar com mais frequência situações de insucesso e acentuam os aspetos negativos o que, por sua vez, prejudicará o seu desempenho. Assim sendo, a autoeficácia é concetualmente percebida como dinâmica e suscetível de mudança em consequência de alterações das tarefas, de determinantes situacionais e do próprio processo de desenvolvimento individual.

São vários os autores que referem que a autoeficácia é específica de um determinado momento e situação para os quais o sujeito avalia a situação e considera de

uma forma subjetiva o grau de desempenho que ele pode alcançar naquele momento e naquela situação (Dobránszky & Machado, 2001 *cit. in* Baptista, Santos, & Dias, 2006).

Na perspetiva de Bennett e Murphy (1997), a autoeficácia é influenciada pela perceção do risco e pelas expetativas do resultado, influenciando a intenção do indivíduo e o comportamento em si. A perceção de autoeficácia pode auxiliar a reduzir previamente sentimentos de medo e comportamentos inibitórios, que podem ser chamados de esquivas ativas, aumentando a expetativa de sucesso e afetando, inclusive, os esforços e as estratégias que dispõem para enfrentar problemas. Essa perceção pode afetar as expetativas de eficácia e conseqüentemente a quantidade e intensidade de esforços que o indivíduo poderá despender perante os obstáculos e problemas vivenciados.

A autoeficácia tem uma função predominante no desenvolvimento de competências, não só enquanto agente motivacional, mas também como reforço das aprendizagens e, a perceção individual da pessoa relativamente ao seu nível de controlo sobre o próprio desempenho pode constituir um reforço positivo ou negativo, dependendo da forma como essa crença foi internalizada (Brites, 2010).

A autoeficácia desenvolve-se em cada pessoa, pela ação de quatro fontes de influência: experiências de mestria ou domínio (sucesso/insucesso), na medida em que uma experiência de sucesso ajuda a criar uma crença forte na eficácia pessoal do próprio e uma experiência de insucesso que contribui para a sua diminuição. A segunda fonte resulta da experiência vicariante proporcionada por modelos sociais, ou seja, observar os sucessos de outra pessoa com que o sujeito se identifique aumenta a sua crença de que também possui competências para ser bem-sucedido, em igual situação. A terceira fonte de influência é a persuasão social, persuadir verbalmente uma pessoa de que possui as competências para desempenhar com sucesso determinadas tarefas ajuda a que ela mobilize esforços e as mantenha, quando surgem dificuldades e dúvidas a respeito de si mesmo. A última fonte é o estado físico e emocional da pessoa, assim como o seu estado de humor. As reações de *stress*, tensão ou ansiedade são interpretadas como sinais de vulnerabilidade ou fraco desempenho; estados de tensão, fadiga ou dor são interpretados como indicadores fisiológicos de ineficácia (Bandura, 1982; 1994; 1998; Schunk, 1991).

Na concetualização dos autores Bandura (1997) e Samssudim (2009), a autoeficácia varia ao longo de três dimensões, assinaladamente, o nível, a generalidade e a magnitude. O nível refere-se ao número de passos comportamentais que o indivíduo acredita ser capaz de efetuar com sucesso, ou ao grau de dificuldade das tarefas que o indivíduo se sente capaz de desempenhar. A generalidade reporta-se à extensão ou ao conjunto de situações em que o indivíduo se considera eficaz. Por fim, a magnitude é a segurança das convicções relativas às capacidades para realizar uma determinada tarefa e relaciona-se com a resistência das expetativas de autoeficácia perante experiências não confirmatórias. Os indivíduos com crenças de autoeficácia fracas num determinado domínio tendem a afastar-se das tarefas complexas nesse domínio, que são consideradas como ameaças pessoais, insistindo nas suas limitações, nos obstáculos e nos resultados adversos.

2.4. Autoeficácia na parentalidade

Dentro do sistema familiar, todos os elementos desempenham simultaneamente diferentes papéis/funções com constrangimentos, exigências, necessidades e obrigações diversas, o que pressuporá, provavelmente, diferentes níveis de autoeficácia, com probabilidades desiguais de se tornarem críticos para o funcionamento individual e familiar (Caprara et al., 2004).

A aplicação do modelo de Bandura no domínio parental sugere que os pais necessitam de se sentirem eficazes nas tarefas parentais para sentirem que desempenham com sucesso esse papel. Neste sentido, as perceções que os pais têm sobre a sua própria competência parental são designadas de autoeficácia parental e parecem estar significativamente relacionadas com a satisfação parental (Teti & Gelfand, 1991; Bandura, 1997; Coleman & Karraker, 1997; Erdwins et al., 2001).

A autoeficácia parental constitui o resultado do processo de avaliação, pela pessoa, da forma como as suas competências enquanto progenitor se adequam ao desempenho da função parental e os sentimentos daí decorrentes, sendo ainda impossível dissociar esse produto da especificidade de género da função desempenhada, materna ou paterna (Brites, 2010).

Para Scheel e Rieckman (1998) e Ardel e Eccles (2001), a autoeficácia parental refere-se às crenças dos pais relativamente à sua capacidade para influenciar a criança e o seu meio, de forma a facilitar o seu desenvolvimento e o sucesso. Mais recentemente, a definição de Kuhn e Carter (2006) recai sobre os sentimentos de competência no papel parental na prestação de cuidados à criança, enquanto a proposta de Surkan e seus colaboradores (2008, *cit. in Brites, 2010*) realça o grau de confiança no desempenho do papel de cuidador.

O conceito de autoeficácia parental tem sido averiguado de duas formas: como preditor dos resultados parentais e como uma variável em si mesma (Hastings & Brown, 2002), prendendo-se a sua pertinência não somente com o aprofundamento de uma compreensão do constructo, mas também com a forma como o seu conhecimento pode contribuir para inferir sobre o comportamento parental generalizado.

Na perspetiva de Harwood, McLean e Durkin (2007), a autoeficácia surge como fator pertinente na adaptação à função parental, na medida em que os pais com um elevado sentido de eficácia parental possuirão, provavelmente, expectativas otimistas sobre as suas vidas (enquanto pais). Por outro lado, se a experiência da parentalidade for menos positiva que o esperado, um elevado sentido de eficácia parental pode diminuir os efeitos negativos dessa discrepância.

Estudos realizados indicam que pais com uma autoeficácia elevada são, em geral, mais otimistas, democráticos e consistentes nas suas interações com as crianças. Estes pais confiam nas suas capacidades de dominar a situação, sentem-se competentes, recorrem a estratégias promotoras e agem focalizados nas tarefas, através do estabelecimento de planos e objetivos (Ardelt & Eccles, 2001; Aunola et al., 1999).

Scheel e Rieckman (1998) salientam que os pais com uma baixa autoeficácia, geralmente membros de famílias desestruturadas e pouco coesas, tendem a experienciar níveis mais elevados de *stress*. Pelchat et al. (2003) demonstram que o *stress* parental afeta negativamente as práticas parentais, havendo uma opinião consensual, mas não unânime de que há uma relação negativa entre *stress* e sensibilidade parental.

Um estudo realizado por Silva e Marturano (2002), com o objetivo de analisar as relações entre as práticas educativas dos pais e os problemas de comportamento dos filhos, revelou que a maneira como os pais educam os seus filhos parece ser determinante para a promoção de comportamentos socialmente adequados. Todavia, a disciplina inconsistente, como por exemplo a pouca interação positiva entre pais e filhos e o pouco acompanhamento e supervisão das atividades das crianças, podem gerar comportamentos inadequados. Com estes resultados foi possível concluir que os pais com maiores habilidades sociais educativas, tais como expressar sentimentos e opiniões, estabelecendo limites mas evitando a coerção, podem prevenir e reduzir problemas de comportamento nos filhos de maneira a evitarem dificuldades escolares e de socialização na infância e na adolescência (Loureiro, 2012).

A autoeficácia parental apresenta efeitos diretos no comportamento da própria criança, na medida em que os comportamentos parentais positivos empiricamente associados a níveis elevados de autoeficácia contribuem para o sentimento de eficácia da criança (Brites, 2010). Por outro lado, a perceção de autoeficácia parental é influenciada pelo temperamento do(s) filho(s), carência de apoio social, depressão parental e problemas económicos (Brites, 2010).

A autoeficácia parental deve ter ainda em consideração a noção de controlo. O controlo surge na opinião de vários autores como uma das dimensões inerentes ao conceito de autoeficácia (Cruz, 2005; Hastings & Brown, 2002), na medida em que o indivíduo eficaz é aquele que se considera apto a controlar os seus próprios resultados (Contrada & Goyal, 2004, *cit. in* Brites, 2010) e adquire particular relevância do domínio da parentalidade. Para Cloutier (2005, *cit. in* Paz, 2014), a forma como os pais exercem o controlo contribui significativamente para o desenvolvimento do contexto familiar que serve de alicerce às interações familiares.

A relação entre recursos financeiros e perceções de autoeficácia parental tem sido também confirmada por vários estudos (Elder, Eccles & Lord, 1995; Brody, Flor & Gibson, 1999; Coleman & Karraker, 1997). Mais especificamente, parece existir um impacto do *stress* económico nas perceções e comportamento parental, sendo que o apoio social e o tipo de estrutura familiar parecem modificar os efeitos da privação e

pressão económica, moderando os seus efeitos adversos (Elder, Eccles & Lord, 1995; Bandura, 1997; Raikes & Thompson, 2005).

Investigações realizadas com o intuito de verificar a influência do *stress* parental na autoeficácia parental, permitiu concluir que o *stress* parental é uma variável significativa e preditiva da autoeficácia parental (Coleman & Karraker, 1997; Raikes & Thompson, 2005).

Num estudo realizado por Correia (2008) com mães separadas permitiu concluir que em mães com mais do que um filho poder-se-ia verificar uma relação positiva com a autoeficácia parental quando o segundo filho fosse mais velho, e por isso, provavelmente mais independente e com mais capacidades de dar apoio à mãe. A literatura indica que seria também de esperar níveis baixos de autoeficácia parental quando as mães têm mais do que um filho com menos de 6 anos de idade, pois as responsabilidades e as dificuldades inerentes aos filhos dos 0 aos 6 anos duplicariam.

Em suma, autoestima e autoeficácia são fatores psicológicos de proteção ou de risco na simbolização das experiências parentais contribuindo num sentido positivo, para o desenvolvimento e manutenção de uma autoimagem de força, adequação, capacidade e controlo no desempenho da função parental ou num sentido negativo, para uma crescente espiral de sentimentos de inadequação, insuficiência e vulnerabilidade nessa função (Brites, 2010).

3. INTERVENÇÃO PRECOCE

A Intervenção Precoce, de acordo com o Decreto-lei n.º 281/2009, é designada de Intervenção Precoce na Infância (IPI) e consiste no conjunto de medidas de apoio integrado centrado na criança e na família, incluindo ações de natureza preventiva e reabilitativa, designadamente no âmbito da educação, da saúde e da ação social.

A Intervenção Precoce dirige-se a famílias com crianças em idade pré-escolar com alterações nas funções ou estruturas do corpo que limitam a sua participação nas atividades típicas da idade e contexto social, ou com risco grave de atraso de desenvolvimento (Decreto-lei n.º 281/2009). É hoje entendida como uma prática que se

baseia numa rede integrada de serviços, apoios e recursos, que dão resposta às necessidades do conjunto da unidade familiar (Almeida, 2004). Deste modo, a equipa de Intervenção Precoce deve construir com a família um Plano Individual de Intervenção Precoce (PIIP), onde são avaliadas as suas necessidades, prioridades e recursos desta mesma família (Carmo, 2004).

O modelo centrado na família reconhece a importância da interdependência entre a criança e os seus contextos de desenvolvimento. Neste modelo, as necessidades e desejos da família guiam toda a prestação de serviços, sendo as relações entre os vários membros da família, nuclear e alargada, e comunidade, reconhecidas como indispensáveis para o funcionamento desta e para o desenvolvimento da criança. Assim sendo, o objetivo mais amplo deste modelo de intervenção é melhorar o bem-estar da família como um todo (McBride et al., 1993 *cit. in* Pimentel, 2005).

O modelo referenciado salienta que a relação entre a família e os profissionais de Intervenção Precoce é caracterizada por parceria (*power-with*), relação essa que se concretiza quando as tomadas de decisão são partilhadas pela família e profissionais, tendo em conta as competências de ambos e quando há uma partilha total de informação (Turnbull, Turbiville & Turnbull, 2000 *cit. in* Pimentel, 2005).

A Intervenção Precoce só é possível devido ao trabalho conjunto de uma equipa interdisciplinar, onde todos os profissionais envolvidos têm igual importância. O Decreto – Lei nº 281/2009, de 6 de Outubro, cria o Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância (SNIPI).

Assim, o SNIPI funciona através da atuação coordenada dos Ministérios do Trabalho e da Solidariedade Social, da Educação e da Saúde, conjuntamente com o envolvimento das famílias e da comunidade, tendo como missão garantir a Intervenção Precoce na Infância (IPI), através de:

“(…) um conjunto de medidas de apoio integrado centrado na criança e na família, incluindo ações de natureza preventiva e reabilitativa, no âmbito da educação, da saúde e da ação social”. (Decreto-Lei nº 281/2009, art.º 3).

Assim, devem ser acionados os mecanismos necessários à definição de um Plano Individual de Intervenção Precoce (PIIP), atento às necessidades das famílias, a ser elaborado por Equipas Locais de Intervenção (ELIs).

Podemos assim entender que estas equipas devem ser constituídas por profissionais de formação diferenciada (e.g. médicos, professores, psicólogos) ou específica e com experiência na área do desenvolvimento da criança. Estas equipas de intervenção direta são responsáveis pela programação da intervenção, com liberdade de atuação, uma vez que, no âmbito da Intervenção Precoce, a solução dos problemas passa muitas vezes pela capacidade de resposta dos técnicos, perante a complexidade e circunstâncias que envolvem cada caso.

A Intervenção Precoce dirige-se essencialmente às crianças (dos 0 aos 3 anos de idade, excecionalmente até aos 6) e às suas famílias, preocupando-se com os aspetos ligados à promoção do desenvolvimento da criança e com o apoio global à família (Almeida, 2004; Monteiro, 2007). McConchie (s/d, p.54, *cit. in* Simões, 2003; 2004) refere que o ponto de partida para a Intervenção Precoce é a necessidade de conhecer a individualidade de cada família e do seu funcionamento diário. Assim sendo, para compreendermos a criança precisamos de saber como funciona o seu ambiente familiar e social.

Pelo exposto, a Intervenção Precoce ocupa um lugar importante ao nível das políticas educativas, uma vez que são reconhecidas vantagens a vários níveis, tanto para a família como para a criança em risco. Relativamente à família, e pelo apoio que lhe é prestado com o intuito de lidar com as adversidades, e no que concerne à criança, a vantagem incide no carácter preventivo da intervenção (Carrapatoso, 2003).

Tendo em conta a importância da família, salientada por diferentes autores, o foco da Intervenção Precoce deve claramente privilegiá-la, sendo esta já uma realidade em muitos países, em que as práticas contemporâneas em crianças com deficiência são orientadas para a família (Simeonsson, 2000 *cit. in* Carrapatoso, 2003).

As práticas centradas na família assentam numa filosofia de atendimento onde a família tem um papel fundamental, reconhecido e respeitado na vida das crianças. As

famílias devem assim ser apoiadas nos seus ambientes naturais e nos seus papéis de decisão, através do reforço das capacidades únicas que possuem como pessoas e famílias (Dunst, 2002; Brewer, 1989 *cit. in* Campelo, 2007;).

Dunst, Trivette e Deal (1988 *cit. in* Pimentel, 2005) apresentaram um modelo coerente relativamente à avaliação e intervenção baseado no sistema familiar, envolvendo a adoção de oito pressupostos fundamentais: (1) o facto de adotar uma perspetiva em que a família é encarada como um sistema social; (2) assumir a família como foco de intervenção; (3) considerar o fortalecimento da família como o principal objetivo da intervenção; (4) assumir uma atitude proactiva relativamente às famílias, enfatizando a promoção das suas competências e não o tratamento ou prevenção de problemas; (5) focalizar nas necessidades identificadas pelas famílias (e não pelos profissionais); (6) fortalecer o funcionamento familiar dando maior ênfase à identificação dos recursos e competências da família; (7) fortalecer as redes de apoio da própria família e utilizá-las como principal fonte de apoio na resolução das necessidades e (8) expandir e modificar o papel dos profissionais nas suas interações com as famílias.

Algumas das razões fundamentais para se intervir precocemente prendem-se com o facto de existir um período ideal para que a criança adquira algumas aquisições desenvolvimentais/aprendizagens, permitindo desta forma uma maior eficácia para estimular o desenvolvimento nesse período (Cole & Cole, 2004). Desse modo, quanto mais cedo se iniciar a intervenção, maior é a possibilidade de se desenvolver o potencial de cada criança, para proporcionar apoio e assistência à família nos momentos mais críticos e para maximizar os benefícios sociais da criança e das famílias (Monteiro, 2007).

O modelo proposto por Dunst (2005) visa a promoção do desenvolvimento, aprendizagem e competência interativa da criança, o bem-estar dos pais e a promoção da qualidade de vida da família. Para além de práticas de ajuda centradas na família, integra as seguintes componentes: (1) oportunidades de aprendizagem da criança (que devem ser interessantes e motivar o seu envolvimento ativo, resultando num sentido de controlo por parte da criança relativamente às suas competências); (2) apoio às competências dos pais (através de informação, aconselhamento e orientação que promova a sua autoconfiança, fortaleça as competências e conhecimentos parentais e

promova a aquisição de novas competências para cuidar da criança, providenciando-lhe oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento) e (3) apoios e recursos da família/comunidade (incluindo qualquer tipo de recurso intrafamiliar, formal ou informal e/ou comunitário de que os pais necessitem para desempenhar de forma adequada a sua função parental);

Da intersecção destas três componentes resultam outros elementos igualmente importantes para a aprendizagem e desenvolvimento da criança:

- ❖ Os estilos de interação parental (resultantes da intersecção entre as componentes “oportunidades de aprendizagem de criança” e “apoio às competências dos pais”, devem caracterizar-se pela responsividade e contingência dos pais às iniciativas da criança bem como pela implementação de atividades que criem oportunidades para que a criança possa pôr em prática as competências já adquiridas e as emergentes);
- ❖ Os cenários naturais de atividades diárias da família e da comunidade (resultantes da intersecção entre as componentes “oportunidades de aprendizagem da criança” e “apoios e recursos da família/comunidade”, definidos como os contextos que fazem parte da vida da família e da comunidade em que as experiências de aprendizagem ocorrem naturalmente, proporcionando a interação da criança com os indivíduos e o meio físico, específicos de uma determinada situação (e.g. a hora de deitar, as refeições) ou cenário (e. g. praia, parque infantil);
- ❖ As oportunidades e experiências de participação dos pais (resultantes da intersecção entre os componentes “apoio às competências dos pais” e “apoio e recursos da família/comunidade”, referem-se às relações dos pais com os membros da sua rede formal e informal de apoio e têm grande influência nas atitudes e comportamentos parentais).

Bailey (2001), ao refletir sobre o envolvimento parental e o apoio à família no âmbito dos programas de IPI, considera que há quatro níveis a ter em conta na análise e avaliação desse envolvimento: (1) concetual, uma vez que a IPI adota um modelo de

fortalecimento das famílias com o intuito de capacitar as famílias para fazer face às suas necessidades e tomar as decisões quanto ao modo como utiliza o seu tempo e recursos; (2) político, na medida em que este envolvimento está reconhecido na legislação, que define como objetivo prioritário para a IPI a ajuda às famílias na resposta às necessidades especiais; (3) programático, enquadrando a IPI num leque diferenciado de serviços prestados; (4) prático, na medida em que envolve relações de parceria família/profissionais, dando uma resposta individualizada às necessidades de cada família.

4. EDUCAÇÃO PARENTAL

4.1. Origem e evolução do conceito de educação parental

Segundo Pugh et al. (1997, cit. In Gaspar 2012), a educação parental é entendida como um conjunto de atividades educativas e de suporte que auxiliam os pais ou futuros na compreensão das suas próprias necessidades sociais, emocionais, psicológicas e físicas, assim como as dos seus filhos, de modo a conseguirem adotar atitudes, comportamentos e modo de comunicar positivos e promotores de uma melhor relação entre pais e filhos. Leandro (2011) acrescenta que a educação parental compreende um conjunto de experiências que potenciam nos pais um maior conhecimento e capacidade de compreensão dos seus próprios problemas.

Na perspetiva de Fine (1989, cit. In Ribeiro 2003) e Quingostas (2011), o conceito da intervenção em educação parental engloba programas e serviços disponibilizados pelo setor público e privado, a pais de diferentes níveis educacionais e económicos e a crianças com ou sem necessidades ou características específicas. Esta forma de concetualizar a educação parental implica que as intervenções em causa estejam inseridas no funcionamento mais alargado da família não se restringindo apenas à prestação de cuidados e às competências parentais. Implica ainda que as intervenções não estejam relacionadas com a idade ou com o meio social de origem, podendo ser implementadas através de um conjunto alargado de recursos acessíveis a quaisquer pais e famílias que assumem uma natureza educativa e preventiva ou surgem como resposta a situações de crise.

Apesar do recente interesse pela educação parental, o conceito não é novo, nem tão pouco o são os programas de intervenção destinados às famílias ou aos pais (Ribeiro, 2003). De acordo com Malaca (2008), a educação parental teve início na América do Norte, no século XX, com o intuito de esclarecer as dúvidas e colmatar as dificuldades sentidas pelos pais relativamente ao desenvolvimento e educação dos seus filhos. Por conseguinte, foram criadas diversas organizações relacionadas com a parentalidade, nomeadamente, o *National Congress of Mothers*, o *Children's Bureau* e o *Cooperative Extension System* (Quingostas, 2011).

Foi, contudo, na década de 60 que a educação parental se expandiu consideravelmente nos Estados Unidos devido ao crescente apoio governamental. Neste âmbito, foram criados os programas federais *Head Start*, o primeiro programa a preconizar uma intervenção orientada para a criança e para a família e o *Education for Parenthood*, programa preventivo dirigido a adolescentes, na qualidade de futuros pais (Pêgo, 2009; Quingostas, 2011).

Schaefer e Briesmeister (1989, *cit. in* Ribeiro, 2003) referem que nas décadas de 70 e 80, a educação parental assumiu a proporção e popularidade de um verdadeiro movimento nacional, através do desenvolvimento de uma variedade de programas que vieram a revelar grande impacto nesta área de intervenção (e.g. *Parent Effectiveness Training*, *Active Parenting*, *Single-Parent Program*, *Systematic Training for Effective Parenting*).

Segundo Sampaio et al. (2011), apesar do reconhecimento da importância das relações familiares e da qualidade de vida das famílias no bem-estar psicológico, físico, social e económico das crianças, muitos pais recebem pouca preparação para a parentalidade, para além das suas próprias experiências enquanto filhos. Por conseguinte, nem sempre os pais têm consciência e competência para desenvolverem as suas capacidades parentais de forma autónoma, daí ser importante colocar a questão acerca da necessidade de intervir neste campo de ação, facultando programas de educação parental. Ao disponibilizar aos pais ferramentas através das quais estes possam desenvolver reflexividade e competências parentais, prevê-se desenvolver, de forma coerente e consciente, a criança nas diferentes áreas sociais, emocionais, físicas e cognitivas (Coelho & Murta, 2007; Malaca, 2008; Bernardo, 2013).

O envolvimento ativo dos pais, no processo de intervenção com os seus filhos, surge como uma forma inequívoca de potenciar e maximizar o desenvolvimento da criança. A criação deste tipo de oportunidades parece extremamente útil e importante para os pais, permitindo-lhes sentirem-se mais informados, e eventualmente, mais competentes, em matérias que lhes interessam particularmente (Quingostas, 2011).

4.2. Programas de formação parental

Na perspetiva de Almeida (1992), os programas de educação parental (PEP) contribuem para o desenvolvimento de um perfil de pais que os habilite a participar ativamente no desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos filhos e no seu próprio desenvolvimento pessoal e social, a aumentar as competências parentais intrínsecas, o espírito crítico e a inovação educacional e a alterar as atitudes parentais, de modo a promover práticas disciplinares adequadas e novos comportamentos nos filhos. Bernardo (2013) acrescenta no seu estudo que, quando os pais alteram os seus comportamentos e atitudes com as crianças e, por conseguinte, a intencionalidade das suas ações, através da interação pais-filhos, propiciam o desenvolvimento saudável da criança e ambiente familiar harmonioso.

Ainda de acordo com Almeida (1992), os PEP devem ser um espaço aberto ao diálogo, à reflexão, ao questionamento e troca de experiências que reforcem e estimulem o papel parental, onde os pais possuam uma participação ativa no acesso à informação sobre temas e problemáticas inerentes à educação. Por conseguinte, a intervenção antevê um conhecimento da dimensão individual e coletiva do problema, numa perspetiva interativa, equacionando todos os fatores e intervenientes na situação.

Para Goodyear e Rubovits (1982), devem existir três componentes nos programas de educação parental: (1) a componente do conhecimento; (2) a das competências de gestão familiar (3) e a das competências interpessoais. A componente do conhecimento centra-se na informação e conteúdo e não na aquisição de competências (Ribeiro, 2003). Segundo a autora, a partilha de informação é apresentada como um quadro de referência para as competências parentais a serem trabalhadas, com o intuito de aumentar do conhecimento dos pais e melhorar o seu desempenho parental. Por sua vez, a componente da gestão familiar assenta nas competências, para que as

figuras parentais controlem as exigências que lhes são colocadas pelas suas famílias de origem. Relativamente à componente das competências interpessoais, Marques (2013), destaca a qualidade das relações. A este propósito, Ribeiro (2003) explica que o objetivo é a mudança comportamental, sendo as atitudes, os valores e o autoconceito dos pais, o alvo da intervenção.

Na opinião de Gaspar (2012), os programas de formação parental podem ter objetivos, conteúdos e métodos distintos, assumindo formatos igualmente variados. Esta variedade tem conduzido, ao longo dos anos, a múltiplas formas de classificar e caracterizar as intervenções parentais.

De acordo com Medway (1989 *cit. in* Ribeiro, 2003), existem três grandes modelos de educação parental que são utilizados atualmente: o modelo reflexivo, o comportamental e o adleriano:

- ❖ O modelo reflexivo, da educação parental enfatiza a tomada de consciência parental, a compreensão e aceitação dos sentimentos da criança. Este modelo assenta no fortalecimento dos laços familiares que eleva a autonomia e a responsabilização das crianças através da educação dos pais (Ribeiro, 2003; Delgado-Martins, 2008; Quingostas, 2011; Marques, 2013). Marques (2013) acrescenta que este programa baseia-se na escuta ativa, na firmeza adequada e na resolução de conflitos, procurando modificar o comportamento dos pais para melhorar a relação com os filhos.
- ❖ O modelo comportamental enfatiza o comportamento observável e as variáveis ambientais que mantêm os padrões de comportamento. De acordo com este modelo, os pais são instruídos para que apliquem procedimentos e técnicas (e.g. punição, reforço do condicionamento operante), de modo a ajustar o comportamento atípico da criança (Pêgo, 2009; Gaspar, 2012). Segundo Kazdin (1987 *cit in* Gaspar, 2012), o modelo comportamental surgiu por força da crescente valorização das técnicas de modificação dos comportamentos, do envolvimento dos pais nos serviços de saúde mental e da importância de usar os pais como terapeutas na efetivação das mudanças conseguidas pela criança.

- ❖ O modelo de educação parental é o adleriano, que possibilita o aconselhamento e a integração de pais em grupos de educação parental com um carácter simples, despojados de linguagem técnica, para que sejam efetivamente compreendidos pelos pais e mães, sendo que estes são encorajados a participar ativamente na intervenção de aconselhamento. Este modelo assenta na convicção de que a educação é o método mais eficaz para prevenir situações de distúrbio emocional (Medway, 1989 *cit. in* Delgado-Martins, 2008). Os programas criados no âmbito deste modelo visam o aconselhamento e a integração dos pais em grupos de educação parental, com carácter informal e sem recurso a uma linguagem técnica, incentivando-os a participar ativamente nas sessões de aconselhamento (Pêgo, 2009). Mullis (1999 *cit. in* Delgado-Martins, 2008) salienta que os pais devem aprender estratégias para compreender e lidar com os comportamentos dos seus filhos de forma mais eficaz.

Com base na conceção adleriana surgiram programas como o *Systematic Training for Effective Parenting* (STEP) ou o *Active Parenting*, que colocam o foco da intervenção no estilo parental democrático, na compreensão dos objetivos que as crianças transmitem através dos comportamentos, na linguagem do incentivo, nas consequências lógicas e naturais e nas reuniões familiares, sendo o objetivo de cada um deles, ajudar os pais a criar crianças responsáveis, cooperantes e autodisciplinadas (Chang & Ritter, 2004 *cit. in* Gaspar, 2012).

O programa *Systematic Training for Effective Parenting* (STEP), criado por Dinkmeyer e McKay, apresenta três versões, consoante a idade dos filhos: primeira infância, crianças dos seis aos doze anos e adolescência. Em todas as versões o programa apresenta uma forma positiva de ensinar a compreensão e educação dos filhos. Cada versão contempla uma variedade de competências parentais e estratégias de educação que abordam os comportamentos das crianças, motivadas por uma sucessão de metas e incentivos (Quingostas, 2011). Na perspetiva de Abreu-Lima et al. (2010), o encorajamento dos pais a partilhar experiências, preocupações e estratégias adotadas com outros pais, contribui para o desenvolvimento da sua autoconfiança e autoestima e diminuição dos sentimentos de isolamento, ao mesmo tempo que se treina a escuta ativa e a modelagem (Marques, 2013).

Por sua vez, o *Active Parenting Program*, criado por Popkin, foi o primeiro programa em suporte de vídeo, dirigido aos pais de crianças com idades compreendidas entre os dois e os dezassete anos e aplicado em seis sessões de duas horas (Quingostas, 2011). Mais tarde, em 1990, o programa deu origem a uma nova versão, o *Active Parenting of Teens*, destinada a pais de adolescentes. Após ter sido revisto, a terceira edição do programa original é atualmente designado de *Active Parenting Now* (Delgado-Martins, 2008).

Em Portugal, são ainda escassos os recursos e respostas desenvolvidas no âmbito da educação parental. Um dos programas de referência existentes, criado com base no programa norte-americano *The Incredible Years*, é o Tesouro das Famílias e é destinado a famílias com crianças entre os seis e os doze anos e abrange dois níveis: o universal (prevenção primária das toxicodependências) e o seletivo (pais de crianças com dificuldades de comportamento) (Quingostas, 2011; Marques, 2013).

O estudo de Quingostas (2011) faz também referência a dois programas neste âmbito: o programa Missão C e o programa Mais Família. O programa Missão C é destinado a famílias com jovens entre os treze e dezasseis anos. É implementado em sessões de grupo e tem como objetivos: melhorar a gestão da disciplina e da comunicação pais-filhos; aumentar a eficácia e a satisfação parental; promover o incentivo à qualificação escolar/profissional dos jovens; melhorar a organização e a resiliência familiar e fomentar estratégias de exploração e investimento vocacional. Quanto ao programa Mais Família, foi concebido para as famílias de baixo e médio risco, com crianças dos dois aos oito anos e é composto por atividades como o jogo de cartas, o role-play, os trabalhos de casa e telefonemas semanais. Os objetivos do programa visam fortalecer a relação pais-criança; promover competências parentais positivas; incentivar a definição de regras claras e a imposição de limites efetivos; e ainda, o uso de estratégias disciplinares não-violentas.

Pêgo (2009) elaborou também um programa destinado à intervenção com mães, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos seus filhos. Tendo em conta que o programa tem um caráter sistémico, considera que a mudança num elemento implica mudança no resto da família, pelo que a mudança dos comportamentos destas mães

(nomeadamente os comportamentos de negligência a vários níveis) poderá significar grandes melhorias ao nível do bem-estar dos filhos.

Apesar do evidente interesse que recentemente tem estado associado ao domínio da educação/treino parental, verifica-se ainda uma necessidade de produção de mais investigações nesta área, concretamente de dados empíricos que possibilitem delinear as características dos programas que vão de encontro às necessidades dos diferentes tipos de participantes (Quingostas, 2011).

Com base na revisão da literatura são vários os estudos recentes que referem a importância da formação parental. O estudo de Malaca (2008) refere que parece justificar-se a emergência de programas de formação parental que permitam tornar mais consistente a ideia de que os pais e os filhos têm o poder de agir e aperfeiçoar comportamentos através das suas competências, recursos e talentos.

Mejia, Calam, e Sanders (2012) apresentam uma revisão sistemática da literatura sobre programas de formação para pais, demonstrando que são estratégias eficazes de prevenção, cujos resultados sugerem que a maioria dos programas, até à data, têm sido destinados principalmente para evitar complicações físicas e neuro-cognitivas. Todos estes programas de formação parental são intervenções destinadas a melhorar ou modificar o desempenho do papel parental, através da formação, apoio ou educação, e o seu principal objetivo é influenciar o bem-estar dos filhos desses pais.

Ainda neste âmbito, Belsky e de Haan (2011) referem que o estudo do impacto dos programas de formação parental tem sido documentado em vários estudos bastante eficazes, no entanto a maioria incide sobre amostras muito específicas como crianças maltratadas, prematuros, famílias de um único nível socioeconómico, entre outros, afirmando que as inferências causais são difíceis de extrair devido à natureza das observações, sugerindo que os efeitos da parentalidade no desenvolvimento da criança devem também incidir sobre amostras na faixa normal, isto é, de características associadas aos pais e às crianças de famílias regulares, sem variáveis condicionadoras.

Coelho e Murta (2007) apresentam também um estudo de treinamento de pais, com variados temas acerca das práticas educativas positivas, habilidades comunicativas

e gestão de *stress*. Concluíram que os resultados foram muito positivos, uma vez que os participantes demonstraram diminuir as práticas educativas negativas (e.g. punitivas, negligência afetiva, instabilidade no humor) e aumentaram as práticas positivas (e.g. uso de regras, modelo moral para com os filhos, pedir desculpas como forma de admitir o próprio erro). Além disso, os participantes verificaram que aumentaram as habilidades parentais, as estratégias para lidar com momentos de *stress* externos e da relação pais-filhos, bem como alteração nos comportamentos dos filhos.

Num estudo recente de Gonçalves (2010), a autora investigou se um maior envolvimento parental cria maiores possibilidades de sucesso escolar e descobriu que, efetivamente, há uma correlação positiva entre envolvimento parental e o sucesso escolar, sobretudo quando as expectativas das famílias dos alunos e dos próprios são também elevadas.

Ferreira (2010), no seu estudo, salienta que os pais mostram o desejo de serem mais eficazes, embora tenham reconhecido o seu grau de dificuldade e a necessidade de treinarem e concluiu que os pais têm necessidade de partilharem as suas dúvidas e as suas angústias e de aceitarem o novo como oportunidade de aprendizagem e não como perigo.

Vilaça (2012) refere que os resultados do seu estudo demonstram que a intervenção para a capacitação da parentalidade (Programa de *Empowerment* Parental para o Desenvolvimento Infantil), dirigida a mães, no âmbito da promoção para a saúde, com foco no desenvolvimento infantil, pode contribuir para níveis mais baixos de ansiedade materna e assim criar condições para haver um *empowerment* materno com vista a um melhor desenvolvimento da criança.

Coelho (2012) refere no seu estudo que para garantir o desenvolvimento de programas de educação parental ajustados e eficazes no que concerne às necessidades das famílias, particularmente, dos pais e mães, considera-se importante promover uma cultura baseada na avaliação, através de um *follow-up*, dando seguimento à análise de impactos a longo prazo. Esta avaliação permitirá uma melhor compreensão e perceção face às mudanças que as famílias conseguem estabelecer na sua vida quotidiana.

Borges (2010) refere como proposta para investigações futuras, a auscultação dos pais sobre as suas necessidades pessoais de suporte, com vista à planificação de intervenção que correspondam às necessidades reais dos pais. Os pais apontam para problemáticas diferentes no exercício da sua parentalidade, devendo a intervenção considerar os interesses e dificuldades identificados pelos pais. Refere ainda que a intervenção / treino junto dos pais é, pois, um aspeto de extrema relevância para o desenvolvimento de capacidades e competências adequadas para o exercício da parentalidade e consequente suporte ao desenvolvimento sócio – emocional dos filhos e dos pais.

No estudo de Cardoso (2008), este refere que constatou a necessidade de novas pesquisas que abordem a vivência da maternidade através da questão sociocultural, no intuito de serem elaboradas políticas públicas que vão ao encontro da população. No que concerne aos efeitos advindos da maternidade precoce na relação com o filho, foi verificado que o comportamento parental das jovens mães, nem sempre é o mais adequado ao desenvolvimento saudável da criança, sendo que esta é em muitos casos exposta a situações de risco.

Pedrosa (2009), no seu estudo com mães adolescentes, refere a pertinência de, em estudos futuros, realizar-se uma avaliação da dimensão relacional com o filho, desde as práticas educativas da mãe adolescente até outros indicadores da qualidade da relação e do seu impacto desenvolvimental na díade e na família.

CAPITULO II – ABORDAGEM EMPÍRICA

1. PROBLEMÁTICA

O interesse nesta área de estudo, do ponto de vista científico, advém da revisão de literatura, onde se verifica que a educação parental e o desenvolvimento da parentalidade têm vindo a ser, cada vez mais, áreas a investir em termos educacionais e sociais, uma vez que muitos pais demonstram dificuldade em desenvolver as suas competências e cumprir com as suas funções parentais, colocando em risco o

desenvolvimento das suas crianças e a organização familiar. São vários os estudos recentes que referem a importância de se continuar a investir na formação parental (Coelho & Murta, 2007; Cardoso, 2008; Malaca, 2008; Pedrosa, 2009; Borges, 2010; Brites, 2010; Gonçalves, 2010; Quingostas, 2011; Vilaça, 2012; Bernardo, 2013).

A pertinência deste estudo justifica-se também como uma preocupação pessoal e profissional, pela experiência como educadora de infância numa escola básica com ensino pré-escolar e contactar com a existência de variados casos de pais muito jovens com dificuldade em assumirem e perceberem o seu papel como pais. Colocando em causa a organização e gestão da vida familiar, mas sobretudo o desenvolvimento dos seus filhos. Localizado ao lado desta escola, encontra-se o Centro da Mãe do Funchal, instituição que acolhe grávidas e jovens mães com os seus filhos em situação de risco. Considerou-se assim, pertinente realizar nesta instituição, um trabalho com estas mães pelo facto de já estarem sinalizadas como aquelas que precisam de mais apoio e orientação. Algumas delas têm os seus filhos a frequentar a escola supracitada, o que faz com que sejam mães com quem convivemos quase diariamente, conhecendo a sua realidade. Justificou-se assim a intervenção com estas mães que frequentam o Centro da Mãe do Funchal.

No trabalho de Bernardo (2013) é notória, através das várias conclusões de estudos anteriormente referenciados bem como da discussão dos resultados da sua investigação, a necessidade e urgência em investir na formação parental. Assim, esta autora considera que o seu estudo poderá servir como base para possíveis futuras investigações, como estudo exploratório, e/ou como um programa piloto para futuras aplicações sociais. A existência no seu estudo de um grupo heterogéneo de participantes no que se refere à idade, fez com que não fosse possível verificar determinadas situações típicas em cada grupo, sendo uma sugestão realizar um estudo em que as idades das participantes fossem focalizadas, uma vez que podem ou não ser uma variável importante a ter em conta na seleção de participantes para uma formação parental.

Tendo em conta as recomendações supracitadas consideramos pertinente avançar com um estudo no âmbito desta temática pois, como refere Bernardo (2013) no seu estudo, o desenvolvimento da parentalidade nestas famílias muitas vezes acaba por

ser um problema educacional, principalmente quando os pais demonstram dificuldade em assumir a responsabilidade da educação dos seus filhos, delegando estas funções para a escola e para os profissionais que nela trabalham.

Depois de clarificada a problemática e as nossas motivações, apresentam-se, de seguida, as perguntas de partida.

1.1. Perguntas de Partida

- ❖ Será que se verificam alterações no estilo parental após a frequência de um programa de formação parental?
- ❖ Será que as jovens mães de crianças em idade pré-escolar, apoiadas pelo Centro de Mãe do Funchal que frequentam um programa de formação parental, apresentam evolução nas suas competências parentais, manifestadas na sua autoestima e na relação com os seus filhos?

1.2. Objetivos do Estudo

- ❖ Identificar quais as necessidades de formação de mães com filhos incluídos na faixa etária dos 3/6 anos apoiadas pelo Centro de Mãe do Funchal.
- ❖ Aplicar um programa de formação parental adequado às necessidades das mães em estudo.
- ❖ Avaliar a evolução das competências e estilos parentais destas jovens mães, e comparar os resultados com outros estudos.

2. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

O presente estudo enquadra-se numa metodologia de investigação-ação uma vez que se pretendeu, em primeiro lugar, investigar quais as dificuldades que estas mães apresentavam, e com base nessas dificuldades, adaptar uma formação parental que fosse de encontro as suas necessidades. Bem como, verificar se estas mães apresentam

alterações do estilo parental e evolução nas suas competências parentais, manifestadas na sua autoestima e na relação com os seus filhos, após a frequência do programa de formação parental e comparar os resultados com outros estudos.

Ao longo das diferentes sessões da formação parental também houve a preocupação de pedir às mães presentes para avaliarem cada uma das sessões, recorrendo a um questionário anónimo. Este questionário serviu para avaliar cada uma das sessões e com base nessa avaliação, iam sendo feitas algumas alterações consideradas pertinentes nas sessões seguintes da formação parental.

O duplo objetivo básico e essencial desta metodologia é, por um lado obter melhores resultados naquilo que se faz e, por outro, facilitar o aperfeiçoamento das pessoas e dos grupos com que se trabalha. Esta metodologia orienta-se pela melhoria das práticas mediante a mudança e a aprendizagem a partir das consequências dessas mudanças e permite ainda a participação de todos os implicados. O grande objetivo desta metodologia é a reflexão sobre a ação a partir da mesma (Fernandes, 2006).

Da comparação da investigação-ação com as metodologias quantitativas, torna-se claro que a investigação-ação sugere uma intervenção que pode ser benéfica quer para a organização, quer para o investigador e para a comunidade. O tipo de aprendizagem proporcionado pela investigação-ação permite a compreensão e a vivência de um problema sócio organizacional complexo. O domínio ideal do método é caracterizado por um conjunto social em que o investigador é envolvido ativamente, havendo benefícios expectáveis quer para a organização, quer para o investigador. O conhecimento adquirido/obtido pode ser imediatamente aplicado. A investigação é um processo que liga intimamente a teoria à prática (Fernandes, 2006).

Segundo Roque (2010), existem algumas vantagens quando se utiliza este tipo de metodologia, pois permite a identificação dos problemas e/ou situações a investigar, dado fazerem parte de um contexto que é conhecido. A avaliação e separação dos problemas detetados são também facilitadas, uma vez que o investigador conhece bem o terreno, podendo tornar-se atuante ou implicar outros na investigação. A investigação-ação potencia a emergência de métodos inovadores no processo ensino-aprendizagem e igualmente, adequa-se à formação contínua de

professores/educadores, permitindo desenvolver competências de investigação, aumentar os seus conhecimentos e melhorar o seu desempenho.

Relativamente à análise das entrevistas, iremos seguir as 3 fases definidas por Bardin (1995), que sugere que se pré analise, depois se explore e por último se tratem e interpretem os dados obtidos, com vista a transformar os dados em informação teórica significativa, esclarecedora, face à análise pretendida.

Assim, iremos transcrever as entrevistas visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos, os conteúdos que funcionarão como indicadores que permitirão a inferência de conhecimentos, relativamente ao que pretendemos investigar, bem como uma compreensão para além dos seus significados imediatos. A metodologia mais adequada para interpretar o sentido das palavras, será a análise de conteúdo, que nos permitirá atingir uma categorização adequada ao nosso estudo.

Segundo Bardin (1977,p. 38), a análise de conteúdo: “(...) consiste num conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

No entanto, não existe um modelo fixo para a análise, mas apenas algumas regras de base, pois a análise de conteúdo tem que ser permanentemente reinventada tendo em conta os problemas investigados e os seus objetivos.

Neste método de análise qualitativa, é possível interpretar uma mensagem segundo unidades de significado, ou seja, através da totalidade de uma mensagem esta é subdividida, de forma a evidenciar a frequência de itens similares, através de classificação ou enumeração dos mesmos. Este método é designado por Bardin (2002) como análise categorial, sendo as subdivisões reconhecidas como categorias que visam o agrupamento das palavras que se repetem, não incluindo sentido do contexto da mensagem total. A categorização irá depender do que é objetivo de estudo, elegendo-se critérios específicos para a obtenção da informação essencial dada através das entrevistas.

Importa referir que esta formação parental teve como principal objetivo contribuir para as jovens mães aumentarem os seus conhecimentos, tendo em conta bases teóricas da psicologia do desenvolvimento infantil e da psicologia positiva, levando-as assim a refletirem sobre a sua vida, sobre si e sobre a forma como educam os seus filhos.

2.1. Participantes

O Centro da Mãe é uma associação de solidariedade social, está localizada na freguesia de São Pedro do concelho do Funchal, na ilha da Madeira, é considerada uma Instituição Particular de Solidariedade Social, sem fins lucrativos. Foi constituída em junho de 1999 com o objetivo de construir um centro de acolhimento temporário para grávidas e jovens mães em situação de risco, com os seus filhos, com vista a colmatar a inexistência de um organismo com esta valência, o que obrigava ao acolhimento das jovens fora da Região.

Esta associação tem como pilar para o seu funcionamento o princípio do respeito pela vida e tem como propósitos a realização pessoal das jovens mães e a sua integração social e familiar, bem como o bem-estar e a educação dos seus filhos.

Quando é possível e desejável, o apoio e o acompanhamento das utentes efetua-se no seu âmbito familiar ou local de habitação. Contudo, existem situações de extremo isolamento e desespero pessoal que exigem o acolhimento temporário das jovens num ambiente onde, em condições de harmonia e segurança, lhes seja possível receber os cuidados profissionais necessários ao acompanhamento da gravidez e adquirir competências parentais e formação escolar e profissional, que garantam às mães e aos seus filhos a possibilidade de um futuro independente e seguro.

Esta associação desenvolve o seu trabalho em dois espaços físicos com valências distintas: o Centro de Dia, onde é efetuado o acolhimento e acompanhamento dos casos de jovens grávidas e mães em situação de risco e a residência de acolhimento temporário, onde as jovens em situação de risco extremo são acolhidas com os seus filhos.

A associação funciona com uma equipa multidisciplinar composta pela direção, a diretora executiva, as assistentes sociais, uma psicóloga, as auxiliares de ação direta, uma administrativa e os auxiliares de serviços gerais. As auxiliares de ação direta em funções na residência de acolhimento frequentaram, numa fase preparatória, o curso de Assistente Familiar e Apoio à Comunidade, com a duração de dois anos, facultado por esta associação.

No âmbito da sua ação, o Centro da Mãe procura qualificar as jovens, residentes ou não, na residência de acolhimento, através da sua frequência em cursos de formação profissional que viabilizem a conclusão do ensino obrigatório e promovam a valorização do currículo profissional das utentes no mercado de trabalho. Esta associação atua ainda no âmbito da promoção da saúde e bem-estar das utentes, através do encaminhamento dos casos identificados aos serviços públicos de saúde ou, nos casos de cuidados de saúde oral, através do encaminhamento para consultas de medicina dentária em serviços privados.

Todas as jovens que procuram o Centro da Mãe pela primeira vez são atendidas de forma individual pela assistente social, com vista à avaliação da sua situação e identificação das carências imediatas e de longo prazo. Os apoios são prestados de acordo com a avaliação das necessidades de cada utente e capacidade de resposta da instituição. Quando os casos saem fora dos domínios de competência da instituição é efetuado o encaminhamento das jovens para organismos de perfil mais ajustado ou partilhada informação sobre os processos individuais, com vista a um melhor acompanhamento das situações, numa estratégia de trabalho conjunto com as organizações parceiras.

No ano de 2011 estavam inscritas no Centro da Mãe 135 utentes, das quais 35 transitaram do ano anterior e 100 constituíram novos casos. No primeiro semestre de 2012, registaram-se 77 novos casos. Desde o início do seu funcionamento, esta associação apoiou 870 mães e seus filhos.

O critério para a seleção dos participantes para este estudo foi não-aleatório mas intencional, pois desejavam-se como participantes, mães que frequentassem atualmente

ou já tivessem frequentado o Centro da mãe do Funchal e que tivessem pelo menos um filho entre os 3 e os 6 anos.

A escolha das mães para este estudo foi feita com a ajuda de uma assistente social do Centro da Mãe, foi ela que devido ao facto de conhecer bem estas mães fez o primeiro contacto. Todas as mães que possuíam os pré-requisitos para fazer parte da investigação foram contactadas. No entanto, apenas dez delas revelaram interesse e disponibilidade para participar.

Foi realizada a entrevista inicial com estas dez mães, mas destas, quatro foram excluídas deste estudo devido ao facto de não participarem na formação parental e/ou terem frequentado um reduzido número de sessões.

No decorrer da formação parental, todas as mães foram contactadas semanalmente por telemóvel, verbalmente ou por mensagens um dia antes da formação. Esse contacto serviu para incentivar estas mães a participarem, realçando sempre as mais-valias da sua presença. Porém, esta estratégia nem sempre resultou, pois apesar de as mães confirmarem a sua presença, acabavam por não comparecer.

Assim, as participantes finais deste estudo são seis mães, com pelo menos um filho entre os três e os seis anos, que recebem apoio do Centro da Mãe do Funchal, bem como três assistentes sociais, uma delas desempenha as funções de diretora executiva da instituição e uma psicóloga que trabalha diariamente com estas mães. Foi feito um pedido de autorização para a realização deste estudo à presidente do Centro da Mãe do Funchal, que foi autorizado (anexo I). Todas as mães participantes neste estudo, bem como as assistentes sociais e a psicóloga preencheram a declaração de consentimento informado (anexo II).

Nas entrevistas às assistentes sociais e psicóloga serão também caracterizadas estas mães relativamente às suas necessidades, tipo de apoio que mais necessitam, dificuldades que apresentam quer a nível de competências quer a nível da formação.

2.1.1. Caracterização das participantes

Vamos agora proceder a uma breve caracterização de cada uma das mães que fazem parte deste estudo, sendo as mesmas identificadas por numeração de 1 a 6 (Mãe 1 Mãe 2, etc.). Nesta caracterização foram tidas em conta as questões éticas.

A Mãe 1 tem 23 anos, é solteira, vive atualmente com o pai da sua filha de 5 anos e os sogros. Quando a sua filha nasceu tinha apenas 18 anos. Possui o 9º ano de escolaridade e encontra-se atualmente desempregada, recebe o abono de família da filha e apoio do Centro da Mãe. É uma mãe muito calma, tímida e reservada. Apresentou sempre muito interesse em aprender mais para a ajudar a resolver os problemas que a preocupam na sua vida.

A Mãe 2 tem 25 anos e vive em união de facto com o pai das suas duas filhas, com a sua mãe, a sua irmã e o cunhado. Quando a filha mais velha nasceu tinha 21 anos. Possui o 4º ano de escolaridade, está desempregada e tem apoio da segurança social, o abono de família das filhas e apoio do Centro da Mãe. Foi a mãe que se mostrou mais participativa ao longo de toda a formação. No entanto, demonstrava apresentar sinais de uma depressão no final da formação, devido a problema familiares que a atormentavam.

A Mãe 3 tem 26 anos, vive em união de facto com o companheiro e os seus três filhos. Quando o seu filho mais velho nasceu tinha apenas 17 anos. Apesar de possuir o 12º ano está atualmente desempregada. Tem apoio da Segurança Social e do Centro da Mãe. Esta mãe desejava um dia ser educadora de infância e quer lutar por isso. Tem força de vontade e desejo de aprender e lutar pelos seus objetivos de vida.

A Mãe 4 tem 25 anos, o seu estado civil é solteira, mas vive atualmente com os seus três filhos e com o pai das crianças. Possui o 5º ano de escolaridade e por vezes trabalha como empregada de limpezas. Tem o apoio da Segurança Social e do Centro da Mãe. Quando o seu primeiro filho nasceu tinha 17 anos. Esta mãe mostrou, na entrevista inicial, pouco interesse em participar porque afirmava que não tinha “pachorra” (paciência) para frequentar uma formação parental. No entanto no decorrer da formação, revelou interesse e motivação.

A Mãe 5 tem apenas 19 anos. Vive atualmente na residência de acolhimento do Centro da Mãe com a sua filha. Possui uma família numerosa, constituída pelos seus pais, cinco irmãos e duas irmãs. Quando a sua filha nasceu tinha apenas 16 anos. É estudante e está atualmente a terminar o 9º ano. Tem apoio do Centro da Mãe. É uma mãe muito calma e tranquila. Tinha uma preocupação constante em fazer tudo correto e de querer ser sempre uma boa mãe.

A Mãe 6 tem 25 anos, é divorciada, mas vive atualmente com o pai das suas duas filhas. Quando a sua primeira filha nasceu tinha 19 anos. Possui o 6º ano de escolaridade e encontra-se atualmente desempregada. É apoiada pelo Centro da Mãe e pela Cáritas. Esta mãe vive em sofrimento constante pois, apesar de já ter tentado de tudo, não consegue e não sabe lidar com a sua filha que apresenta graves problemas de comportamento e de saúde.

Agora na tabela seguinte serão apresentados resumidamente os principais dados que caracterizam cada uma destas mães.

Tabela 1 – Caraterização das mães antes da formação parental

Mãe	Idade (anos)	Estado Civil	Nº Filhos	Idade Filhos	Habilitações literárias	Profissão	Recursos a Redes de Apoio	Idade da Mãe no 1º filho
1	23	Solteira	1	5 anos	9º ano	Desempregada	Abono de família Centro da Mãe	18
2	25	União de facto	2	10 meses 4 anos	4º ano	Desempregada	Segurança social Abono de família Centro da Mãe	21
3	26	União de facto	3	9, 3 e 1 anos	12º ano	Desempregada	Segurança Social Centro da Mãe	17
4	25	Solteira	3	8, 4 e	5º ano	Empregada de	Segurança	17

				2 anos		Limpezas	Social Centro da Mãe	
5	19	Solteira	1	3 anos	9º ano	Estudante	Centro da Mãe	16
6	25	Divorciada	2	6 e 3 anos	6º ano	Desempregada	Centro da Mãe Cáritas	19

Analisando a tabela, podemos verificar que a idade da mãe mais nova deste estudo é de 19 anos e a mais velha é de 26 anos, estando as restantes entre estas idades. Aquando do nascimento do primeiro filho, a mãe mais nova tinha 16 e a mais velha 21. Nenhuma destas mães está casada, algumas delas vivem com o pai dos seus filhos. Quanto ao número de filhos, duas mães têm apenas um filho, duas têm dois filhos e duas têm três filhos. A idade dos filhos destas mães varia entre os 10 meses e os 9 anos. Ao nível das habilitações literárias são muito díspares, uma mãe tem apenas o 4º ano, outra o 5º ano, outra o 6º ano, duas têm o 9º ano e uma o 12º ano. A maioria destas mães encontra-se desempregada, apenas uma trabalha como empregada de limpeza e outra é estudante. A nível de apoios, para além do apoio do Centro da Mãe, estas mães têm apoio a nível da Segurança social, abono de família e da Cáritas, Instituição Particular de Solidariedade Social.

2.2. Instrumentos e procedimentos

Numa primeira fase deste trabalho, contactou-se a Diretora do Centro da Mãe do Funchal para averiguar a pertinência de um estudo deste tipo com as utentes daquele centro. Deste primeiro encontro, considerou-se que este estudo além de pertinente foi considerado urgente e uma mais-valia para estas mães indo de encontro às suas reais necessidades.

Posteriormente foi feita a seleção das participantes para este estudo e realizadas entrevistas semiestruturadas às mães, às assistentes sociais e psicóloga do Centro da Mãe. A entrevista inicial (anexo III), realizada antes da formação parental, serviu para identificar as necessidades de formação das mães e a entrevista final (anexo IV), realizada após a formação, ajudou a perceber a importância que a formação parental

teve na vida destas jovens mães. As entrevistas às assistentes sociais e psicóloga foram realizadas antes da formação, para inventariar as necessidades das mães que irão participar neste estudo (anexo V).

Com base nos dados colhidos na entrevista inicial foi elaborada uma formação parental que foi adaptada às necessidades das mães, tendo por base o programa “Escola de Mães” do estudo de Bernardo (2013), (autorização anexo VI).

Para além das entrevistas semiestruturadas, foram também utilizados três instrumentos, validados para a população portuguesa, nomeadamente o Questionário de Estilos Parentais – Pais adaptado de *Parental Authority Questionnaire* PAQ, de Buri (1991, *cit in* Pires et al., 2011) (autorização anexo VII), a Escala de Estima de Si - S.E.R.T.H.U.A.L. adaptado de Tap et al. (2009) e a Escala de Autoeficácia Parental de Brites (2010) (autorização anexo VIII). Estes três instrumentos foram aplicados antes e após a formação parental, e serviram para avaliar a evolução das competências e estilos parentais das mães participantes neste estudo.

A entrevista inicial (anexo IX) ficou assim constituída por IV partes. A primeira parte é constituída por uma entrevista onde são feitas várias questões às mães tendo em conta a sua caracterização, as suas necessidades de formação e a importância de frequentar uma formação parental. A entrevista final (anexo X) é constituída por IV partes. A primeira parte, que diz respeito à entrevista semiestruturada, difere da entrevista inicial, pois foi feita uma atualização da caracterização destas mães e outras questões de resposta abertas com o intuito de perceber quais as alterações na vida destas mães e que importância teve a formação parental para a sua vida.

Devido ao facto de a maioria destas mães apresentarem muitas dificuldades a nível da leitura e compreensão, as questões das escalas foram todas lidas pela investigadora e esclarecidas dúvidas de compreensão que foram surgindo, sendo assim a avaliação feita com base no recurso à entrevista. As entrevistas foram realizadas individualmente com cada mãe de acordo com a disponibilidade destas, num espaço facultado pela associação Centro da Mãe, sendo a primeira realizada no dia 23 de maio e a última no dia 3 junho.

Todo o conteúdo das entrevistas foi gravado em áudio, de modo a obter uma transcrição fiel das respostas das jovens mães às questões de resposta aberta. As sessões da formação parental foram somente gravadas em áudio pois as mães manifestaram pouco à vontade para serem filmadas, para tal foi pedida autorização (anexo XI). Os gráficos apresentados neste estudo foram elaborados no *Microsoft Word*.

Para analisar as respostas das entrevistas, decidiu-se utilizar a análise de discurso conjugada com o método mais repetidamente utilizado aquando de estudos com âmbito qualitativo, a análise de conteúdo. Assim, a análise tem um espectro aumentado, dado que não se limitou a uma análise semântica das respostas, mas ainda a uma análise do sentido discursivo das respostas das participantes.

Iremos agora proceder a uma breve descrição dos três instrumentos utilizados neste estudo, o Questionário de Estilos Parentais – Pais adaptado de *Parental Authority Questionnaire* PAQ, de Buri (1991, *cit in* Pires et al.,2011), a Escala de Estima de Si - S.E.R.T.H.U.A.L. adaptado de Tap et al. (2009) e a Escala de Autoeficácia Parental de Brites (2010).

Quanto ao questionário de estilos parentais para pais (PAQ-P), a validação do PAQ-P para a população portuguesa, enquanto questionário de autorrelato de resposta tipo likert por parte dos pais, resultou numa estrutura igual ao PAQ (30 itens), apresentando boa robustez psicométrica ao nível da sua validade interna, adequação ao constructo e consistência/estabilidade de respostas do sujeitos, possibilitando a sua utilização em estudos futuros no âmbito da parentalidade e dos estilos parentais. Trata-se de um modelo multidimensional de autoridade parental resultante da relação entre duas dimensões (afeto/sensibilidade e exigência) originando três estilos de autoridade parental: estilo parental (EP) autoritário (pais diretivos, exigentes e pouco sensíveis às necessidades dos filhos, que encorajam a obediência e desencorajam o diálogo com os filhos e privilegiam o controle e restrição recorrendo à punição como forma disciplinar de controlo dos comportamentos indesejados nos filhos); EP permissivo (pais com elevada sensibilidade e pouco controle quanto ao comportamento dos filhos, relegando para estes a modulação do seu próprio comportamento) e EP autoritário (ou democrático resultante do termo inglês *authoritative*, tido como intermédio entre EP autoritário e o EP permissivo, corresponde a pais que definem regras claras, controlam o comportamento

dos filhos e fazem exigências respeitando as especificidades dos mesmos mantendo-se sensíveis às suas necessidades, favorecendo o diálogo e comunicação) (Baumrind, 1971). Foi elaborada uma tabela por forma a contabilizar os itens do questionário de estilos parentais (anexo XII). O estilo parental dominante é aquele que apresenta uma maior cotação.

Relativamente à Escala de Estima de Si - S.E.R.T.H.U.A.L. surge com base na Abordagem Centrada na Pessoa de Rogers (1951) e assenta no conceito de psicologia de *self*, definido pelo próprio autor como sendo a auto perceção de si e a auto perceção em relação aos outros e ao ambiente e os ideais com valor positivo e negativo. O conceito de estima envolve em si mesmo uma autoavaliação global e a valorização da pessoa, desencadeando fatores psicológicos marcantes na dinâmica da identidade, no desenvolvimento da gestão de *stress* e na atribuição ao sentido da vida e inserção social (Bernardo, 2013). Esta escala é do tipo likert, com um intervalo que varia entre o 1 e o 5, sendo o 1 nada significativo e o 5 muito significativo. É constituída por 60 afirmações com sentido de avaliação positiva e negativa, aleatoriamente distribuídos e sendo depois divididas por 10 dimensões, sendo 5 dimensões positivas (Dimensão A, B, C, D e E) e 5 dimensões negativas (Dimensões F, G, H, I e J) (Anexo XIII).

No que se refere à análise dos dados, os autores referem como conveniente analisar os dados referentes às dimensões positivas e negativas separadamente, quer no que se refere à análise estatística, quer no que se relaciona com a avaliação psicológica individual. Para a realização da cotação desta escala, será feito o somatório dos valores atribuídos a cada item da escala, com base neste valor é feito a média e apurado o score correspondente a cada dimensão. Deste modo conseguimos perceber o perfil individual do índice Estima de Si positiva e negativa, bem como o índice geral da Estima de Si através da diferença entre o índice positivo e o negativo. Assim, conseguimos analisar os dados quer quantitativos com base nos valores de referência da escala (anexo XIV), representados em percentis normativos relativos à população portuguesa, no que se refere ao género, à faixa etária e às habilitações literárias, quer qualitativos com base nas indicações delineados pelos autores da referida escala (anexo XV).

A Escala de Autoeficácia Parental tem como objetivo avaliar nas diferentes áreas de desempenho parental, o nível de controlo e domínio que os pais sentem ter, isto é, a

sua eficácia no cumprimento da função parental. Esta escala é do tipo likert, com um intervalo que varia entre o 1 e o 5, sendo o 1 nunca e o 5 sempre. Possui 44 itens, 22 são de significado positivo, ou seja, autoeficácia positiva e divide-se em duas dimensões, sendo a primeira ‘Atitudes e comportamentos parentais promotores de desenvolvimento’ e a segunda ‘Equilíbrio independência–segurança’ e 22 itens de significado negativo, autoeficácia negativa também com duas dimensões, a primeira é denominada de ‘Permissividade, negligência e desinteresse’ e a segunda de ‘Controlo negativo’. Para efetuar a cotação desta escala temos de ter em conta as dimensões positivas e negativas separadamente, pois não há conversão das dimensões negativas em positivas e a cotação final resulta da diferença entre estes. Para se calcular então a autoeficácia positiva e negativa ter-se-á de fazer a soma das médias dos itens das duas subescalas, isoladamente e para se obter a autoeficácia total é necessário fazer o cálculo da média de cada dimensão, positiva e negativa, e subtrair a média dos itens negativos à média dos itens positivos, como podemos observar na tabela seguinte.

Tabela 2 – Forma de cálculo do score da Escala de Autoeficácia Parental

Itens positivos	Média	Itens negativos	Média	
Atitudes e comportamentos promotores de desenvolvimento	X	Permissividade, negligência e desinteresse	Z	
Equilíbrio, independência – segurança	Y	Controlo negativo	W	
	Somatório		Somatório	
Autoeficácia positiva	X+Y	Autoeficácia negativa	X+Y	
Autoeficácia total =	X+Y	(-)	X+Y	=AEFIC

O facto de existirem valores de referência permitem realizar em termos de percentagem, os itens relativos a cada dimensão positiva e negativa e à escala total, e também em relação ao género (anexo XVI). Também permite conhecer a cotação que as mães atribuem a si mesmo sobre a sua eficácia na vida, numa cotação de 0 que representa nada, a 20 que se caracteriza como totalmente. Apesar de em termos estatísticos esta autoavaliação não ter grande impacto, é relevante noutros aspetos da avaliação.

2.2.1. Formação parental: sessões e objetivos

A formação parental foi realizada numa sala do Centro da Mãe do Funchal, já com o equipamento necessário para a formação. A implementação das sessões ficou a cargo de uma psicóloga clínica, com vasta experiência em ministrar formação e que contacta diariamente, a nível profissional, com mães inseridas neste contexto social. A investigadora foi apenas observadora.

Foram mantidos o mesmo número de sessões, os temas, os objetivos do estudo de Bernardo (2013). Assim, foram realizadas seis sessões semanais, entre o dia 11 de junho, data da primeira sessão, e o dia 16 de julho, data da última sessão. As sessões tiveram a duração aproximada de 1 hora e 30 minutos. Os temas utilizados justificam-se porque foram comprovados nas entrevistas iniciais que os mesmos iriam ao encontro das necessidades das mães desta formação parental. De salientar que foram acrescentados alguns objetivos de forma a colmatar algumas das dificuldades que as mães deste estudo sentiam. Na tabela seguinte estão assim descritos os objetivos das sessões da formação parental.

Tabela 3 – Objetivos das sessões do programa de formação parental

<p>1ª. Sessão - Apresentação, expectativas e sonhos</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Apresentar o grupo de mães e formadora; ❖ Conhecer as expectativas do grupo em relação à formação; ❖ Apresentar programa da formação e calendarização; ❖ Compreender aspetos importantes da vida de cada participante; ❖ Conhecer e motivar os sonhos de cada participante. 	<p>2ª. Sessão – Quem sou eu como mãe?</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Consciencializar para a importância das figuras parentais no desenvolvimento da criança; ❖ Compreender a figura parental como um educador em todas as áreas de desenvolvimento da criança; ❖ Conhecer os diferentes estilos parentais e identificar-se neles; ❖ Reconhecer possíveis consequências de estilos parentais discrepantes, entre pai e mãe; ❖ Refletir sobre a educação como processo em construção permanente.
<p><u>Alterações 1ª. Sessão:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Incentivar o grupo a partilhar dificuldades 	<p><u>Alterações 2ª. Sessão:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Compreender os conceitos transmitidos com

sentidas.	base em exemplos concretos.
<p>3ª. Sessão – Alimentação, saúde e higiene</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Desenvolver a capacidade de gestão alimentar familiar/ infantil; ❖ Promover uma regulação de hábitos alimentares saudáveis; ❖ Consciencializar que a alimentação e a higiene influenciam a saúde; ❖ Promover competências de higiene alimentar, doméstica e corporal; ❖ Prevenir acidentes na infância e noções básicas de primeiros socorros. 	<p>4ª. Sessão – Autoestima</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Fomentar o desenvolvimento de autoestima na família; ❖ Explorar estratégias parentais negativas para o desenvolvimento da autoestima e emoções das crianças; ❖ Incentivar ao desenvolvimento positivo da autoestima na infância; ❖ Promover a comunicação familiar e da escuta ativa.
<p><u>Alterações 3ª. Sessão:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Compreender os conceitos transmitidos com base em exemplos concretos. 	<p><u>Alterações 4ª. Sessão:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Perceber o que as mães sabem sobre o tema abordado nesta sessão (brainstorming).
<p>5ª. Sessão – Socialização</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Consciencializar para a importância do desenvolvimento da socialização infantil; ❖ Explorar estratégias diversas para o desenvolvimento da socialização. 	<p>6ª. Sessão – Comportamentos e atitudes</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Consciencializar que o jogo/brincadeira é uma forma efetiva de aprendizagem, essencial para o desenvolvimento global da criança; ❖ Promover a capacidade de observação da criança através do jogo; ❖ Fomentar momentos de construção de brinquedos e brincadeira com os filhos; ❖ Promover a comunicação na família; ❖ Consciencializar para a resiliência infantil e parental, como forma de amadurecimento emocional.
<p><u>Alterações 5ª. Sessão:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Resumir brevemente a sessão anterior; ❖ Perceber o que as mães sabem sobre o tema valores, abordado nesta sessão (brainstorming); ❖ Pedir para anonimamente mães colocarem questões/preocupações que ainda não tenham sido esclarecidas. 	<p><u>Alterações 6ª. Sessão:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Perceber o que as mães sabem sobre o tema brincar, abordado nesta sessão (brainstorming); ❖ Incentivar as mães a participarem ativamente na sessão.

De salientar que houve necessidade de efetuar algumas alterações pontuais ao programa “Escola de Mães” de Bernardo (2013). Estas estão relacionadas com a criação de um novo “visual” do *Microsoft PowerPoint* para as sessões da formação parental e a necessidade planificar novas atividades e vídeos. Assim, foram eliminadas e alterados algumas imagens e alguns diapositivos e acrescentados outros, bem como resumida alguma da informação contida em alguns diapositivos. De salientar, no entanto, que a grande maioria dos diapositivos do programa “Escola de Mães” do estudo de Bernardo (2013), a nível do conteúdo não sofreu alterações significativas. Na tabela (anexo XVII) estão registadas as principais alterações ao programa.

Os principais motivos que levaram a estas alterações prendem-se essencialmente com o facto de atender às características e necessidades que estas mães apresentavam, pois com base nas características das mães, sabíamos que possuíam pouco interesse e motivação para frequentar formações no geral. Assim, para manter as mães interessadas e motivadas para a formação, houve a necessidade de planificar novas atividades e vídeos, pois era mais atrativo para estas mães esta forma de aprender, em que elas têm um papel mais ativo, pois de outra forma cansavam-se facilmente e perdiam o interesse. Foram eliminados alguns diapositivos para a apresentação não ser muito longa, no entanto o conteúdo desses diapositivos acabaram por ser trabalhados oralmente ou levado para casa em papel, sendo sempre tudo explicado pela formadora. As sessões usadas na formação parental já com as devidas alterações encontram-se em anexo (anexo XVIII).

Por forma a motivar as mães para se manterem interessadas e participativas ao longo de toda a formação parental, foram também feitos pela formadora e pela investigadora uns “miminhos” dados sempre no final de cada sessão. Estes “miminhos” tinham sempre a ver com a sessão que tinha sido trabalhada nesse dia. Como por exemplo, flores com mensagens, receitas de um bolo intitulado “bolo amor de mãe”, folhas de papel com dicas sobre o que é ser mãe, como comunicar com os filhos, dez passos para melhorar a autoestima, entre outros, bem como livros infantis para lerem aos filhos, *cupcakes* com mensagens para si e para os filhos, caixas em forma de flor com mensagens motivadoras e dicas para refletirem, e no final da formação, todas as mães que participaram tiveram direito a um certificado final.

No final de cada sessão foi pedido às mães o preenchimento de um questionário para avaliar a sessão (anexo XIX), por forma a determinar se existiam aspetos a melhorar/alterar nas sessões seguintes.

3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE DA INFORMAÇÃO

Aqui serão apresentados os resultados e analisada a informação recolhida relativamente às entrevistas realizadas, ao Questionário de Estilos Parentais – Pais (Pires et al., 2011), à Escala de Estima de Si S.E.R.T.H.U.A.L. (Tap et al., 2009) e a Escala de Autoeficácia Parental (Brites, 2010).

3.1. Análise das respostas às perguntas abertas nas entrevistas

Relativamente aos resultados obtidos mediante o recurso às entrevistas realizadas, construídas intencionalmente para este estudo, serão aqui analisadas as entrevistas iniciais às mães (anexo XX), as entrevistas realizadas às Assistentes Sociais e Psicóloga do Centro de Mãe (anexo XXI) e as entrevistas finais às mães realizadas após a formação parental (anexo XXII).

No que diz respeito à análise de conteúdo das entrevistas iniciais e finais às mães, foram encontradas algumas temáticas, dentro de cada uma surgem uma ou mais categorias, para cada categoria foi atribuída uma letra e para cada unidade de discurso foi atribuído um codificador (por exemplo M1). Os diferentes temas e categorias sofreram ao longo da análise das entrevistas alguns ajustes por forma a melhor retratarem os dados recolhidos. Cada citação das mães apesar de poder ser enquadrada em mais do que uma categoria optou-se por não o fazer de forma a melhor espelhar os dados recolhidos.

Em cada tabela registam-se o número de unidades de discurso, ou seja, o número de vezes que aquele tema, categoria ou subcategoria foi referido pelas participantes. Relativamente a alguns temas considerou-se pertinente e necessária fazer uma comparação entre a realidade anterior e posterior à formação parental. Estes dados serão esquematizados em quadros síntese no final da análise das entrevistas. No presente

estudo esta análise será fundamental para avaliar as mudanças que as mães dizem ter ocorrido na sua vida.

No que diz respeito à análise das entrevistas realizadas às assistentes sociais e psicóloga do Centro de Mãe fizemos, em primeiro lugar, uma leitura das entrevistas e posteriormente construímos grelhas de análise de conteúdo das mesmas (anexo XXIII). Elaboramos uma matriz de categorização, como forma de estruturação dos dados, e uma seleção de excertos das entrevistas que melhor traduzirão as diferentes categorizações, denominadas unidades de registo. De salientar que em alguns casos parte do texto não foi alvo de codificação, por não se considerar relevante para os objetivos desta investigação, pois, por vezes, as entrevistadas descreviam episódios ou situações que embora interessantes não eram diretamente pertinentes para o presente estudo.

Posteriormente, os dados das entrevistas foram cruzados com os restantes instrumentos utilizados, que têm como objetivo perceber a evolução das competências parentais a nível dos estilos parentais, autoestima e autoeficácia.

3.1.1. Análise das respostas às perguntas abertas nas entrevistas às mães antes da formação parental

Da análise de conteúdo efetuada às entrevistas das mães **antes da formação parental**, surgiram duas temáticas. Para a primeira temática emergiram duas categorias e para a segunda surgiu uma categoria, tendo sido atribuída uma letra para cada categoria, no tema 1, conforme demonstrado na tabela abaixo (ver tabela 4).

Tabela 4 – Temas e categorias relativas à análise de conteúdo da entrevista inicial

Tema 1: Necessidades de formação das jovens mães	Categoria A – Relação das jovens mães com os seus filhos
	Categoria B – Necessidades de formação enquanto mulher e mãe
Tema 2: Formação Parental	Categoria – Importância de participar na formação parental

Relativamente ao primeiro tema “**Necessidades de formação das jovens mães**”, na categoria A ‘*Relação das jovens mães com os seus filhos*’, são apresentados na tabela 5 as subcategorias e unidades de discurso correspondentes.

Tabela 5 – Categoria A: Relação das jovens mães com os seus filhos

Categoria	Subcategorias	Unidades de discurso	R
A) Relação das jovens mães com os seus filhos	A1) Regras	“(…) ela não me respeita (…) eu mando ela fazer uma coisa e ela não faz.” (Mãe 1) “(…) eu sei que ela está errada (…) que merece um castigo (…) mas se dou tenho de fugir porque eu choro.” (Mãe 2) “(…) é uma criança rebelde (…) gosta de tudo à maneira dela, acha que quer, pode e manda e prontos.” (Mãe 6)	3
	A2) Pensar antes de agir	“(…) nem tentava perceber porque é que ela faz aquilo, ou como é que aquilo aconteceu, se foi sem querer ou não.” (Mãe 6)	1
	A3) Forma de falar e explicar	“Tens de fazer porque tens de fazer”. (Mãe 3)	1
	A4) Pai	“(…) o pai era ao contrário, tudo o que ela pedia ao pai, o pai dava.” (Mãe 1)	1

Assim, pelas respostas das mães percebemos que as necessidades de formação a nível da relação entre as mães e os seus filhos está relacionada com a dificuldade que estas têm em impor regras, em pensar antes de agir, na forma de falar e explicar bem como atitudes discordantes a nível da educação dos seus filhos por parte dos seus companheiros.

Analisando a tabela 6, no que diz respeito à categoria B, ‘*Necessidades de formação enquanto mulher e mãe*’, podemos constatar que estas mães sentem dificuldades em todas estas subcategorias aqui representadas, como verificamos por algumas das respostas das mães, representados nas unidades de discurso.

Tabela 6 – Categoria B: Necessidades de formação enquanto mulher e mãe

Categoria	Subcategorias	Unidades de discurso	R
B) Necessidades de formação enquanto mulher e mãe	B1) Alimentação saúde e higiene.	“Na alimentação porque há alimentos que ela ainda escolhe.” (Mãe 1) “Aprender mais para saber lidar melhor com a situação da alimentação para melhorar em casa.” (Mãe 1)	2
	B2) Socialização	“(…) ele aceitar os irmãos.” (Mãe 3) “Saber mais sobre o desenvolvimento dela.” (Mãe 5)	3

		“(…) gostava de aprender a lidar comigo, porque às vezes também sou terrível.” (Mãe 6)	
B3) Comportamentos e atitudes		<p>“Acho que tudo se baseia no que eu acabei de dizer na pergunta anterior.” (Mãe 2) [dificuldade em impor regras]</p> <p>“Quando começam a jogar corpos os três [quando se batem]” (Mãe 4)</p> <p>“Gostava de saber como posso educá-la mas sem revoltá-la” (Mãe 6)</p> <p>“Gostava de saber lidar com a minha filha” (Mãe 6)</p> <p>“Lidar com a minha filha.” (Mãe 1)</p> <p>“Gostava de aprender a lidar com a minha filha.” (Mãe 6)</p> <p>“(…) gostava de alterar ou pelo menos aprender a tentar controlar certas atitudes.” (Mãe 6)</p>	7
B4) Autoestima		<p>“(…) também sou doente psiquiátrica preciso de ajuda (…)”(Mãe 6)</p> <p>“Era preciso que eu tivesse “pachorra” [vontade] para estar lá.” (Mãe 4)</p>	2
B5) Expectativas e sonhos		<p>“Arranjar trabalho.” (Mãe 3)</p> <p>“Acho que era... um bocadinho de tudo acho que era bom para mim e para eles.” (Mãe 3)</p> <p>“Mais coisas sobre o desenvolvimento dela agora nos 3 anos para já ficar preparada, para já saber antes e estar preparada” (Mãe 5)</p> <p>“Sim, o mesmo, não há muito mais para dizer.” [conseguir ver a I. ser repreendida] (Mãe 2)</p> <p>“Arranjar trabalho.” (Mãe 3)</p> <p>“Não [gostava de alterar alguma coisa na vida].” (Mãe 4)</p>	6
B6) Quem sou eu como Mãe?		<p>“Ter mais calma (…)” (Mãe 5)</p> <p>“(…) tem dias que eu também não tenho capacidade para tantas birras e tantas coisas.” (Mãe 6)</p> <p>“Apoio neste sentido, conseguir ver a I. ser repreendida” (Mãe 2)</p>	3
B7) Outros			0

Com esta análise foi possível perceber que todas as mães dão respostas que se enquadram nos temas propostos para esta formação parental. Estando assim comprovado que serão estes os temas mais pertinentes para abordar na formação parental.

No que se refere ao segundo tema “**Formação parental**”, será apresentada na tabela 7 a categoria ‘*Importância de participar na formação parental*’, bem como as respetivas subcategorias e as unidades de discurso que lhe correspondem.

Tabela 7 – Categoria: Importância de participar na formação parental

Categoria	Subcategorias	Unidades de discurso	R
Importância de participar na formação parental	Aprendizagem	“ (...) coisas que a gente não sabe ainda.” (Mãe1) “ (...) nunca é demais aprender.” (Mãe2) “ (...) porque estamos sempre a aprender (...)” (Mãe 3) Porque se ensina tanta coisa (...)” (Mãe 4) “Vai-me ajudar, pode não me ajudar em tudo, tudo, mas alguma coisa vai ajudar (...)” (Mãe 6) “É normal que a gente goste de aprender mais.” (Mãe 2) “ (...) conforme vai surgindo a gente vai aproveitando.” (Mãe 2)	7
	Atualização	Porque há coisas que nós mães, por mais que nos digam não fazemos (...)” (Mãe1) “Há coisas que eu gostava de saber para melhorar.” (Mãe 1)	2
	Socialização	“ (...) e o que hoje pode ser um problema das outras mães amanhã pode ser o meu.” (Mãe 3) “Acho importante, porque tanto para nos como para eles (...)” (Mãe 3) “ (...) além de ser mulher também já sou mãe e apercebi-me que ser mulher é ser mãe também.” (Mãe 5)	3

Analisando a tabela, conseguimos perceber que as mães consideram como principal motivo para a frequência desta formação, a aprendizagem. No entanto, segundo a opinião de algumas mães, a atualização dos seus conhecimentos, bem como a socialização também são motivos pertinentes para esta formação.

No final da entrevista houve a necessidade de acrescentar uma questão, que embora não fizesse parte da entrevista inicial pois num primeiro momento, mas posteriormente considerou-se necessário para tentarmos perceber qual seria o melhor horário para a formação parental. Os resultados apurados indicam que 3 mães preferiam o turno da manhã e 3, o turno da tarde. Optou-se pelo horário da tarde que acabou por ser o que menos interferia com a vida destas mães.

Também no final desta entrevista existia uma pergunta fechada, onde era pedido às mães para escolherem de entre os temas propostos para a formação parental, aqueles que consideram mais importante e que as iriam ajudar enquanto mulher e mãe. Os resultados são apresentados na tabela seguinte.

Tabela 8 – Temas mais pertinentes para as jovens mães

	Mãe 1	Mãe 2	Mãe 3	Mãe 4	Mãe 5	Mãe 6	Total
Expectativas e Sonhos.			X	X	X		3
Quem sou eu como mãe?		X			X		2
Alimentação, saúde e higiene.	X	X		X	X		4
Autoestima.		X			X	X	3
Socialização.	X				X		2
Comportamentos e atitudes.	X	X	X	X	X	X	6
Outros:							0

Esta tabela serve para comprovar mais uma vez que embora a maioria das mães não considerem todos os temas importantes, todos os temas foram escolhidos, por isso todos eles serão abordados na formação parental, dando maior relevo aos que as mães sentem mais dificuldades, visto que são uma necessidade de acordo com o referido por estas mães.

3.1.2. Análise das respostas às perguntas abertas nas entrevistas às assistentes sociais e psicóloga do Centro da Mãe

A análise das respostas às entrevistas realizadas às assistentes sociais e psicóloga do Centro da Mãe constam do anexo XXIV. Estas entrevistas não serão apresentadas aqui devido à extensão deste estudo, e porque estas entrevistas foram realizadas apenas com a intenção de conhecer as principais dificuldades e necessidades de formação destas mães. Assim sendo, são importantes para perceber quais os temas mais pertinentes para a formação parental.

Seguidamente serão apresentadas as categorias e subcategorias na tabela síntese abaixo, bem como a contagem das respostas das entrevistadas dentro de cada subcategoria.

Tabela 9 – Categorias e subcategorias relativas à análise de conteúdo das entrevistas às assistentes sociais e psicóloga do Centro da Mãe

Categorias	Subcategorias	R
A) Tipo de apoio que as jovens mães mais necessitam.	A1) Apoio Material	5
	A2) Apoio Formação	8
	A3) Apoio Psicossocial	4
B) Dificuldades que estas mães apresentam	B1) Competências Parentais	6
	B2) Competências Pessoais	10
	B3) Competências Sociais	13
C) Necessidades de formação das jovens mães	C1) Competências Parentais	4
	C2) Competências Pessoais	13
	C3) Competências Sociais	5
D) Temas mais pertinentes para a formação parental	D1) Expectativas e Sonhos.	6
	D2) Quem sou eu como mãe?	5
	D3) Alimentação, saúde e higiene.	4
	D4) Autoestima.	5
	D5) Socialização.	8
	D6) Comportamentos e atitudes	6

Observando a tabela e no que diz respeito à primeira categoria (categoria A) verificamos que, segundo as entrevistadas, estas mães necessitam de apoio mais a nível da formação, mas também precisam de apoio material e psicossocial. A nível das dificuldades e necessidades (categorias B e C), estas mães consideram que estas têm essencialmente dificuldades a nível das competências pessoais, sociais e parentais. Relativamente aos temas considerados mais pertinentes para a formação parental (categoria D) pelas entrevistadas, estes correspondem aos temas propostos para a respetiva formação.

Os resultados da resposta à pergunta fechada desta entrevista e que consistia na escolha dos temas que consideram serem mais importantes estão sinalizados na tabela abaixo.

Tabela 10 – Temas mais pertinentes para a formação parental

	Assistente social 1	Assistente social 2	Assistente social 3	Psicóloga	Total
Expectativas e sonhos	X	X	X	X	4
Quem sou eu como mãe?	X	X	X	X	4
Alimentação, saúde e higiene	X	X	X		3
Autoestima		X	X	X	3
Socialização	X	X	X	X	4
Comportamentos e atitudes		X	X	X	3
Outros:					0

Os resultados a que chegamos com base na análise destas entrevistas, sugere que serão estes os temas anteriormente mencionados os mais pertinentes e aqueles que vão ao encontro às necessidades das mães deste estudo.

3.1.3. Análise das respostas às perguntas abertas nas entrevistas às mães após a formação parental

Inicialmente é feita uma caracterização final das mães (anexo XXV) onde não se verificam alterações significativas.

Vamos agora fazer referência às entrevistas finais **realizadas após a formação parental**. Da análise de conteúdo efetuada surgiram duas temáticas. Para cada temática emergiu uma categoria, como se exemplifica seguidamente na tabela 11.

Tabela 11 – Temas e categorias relativas à análise de conteúdo da entrevista final

Tema 1 – Mudanças pessoais alcançadas	Categoria – Relação das jovens mães com os seus filhos
Tema 2 – Formação parental	Categoria – Importância de participar na formação parental

Iremos agora relativamente ao tema 1: “Mudanças pessoais alcançadas” apresentar as respetivas categorias e subcategorias.

Tabela 12 – Categorias, subcategorias e respetivas unidades de discurso relativas ao tema 1

Categorias	Subcategorias	Unidades de discurso	R
Relação das jovens mães com os seus filhos	Regras	<p>“Ela agora a nível de birras, por exemplo como a gente falamos lá, ela agora já está melhorando (...)”(Mãe 1)</p> <p>“ (...) quando ela quer uma coisa ela já compreende melhor quando a pessoa não pode.” (Mãe 1)</p> <p>“ (...) a I. deve ter sentido (...) eu agora dou o castigo (...)”(Mãe 2)</p> <p>“Ela [filha] tem de cumprir [o castigo].” (Mãe 2)</p> <p>“Em certas e determinadas coisas eu estou mais rígida, nas reações dela, nas birras, isso tudo (...)” (Mãe 6)</p> <p>“Já consigo [dar castigos].” (Mãe 2)</p>	6
	Pensar antes de agir	<p>“ (...) mas fez-me pensar melhor antes de agir, antes de reagir se ela faz uma asneira, não é logo ferver em pouca água, é dizer: “não é assim, não podes fazer assim, tem de ser assim, isso não ta bem.” (Mãe 6)</p> <p>“ (...) depois que comecei nas formações, eu acho que mudou bastante agora eu começo a pensar e a ver primeiro antes de reagir.” (Mãe 6)</p> <p>“ (...) principalmente o modo como eu agia com a C.” (Mãe 6)</p> <p>“ (...) fez-me mudar mesmo bastante a maneira como eu reagia com a menina.” (Mãe 6)</p> <p>(...) há outras coisas que eu tento perceber e ajudar e estou mais molinha nas coisas dela.” (Mãe 6)</p>	5
	Forma de falar e explicar	<p>“ (...) eu acho que notei mais a diferença em mim própria, porque a maneira de falar com eles mudou, a maneira de tentar explicar as coisas a eles mudou bastante.” (Mãe 3)</p> <p>“Não é que eles me tenham chamado à atenção que estou diferente mas eu noto neles, ficam assim um bocadinho espantados, tipo o que é que estás a dizer.” (Mãe 3)</p> <p>“ (...) digo: “tens de fazer porque também ajudas a mãe, também colaboras com a participação em casa, é bom para ti e para mim.”” (Mãe 3)</p> <p>“Acho que foi mesmo o tentar explicar, a maneira de falar com eles agora é muito diferente.” (Mãe 3)</p>	4
	Pai	<p>“ (...) o pai agora já repreende mais, já ensina mais. Porque tudo que ela queria ele dava, e por exemplo eu fazia assim: ela pedia-</p>	3

		me a mim eu não dava e o pai era ao contrário, tudo o que ela pedia ao pai o pai dava. Agora a gente dá-se quando temos dinheiro (...)” (Mãe 1) “(...) tive uma conversa com ele [pai] e disse: “eu estou a fazer de uma maneira, tu estás a fazer de outra, temos de fazer os dois da mesma maneira, porque assim ela não obedece.” (Mãe 1) “(...) mas o pai tem notado muitas diferenças.” (Mãe 6)	
	Elogiar	“(...) e eu digo muito bem (...)” (Mãe 5)	1

Analisando a tabela, é visível pelas respostas das mães que foram muitas as alterações que estas mães fizeram na sua vida. Sentiram mudanças positivas e muito significativas em si próprias, consideram que aprenderam mais, quer a nível das regras, onde têm agora uma atitude muito mais firme com os seus filhos, quer na forma como explicam melhor as coisas aos seus filhos e pensam antes de agir. Têm um maior cuidado na forma como falam com os seus filhos, elogiam, o que antes não acontecia. Algumas destas mães não se limitaram a aprender e a pôr em prática o que aprenderam na formação parental, em alguns casos, conseguiram fazer com que os seus companheiros alterassem também algumas das suas atitudes.

Em suma, estas mães alcançaram resultados surpreendentes na mudança de muitas das atitudes que praticavam antes da formação parental, agindo agora de uma forma mais assertiva com os seus filhos.

No que se refere ao tema 2: “Formação parental” será apresentada na tabela 13 as respetivas categorias e subcategorias, bem como as respetivas unidades de discurso.

Tabela 13 – Categoria, subcategorias e respetivas unidades de discurso relativas ao tema 2

Categoria	Subcategorias	Unidades de discurso	R
Importância de participar na formação parental	Aprendizagem	“Porque, enquanto mãe a gente aprende sempre mais (...)” (Mãe 5) “Ter participado nisto, fiquei a ter mais conhecimentos, achei muito importante esta formação, porque há coisas que eu não sabia.” (Mãe 1) “Foi muito importante isto, prontos, ensinou muita coisa que muitas mães não sabem foi muito importante esta.” (Mãe 4) “(...) a pessoa vai aprendendo.” (Mãe 4)	13

	<p>Houve montes de coisas que nunca tinha pensado por isso não modificava nada.” (Mãe 2)</p> <p>“O que era bom para as mães, até eu, era haver mais destas coisas, para as mães ficarem mais preparadas, porque há muitas mães que não sabem.” (Mãe 4)</p> <p>“Sim. Porque assim a gente ficava a conhecer mais temas, por exemplo alguns temas que não foram falados podia-se falar.” (Mãe 1)</p> <p>“(…) como eles ainda são pequeninos, para começar a pensar: “quando ela fizer aquilo eu já sei como vou agir”, porque é de pequenino que a gente leva eles pela vida fora.” (Mãe3)</p> <p>“(…) ao menos vêm aqui e vão aprendendo outras coisas, com se ensina, como se educa, prontos muita coisa.” (Mãe 4)</p> <p>“Para que as outras mães se interessem mais para fazerem coisas melhores com os filhos.” (Mãe 5)</p> <p>“Principalmente para aquelas mães mais novas (…) e para as crianças também coitadinhas.” (Mãe 2)</p> <p>“(…) apendi muita coisa com isto sim senhora.” (Mãe 4)</p> <p>“Algumas coisas que, não é que eu fazia mal, mas também aprender mais coisas, a gente consegue melhorar mais a nível das coisas que a gente faz.” (Mãe 5)</p>	
Aplicação das aprendizagens	<p>“(…) agora a gente [ela e o marido] fala mais vezes sobre isso [castigos], que é para não correr o risco de ele dizer uma coisa e eu outra.” (Mãe 2)</p> <p>“A nível de birras, de convivência, como ajudá-la a conviver melhor com as amigas e a ter mais independência. Ajudou-me mais nesses níveis porque era onde ela tinha mais dificuldade.” (Mãe 1)</p> <p>“(…) e como mulher e mãe eu acho que foi muito importante, porque eu aprendi muita coisa e já tenho posto muita coisa em prática e tem resultado.” (Mãe 6)</p> <p>“Teve muitas coisas que a gente aprendemos na formação, e já comecei com a C.” (Mãe 5)</p>	4
Socialização	<p>“(…) isto todos os dias e todo a hora tem tema de conversa.” (Mãe 6)</p> <p>“Sim, porque acho que era um incentivo para outras mães (...)” (Mãe3)</p>	2
Julgamento externo	<p>“(…) e a gente tem aquela coisa que quer ser uma boa mãe, e quer que os nossos filhos tenham a mesma impressão da mãe.”</p>	7

		<p>(Mãe 5)</p> <p>“(…) foi de ver que há pais, que por exemplo nos textos que mostraram, que há pais que têm aquela coisas com os filhos, de falar mal com os filhos em vez de compreende-los mais.” (Mãe 1)</p> <p>“Das pessoas falarem com tanta firmeza, que é assim e assim e às vezes não é assim, pode ser para aquela pessoa, para outra já não é.” (Mãe 2)</p> <p>“Cada caso é um caso, acho que cada um deve falar por si e não por todos, ninguém sabe a minha vida.” (Mãe 2)</p> <p>“(…) porque há mães que não sabem, pensam que sabem e não sabem (…)” (Mãe 4)</p> <p>“(…) porque há jovens mães ai que não têm maturidade sequer para saber o que é ser mãe (…)” (Mãe 6)</p> <p>“(…) porque há raparigas ai que não têm sequer noção do que é ter um filho.” (Mãe 6)</p>	
	Valorização	<p>“Eu acho que foi muito importante, para sabermos dar o valor a nós próprias enquanto mulher, e sabermos que nem tudo o que nós fazemos está errado enquanto mãe (…)” (Mãe 3)</p> <p>“Muito importante, porque é assim, eu não me considero a melhor mãe do mundo, mas também não sou das piores (…)” (Mãe 6)</p> <p>“É como eu me estou sentindo.” (Mãe 2)</p>	3

Assim, relativamente ao tema 2 “**Formação parental**” e à categoria ‘*Importância de participar numa formação parental*’, tendo por base as respostas das mães entrevistadas, podemos afirmar que de uma forma geral foi possível verificar o impacto positivo que estas mães sentiram nas suas vidas após a participação na formação parental. A nível da aprendizagem e na aplicação das aprendizagens que dizem ter realizado, na socialização, relativamente ao julgamento externo e ainda a nível da sua valorização.

Vamos agora com base nas tabelas seguintes (14 e 15), perceber de uma forma mais concreta as melhorias ocorridas após a formação parental.

Tabela 14 – Avaliação das melhorias após a formação parental, relativas aos temas: "Necessidades de formação das jovens mães" e "Mudanças pessoais alcançadas"

Temas	Categorias		Subcategorias								
	Total		Mãe 1	Mãe 2	Mãe 3	Mãe 4	Mãe 5	Mãe 6	Total		
Antes formação parental: Necessidades de formação das jovens mães	Relação das jovens mães com os seus filhos	6	Regras	1	1				1	3	
			Pensar antes de agir						1	1	
			Forma de falar e explicar								1
			Pai	1							1
			Elogiar								0
Após formação parental: Mudanças pessoais alcançadas	Relação das jovens mães com os seus filhos	19	Regras	2	3				1	6	
			Pensar antes de agir						5	5	
			Forma de falar e explicar			4					4
			Pai	2					1		3
			Elogiar					1			1

Assim, na tabela 14, estão representados os dois momentos de avaliação: a fase anterior à formação parental e a fase posterior. Na fase anterior à formação, a maioria das mães apresentavam dificuldades na relação com os seus filhos, tendo necessidade de apoio ao nível da formação. Após a formação parental, fase caracterizada pelas mudanças pessoais alcançadas, observando-se que a maioria das mães conseguiu arranjar estratégias para resolver os problemas que tinham com os seus filhos e que foram resolvidos com base nas aprendizagens que as mães afirmaram ter efetuado com a frequência da formação parental.

Analisando a tabela, e fazendo uma comparação no que se refere às subcategorias, na fase anterior e posterior à formação parental, conseguimos perceber o aumento, em alguns casos bastante significativo, da cotação para todas as subcategorias

apresentadas. De referir que apenas a mãe 4 afirma não ter tido nenhuma mudança pessoal alcançada.

Um aspeto muito importante a salientar, e analisando a tabela, conseguimos perceber, que as mães não apresentam evolução em todas as subcategorias, mas essencialmente naquelas que sentiam mais dificuldades e onde tinham mais necessidade de formação. Tais resultados justificam assim, o nosso primeiro objetivo desta investigação pois, partindo das necessidades destas mães, os resultados nas áreas em que estas apresentam dificuldades foram na sua maioria superados.

Passando à análise da tabela 15, apresentam-se os resultados da avaliação das melhorias após a formação parental.

Tabela 15 – Avaliação das melhorias após a formação parental, relativo ao tema "Formação parental"

Tema	Categoria		Subcategorias							
	Total		Mãe 1	Mãe 2	Mãe 3	Mãe 4	Mãe 5	Mãe 6	Total	
Antes formação parental: Formação parental	Importância da participação na formação parental	12	Aprendizagem	1	3	1	1		1	7
			Aplicação das aprendizagens							0
			Atualização	2						2
			Socialização			2		1		3
			Julgamento externo							0
			Valorização							0
Após formação parental: Formação parental	Importância da participação na formação parental	29	Aprendizagem	2	2	1	5	3		13
			Aplicação das aprendizagens	1	1			1	1	4
			Atualização							0
			Socialização			1			1	2
			Julgamento externo	1	2		1	1	2	7
			Valorização		1	1			1	3

Com base na observação da tabela, anterior podemos constatar, que no que diz respeito ao tema “**Formação parental**”, e à categoria ‘*Importância de participar numa formação parental*’, observou-se um grande aumento de cotação na fase posterior à formação parental, uma vez que na fase inicial apenas existiam expectativas em relação à formação.

Apesar de se manifestar uma diminuição de referências à subcategoria ‘*Atualização*’ e ‘*Socialização*’, todas as outras subcategorias manifestaram um aumento de cotação na fase posterior à formação parental, possibilitando que todas as mães aumentassem os seus conhecimentos através da ‘*Aprendizagem*’ que dizem ter realizado, e com base em exemplos concretos referidos na ‘*Aplicação das Aprendizagens*’, adquiridos na formação parental.

Tendo por base a nossa pergunta de partida: *Será que as jovens mães de crianças em idade pré-escolar, apoiadas pelo Centro de Mãe do Funchal, que frequentam um programa de formação parental, apresentam evolução nas suas competências parentais, manifestadas na sua autoestima e na relação com os seus filhos?* consideramos assim, ter respondido em parte, de forma positiva, sendo estes dados complementados com os dados recolhidos nos outros instrumentos utilizados neste estudo.

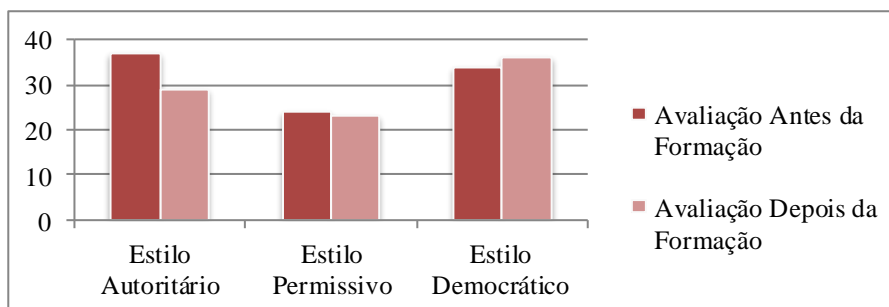
3.2. Análise dos resultados da aplicação do Questionário dos Estilos Parentais – Pais (Adaptação Do *Parental Authority Questionnaire* Paq, De Buri, 1991)

A análise de resultados da aplicação do Questionário dos Estilos Parentais – Pais (Pires et al.,2011) foi realizada tendo em conta a explicação vigente na validação preliminar deste questionário.

As folhas de cotação e perfil do Questionário dos Estilos Parentais – Pais encontram-se em anexo, os resultados antes da aplicação da formação parental (anexo XXVI) e os resultados após a formação parental (anexo XXVII).

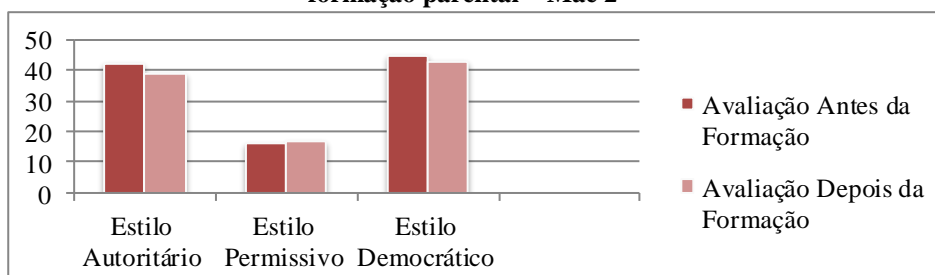
No que diz respeito a Mãe 1 na avaliação inicial esta adotava primordialmente um estilo parental autoritário. Verificou-se que na avaliação final o estilo parental mais predominante passou a ser o democrático o que nos permite afirmar que a Mãe 1, passou a ser menos autoritária e permissiva com os seus filhos, como é possível observar no gráfico seguinte.

Gráfico 1 – Questionário dos Estilos Parentais – Pais, avaliação antes e depois da formação parental – Mãe 1



O estilo parental mais predominante da Mãe 2 na avaliação inicial foi o democrático, todavia foi possível constatar que esta mãe, também apresentava muitas características do estilo parental autoritário, não havendo uma diferença muito significativa entre estes dois estilos parentais. Na avaliação final, os resultados apresentados pela Mãe 2 indicam que manteve um estilo parental predominantemente democrático. Verificou-se ainda que houve uma ligeira diminuição dos valores do estilo autoritário, o que indica que esta mãe passou a ser menos autoritária com os seus filhos, conforme se pode observar no gráfico 2.

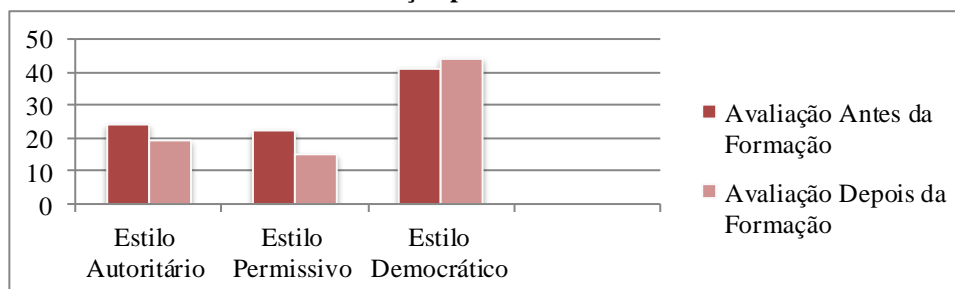
Gráfico 2 – Questionário dos Estilos Parentais – Pais, avaliação antes e depois da formação parental – Mãe 2



O estilo parental predominante na Mãe 3 na avaliação inicial foi o democrático tendo sido verificado o mesmo na avaliação final. Porém verificou-se ainda que na avaliação final houve um decréscimo dos valores dos estilos parentais autoritário e

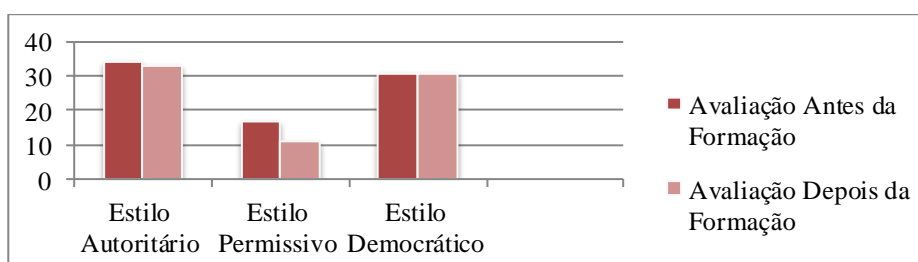
permissivo, o que nos indica que esta mãe revelou resultados, que permitiram constatar que passou a ser menos autoritária e permissiva com os seus filhos, como se pode visualizar no gráfico 3.

Gráfico 3 – Questionário dos Estilos Parentais – Pais, avaliação antes e depois da formação parental – Mãe 3



No que concerne à Mãe 4 os resultados obtidos em ambos os momentos de avaliação, permitem verificar que o estilo parental predominante é o autoritário, embora apresente também características inerentes ao estilo parental democrático, o que nos indica que esta mãe não alterou o seu estilo parental após a frequência da formação parental. Os resultados permitem-nos ainda constatar que a Mãe 4 passou a ser menos permissiva com os seus filhos, como se pode observar no seguinte gráfico.

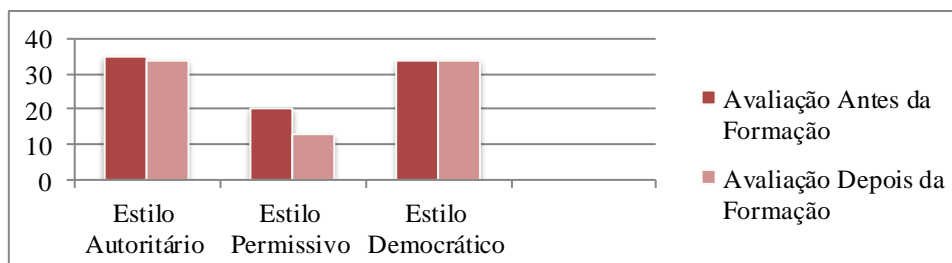
Gráfico 4 – Questionário dos Estilos Parentais – Pais, avaliação antes e depois da formação parental – Mãe 4



Na avaliação inicial o estilo parental mais predominante da Mãe 5 foi o autoritário, todavia, foi possível constatar que esta mãe, também apresentava muitas características do estilo parental democrático, não havendo uma diferença muito significativa entre estes dois estilos parentais. Na avaliação final, esta mãe apresentou resultados indicadores de um estilo parental democrático e simultaneamente autoritário, o que nos leva a constatar que após a formação parental, a Mãe 5 continuou a revelar características de um estilo parental democrático e autoritário. No entanto, podemos

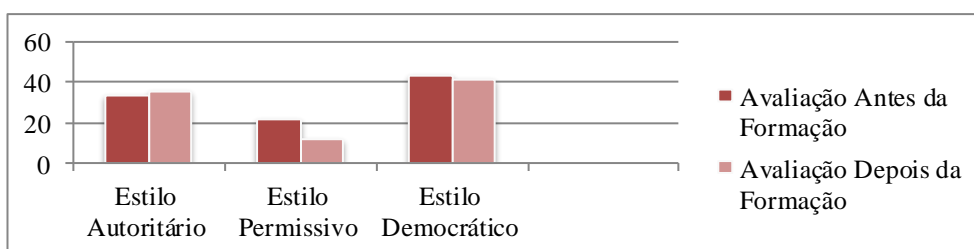
ainda verificar que se registou uma diminuição dos valores do estilo permissivo que nos indica que esta mãe após a formação parental passou a ser menos permissiva com os seus filhos, dados que podem ser observados no gráfico 5.

Gráfico 5 – Questionário dos Estilos Parentais – Pais, avaliação antes e depois da formação parental – Mãe 5



Relativamente à Mãe 6, nos dois momentos de avaliação, o estilo parental predominante foi o democrático. Embora esta mãe não tenha alterado o seu estilo parental após a frequência da formação parental, os resultados indicam que se tornou uma mãe menos permissiva na educação dos seus filhos, pois verificou-se uma diminuição dos valores dos estilo permissivo, como é possível observar no gráfico seguinte.

Gráfico 6 – Questionário dos Estilos Parentais – Pais, avaliação antes e depois da formação parental – Mãe 6



Iremos agora proceder à análise da tabela 16 onde é feita uma síntese dos resultados dos estilos parentais praticados pelas mães deste estudo, antes e após a frequência da formação parental.

Tabela 16 – Síntese dos resultados do Questionário dos Estilos Parentais – Pais

Avaliação antes formação							
Estilos Parentais		Mãe 1	Mãe 2	Mãe 3	Mãe 4	Mãe 5	Mãe 6
	Autoritário	37	42	24	34	35	33
	Permissivo	24	16	22	17	20	22
	Democrático	34	45	41	31	34	43
Avaliação depois da formação							
Estilos Parentais		Mãe 1	Mãe 2	Mãe 3	Mãe 4	Mãe 5	Mãe 6
	Autoritário	29	39	19	33	34	35
	Permissivo	23	17	15	11	13	12
	Democrático	36	43	44	31	34	41

Analisando a tabela, podemos observar que antes da formação parental três mães apresentavam como estilo parental predominante o autoritário e as restantes, o estilo democrático. Após a formação parental podemos constatar que se registaram mudanças significativas pois cinco mães enquadram-se agora no estilo democrático como o predominante, apenas uma mãe continua a apresentar mais características do estilo autoritário, e outra que apesar de se enquadrar no estilo democrático também se enquadra no autoritário.

Estes resultados indicam que a maioria das mães do nosso estudo, com base na reflexão e aprendizagem efetuada na formação parental, conseguiram modificar as suas atitudes e a forma como lidam com os seus filhos, alterando-se assim o estilo parental, o que responde de forma afirmativa à primeira pergunta de partida: *Será que se verificam algumas alterações do estilo parental praticado antes e após a frequência do programa de formação parental?*

3.3. Análise dos resultados da aplicação da Escala de Estima de Si – S.E.R.T.H.U.A.L.

Relativamente aos dados recolhidos com base na Escala de Estima de Si – S.E.R.T.H.U.A.L., foi feita uma análise tendo como referência a cotação dos autores, que a dividem em dimensões positivas e negativas, sendo cinco as dimensões positivas (dimensão A, B, C, D e E) e cinco as dimensões negativas (dimensão F, G, H, I, e J), quantitativamente e qualitativamente, bem como, as cotações das respostas expressas pelas mães e, conforme o manual interpretativo da referida escala, resultados antes da formação parental (anexo XXVIII) e resultados após a formação parental (anexo XXIX).

Assim, no âmbito da análise quantitativa, a Mãe 1 tem uma estima de si média. Estes resultados são apresentados com base nos dois itens normativos apresentados por esta escala, ou seja, relativamente à norma das habilitações literárias correspondentes ao 9º ano e à norma da faixa etária entre os 21-23 anos de idade, relativas ao sexo feminino.

Comparando a avaliação inicial e final podemos verificar que a Mãe 1 aumentou a estima de si em todas as dimensões positivas na avaliação final com exceção da dimensão B, pois manteve os mesmos valores da avaliação inicial, que a situava abaixo da média. Esta mãe apresenta valores acima da média nas dimensões A, C, D e E, estando abaixo da média apenas na dimensão B, como é visível no gráfico 7 e na tabela 17 de conversão de percentis.

Gráfico 7 – Dimensão positiva da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 1

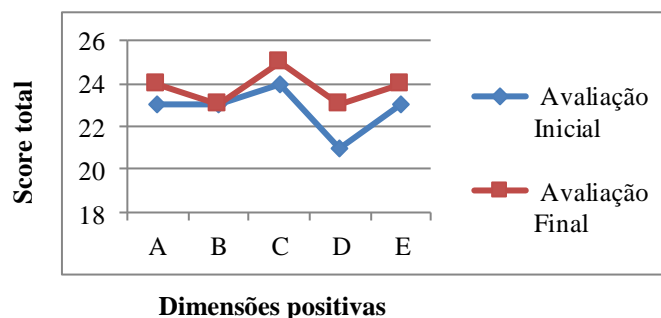


Tabela 17 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão positiva da Escola de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 1

	Scores e conversão da avaliação inicial			Scores e conversão da avaliação final		
	Total inicial	Percentil Escolaridade	Percentil Idade	Total final	Percentil Escolaridade	Percentil Idade
Dimensão A	23	50-60	60	24	60	60-70
Dimensão B	23	30	30	23	30	30
Dimensão C	24	50-60	60	25	60	80
Dimensão D	21	70	60	23	90	80
Dimensão E	23	40-50	50	24	50-60	60

No que diz respeito às dimensões negativas da escala, esta mãe obteve valores distintos nos dois momentos de avaliação, caracterizadas por valores normativos acima da média nas dimensões F, G e H e nas dimensões I e J abaixo da média. No entanto, é de salientar que na avaliação final, esta mãe apresenta um aumento dos valores obtidos nas dimensões F, tendo havido um decréscimo na avaliação final nas dimensões G, H, e J. Relativamente à análise da dimensão I, verifica-se que esta mãe está muito abaixo da média na avaliação inicial, havendo um aumento nos valores obtidos na avaliação final. Todavia, o resultado ainda enquadra a Mãe 1, abaixo da média esperada, como é possível verificar no gráfico 8 e na tabela 18.

Gráfico 8 – Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 1

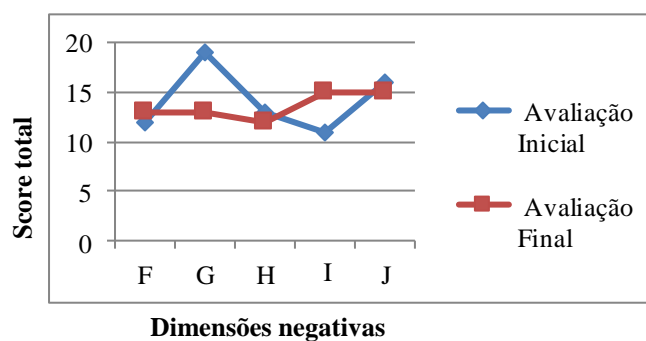


Tabela 18 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 1

	Scores e conversão da avaliação inicial			Scores e conversão da avaliação final		
	Total inicial	Percentil Escolaridade	Percentil Idade	Total final	Percentil Escolaridade	Percentil Idade
Dimensão F	12	40-50	70	13	50	70-80
Dimensão G	19	80-90	90-95	13	50	60
Dimensão H	13	60-70	80-90	12	60	80
Dimensão I	11	10	10	15	50	40
Dimensão J	16	40	40	15	40	30

Relativamente à análise qualitativa da Mãe 1, tendo como referência o manual interpretativo da escala e a avaliação inicial e final desta mãe, poderemos concluir que no que diz respeito às dimensões positivas da escala de estima de si que, esta mãe é uma mulher pouco otimista, mas positiva. Tem confiança no seu futuro e possui uma boa opinião de si mesma. Não manifesta desejo de concretizar grandes feitos na vida, nem de assumir um papel muito ativo na sociedade, no entanto, considera-se uma pessoa responsável, que gosta de tomar as suas decisões e levá-las até ao fim. Sente orgulho do seu corpo e da forma como este se desenvolve.

Para além do exposto esta mãe, na avaliação final releva-se mais assertiva e ambiciosa. Sente-se muito melhor consigo mesma, gosta mais dos outros e de atividades em grupo e acha que os outros estão mais satisfeitos consigo.

No que se refere às dimensões negativas da estima de si, a mãe 1 apesar de não se sentir uma falhada e de se respeitar, manifesta alguma dificuldade em enfrentar os acontecimentos da sua vida, mas sente-se com mais esperança no seu futuro. Esta mãe possui na avaliação final, uma atitude mais ativa no grupo e mais integrada pois, sente que os outros podem confiar em si. Possui mais valores e padrões próprios e já se sente melhor no que concerne à sua dimensão sexual. Não se zanga com tanta facilidade e já não se aborrece tanto consigo própria pelas coisas que faz.

De um modo geral, na avaliação inicial, a Mãe 2 apresentou resultados indicadores de uma estima de si acima da média, à exceção da dimensão A e E, que apresentou resultados abaixo da média esperada. Fazendo uma comparação entre a avaliação inicial e final a Mãe 2 diminuiu a estima de si, pois apresentou valores que se encontram abaixo da média esperada para os dois itens normativos utilizados, ou seja, escolaridade e idade, como se pode observar no gráfico e tabela abaixo.

Gráfico 9 – Dimensão positiva da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 2

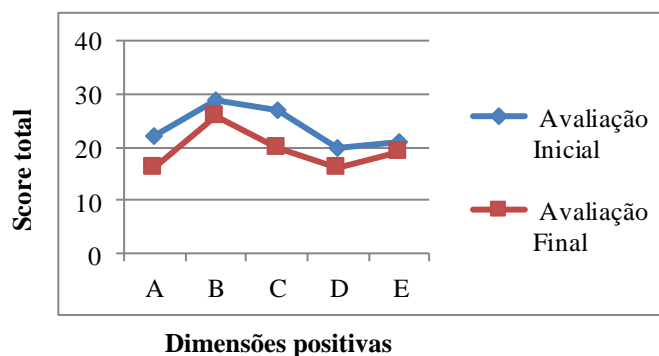


Tabela 19 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão positiva da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 2

	Scores e conversão da avaliação inicial			Scores e conversão da avaliação final		
	Total inicial	Percentil Escolaridade	Percentil Idade	Total final	Percentil Escolaridade	Percentil Idade
Dimensão A	22	40	60	16	10-20	10-20
Dimensão B	29	70	80-90	26	50	50
Dimensão C	27	70-80	90	20	20-30	20-30
Dimensão D	20	60	50	16	40	20-30
Dimensão E	21	30	30	19	10-20	10-20

No que se refere às dimensões negativas da escala, esta mãe apresentou resultados semelhantes nos dois momentos de avaliação, caracterizadas por valores normativos acima da média em todas as dimensões.

Gráfico 10 – Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 2

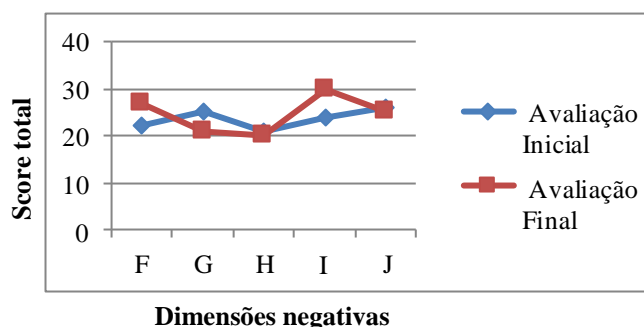


Tabela 20 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 2

	Scores e conversão da avaliação inicial			Scores e conversão da avaliação final		
	Total inicial	Percentil Escolaridade	Percentil Idade	Total final	Percentil Escolaridade	Percentil Idade
Dimensão F	22	80-90	95	27	95-99	99
Dimensão G	25	95	99	21	80-90	95-99
Dimensão H	21	80	90-95	20	70-80	90-95
Dimensão I	24	95-99	95-99	30	99	99
Dimensão J	26	95	95	25	90	90-95

A análise qualitativa da avaliação da Mãe 2, nas dimensões positivas da escala de estima de si, revelam que apresenta uma autoestima menor na avaliação final, comparativamente à avaliação inicial, declara-se uma pessoa menos otimista, possui uma má opinião de si mesma, não se sentindo bem consigo própria. No entanto, considera-se emocionalmente madura, responsável e tolerante. Apesar de gostar de participar em movimentos de solidariedade e de se sentir bem, não gosta do seu aspeto físico. Na avaliação final, considera-se ainda uma boa trabalhadora, está um pouco mais satisfeita com os seus resultados profissionais e continua com esperança em fazer grandes coisas na vida. Gosta de atividades em grupo, mas aborrece-se consigo própria pelas coisas que faz. Considera-se uma pessoa responsável e ainda tem dificuldade em controlar a sua agressividade.

Nas dimensões negativas da escala de Estima se Si, a Mãe 2 sente-se uma pessoa inútil e sem esperança no futuro, sente que não há ajuda possível para si e é incapaz de enfrentar os seus problemas. Na avaliação final, sente mais dificuldade em tomar decisões e manter-se fiel a elas e considera-se menos racional. Apesar de sentir que os outros procuram a sua companhia e de gostar de atividades em grupo, tem por vezes uma sensação de isolamento. Sente-se perturbada, não se respeita e sente que faz as coisas piores do que os outros. Considera-se muito impulsiva, nervosa e tensa, zangando-se com muita facilidade. Os seus maus resultados escolares e profissionais desencorajam-na facilmente, sentindo-se insegura e com medo de falhar. No entanto, melhorou em alguns aspetos após a formação parental, pois considera que os outros não desconfiam tanto de si e que não se aborrecem na sua companhia. Em grupo já gosta de tomar mais iniciativas, tem mais valores e manifesta menos insegurança no que concerne à sua dimensão sexual.

De um modo geral, na avaliação inicial a Mãe 3, apresentou resultados indicadores de uma estima de si acima da média, à exceção da dimensão D que apresenta resultados abaixo da média esperada e na dimensão B que se encontra num Percentil 50, ou seja, dentro da média esperada, resultados visíveis no gráfico 11 e na tabela 21.

Fazendo uma comparação entre a avaliação inicial e final relativamente à Mãe 3, esta diminuiu a estima de si, pois apresentou valores inferiores aos apresentados na avaliação inicial na maioria das dimensões, com exceção da dimensão E, que aumentou os resultados em relação à avaliação inicial. Os valores obtidos na avaliação final permitem afirmar que a Mãe 3 passou de uma estima de si acima da média para uma estima de si abaixo da média esperada, tendo em conta a escolaridade e idade, em todas as dimensões com exceção da dimensão A, que ainda se encontra acima da média e da dimensão E que se verificou um ligeiro aumento, como referido anteriormente.

Gráfico 11 – Dimensão positiva da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 3

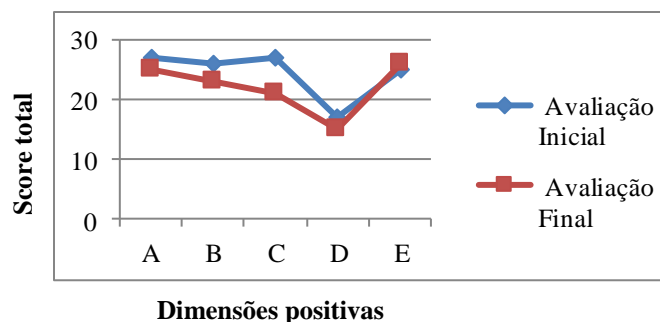


Tabela 21 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão positiva da Escala de Estima de Sí na avaliação inicial e final – Mãe 3

	Scores e conversão da avaliação inicial			Scores e conversão da avaliação final		
	Total inicial	Percentil Escolaridade	Percentil Idade	Total final	Percentil Escolaridade	Percentil Idade
Dimensão A	27	80	80-90	25	60-70	80
Dimensão B	26	50	50	23	20	20
Dimensão C	27	90	90	21	30	30-40
Dimensão D	17	20	30	15	10	10-20
Dimensão E	25	60-70	70	26	80	80

No que se refere às dimensões negativas da escala, esta mãe apresentou resultados distintos nos dois momentos de avaliação. Na avaliação inicial apresentou resultados acima da média nas dimensões H e J, dentro da média na dimensão G e abaixo da média na dimensão F e I. A avaliação final é caracterizada por valores normativos abaixo da média em todas as dimensões, à exceção das dimensões F que teve um aumento ainda assim pouco significativo e abaixo da média esperada, como podemos observar no gráfico 12 e na tabela 22.

Gráfico 12 – Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 3

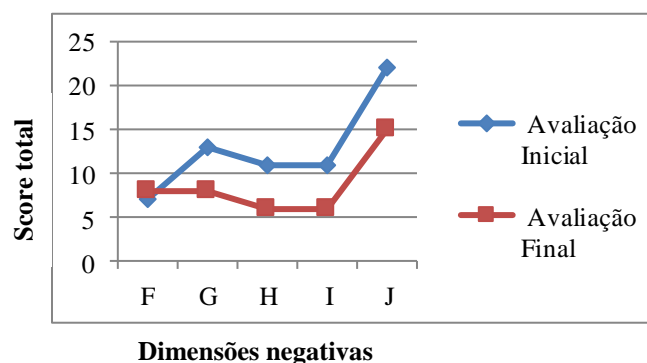


Tabela 22 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 3

	Scores e Conversão da Avaliação Inicial			Scores e Conversão da Avaliação Final		
	Total inicial	Percentil Escolaridade	Percentil Idade	Total final	Percentil Escolaridade	Percentil Idade
Dimensão F	7	20	20	8	30	30
Dimensão G	13	50	50	8	10-20	10
Dimensão H	11	70	60-80	6	10-20	10
Dimensão I	11	10	10	6	10	10
Dimensão J	22	80-90	80	15	30	20-30

Relativamente à análise qualitativa referente à mãe 3, considera-se uma pessoa otimista e apresenta uma atitude positiva para consigo. É assertiva, sente-se bem e tem uma boa opinião de si mesma, sentindo-se feliz se conseguir fazer grandes coisas na vida. É fiel às suas amigas e demonstra interesse em atividades em grupo. Considera-se uma pessoa responsável, toma as suas decisões e mantém-se fiel a elas. É mais tolerante e encontra-se emocionalmente mais madura. Relativamente ao seu trabalho, considera que os antigos patrões ficaram satisfeitos. Após a formação, considera-se ainda mais inteligente, gosta do seu aspeto físico e sente mais orgulho do seu corpo, estando mais satisfeita com a forma como este se desenvolve. Considera-se uma pessoa mais assertiva, amável, boa trabalhadora, mais sociável, com mais confiança no futuro e contente com os seus resultados escolares.

No que diz respeito à análise qualitativa das dimensões negativas, esta mãe, apesar de às vezes não saber se há ajuda possível para si, não se sente apática e enfrenta as coisas, respeitando-se a si própria. Não tem dificuldade em tomar decisões e não se sente uma falhada nem sem esperança. Apesar de achar o seu aspeto físico pouco atraente, considera-se na avaliação final mais atraente, sente que os outros confiam mais em si e que não se aborrecem na sua companhia e gosta de tomar iniciativas. Apesar de na avaliação inicial, ser uma mãe que afirma que se sente segura, considera que as suas batalhas mais árduas são consigo mesma, tem muito medo de falhar nas coisas que quer muito para a sua vida, mas não evita crises ou dificuldades. Após a formação sente que possui mais valores e padrões próprios, acha que agora é uma pessoa na qual se pode confiar. É menos impulsiva, utiliza menos estimulantes e os seus maus resultados

profissionais já não a desencorajam tão facilmente. Já não se aborrece tanto consigo própria pelas coisas que faz e já não tem tanta dificuldade em tomar decisões.

De um modo geral, na avaliação inicial a Mãe 4 apresentou resultados indicadores de uma estima de si abaixo da média em todas as dimensões.

Fazendo uma comparação entre a avaliação inicial e final a Mãe 4 aumentou a estima de si, pois apresentou valores superiores aos da avaliação inicial em todas as dimensões para os dois itens normativos. Esta mãe passou a apresentar resultados dentro da média esperada, com exceção da dimensão A relativo à norma habilitações literárias, que se encontra abaixo da média esperada e na dimensão D relativo ao percentil normativo da faixa etária, que situa esta Mãe abaixo da média esperada. Os valores obtidos na avaliação final permitem afirmar que a Mãe 4 passou de uma estima de si abaixo da média para uma estima de si dentro da média esperada, tendo em conta a escolaridade e idade da maioria das dimensões positivas conforme se pode observar no gráfico e tabela abaixo.

Gráfico 13 – Dimensão positiva da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 4

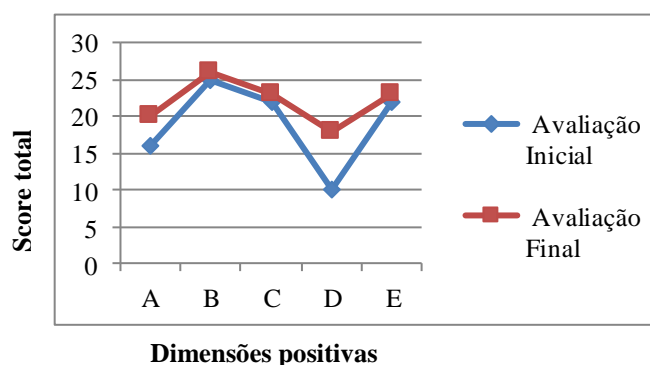


Tabela 23 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão positiva da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 4

	Scores e conversão da avaliação inicial			Scores e conversão da avaliação final		
	Total inicial	Percentil Escolaridade	Percentil Idade	Total final	Percentil Escolaridade	Percentil Idade
Dimensão A	16	10-20	10-20	20	30	40-50
Dimensão B	25	40-50	40-50	26	50	50
Dimensão C	22	30-40	40-50	23	40	50
Dimensão D	10	10	10	18	50	30-40
Dimensão E	22	30-40	40	23	40	50

No que se refere às dimensões negativas da escala, esta mãe apresentou resultados semelhantes nas dimensões F, I, J e H nos dois momentos de avaliação, caracterizadas por valores normativos acima da média esperada, todavia na dimensão H, a Mãe 4, apresenta valores normativos abaixo da média nos dois momentos no item normativo escolaridade. Verifica-se ainda que, na dimensão G, na avaliação inicial apresentava valores abaixo da média esperada e na avaliação final obteve valores que a enquadravam acima da média esperada, como é possível verificar no gráfico 14 e na tabela 24.

Gráfico 14 – Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 4

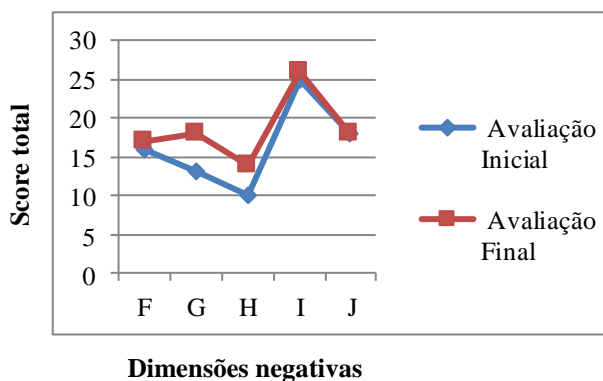


Tabela 24 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 4

	Scores e conversão da avaliação inicial			Scores e conversão da avaliação final		
	Total inicial	Percentil Escolaridade	Percentil Idade	Total final	Percentil Escolaridade	Percentil Idade
Dimensão F	16	60-70	80	17	60-70	80-90
Dimensão G	13	50	50	18	80	80-90
Dimensão H	10	20-30	60-70	16	40	80-90
Dimensão I	25	95-99	95-99	26	99	95-99
Dimensão J	18	50-60	50-60	18	50-60	50-60

No que se refere à análise qualitativa das dimensões positivas da escala de estima de si, a Mãe 4 tem uma visão pouco otimista da vida, mas sente-se bem consigo mesma. Deseja concretizar grandes feitos na sua vida e de assumir um papel na sociedade, mas não gosta de atividades de grupo. Sente-se uma pessoa responsável, e, apesar de considerar que possui um aspeto físico agradável e ser sexualmente atraente, considera-se pouco ambiciosa e desvaloriza-se intelectualmente. Esta mãe considera que tem uma atitude amável, que é trabalhadora e sociável. Após a formação parental tem uma atitude mais positiva para consigo e é mais assertiva, tendo mais confiança em si própria, nas suas decisões e em manter-se fiel a elas. É mais tolerante e sente-se emocionalmente mais madura. Está mais contente com a forma como o seu corpo se desenvolve e com os seus resultados profissionais e escolares.

Relativamente às dimensões negativas da escala de estima de si, esta mãe, apesar de não se achar uma falhada, sente-se às vezes apática, sem esperança e não se respeita, sentindo que ninguém a pode ajudar. É uma mãe que apesar de sentir que os outros a evitam e que não confiam em si, manifesta-se como sendo uma pessoa interessante; não se sente pior que os outros e gosta pouco de tomar iniciativas em grupo. É uma mãe que apesar de se sentir por vezes perturbada, expressa ter valor, valorizando-se pelo que é e acreditando em si e nos outros. Apresenta ainda alguma dificuldade em controlar a sua agressividade e é muito impulsiva, nervosa e tensa. Usa estimulantes e fica desencorajada com os seus maus resultados. Esta mãe sente-se insegura em relação a si própria e as suas batalhas mais difíceis, são consigo própria. Após a formação, esta mãe mostra-se mais otimista em alguns aspetos, pois, já sente que há ajuda para si, acha-se

mais atraente, tem mais valores e padrões próprios. Já não se zanga com tanta facilidade e já não tem tanto medo de falhar em alguma coisa que quer muito na vida.

De um modo geral, na avaliação inicial a Mãe 5, apresentou resultados indicadores de uma estima de si dentro da média nas dimensões A,C e E, e nas dimensões B e D uma estima de si abaixo da média esperada para os dois itens normativos escolaridade e idade. Fazendo uma comparação entre a avaliação inicial e final, esta mãe obteve valores idênticos nos dois momentos de avaliação, caracterizadas por valores normativos nas dimensões A, C e E acima da média, no item normativo idade, e nas dimensões B e D abaixo da média esperada, tendo em conta os dois itens normativos, observando-se tais valores no gráfico 15 e tabela 25.

Gráfico 15 – Dimensão positiva da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 5

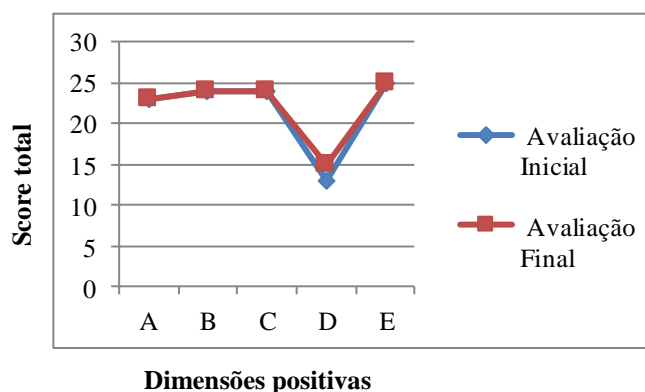


Tabela 25 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão positiva da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 5

	Scores e conversão da avaliação inicial			Scores e conversão da avaliação final		
	Total inicial	Percentil Escolaridade	Percentil Idade	Total final	Percentil Escolaridade	Percentil Idade
Dimensão A	23	50-60	50-70	23	50-60	50-70
Dimensão B	24	40	40	24	40	40
Dimensão C	24	50-60	70	24	50-60	70
Dimensão D	13	10-20	10	15	10-20	10
Dimensão E	25	50-60	70	25	50-70	70

No que se refere às dimensões negativas da escala, esta mãe apresentou na avaliação inicial valores normativos abaixo da média esperada em todas as dimensões, à exceção da dimensão H que apresentou resultados acima da média esperada. Na avaliação final aumentou em todas as dimensões, à exceção da dimensão H e I cujos valores obtidos mantiveram-se nos dois momentos. Apesar deste aumento, esta mãe ainda apresenta valores abaixo da média esperada nas dimensões F, I, e nas dimensões G, H encontra-se acima da média esperada e na dimensão J obteve valores dentro da média esperada, gráfico 16 e tabela 26.

Gráfico 16 – Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 5

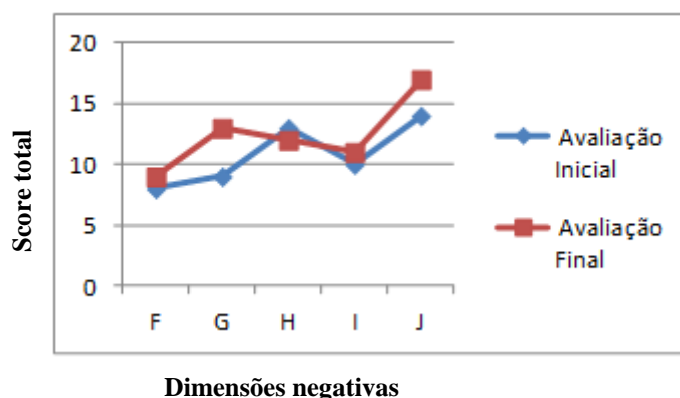


Tabela 26 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 5

	Scores e conversão da avaliação inicial			Scores e conversão da avaliação final		
	Total inicial	Percentil Escolaridade	Percentil Idade	Total final	Percentil Escolaridade	Percentil Idade
Dimensão F	8	20	30	9	30	40
Dimensão G	9	10	10-20	13	50	60
Dimensão H	13	60-70	80	12	60	70-80
Dimensão I	10	10	10	11	10	10
Dimensão J	14	20	20	17	50	50

A análise qualitativa da avaliação da Mãe 5, nas dimensões positivas da Escala de Estima de Si, revela uma autoestima idêntica na avaliação inicial e final. Embora esta

mãe não se considere muito otimista e positiva, após a formação parental demonstrou ter uma melhor opinião de si própria, sentindo-se bem e com mais confiança em si. Demonstra querer fazer grandes coisas na vida, é fiel às suas amizades, mas não demonstra interesse em participar em movimentos de solidariedade social. Sente-se responsável, gosta de tomar decisões e ser fiel a elas. É uma pessoa racional, tolerante, sente-se emocionalmente madura e considera-se sexualmente mais atraente. Esta mãe pensa que não possui um aspeto físico agradável, não sente orgulho do seu corpo e nem da forma como este se desenvolve. Na avaliação final esta mãe considera-se mais ambiciosa, mais inteligente, tem uma atitude mais amável, é mais trabalhadora e bastante mais sociável. Tem mais confiança no seu futuro e está contente com os seus resultados escolares.

Nas dimensões negativas da Escala de estima de si, a Mãe 5 manifestou um aumento pouco significativo na maioria dos itens das várias dimensões. Assim, esta mãe manifesta-se como sendo uma pessoa com esperança no futuro, não se considera uma falhada, nem apática. Após a formação parental sente que já há ajuda para si, sente que está a enfrentar mais os problemas que aparecem na sua vida e considera que possui mais valores e padrões próprios. Esta mãe não se acha agressiva nem impulsiva e não usa estimulantes como o café ou o álcool. Não se sente insegura, mas às vezes tem medo de falhar e de enfrentar as crises ou dificuldades que aparecem na sua vida.

De um modo geral, na avaliação inicial, a Mãe 6 apresentou resultados indicadores de uma estima de si abaixo da média esperada nas dimensões A,B e D, e nas dimensões C e E resultados indicadores de uma estima de si, acima da média esperada.

Fazendo uma comparação entre a avaliação inicial e final, a Mãe 6 de um modo geral passou a ter uma estima de si dentro da média esperada, tendo em conta os dois itens normativos, nomeadamente, escolaridade e idade, à exceção da dimensão B que apresentou resultados abaixo da média esperada, tal como os resultados obtidos na avaliação inicial, conforme resultados no gráfico 17 e tabela 27.

Gráfico 17 – Dimensão positiva da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 6

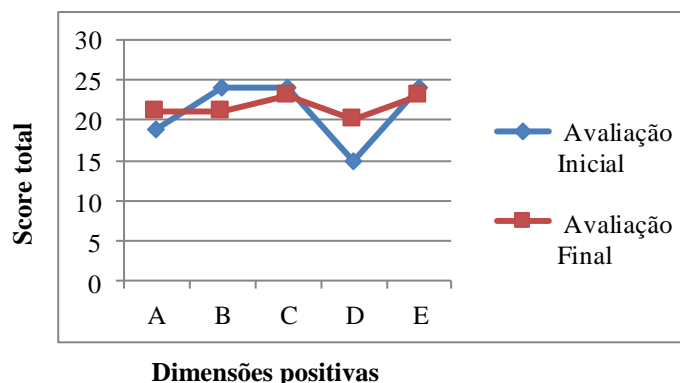


Tabela 27 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão positiva da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 6

	Scores e conversão da avaliação inicial			Scores e conversão da avaliação final		
	Total inicial	Percentil Escolaridade	Percentil Idade	Total final	Percentil Escolaridade	Percentil Idade
Dimensão A	19	40	40	21	50	50
Dimensão B	24	40	30-40	21	20	10-20
Dimensão C	24	60	60-70	23	50	50
Dimensão D	15	20	10-20	20	60-70	50
Dimensão E	24	60	60	23	40-60	50

No que se refere às dimensões negativas da escala (gráfico 18 e tabela 28), esta mãe apresentou na avaliação inicial valores normativos dentro da média esperada nas dimensões F, G, H, todavia, se considerarmos o item normativo idade, esta mãe apresenta valores dentro da média esperada e nas dimensões I e J resultados acima da média esperada nos dois itens normativos. Na avaliação final diminuiu nas dimensões F, G e H passando de valores acima da média esperada para valores abaixo da média esperada, tendo-se mantido acima da média nas dimensões D, I e J.

Gráfico 18 – Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 6

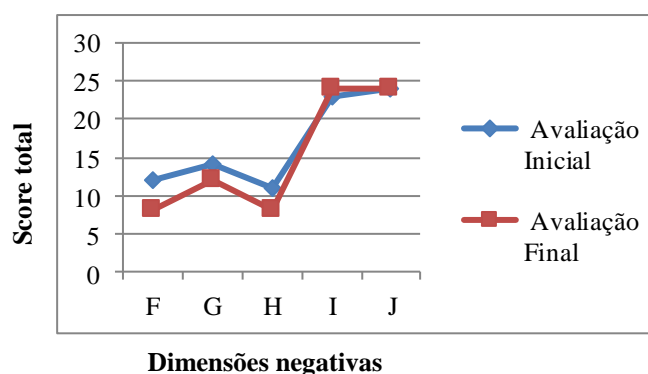


Tabela 28 – Conversão dos scores em percentis: Dimensão negativa da Escala de Estima de Si na avaliação inicial e final – Mãe 6

	Scores e conversão da avaliação inicial			Scores e conversão da avaliação final		
	Total inicial	Percentil Escolaridade	Percentil Idade	Total final	Percentil Escolaridade	Percentil Idade
Dimensão F	12	50-60	60-70	8	30	30
Dimensão G	14	50	60	12	40	40
Dimensão H	11	40-50	70-80	8	30-40	40
Dimensão I	23	90-95	95	24	90-95	95-99
Dimensão J	24	90	90-95	24	90	90-95

No que diz respeito à análise qualitativa das dimensões positivas da Escala de Estima de Si, a Mãe 6 demonstra ter uma autoestima pouco elevada, tem uma visão pouco otimista e pouca confiança em si. Manifesta desejo de concretizar grandes coisas na vida considerando-se uma pessoa responsável, racional e emocionalmente madura. Acha-se inteligente, mas não está contente, nem sente orgulho na forma como o seu corpo se desenvolve. Após a formação parental, tem uma atitude muito mais positiva para consigo mesma. Sente-se bem, tem uma melhor opinião de si e é mais fiel às suas amizades. Demonstra possuir uma maior facilidade em tomar decisões e manter-se fiel a elas. Considera-se mais ambiciosa, e o seu aspeto físico é mais agradável.

Relativamente às dimensões negativas da Escala de Estima de Si, esta mãe não se considera uma falhada. Às vezes tem uma sensação de isolamento, mas acredita que os outros não desconfiam de si. Considera-se uma pessoa de confiança e que tem valor,

mas ainda tem dificuldade em controlar a sua agressividade, zangando-se com alguma facilidade.

Após a formação parental foi notório que enfrenta mais os problemas e tem mais esperança no seu futuro. Não sente que faça as coisas pior do que outros, acha-se mais atraente e tem mais valores do que na avaliação inicial. Já não se sente tão perturbada, nem nervosa, nem tensa. Utiliza menos estimulantes e já enfrenta mais as dificuldades do seu quotidiano tomando decisões com mais à vontade.

Seguidamente será apresentada a tabela 29, onde foi feita uma síntese dos resultados da Escala de Estima de Si S.E.R.T.H.U.A.L, para as dimensões positivas e dimensões negativas.

Tabela 29 – Síntese dos resultados da Escala de Estima de Si S.E.R.T.H.U.A.L.

		Scores avaliação inicial						Scores avaliação final					
		Mãe 1	Mãe 2	Mãe 3	Mãe 4	Mãe 5	Mãe 6	Mãe 1	Mãe 2	Mãe 3	Mãe 4	Mãe 5	Mãe 6
Dimensões positivas	A	23	22	27	16	23	19	24	16	25	20	23	21
	B	23	29	26	25	24	24	23	26	23	26	24	21
	C	24	27	27	22	24	24	25	20	21	23	24	23
	D	21	20	17	10	13	15	23	16	15	18	15	20
	E	23	21	25	22	25	24	24	19	26	23	25	23
Dimensões negativas	F	12	22	7	16	8	12	13	27	8	17	9	8
	G	19	25	13	13	9	14	13	21	8	18	13	12
	H	13	21	11	10	13	11	12	20	6	16	12	8
	I	11	24	11	25	10	23	15	30	6	26	11	24
	J	16	26	22	18	14	24	15	25	15	18	17	24

Analisando a tabela, e no que diz respeito às dimensões positivas, percebemos que a Mãe 1, a Mãe 4 e a Mãe 5 obtiveram *scores* iguais ou superiores comparativamente à avaliação inicial. As restantes mães, a Mãe 2, a Mãe 3 e a Mãe 6 apresentaram na avaliação final *scores* inferiores.

Relativamente às dimensões negativas desta mesma escala, verificamos que quase a totalidade das mães apresenta na maioria *scores* iguais ou inferiores em relação

à avaliação inicial, apenas a Mãe 4 e a Mãe 5 aumentaram os *scores* em praticamente todas as dimensões negativas.

3.4. Análise dos resultados da aplicação da Escala de Autoeficácia Parental

Iremos agora proceder à análise dos resultados da Escala de Autoeficácia Parental. Esta análise será efetuada tendo por base a cotação dos *scores* na avaliação inicial (Anexo XXX) e na avaliação final (Anexo XXXI) e a sua comparação com os valores de referência das tabelas normativas do estudo de Brites (2010), salientando-se as diferenças mais significativas verificadas entre a avaliação inicial e a avaliação final.

Tendo em conta o referido, relativamente à Mãe 1, apresentou nas avaliações inicial e final da Escala de Autoeficácia Parental na dimensão positiva *scores* que a classificaram abaixo da média nos itens da subescala “*Atitudes e comportamentos parentais promotores de desenvolvimento*” e nos itens da subescala “*Equilíbrio Independência - Segurança*”, com exceção para este último item referido que na avaliação final obteve valores acima da média, *score* 4,43 correspondente ao percentil 70. O somatório final das subescalas positivas, inicialmente foi de 7,79, e na avaliação final foi de 8,33, correspondendo ao percentil 10-20 na primeira avaliação e ao 20-30 na segunda, como é visível no gráfico¹⁹ e tabela 30.

Analisando as respostas, nas duas avaliações, relativamente as subescalas da dimensão positiva, foram notórias algumas alterações positivas nomeadamente, o futuro da sua filha que é agora uma preocupação pois tenta que a sua filha distinga o certo do errado e tenta ser uma mãe mais justa. Apesar disto, manifesta que não se preocupa muita que a sua filha se comporte com boas maneiras. No entanto, quer que a sua filha escolha uma profissão que a deixe feliz e ajudando-a mais nas suas tarefas escolares.

No que diz respeito às subescalas da dimensão negativa da Escala de Autoeficácia Parental, a Mãe 1 revelou resultados distintos na avaliação inicial e final.

No que se refere aos itens “*Permissividade, Negligência, Desinteresse*” esta mãe passou do percentil 50 para o percentil 20-30 na avaliação final. No item “*Controlo Negativo*”, esta mãe inicialmente apresentava um percentil abaixo da média, 50-60, e passou para um percentil dentro da média 40-50. O somatório dos valores médios destas subescalas, na avaliação inicial correspondeu ao percentil 50-60 com um valor médio de 4,56 e na avaliação final a 3,95, percentil 30-40, havendo assim um decréscimo pouco significativo, colocando esta mãe abaixo da média, conforme se pode observar no gráfico19 e tabela 30.

Tendo em conta as respostas desta mãe nas subescalas da dimensão negativa, podemos constatar alterações na avaliação final, pois já impõe mais regras à sua filha, fixando horários para se deitar e levantar, tem de cumprir as tarefas escolares, e já não faz só os deveres que quer como acontecia anteriormente. A sua filha agora já conhece as regras de casa e tem de cumprir os castigos que a sua mãe lhe atribui. Notou-se uma mudança nesta mãe em outros aspetos, pois já se interessa mais por conhecer os amigos da sua filha e deixa que ela experimente coisas novas.

Gráfico 19 – Comparação entre as médias dos scores das dimensões da Escala de Autoeficácia Parental, inicial e final – Mãe 1

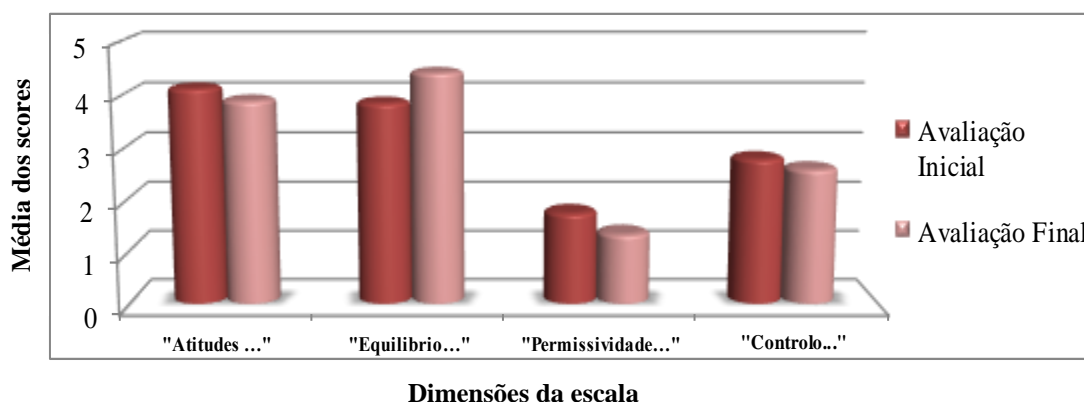


Tabela 30 – Cotação, médias e percentis das dimensões positivas e negativas da Escala de Autoeficácia Parental – Mãe 1

	Dimensões positivas	Média do score inicial	Percentil	Média do score final	Percentil
Dimensões positivas	“Atitudes...”	4,13	10-20	3,9	10
	“Equilíbrio...”	3,86	20-30	4,43	70
	Somatório da Dimensão Positiva	7,99	10-20	8,33	20-30
	Dimensões negativas	Média do score inicial	Percentil	Média do score final	Percentil
Dimensões negativas	“Permissividade...”	1,76	50	1,35	20-30
	“Controlo Negativo”	2,8	50-60	2,6	40-50
	Somatório da Dimensão Negativa	4,56	50-60	3,95	30-40
Autoeficácia total		7,99-4,56 = 3,43	40-50	8,33-3,95 = 4,38	50-60

De forma geral, esta mãe manifesta uma autoeficácia total correspondente a 3,43, enquadrando-se no percentil 40-50 na avaliação inicial, enquanto na avaliação final houve um aumento do valor para 4,38, enquadrando-se no percentil 50-60. No que diz respeito à sua autoavaliação numa escala de 0 a 20, como se considera eficaz na sua vida, a Mãe 1 conotou com 12 valores na avaliação inicial e com a nota máxima, 20 valores, na avaliação final.

No que se refere à Mãe 2, relativamente à análise das suas avaliações inicial e final da dimensão positiva da Escala de Autoeficácia Parental, quanto aos itens “*Atitudes e Comportamentos Parentais*” apresentou um decréscimo na avaliação final passando do percentil 90-99 para o percentil 80, ainda assim acima da média. Nos itens “*Equilíbrio, Independência, Segurança*” esta mãe manteve-se no percentil 70, acima da média. O somatório final das subescalas positivas é de 9,43 na avaliação inicial, percentil 80 e de 9,36 percentil 70-80, como podemos observar no gráfico 20 e tabela 31.

Relativamente à análise das respostas da mãe 2 na dimensão positiva, às vezes não tenta ser justa com a sua filha mais velha porque afirma que ela mente e inventa

muitas coisas e não se preocupa se as filhas se vestem de acordo com o estado do tempo porque é ela que escolhe a roupa para as suas filhas. Por outro lado deixa as filhas fazer as tarefas que desejam desde que ela aprove e que sirvam para ficarem mais autónomas.

Quanto às subescalas da dimensão negativa da Escala de Autoeficácia Parental, a Mãe 2 na avaliação inicial, apresentou nos itens “*Permissividade, Negligência, Desinteresse*” situou-se num percentil 30-40 e no “*Controlo Negativo*”, percentil 80 tendo na avaliação final diminuído significativamente estes valores para o percentil 20 relativamente ao primeiro item e para 40 no segundo item. O somatório final das subescalas negativas é de 5,39, percentil 60-70 na avaliação inicial e de 3,69 na avaliação final o que corresponde a um percentil de 20-30, gráfico 20 e tabela 31.

Na avaliação da dimensão negativa, tendo em conta as respostas desta mãe, podemos verificar que está mais exigente com as suas filhas pois, já não permite que estas não cumpram as suas tarefas e já conhecem as regras de casa. Já demonstra mais interesse por outros aspetos da vida das suas filhas, já conhece os seus medos, a profissão que estas querem ter e faz planos para a vida futura das filhas.

Gráfico 20 – Comparação entre as médias dos scores das dimensões da Escala de Autoeficácia Parental, inicial e final – Mãe 2

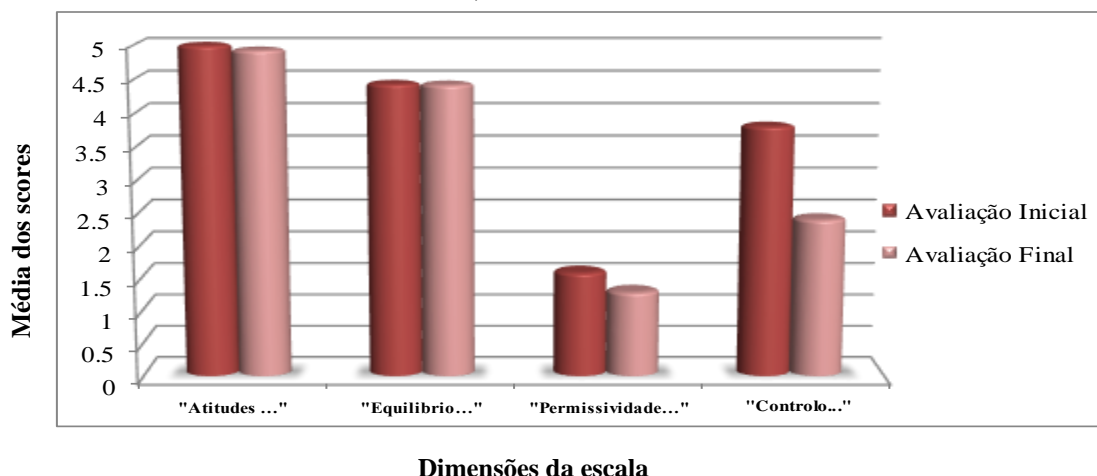


Tabela 31 – Cotação, médias e percentis das dimensões positivas e negativas da Escala de Autoeficácia Parental – Mãe 2

	Dimensões positivas	Média do score inicial	Percentil	Média do score final	Percentil
Dimensões positivas	“Atitudes...”	5	90-99	4,93	80
	“Equilíbrio...”	4,43	70	4,43	70
	Somatório da Dimensão Positiva	9,43	80	9,36	70-80
	Dimensões Negativas	Média do score inicial	Percentil	Média do score final	Percentil
Dimensões negativas	“Permissividade...”	1,59	30-40	1,29	20
	“Controlo Negativo”	3,8	80	2,4	40
	Somatório da Dimensão Negativa	5,39	60-70	3,69	20-30
Autoeficácia total		9,43-5,39 = 4,04	50-60	9,36- 3,69=5,67	80

De um modo geral, a autoeficácia total na avaliação inicial desta mãe foi de 4,04 situando no percentil da autoeficácia total 50-60, enquanto na avaliação final houve um aumento do valor para 5,66 correspondente ao percentil 80. No que diz respeito à sua autoavaliação, a Mãe 2 dá a cotação de 14 na avaliação inicial e de 17 na avaliação final.

A Mãe 3, no que se refere à análise das suas avaliações iniciais e finais da dimensão positiva da Escala de Autoeficácia Parental, nos itens “*Atitudes e Comportamentos Parentais*” passou de um percentil 20-30 para um percentil 60 na avaliação final. Nos itens “*Equilíbrio, Independência, Segurança*” encontrava-se no percentil 99 e baixou para o percentil 50 mantendo-se dentro da média. O somatório final das subescalas positivas passou do *score* 9,33 percentil 70-80 para o *score* 8,87 correspondente ao percentil 50-60, havendo assim um ligeiro decréscimo do percentil inicial, como podemos verificar no gráfico 21 e tabela 32.

Analisando as respostas desta mãe na dimensão positiva, notamos alterações positivas pois, já se preocupa mais com o futuro dos seus filhos, e que agora os seus filhos são seguidos regularmente pelo médico bem como, está mais atenta ao que se

passa com os seus filhos quando estes estão tristes ou contentes e preocupa-se que estes não brinquem com coisas perigosas.

Relativamente às subescalas da dimensão negativa da Escala de Autoeficácia Parental, a Mãe 3 apresenta resultados semelhantes nos dois momentos de avaliação para os dois itens normativos desta subescala. Verificou-se no entanto, uma diminuição no item “*Controlo*” que inicialmente se situava no percentil 20-30 e que na avaliação final passou para o percentil 10, colocando esta mãe abaixo da média esperada. O somatório final das subescalas negativas, inicialmente foi de 3, e na avaliação final foi de 3,03, ambas no percentil 10-20, tendo por base os valores de referência, conforme se demonstra no gráfico 21 e tabela 32.

Nas subescalas da dimensão negativa da escala supracitada, a Mãe 3, não manifesta grandes alterações na avaliação final comparativamente à avaliação inicial. Afirma que por vezes ainda se descontrola à frente dos seus filhos, mas já não desconhece qual a profissão que os seus filhos querem ter no futuro.

Gráfico 21 – Comparação entre as médias dos scores das dimensões da Escala de Autoeficácia Parental, inicial e final – Mãe 3

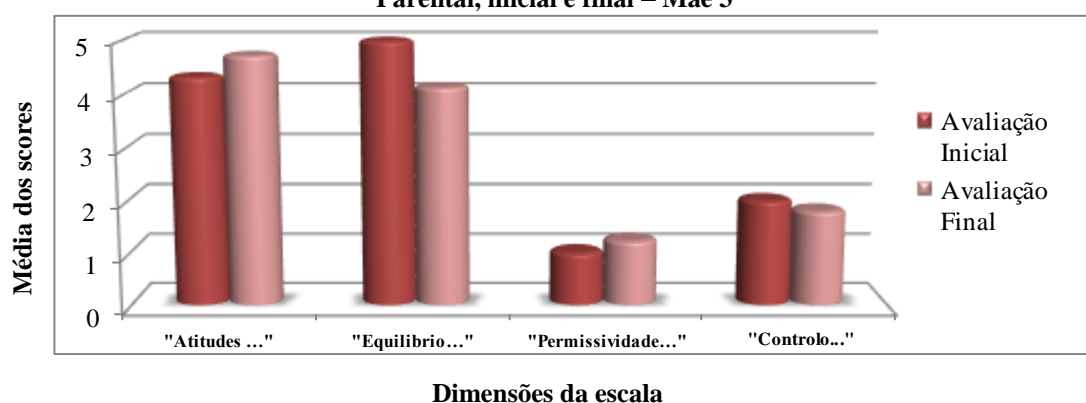


Tabela 32 – Cotação, médias e percentis das dimensões positivas e negativas da Escala de Autoeficácia Parental – Mãe 3

	Dimensões positivas	Média do score inicial	Percentil	Média do score final	Percentil
Dimensões positivas	“Atitudes...”	4,33	20-30	4,73	60
	“Equilíbrio...”	5	99	4,14	50
	Somatório da Dimensão Positiva	9,33	70-80	8,87	50-60
	Dimensões negativas	Média do score inicial	Percentil	Média do score final	Percentil
Dimensões negativas	“Permissividade...”	1	10	1,23	10-20
	“Controlo Negativo”	2	20-30	1,8	10
	Somatório da Dimensão Negativa	3	10-20	3,03	10-20
Autoeficácia total		9,33-3 = 6,33	80-90	8,87-3,03 = 5,84	80-90

Sumariamente, esta mãe manifesta uma autoeficácia total de 6,33, correspondente ao percentil 80-90, na avaliação inicial. No que se refere à avaliação final, esta mãe registou um ligeiro decréscimo, apresentando um score total de 5,85 que a situa igualmente no percentil 80-90, ou seja, em ambos os momentos da avaliação a Mãe 3 apresenta uma autoeficácia total acima da média esperada. Relativamente à sua autoavaliação de ser eficaz na sua vida, a Mãe 3 dá uma cotação de 10 na avaliação inicial e de 20 na avaliação final.

Relativamente à Mãe 4, fazendo uma comparação entre a avaliação inicial e final no que se refere à análise da Escala de Autoeficácia Parental, apresenta na avaliação final, resultados mais baixos em todos os itens. No item “*Atitudes e Comportamentos Parentais*” tinha um percentil 20-30 e baixou para 10, nos itens “*Equilíbrio, Independência, Segurança*” baixou do percentil 90 para o percentil 50. O somatório final das subescalas positivas baixou do *score* 9,19 para o 8,14 passando do percentil 60-70 para o percentil 20-30, gráfico 22 e tabela 33.

Esta mãe, apesar de manifestar uma maior preocupação com o futuro dos seus filhos e de querer que escolham uma profissão que os deixe realizados, acha que faz o

melhor que pode pelos seus filhos, mas apesar disto, não se mostra muito atenta ao estado de espírito dos seus filhos nem na escolha dos brinquedos para estes não brincarem com coisas perigosas, e nunca deixa os filhos fazerem as tarefas que desejam.

No que diz respeito às subescalas da dimensão negativa da Escala de Autoeficácia Parental, a Mãe 4 diminuiu o percentil na avaliação final nos itens “*Permissividade, Negligência, Desinteresse*”, passando de 60-70 para o 20-30 e no “*Controlo Negativo*” diminuiu de percentil em relação à avaliação inicial passou do 50-60 para o 40. O somatório final das subescalas negativas passou de um *score* de 5,79 para 3,81, verificando-se que deixou de estar acima da média esperada passando a apresentar resultados abaixo da média, ou seja, passou de um percentil de 60-70 para o percentil 30-40, como se pode visualizar no gráfico 22 e tabela 33.

Analisando as subescalas da dimensão negativa da Escala de Autoeficácia Parental, a Mãe 4 apresenta muitas alterações positivas em alguns itens comparativamente à avaliação inicial. Assim, sente agora mais necessidade de ir à escola dos filhos, estes já conhecem o porquê das regras lá de casa, já se preocupa que os filhos façam os deveres todos e não só os que querem e já não os faz por eles. Esta mãe está mais rigorosa com os seus filhos, pois já não permite que estes não cumpram os castigos que lhe atribui, não deixam que assistam aos conflitos entre os pais, e preocupa-se quando se descontrola à frente dos seus filhos. Também já conhece as profissões que os filhos querem ter e os desejos destes para o seu futuro.

Gráfico 22 – Comparação entre as médias dos scores das dimensões da Escala de Autoeficácia Parental, inicial e final – Mãe 4

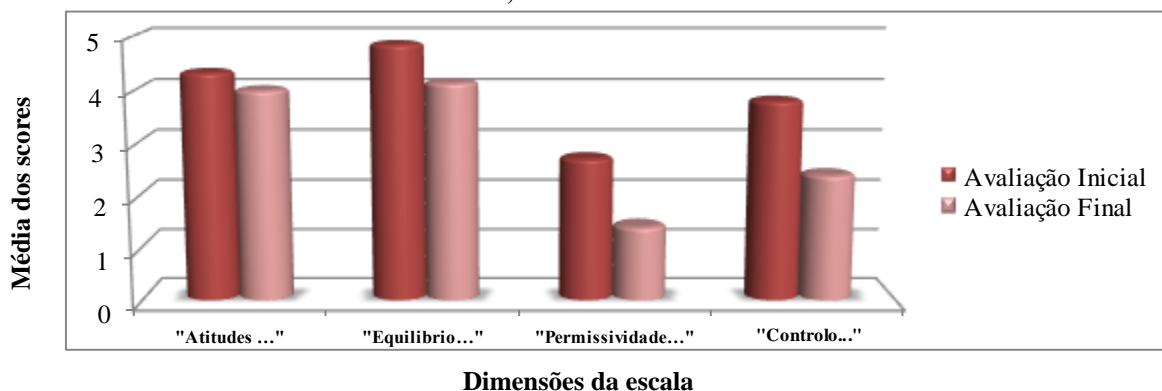


Tabela 33 – Cotação, médias e percentis das dimensões positivas e negativas da Escala de Autoeficácia Parental – Mãe 4

	Dimensões positivas	Média do score inicial	Percentil	Média do score final	Percentil
Dimensões positivas	“Atitudes...”	4,33	20-30	4	10
	“Equilíbrio...”	4,86	90	4,14	50
	Somatório da Dimensão Positiva	9,19	60-70	8,14	20-30
	Dimensões negativas	Média do score inicial	Percentil	Média do score final	Percentil
Dimensões negativas	“Permissividade...”	2,71	60-70	1,41	20-30
	“Controlo Negativo”	3,8	50-60	2,4	40
	Somatório da Dimensão Negativa	5,79	60-70	3,81	30-40
Autoeficácia total		9,19-5,79 = 3,40	40	8,14-3,81 = 4,33	50-60

Em geral, a autoeficácia total na avaliação inicial desta mãe foi de 3,40 situando-a no percentil da autoeficácia total de 40 enquanto que, na avaliação final, houve um aumento do valor para 4,33, correspondente ao percentil 50-60. No que se refere à sua autoavaliação numa escala de 0 a 20, de como se considera eficaz na sua vida, a Mãe 4 conotou com 14 na avaliação inicial e com a cotação máxima na avaliação final, 20 valores.

A Mãe 5 manifestou, nas avaliações iniciais e finais da dimensão positiva da Escala de Autoeficácia Parental, *scores* que a colocaram acima da média, assim, nos itens da subescala “*Atitudes e Comportamentos Parentais*” média de 4,8 e 4,73, correspondentes, respetivamente, ao percentil 60-70 e 60. Nos itens “*Equilíbrio, Independência, Segurança*” os valores iniciais foram de 3,43, percentil 10 e no final verificou-se um aumento de *score* para 4,14 correspondente ao percentil 50. O somatório final das subescalas positivas foi de 8,23, percentil 20-30, registando-se um aumento de *score* para 8,87, percentil 50-60, como é visível no gráfico 23 e tabela 34.

Nestas duas subescalas foram visíveis as modificações do seu comportamento pois já se preocupa mais que a filha distinga o certo do errado, não deixa a filha fazer o que quer, e em casa agora todos têm tarefas incluindo a filha, o que na avaliação inicial

não acontecia. Esta mãe tem agora o cuidado de ir buscar a filha à escola sempre à mesma hora para que esta não se sinta esquecida. A nível do diálogo com a filha apesar de ser frequente esta mãe ainda precisa de melhorar ainda mais este aspeto.

No que diz respeito às subescalas da dimensão negativa da Escala de Autoeficácia Parental, a Mãe 5 nos itens “*Permissividade, Negligência, Desinteresse*” na avaliação inicial apresentou o score de 1,58, percentil 50-60, e na avaliação final 1,29, percentil 20. Em relação ao item “*Controlo Negativo*”, inicialmente a Mãe 5 tinha um *score* de 4,6, correspondente ao percentil 90-99, dos valores de referência, onde se verificou um *m* decréscimo na avaliação final, passando para um *score* de 3,2, percentil 60-70. O somatório final das subescalas negativas é de 6,18, percentil 60-70 diminuindo na avaliação final para 4,49, percentil 40-50, resultados apresentados no gráfico 23 e tabela 34.

Na dimensão negativa foram claras as mudanças desta mãe, pois está mais exigente e preocupada com o futuro da sua filha, a sua filha agora conhece as regras que deve cumprir em casa, já não faz as coisas pela filha quando ela não é capaz e já deixa a filha participar na escolha da roupa.

Gráfico 23 – Comparação entre as médias dos scores das dimensões da Escala de Autoeficácia Parental, inicial e final – Mãe 5

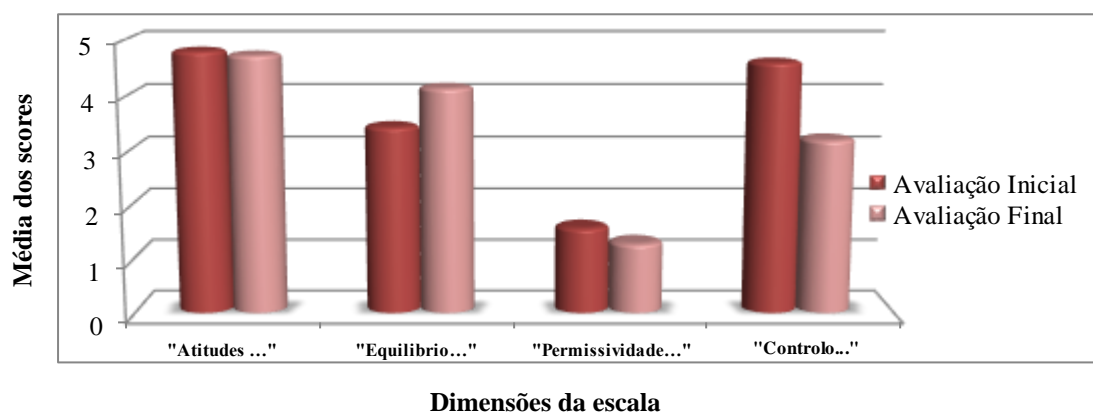


Tabela 34 – Cotação, médias e percentis das dimensões positivas e neg**ativas da Escala de Autoeficácia Parental – Mãe 5**

	Dimensões positivas	Média do score inicial	Percentil	Média do score final	Percentil
Dimensões positivas	“Atitudes...”	4,8	60-70	4,73	60
	“Equilíbrio...”	3,43	10	4,14	50
	Somatório da Dimensão Positiva	8,23	20-30	8,87	50-60
	Dimensões negativas	Média do score inicial	Percentil	Média do score final	Percentil
Dimensões negativas	“Permissividade...”	1,58	50-60	1,29	20
	“Controlo Negativo”	4,6	90-99	3,2	60-70
	Somatório da Dimensão Negativa	6,18	60-70	4,49	40-50
Autoeficácia total		8,23-6,18=2,05	20-30	8,77-4,49 = 4,38	50-60

De um modo geral, esta mãe manifesta uma autoeficácia total correspondente a 2,05, ou seja, correspondente ao percentil 20-30 na avaliação inicial e obtém um aumento na avaliação final com um score igual a 4,38, percentil 50-60. No que diz respeito à sua autoavaliação de ser eficaz na sua vida, a Mãe 5 dá uma cotação de 10 na avaliação inicial e na avaliação final 19 valores.

A Mãe 6 relativamente à análise da Escala de Autoeficácia Parental, na dimensão positiva esta mãe apresentou um decréscimo dos percentis em relação à subescala “*Atitudes e Comportamentos Parentais*”, que desceu do percentil 80 para o percentil 60-70, e verificou-se um aumento dos percentis nos itens “*Equilíbrio, Independência, Segurança*” passando, na avaliação inicial, do percentil 70, para o percentil 80-90, na avaliação final. O somatório final das subescalas positivas na avaliação inicial é de 9,36, percentil 70-80 e na avaliação final observou-se um aumento para 9,51, percentil 80-90, visível no gráfico 24 e tabela 35.

Nas subescalas da dimensão positiva, comparando as respostas da mãe 6, nas duas avaliações, a principal mudança verificada é que agora esta mãe vai buscar sempre a sua filha à hora combinada para que ela não se sinta esquecida.

As subescalas da dimensão negativa da Escala de Autoeficácia Parental da Mãe 6, na avaliação inicial e final apresentaram percentis abaixo da média para o item “*Permissividade, Negligência, Desinteresse*”, tendo esta mãe mantido o percentil 20-30, em ambos os momentos da avaliação. Para o item “*Controlo Negativo*”, apresentou valores idênticos nas duas avaliações correspondentes ao percentil 50-60. O somatório das subescalas da dimensão negativa, inicialmente foi de 4,21 e na avaliação final foi de 4,15, ambas no percentil 40-50 dos valores de referência, gráfico 24 e tabela 35.

No que respeita as subescalas da dimensão negativa, apesar dos valores idênticos nas duas avaliações, houve alterações positivas na sua atitude, uma vez que está mais exigente com a sua filha, agora a mãe não deixa que a filha só faça os deveres que quer, já não se descontrola à frente da filha o que antes acontecia com muita frequência, agora a filha já não chega à escola de acordo com os horários da mãe. No entanto, agora, evita que a filha experimente coisas novas, e desconhece os desejos da filha para o seu futuro embora anteriormente admitisse que conhecia.

Gráfico 24 – Comparação entre as médias dos scores das dimensões da Escala de Autoeficácia Parental, inicial e final – Mãe 6

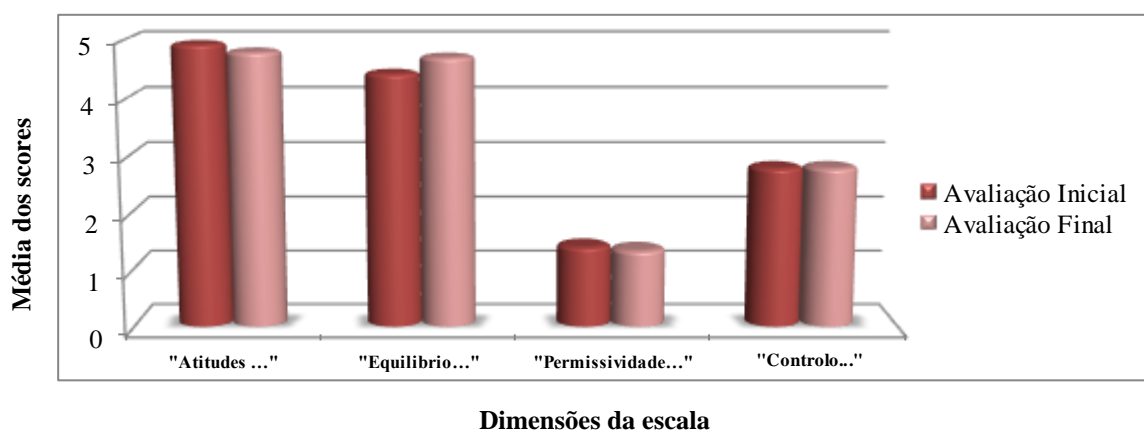


Tabela 35 – Cotação, médias e percentis das dimensões positivas e negativas da Escala de Autoeficácia Parental – Mãe 6

	Dimensões positivas	Média do score inicial	Percentil	Média do score final	Percentil
Dimensões Positivas	“Atitudes...”	4,93	80	4,8	60-70
	“Equilíbrio...”	4,43	70	4,71	80-90
	Somatório da Dimensão Positiva	9,36	70-80	9,51	80-90
	Dimensões negativas	Média do score inicial	Percentil	Média do score final	Percentil
Dimensões negativas	“Permissividade...”	1,41	20-30	1,35	20-30
	“Controlo Negativo”	2,8	50-60	2,8	50-60
	Somatório da Dimensão Negativa	4,21	40-50	4,15	40-50
Autoeficácia total		9,36-4,21=5,15	70	9,51-4,15 = 5,36	70-80

De um modo geral, a autoeficácia total na avaliação inicial desta mãe foi de 5,15 situando-a no percentil da autoeficácia total de 70, enquanto que na avaliação final houve um ligeiro aumento deste valor para 5,36, correspondente ao percentil 70-80. No que se refere à sua autoavaliação numa escala de 0 a 20, de como se considera eficaz na sua vida, a Mãe 6 conotou com 10 valores na avaliação inicial, e com a nota máxima, 20 valores, na avaliação final.

Vamos agora apresentar na tabela 36 uma síntese dos resultados da Escala de Autoeficácia Parental, para os itens das dimensões positivas e negativas e fazer uma comparação entre a avaliação inicial e a avaliação final.

Tabela 36 – Síntese dos resultados da Escala de Autoeficácia Parental para os itens das dimensões positivas e negativas, antes e após a formação parental

	Avaliação inicial				Avaliação final			
	Itens das dimensões positivas		Itens das dimensões negativas		Itens das dimensões positivas		Itens das dimensões negativas	
	Atitudes e Comportamento parentais	Equilíbrio Independência – Segurança	Permissividade Negligência Desinteresse	Controlo Negativo	Atitudes e Comportamento parentais	Equilíbrio Independência – Segurança	Permissividade Negligência Desinteresse	Controlo Negativo
Mãe 1	62	27	30	14	59	<u>31</u>	<u>23</u>	<u>13</u>
Mãe 2	75	31	27	19	74	<u>31</u>	<u>22</u>	<u>12</u>
Mãe 3	65	35	17	10	<u>71</u>	29	21	<u>9</u>
Mãe 4	65	34	46	19	60	29	<u>24</u>	<u>12</u>
Mãe 5	72	24	27	23	71	<u>29</u>	<u>22</u>	<u>16</u>
Mãe 6	74	31	24	14	72	<u>33</u>	<u>23</u>	<u>14</u>

Após a análise de resultados aqui apresentados, verifica-se que, no que diz respeito aos itens das dimensões positivas, no item “*Atitudes e Comportamento Parentais*”, a maioria das mães apresentou cotações inferiores na avaliação final, apenas a Mãe 3 obteve cotação superior ao da avaliação inicial. Ainda na mesma dimensão relativamente ao item “*Equilíbrio Independência-Segurança*”, conseguimos perceber pela análise da tabela que a maioria das mães manteve ou apresentou cotações superiores na avaliação final, apenas a Mãe 3 e a Mãe 4 apresentam resultados inferiores.

Fazendo agora uma leitura da tabela no que concerne aos itens das dimensões negativas percebemos que no item “*Permissividade, Negligência e Desinteresse*”, quase a totalidade das mães apresentou cotações inferiores na avaliação final, com

exceção da mãe 3 que apresentou valores superiores. Relativamente ao item “*Controlo Negativo*”, todas as mães apresentaram cotações inferiores na avaliação final.

Para finalizar, será agora apresentada uma síntese dos resultados da Escala de Autoeficácia Parental, relativamente à autoeficácia total, de todas as mães. A autoeficácia total foi calculada realizando a diferença entre o somatório da dimensão positiva e o somatório da dimensão negativa, e encontra-se representada na tabela seguinte.

Tabela 37 – Síntese dos resultados da Escala de Autoeficácia Parental relativamente à autoeficácia total

Autoeficácia total				
Mãe	Média do score inicial	Percentil	Média do score final	Percentil
1	3,43	40-50	4,38	50-60
2	4,04	50-60	5,66	80
3	6,33	80-90	5,84	80-90
4	3,40	40	4,33	50-60
5	2,05	20-30	4,38	50-60
6	5,15	70	5,36	70-80

Como podemos constatar pela análise da tabela, e com base nas médias dos *scores* e no percentil correspondente, todas as mães aumentaram a sua autoeficácia total, com exceção da Mãe 3, que apresentou um ligeiro decréscimo na média do *score* final, mantendo no entanto ainda no percentil inicial.

3.5. Questionário de avaliação das sessões da formação parental

Todas as mães presentes na formação parental em todas as sessões preencheram este questionário, tratou-se de um questionário que foi preenchido anonimamente, para assim conseguirmos que as mães fossem o mais sinceras possível. Este questionário serviu para avaliar cada uma das sessões da formação parental. Posteriormente, foram contabilizadas todas as respostas dadas pelas mães em cada sessão e elaborada uma tabela e o respetivo gráfico, de acordo com os dados recolhidos. Devido à extensão

deste estudo, as tabelas e os gráficos relativos a este questionário encontram-se em anexo (anexo XXXII).

Assim, com base nos dados recolhidos, podemos afirmar que a avaliação da formação foi congruente na grande maioria das sessões. De um modo geral, as mães concordaram ou concordaram totalmente, que as sessões foram importantes porque permitiram a aquisição de novos conhecimentos, que são pertinentes e que poderiam ajudá-las na educação dos seus filhos, e que as atividades desenvolvidas foram importantes para o seu dia-a-dia.

As mães mencionaram ainda estarem de acordo ou totalmente de acordo, que a linguagem utilizada no decurso da formação foi clara e objetiva.

Verificou-se ainda que, ao longo das sessões, se sentiram à vontade para colocar as suas dúvidas, à exceção de uma mãe, na sessão 2, que referiu discordar deste aspeto, o que nos leva a concluir que esta mãe certamente gostaria de ter colocado algumas questões, mas que não se sentiu à vontade para o fazer, apesar de em todas as formações ser passada a informação que poderiam questionar e tirar todas as dúvidas que surgissem e tendo sido referido que caso quisessem colocar alguma questão, mas não se sentissem à vontade, poderiam fazê-lo anonimamente escrevendo e deixando na mesa do formador à saída da sessão.

As mães consideraram, na grande maioria, que as sessões foram do seu agrado pessoal, que os temas abordados foram do seu interesse e que aconselhavam aos amigos as sessões que presenciarem na formação parental. Relativamente às expectativas das mães para cada sessão, apenas uma mãe, na sessão 5, sentiu que a sessão não correspondeu as expectativas que tinha. Mas no geral todas as mães concordaram ou concordaram totalmente que as sessões corresponderam às suas expectativas.

De salientar ainda que todas as mães concordaram ou concordaram totalmente que vão aplicar os conhecimentos adquiridos nas sessões da formação parental nas suas tarefas diárias.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Vamos agora proceder a discussão dos resultados, para tal iremos ter em conta os dados anteriormente recolhidos e analisados, bem como os estudos realizados no âmbito desta temática.

Antes de mais importa referir que, estas mães principalmente na entrevista inicial, e talvez devido ao facto do estudo ser desenvolvido no Centro da Mãe, sentiram de certa forma que estavam a ser avaliadas, o que pode ter influenciado os resultados deste estudo. Pois, as suas respostas pareciam corresponder ao que lhes aparentava ser o mais correto e não ao que realmente elas consideravam. Na entrevista final, inferimos que os resultados terão sido mais verdadeiros uma vez que as mães já se sentiam mais à vontade e consideramos que realmente perceberam que a essência da formação parental era apoiá-las e ajudá-las nas suas maiores dificuldades e não julgar as suas competências como mães. Tal como nos refere Oliveira (2004), a desejabilidade social é um problema que surge sempre que se quer investigar algo utilizando questionários, uma vez que há a tendência para responder a estes da forma que se considera mais aceitável em termos sociais. Porque queremos transmitir uma determinada imagem, temos tendência a dar respostas socialmente aceitáveis ou consideradas "corretas".

Relativamente às características das mães participantes neste estudo, consideramo-las um grupo homogéneo, ao nível da sua faixa etária todas são jovens mães, todas têm pelo menos um filho entre os 3 e os 6 anos, todas possuem fracos recursos e por isso são apoiadas pelo centro da mãe e por outras instituições devido às suas dificuldades económicas. No entanto, a nível das habilitações literárias enquadram-se em dois grupos, três mães não possuem a escolaridade obrigatória (Mãe 2, 4 e 6) e as outras três possuem a escolaridade obrigatória (Mãe 1, 3 e 5).

Todas estas mães provêm de ambientes socioeconómicos desfavorecidos, de famílias desestruturadas, e apesar disto muitas delas apresentaram ao longo da sua vida uma forte capacidade de superação e de querer saber mais para assim colmatar as dificuldades que as impedem de atingir alguns dos seus objetivos de vida. Considera-se assim urgente a intervenção precoce com estas mães, pois como refere Carrapatoso (2003), a Intervenção Precoce ocupa um lugar marcante ao nível das políticas

educativas, uma vez que são reconhecidos benefícios a vários níveis, tanto para a família como para a criança em risco. No que diz respeito à família pelo apoio que lhe é prestado com o intuito de lidar com as adversidades, e no que concerne à criança a vantagem incide no carácter preventivo da intervenção.

As nossas entrevistas iniciais, tinham como objetivo identificar as necessidades de formação das jovens mães, para assim podermos contribuir para a sua formação e possibilitar-lhes uma formação parental adequada às suas reais necessidades. Pois tal como Borges (2010), refere no seu estudo como proposta para investigações futuras, é pertinente a auscultação dos pais sobre as suas necessidades pessoais de suporte, com vista à planificação de intervenção que correspondam às necessidades reais dos pais.

Na análise das entrevistas, relativamente às necessidades de formação das mães, cada uma aborda dificuldades específicas que gostariam de ver superadas com a formação, e foram essas dificuldades que foram tidas em conta para na realização da formação parental. Assim, os nossos resultados vão ao encontro do estudo de Borges (2010), que verificou que os pais apontam para problemáticas diferentes no exercício da sua parentalidade, devendo a intervenção considerar os interesses e dificuldades identificados pelos pais. Foi o que foi feito no nosso estudo.

Na entrevista inicial as mães apresentaram muita dificuldade em se descrever, e em identificarem quais as suas dificuldades na relação com os seus filhos e as suas maiores preocupações enquanto mulheres e mães. O mesmo foi verificado num estudo realizado por Dias e Lopes (2003), onde afirmam que foi passível de ser observado, nas entrevistas, uma dificuldade das mães em se descreverem a si mesmas como mães. Referem ainda que muitas delas afirmam que tinham essa dificuldade, sendo que algumas enfatizaram o pouco tempo de maternidade como responsável por isso, enquanto outras associaram-na ao facto de ser mais difícil falar de si mesmas do que dos outros.

Neste estudo as mães no início da formação parental mostraram-se um pouco apreensivas, sem saber bem o que esperar. Mas quando perceberam que a formação era para elas e que podiam aprender muito, a maioria das mães estavam sempre atentas, interessadas e principalmente muito participativas. Resultados idênticos encontrados no

estudo de Coelho (2012), quando sublinha que estes programas podem ter um impacto positivo nas famílias envolvidas, desde que sejam devidamente planeados.

Consideramos que, de uma forma geral, todas as mães manifestaram que a formação parental foi muito importante para as suas vidas. Estes resultados vão ao encontro do estudo de Bernardo (2013), quando refere que de um modo geral, todas as participantes ficaram satisfeitas por terem participado na *Escola de Mães*, dado que todas manifestaram ser muito importante esta participação, como mulheres e como mães. Estas mães conseguiram ainda arranjar estratégias para resolver os problemas que tinham com os seus filhos, estes problemas foram resolvidos com base nas aprendizagens que as mães afirmaram ter ocorrido com a frequência da formação parental. Este facto é visível pelas unidades de significado da categoria '*Relação das jovens mães com os seus filhos*', referente ao tema "*Mudanças pessoais alcançadas*", onde muitas mães afirmam que alteram em muito a atitude que tinham anteriormente com os seus filhos, com podemos observar nas subcategorias '*Pensar antes de agir*', '*Forma de falar e explicar*' e '*Elogiar*', verificando assim alterações em si próprias e nos seus filhos. Tendo por base estes resultados no nosso estudo, os mesmos vão também ao encontro dos resultados obtidos no estudo de Quingostas (2011), uma vez que comprovou a possibilidade de alteração comportamental dos *kids* através da alteração comportamental dos pais. Esta autora refere ainda que estas mudanças estão diretamente ligadas com a aquisição de competências parentais através do programa de educação/treino parental que visa alterar as práticas parentais.

De referir que no nosso estudo apenas a Mãe 4 afirma não ter tido nenhuma mudança pessoal alcançada nesta categoria. Embora afirme o desejo de mudar, refere que mantém as atitudes iniciais e que precisa de por em prática o que aprendeu, este resultado foi também verificado por Ferreira (2010), no seu estudo quando salienta que os pais mostram o desejo de serem mais eficazes, embora tenham reconhecido o seu grau de dificuldade e a necessidade de treinarem.

Verificou-se também nos nossos resultados que apesar das mães não apresentarem evolução em todas as subcategorias, o que também não era pretendido neste estudo, apresentaram melhorias essencialmente naquilo que sentiam mais dificuldades e onde tinham mais necessidade de formação, o que justifica assim o nosso

primeiro objetivo desta investigação, pois partindo das necessidades destas mães os resultados nas áreas em que estas apresentam dificuldades são muito mais significativos.

Os resultados encontrados nesta formação foram também importantes para as mães na medida em que, analisando o tema “*Formação parental*” e a categoria ‘*Importância de participar numa formação parental*’, observou-se um grande aumento de cotação na fase posterior à formação parental, uma vez que na fase inicial apenas existiam expectativas em relação à formação. Assim, foi possibilitado que todas as mães aumentassem os seus conhecimentos representados na subcategoria ‘*Aprendizagem*’ que dizem ter realizado, e com base em exemplos concretos referidos na subcategoria ‘*Aplicação das aprendizagens*’ que referem que ocorreu com base nos conhecimentos adquiridos na formação parental. Situação similar à que aconteceu no estudo de Bernardo (2013), onde refere que o que as mães aprenderam na sua formação parental e o que atualizaram fez com que estivessem mais atentas aos filhos e às suas próprias atitudes. Segundo a mesma autora, na avaliação final as mães revelaram-se mais reflexivas e capazes de enquadrar as suas atitudes e comportamentos parentais como meio de regularização das mesmas, e na forma como se sentem eficazes no desenvolvimento da sua parentalidade.

Ainda referente à categoria ‘*Importância de participar numa formação parental*’, no que diz respeito à subcategoria ‘*Julgamento externo*’ e ‘*Valorização*’ a maioria das mães apresentaram resultados superiores na avaliação final o que indica que estas se valorizaram mais e que ficaram mais atentas ao julgamento que as outras pessoas podem fazer de si. Relativamente à subcategoria ‘*Socialização*’ esta teve pouca representação na avaliação final, apesar de ao longo da formação as mães exporem constantemente as suas dúvidas à formadora, este facto poderá estar em consonância com o estudo de Ferreira (2010), que concluiu que os pais têm necessidade de partilharem as suas dúvidas e as suas angústias, e de aceitarem o novo como oportunidade de aprendizagem e não como perigo.

Os bons resultados que estas mães conseguiram são também uma mais-valia na medida em que, como refere Loureiro (2012), os pais com maiores habilidades sociais educativas, tais como expressar sentimentos e opiniões, estabelecendo limites mas

evitando a coerção, podem prevenir e reduzir problemas de comportamento nos filhos de maneira a evitarem dificuldades escolares e de socialização na infância e na adolescência.

Tal como nas entrevistas foram evidentes as modificações das jovens mães também com base na apreciação do questionário de avaliação das sessões da Formação Parental conseguimos perceber as vantagens que esta formação trouxe para as suas vidas. Pois referem que, as sessões foram importantes e pertinentes permitindo a aquisição de novos conhecimentos que as auxiliou na educação dos seus filhos. Consideraram também a linguagem utilizada no decurso da formação clara e objetiva. As sessões e os temas abordados foram do seu agrado e interesse e aconselhavam aos amigos as sessões que presenciarem na formação parental. De salientar ainda que todas as mães concordaram ou concordaram totalmente que vão aplicar os conhecimentos adquiridos nas sessões da formação parental nas suas tarefas diárias. Os resultados do nosso estudo remetem para o estudo de Bernardo (2013), onde a autora refere que a partilha e as aprendizagens que as mães mencionam ter feito nas sessões da formação surgem como impulsionadoras de mudanças de atitudes, vigentes no discurso das participantes, que poderão alertar para uma evolução de competências parentais.

Relativamente aos dados analisados relativos ao Questionário dos Estilos Parentais – Pais, verificámos que após a formação parental se registaram mudanças significativas pois quatro mães (Mãe 1, 2, 3 e 6) enquadram-se agora no estilo democrático como sendo o seu estilo parental predominante. A revisão da literatura demonstra que, de uma maneira geral, o estilo democrático tem sido apontado como o mais vantajoso e o que melhor promove um desenvolvimento equilibrado da criança (Baumrind, 1971; Lamborn et al., 1991; Mandara & Murray, 2002; Cassoni, 2013). Os nossos resultados vão de encontro aos de Quingostas (2011), que concluiu que a grande maioria dos seus participantes apresentou inicialmente o uso de uma disciplina inconsistente e demasiado rígida para a idade dos filhos. Após a aplicação do programa denota-se um maior equilíbrio entre as forças desenvolvendo-se boas noções de disciplina apropriada.

Apenas uma mãe continua a apresentar mais características do estilo autoritário (Mãe 4), e outra que apesar de se enquadrar no estilo democrático também se enquadra

no permissivo (Mãe 5). O que demonstra que apesar do que aprendeu e da reflexão feita na formação parental, por algum motivo não se verificaram alterações significativas. De acordo com Borges (2010), estes estilos parentais assentam em escassas competências educativas e revelam uma eficácia diminuta no que refere à aprendizagem e resolução de problemas, além de fragilizarem os laços afetivos através do uso de uma disciplina inadequada e intolerante. Também Quingostas (2011), no seu estudo verificou esta situação, pois refere que existiu um elemento que participou no programa que na aplicação da bateria de pós-teste continuou a apresentar uma disciplina rígida para a idade dos filhos, e concluiu que esta situação prende-se com o facto de existir uma dificuldade na mudança de crenças, ou seja, um pai/mãe que já tenha criado seis filhos com base numa disciplina rígida dificilmente irá alterar o seu estilo parental relativamente a esta estratégia educacional pelo facto de acreditar que é a correta devido à sua crença. O mesmo poderá ter acontecido com a nossa Mãe 4, que também possui 4 filhos.

Apesar do referido, os resultados indicam que a maioria das jovens mães com base na reflexão e aprendizagem efetuada na formação parental conseguiram modificar as suas atitudes com os seus filhos, alterando-se assim o estilo parental. Os nossos resultados vão ao encontro dos resultados do estudo realizado por Marin e Levandowski (2008 *cit. in* Cassoni, 2013), com jovens mães, onde constataram que, a maioria das jovens da sua amostra recorriam ao uso de práticas coercivas, mas que com a existência de uma rede de apoio adequada, poderiam utilizar práticas menos coercivas na educação dos seus filhos.

Assim sendo, consideramos que a maioria destas mães evoluíram e apresentam agora uma outra forma de lidar com os seus filhos, pois segundo Palacios, Hidalgo e Moreno (2008 *cit. in* Simões, 2011), o estilo educativo parental influencia, a eficácia de práticas educativas específicas e resulta tradicionalmente da combinação de duas dimensões de análise básicas: a sensibilidade dos pais face às necessidades da criança, a aceitação da sua individualidade e o afeto que lhes expressam e o tipo de disciplina e as estratégias de controlo utilizadas.

Os nossos resultados também indicam que parece não haver uma relação entre os estilos parentais e as habilitações das mães, pois quer antes da formação parental,

quer após a formação as mães que apresentam como predominante o estilo parental democrático algumas delas não possuem a escolaridade obrigatória. No entanto, no estudo, de Pereira (2007), este aponta para a existência de uma correlação entre a variável escolaridade e os estilos parentais. Tal como Cruz (1996, *cit. in* Cruz, 2005), que concluiu que as mães com um nível de educação superior utilizam predominantemente estratégias disciplinares indutivas, enquanto as mães com um menor nível de educação usam mais estratégias punitivas.

Todas as mães deste estudo possuem um nível socioeconómico baixo e por isso é que são apoiadas pelo Centro da Mãe. A literatura indica que o nível socioeconómico é um bom preditor das crenças e dos comportamentos parentais (Brooks-Gunn & Markman, 2005), no entanto isto não se verificou no nosso estudo, pois apesar do baixo nível socioeconómico foi evidente as competências de algumas mães para lidar com os seus filhos, bem como o aumento bastante significativo dessas competências após a formação parental o que não vai de todo ao encontro dos autores que referem, a pobreza e a pressão económica constituem assim fatores de *stress* na parentalidade, que agravam as características parentais negativas existentes e contribuem, simultaneamente, para um aumento da hostilidade, controlo excessivo e menor responsividade parental (Kotchick, Dorsey, & Heller, 2005; Bronte-Tinkew et al., 2010 *cit. in* Simões, 2011).

No que diz respeito às dimensões positivas da Escala de Estima de Si na avaliação final, verificamos que mãe 5 manteve os mesmos valores comparativamente à avaliação inicial e que a Mãe 1 e a Mãe 4 obtiveram *scores* superiores. Vários estudos concluíram que a autoestima elevada está fortemente relacionada com as crenças que cada pessoa tem sobre si própria, com efeitos benéficos consequentes, contrariamente à baixa autoestima (Crocker & Park, 2004). A autoestima impulsiona-nos a atuar, a seguir em frente e motiva-nos para perseguir os nossos objetivos o que foi visível nestas mães e cujos resultados corroboram com o estudo de Afonso (2011).

As mães, 2, 3 e 6 apresentaram na avaliação final *scores* inferiores relativos à sua autoestima, inferimos que estes resultados poderão indicar que após a formação parental estas mães ficaram com uma imagem de si mais ajustada à realidade, no que diz respeito à sua autoestima. Estes resultados vão ao encontro dos resultados de Afonso (2011), quando refere que relativamente à autoestima menciona que mesmo que essa

imagem pessoal não corresponda à realidade, a verdade é que nos orienta nas nossas opções e decisões.

Relativamente às dimensões negativas desta mesma escala, verificamos que a maioria das mães (Mãe 1, 2, 3 e 6) apresentaram *scores* iguais ou inferiores em relação à avaliação inicial, o que indica que estas mães melhoraram e possuem uma estima de si menos negativa. Também Afonso (2011), no seu estudo salienta que a importância da autoestima reside no facto dela interferir com o modo como encaramos as situações com as quais nos defrontamos no dia-a-dia e muitas destas mães começaram a possuir uma nova visão e a encarar de forma diferente os diferentes problemas que tinham na sua vida, arranjando estratégias para os solucionar.

Ainda relativamente à Escala de Estima de Si e no que se refere às dimensões negativas, apenas a Mãe 4 e a Mãe 5 aumentaram os *scores* em praticamente todas as dimensões negativas. Estes resultados poderão indicar que poderá ter ocorrido o mesmo que aconteceu nas dimensões positivas, ou seja, na avaliação inicial as mães apresentam resultados que não eram verdadeiros e após a formação parental estas mães ficaram com uma imagem de si mais ajustada à realidade, no que diz respeito às dimensões negativas. No entanto, é interessante constatar que apenas estas duas mães (Mãe 4 e 5) relativamente ao Questionário dos Estilos Parentais – Pais, mantêm características do estilo autoritário na avaliação final. Assim, os nossos resultados indicam que parece haver uma relação entre estes dois instrumentos, também num estudo realizado por Dias e Lopes (2003), com jovens mães aconteceu uma situação similar mas nas dimensões positivas, pois este autor revelou que a autoestima refere-se à Auto valorização pessoal, ou seja quando as jovens se valorizam quanto ao facto de se considerarem boas mães consequentemente assumem-se como tendo uma boa autoestima.

Relativamente à Escala de Autoeficácia Parental todas as mães aumentaram na avaliação final a sua autoeficácia total, com exceção da Mãe 3, que apresentou um ligeiro decréscimo na média do score final, pouco significativo, mantendo no entanto ainda no percentil inicial. Assim, os nossos resultados vão ao encontro dos estudos realizados que indicam que pais com uma autoeficácia elevada são, em geral, mais otimistas, democráticos e consistentes nas suas interações com as crianças. Estes pais confiam nas suas capacidades de dominar a situação, sentem-se competentes, recorrem

a estratégias promotoras e agem focalizados nas tarefas, através do estabelecimento de planos e objetivos (Aunola et al., 1999; Ardel & Eccles, 2001).

Ainda a este propósito Brites (2010) refere que autoeficácia parental apresenta efeitos diretos no comportamento da própria criança, na medida em que os comportamentos parentais positivos empiricamente associados a níveis elevados de autoeficácia contribuem para o sentimento de eficácia da criança. Os resultados da Mãe 3 poderão encontrar justificativa na premissa de Brites (2010), onde refere que a perceção de autoeficácia parental é influenciada pelo temperamento do(s) filho(s), carência de apoio social, depressão parental e problemas económicos.

Cruzando os resultados anteriormente analisados, podemos verificar que na avaliação final, no que diz respeito à categoria “*Mudanças pessoais alcançadas*” a maioria das mães (Mãe 1, 2, 3 e 5), apresentou unidades de significado nesta categoria, no entanto relativamente aos *scores* da Escala de Autoeficácia Parental no item das dimensões positivas, “*Atitudes e comportamento parentais*”, a maioria das mães (Mãe 1, 2, 4 e 5) apresentou cotações inferiores na avaliação final. Deste modo, estes resultados indicam assim uma divergência entre o que as mães referiam nas questões de resposta aberta e as questões desta escala. Esta situação também ocorreu no estudo de Bernardo (2013), onde refere que verificou uma incoerência entre o que as mães do seu estudo mencionaram nas respostas de pergunta aberta em relação às mudanças após a participação e a resposta à Escala de Autoeficácia parental. Esta autora refere ainda que esta situação poderá ter ocorrido devido às mães manterem uma postura mais descontraída nas questões abertas, uma vez que surgiram em forma de diálogo com a investigadora, enquanto as respostas aos itens da Escala de Autoeficácia parental foram tidas como formas de avaliação formal. Situação similar poderá ter acontecido no nosso estudo. Apenas a Mãe 3 obteve na avaliação final cotação superior nas dimensões positivas no item “*Atitudes e comportamento parentais*”.

Ainda na mesma dimensão relativamente ao item “*Equilíbrio Independência-Segurança*”, verificámos que na avaliação inicial a maioria das mães já apresentavam *scores* elevados, na avaliação final a mãe 2 manteve a mesma cotação, a mãe 1, 5 e 6 apresentaram cotações superiores, apenas a Mãe 3 e a Mãe 4 apresentaram *scores* inferiores, mas não muito acentuados. Estes resultados parecem ir ao encontro dos

resultados de Bernardo (2013), uma vez que refere que alguns itens da Escala de Autoeficácia Parental, mas apenas na dimensão positiva da mesma é possível verificar que os *scores* dos itens positivos, na sua maioria, são máximos, do que se deduz que, quer na avaliação inicial quer na avaliação final, as mães já apresentavam noções claras das suas competências parentais e o seu exercício foi melhorado a partir da participação na *Escola de Mães*.

No que concerne aos itens das dimensões negativas da Escala de Autoeficácia Parental, é possível verificar-se que, no item “*Permissividade, Negligência e Desinteresse*”, quase a totalidade das mães apresentou cotações inferiores na avaliação final, e relativamente ao item “*Controlo Negativo*”, todas as mães apresentaram cotações inferiores na avaliação final. Podemos inferir que estes resultados poderão ser relacionados com os resultados do questionário de estilos parentais onde também verificámos que algumas mães deixaram de ser autoritárias e passaram a ser mais democráticas com os seus filhos. A diminuição das dimensões negativas contribuiu para o aumento da autoeficácia parental, assim de acordo com Brites (2010), uma autoeficácia parental elevada deverá funcionar como fator protetor da própria vivência parental, na medida em que facilita as relações pais-filhos e, conseqüentemente, a harmonia familiar, mesmo existindo várias crianças no núcleo da família.

A mãe 3 apresentou valores superiores no item “*Permissividade, negligência e desinteresse*”. Os nossos resultados encontram justificativa na opinião de Brites (2010) quando refere no seu estudo, que os pais mais autocríticos, provavelmente pela ausência de confiança em si próprios para tomarem decisões mais firmes em termos da saúde da criança e da manutenção das regras familiares, poderão tornar-se mais permissivos e afetivamente desinteressados.

Comparando os resultados da Escala de Estima de Si com os resultados da escala de autoeficácia parental, verificamos que a Mãe 1 e 2 apresentam resultados idênticos nas duas dimensões, positivas e negativas, o que nos remete para o estudo de Brites (2010), onde a autora menciona que ao aumento da autoeficácia parental corresponderá um aumento da autoestima, no geral, e uma diminuição das dimensões negativas de autoestima, mais especificamente.

A mãe 3 e a mãe 6 apresentam resultados similares mas apenas numa dimensão, a mãe 3 nas dimensões positivas e a mãe 6 nas dimensões negativas, tal como salienta Brites (2010), quando menciona que a autoestima positiva quando dominante torna-se um fator promotor da autoeficácia parental, levando à satisfação no desempenho das funções parentais que, conseqüentemente, leva a uma valorização de si e aumento de autoestima, o que não aconteceu com estas mães.

A mãe 4 e 5 apresentam resultados contrários nas duas dimensões, também Brites (2010) refere no seu estudo que ao nível da dimensão negativa de autoeficácia parental, foram obtidos resultados contraditórios que, em nossa opinião, simbolizam a complexidade existente na forma como a eficácia parental e autoestima interagem.

Tal como nos vários estudos previamente referidos, também no nosso estudo é possível verificar as mudanças positivas nas atitudes e comportamentos das jovens mães participantes nesta formação parental. Também Ferreira (2010) refere no seu estudo que incentivamos a uma mudança nas atitudes e levamos a que os pais reflitam na sua prática diária e já não procedam sem terem consciência das suas repercussões.

5. CONCLUSÕES

Conclui-se que, com base nos objetivos definidos para esta investigação, conseguimos identificar as necessidades ao nível da formação das jovens mães de crianças em idade pré-escolar, apoiadas pelo Centro de Mãe do Funchal e adaptar a formação parental para esta ir ao encontro das suas necessidades. Este objetivo foi concretizado tendo em conta os resultados alcançados com as entrevistas realizadas às mães antes da formação parental, às assistentes sociais e psicóloga que trabalham diariamente com estas mães.

Pretendíamos também avaliar a evolução das competências e estilos parentais destas jovens mães, e comparar os nossos resultados com outros estudos. Assim, foi evidente com base nos resultados anteriormente analisados que a maioria destas mães conseguir evoluir e adquirir novas competências que acabaram por ser uma mais-valia não só para si como mulher e mãe, mas também para os seus filhos e companheiros que acabam por beneficiar indiretamente com as mudanças positivas destas mães.

Relativamente aos estilos parentais foram também evidentes as alterações positivas por parte de algumas mães, pois com base na reflexão e aprendizagem efetuada na formação parental, conseguiram modificar as suas atitudes e a forma como lidam com os seus filhos, alterando-se assim o estilo parental de algumas mães.

Ambicionou-se ainda com este estudo perceber se estas mães consideravam pertinente uma formação deste tipo no Centro da Mãe. Foi evidente que todas as mães sem exceção consideraram que seria importante continuar a existir uma formação parental deste tipo neste Centro, pois seria uma mais-valia tanto para as mães como para os seus filhos. Referem ainda que, esta formação seria ainda mais necessária com jovens mães adolescentes as quais necessitam de ajuda mais urgente. Será assim esta constatação uma premissa a ter em conta em futuras investigações.

E consideramos que, inevitavelmente, esta reflexão empírica contribuirá para o questionamento e abertura de novas possibilidades de estudo na formação parental. Baseamo-nos no pressuposto de que a formação parental se apresenta como uma área de atuação complexa, mas capaz de produzir resultados surpreendentes e gratificantes por parte de todos os intervenientes envolvidos.

Com base nos nossos resultados conseguimos também perceber que em alguns casos, verificaram-se melhorias a vários níveis: na relação das mães na relação com os filhos e com os pais das crianças. No entanto, importa salientar que o processo avaliativo em si acabou por focar mais diretamente as mães, e não foi feita nenhuma avaliação diretamente com a criança, a família, a relação conjugal, ou outros. É indiscutível que teria sido mais completa e rica uma avaliação extensiva que tivesse em consideração também as crianças e os pais, o que poderá ser tido em conta em futuras investigações que sejam desenvolvidas no âmbito desta temática que é a formação parental.

Esperamos assim com este trabalho ter contribuído de alguma forma para o aprofundamento da temática da formação parental, e esperamos ter conseguido justificar a pertinência de uma intervenção precoce com jovens mães, tendo em vista a melhoria das suas práticas parentais beneficiando assim os seus filhos.

Conscientes de que o contributo científico poderá ter sido pequeno, mas por outro lado convictos de que o nosso trabalho poderá ter tido um contributo valioso na vida destas jovens mães e dos seus filhos.

6. LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Ao longo de todo este processo do estudo empírico foram várias as limitações que foram surgindo, pois tratou-se de um estudo moroso que passou por diferentes etapas, desde a seleção das participantes, a avaliação inicial, a participação na formação parental, bem como a avaliação final.

Uma das maiores dificuldades sentidas foi motivar as mães para a participação neste estudo, e conseqüentemente para participarem na formação parental. Apesar de todas as explicações dadas sobre a forma como todo o processo iria decorrer, consideramos que muitas delas não se sentiram à vontade o suficiente para participarem neste estudo.

Outra limitação deste estudo prendeu-se com o facto das dificuldades que muitas mães apresentaram em perceber, quer as perguntas das entrevistas quer os itens das escalas deste estudo, o que pode estar relacionado com a baixa escolaridade que algumas delas apresentavam.

Uma outra limitação que deverá ser tida em conta e que poderá ter influenciado os resultados deste estudo, está relacionada com o facto de todo o estudo ter sido desenvolvido no Centro da Mãe, pois se por um lado era um ambiente familiar para todas as jovens mães, onde se poderiam sentir mais à vontade, por outro consideramos que as mães sentiram de certa forma que estavam a ser avaliadas. Esta foi a sensação que a investigadora teve quando foram realizadas as entrevistas iniciais antes da formação parental.

Para além do referido outra limitação foi a falta de tempo para a realização de um *follow-up*, por forma a perceber se as jovens mães mantêm as suas competências parentais, manifestadas na sua autoestima e na relação com os seus filhos que adquiriram na Formação Parental, ao longo do tempo.

7. RECOMENDAÇÕES: LINHAS ABERTAS DE INVESTIGAÇÃO

Apesar da existência de vários estudos que abordam a formação parental, esta continua a ser uma área a investir pois consideramos que são muitos os pais que precisam de apoio, pois ninguém nasce a saber ser mãe ou pai. Somos mães com base no exemplo que tivemos da nossa mãe e com base nas aprendizagens que fazemos ao longo da nossa vida.

Importa ainda referir que, mais do que formar ou informar pais que aparentemente têm formação e conseguem minimamente contornar as dificuldades com as quais se vão deparando ao longo da educação dos seus filhos, é urgente apoiar jovens mães e mães adolescentes que na sua grande maioria não sabem, não têm consciência e nem estão preparadas para a importante tarefa de saber educar os seus filhos, principalmente aquelas que têm um fraco suporte familiar.

Considera-se assim importante mais investigação ao nível da formação parental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abreu-Lima, I. *et alli* (2010). *Avaliação de Intervenções de Educação Parental: Relatório 2007-2010*. [Em linha] Disponível em http://www.cnpcjr.pt/preview_documentos.asp?r=3496&m=PDF [Consultado em 10/02/2014]

Afonso, A. (2011). *A Relação entre o Sentimento de Competência Educativa Parental, o Apoio Social, a Autoestima e o Rendimento Escolar em Alunos do Ensino Básico*. Tese de Mestrado em Psicologia. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. [Em linha] Disponível em http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/2239/1/MsC_aflafonso.pdf [Consultado em 10/02/2014]

Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares: Uma Visão Sistémica*. Coimbra: Quarteto Editora.

Alarcão, M. & Relvas, A. P. (2002). *Novas formas de família*, Coimbra: Quarteto

Alcántara, J. (2000). *Como educar a auto-estima* (3ª Ed.). Lisboa: Plátano Editora.

Algarvio, S. & Leal, I. (2004). Preocupações Parentais: Validação de um Instrumento de Medida. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 5 (2), pp. 145-158.

Almeida, H. N. (1992). Educação parental, um domínio de estudo e intervenção no contexto educativo. *Investigação e Debate. Teorias e Práticas*.

Almeida, I. C. (2004). Intervenção Precoce: Focada na Criança ou centrada na família e na comunidade? *Análise Psicológica*, 1 (XXII), pp. 65-72.

Amaral, J. (1993). *Auto-eficácia, auto-regulação e desempenho na realização de tarefas cognitivas*. Tese de Mestrado em Psicologia da Educação. Lisboa: ISPA [Em linha] Disponível em

<http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/302/1/DM%20AMAR-J1.pdf> [Consultado em 12/02/2014]

Amaro, F. (2006). *Introdução à sociologia da família*, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Amato, P. R. (2000). The Consequences of Divorce for Adults and Children. *Journal of Marriage and the Family*, 62 (4), pp. 1269-1287.

Ardelt, M. & Eccles, J. (2001). Effects of mothers' parental efficacy beliefs and promotive parenting strategies on inner-city youth. *Journal of Family Issues*, 22 (8), pp. 944-972.

Aunola, K. *et alli* (1999). The role of parents' self-esteem, mastery-orientation and social background in their parenting styles. *Scandinavian Journal of Psychology*, 40, pp. 307-317.

Aunola, K. & Nurmi, E. (2005). The role of parenting styles in children's problem behavior. *Child Development*, 76 (6), pp. 1144-1159.

Azevedo, A., & Faria, L. (2004). *Auto-estima no ensino secundário: Validação da Rosenberg Self-Esteem Scale*. X Conferencia Internacional Avaliação Psicológica: formas e contextos.

Bailey, B. (2001). Evaluating Parent Involvement and family Support in Early Intervention and Preschool Programs. *Journal of Early Intervention*, 24 (1), pp. 1-14.

Bandura, A. (1977). Self-Efficacy: toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review*, 84 (2), 191-215. Retrieved from ebsco.host.com.

Bandura, A. (1982). The Assessment and Predictive Generality of Self-Percepts of efficacy. *Journal of Behaviour Therapy & Experimental Psychiatry*, 13 (3), pp. 195-199.

Bandura, A. (1994). Self-Efficacy. In: Ramachaudran, V. S. (Ed). *Encyclopedia of Human Behavior*, 4, New York: Academic, pp. 71-81. [Em linha] Disponível em <http://www.uky.edu/~eushe2/Bandura/BanEncy.html> [Consultado em 26/11/2013]

Bandura, A. (1997). Personal and collective efficacy in human adaptation and change. In: Adair, J.G., Belanger, D. & Dion, K.L. (Eds). *Advances in Psychological Science*, Vol I. Psychology Press. [Em linha] Disponível em <http://www.google.com/books> [Consultado em 12/02/2014]

Baptista, M., Santos, K. & Dias, R. (2006). Auto-eficácia, Locus de controlo e depressão em mulheres com Câncer de mama. *Psicologia Argumento*, 24 (44), pp. 27-36.

Bardin, L. (1977) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bardin, L. (1995) *Análise de Conteúdo*. Lisboa. Edições 70

Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37 (4), pp. 887-907.

Baumrind, D. (1971). Harmonious parents and their preschool children. *Developmental Psychology*, 4 (1), pp. 99-102.

Bednar, R. L., & Peterson, S. R. (1995). Self-esteem: Paradoxes and contradictions. In R. L. Bednar, S. R. Peterson (Eds.), *Self-esteem: Paradoxes and innovations in clinical theory and practice* (2nd ed.) (pp. 1-17). Washington, DC US: American Psychological Association. doi:10.1037/10174-01

Belsky, J., & de Haan, M. (2011). *Parenting and children's brain development: the end of the beginning*. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 52(4), 409-428. doi: 10.1111/j.1469-7610.2010.02281.x

Bem, L., & Wagner, A. (2006). Reflexões sobre a construção da parentalidade eo uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico. *Psicologia em*

Estudo, 11(1), 63-71. [Em linha]. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11p.781n1/v11n1a08.pdf>

Bennett, P. & Murphy, S. (1997). *Psicologia e Promoção da Saúde*. Lisboa: Climepsi Editores.

Bernardo, A. (2013). *Escola De Mães: Ser Precoce Na Intervenção*. Dissertação de Mestrado. Porto. Universidade Fernando Pessoa. [Em linha]. Disponível em: [file:///C:/Users/SONY/Downloads/Ana%20Carolina%20Couto%20Bernardo%20\(5\).pdf](file:///C:/Users/SONY/Downloads/Ana%20Carolina%20Couto%20Bernardo%20(5).pdf) [Consultado em 28/10/2013]

Borges, I. (2010). *Qualidade da Parentalidade e Bem-Estar da Criança*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Coimbra. [Em linha]. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15564/1/ana.pdf> [Consultado em 26/11/2013]

Brites, R. (2010). *Parentalidade, Auto-estima e Auto-eficácia: A Situação de Doença Crónica de um Filho*. Tese de Doutoramento. Faro: Universidade do Algarve: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Brody, G. H, Flor, D. L., & Gibson, N. M. (1999). Linking Maternal Efficacy Beliefs, Developmental Goals, Parenting Practices, and Child Competence *In: Rurall Single-Parent African American Families. Child Development*, 70 (5), pp. 1197-1128.

Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. São Paulo: Artmed Editora S.A.

Brooks-Gunn, J., & Markman, L. (2005). The contributions of parenting to ethnic and racial gaps in school readiness. *The Future of Children*, 15, pp. 139-168.

Campelo, L. (2007). *Avaliação da Qualidade dos Planos Individualizados de Apoio à Família do Projecto Integrado de Intervenção Precoce do Distrito de Coimbra*. Monografia de Licenciatura em Psicologia. Faro: Universidade do Algarve.

Caprara, G., Regalia, C., Scabibi, E., Barbaranelli, C. & Bandura, A. (2004). Assessment of Filial, Parental, Marital, and Collective Family Efficacy Beliefs. *European Journal of Psychological Assessment*, 20(4), 247-261. DOI: 10.1027/1015-5759.20.4.247.

Cardoso, R. (2008). *Meninas E Mães: A Maternidade Na Adolescência No Concelho De Câmara De Lobos*. Lisboa. Universidade Técnica De Lisboa: Instituto Superior De Ciências Sociais E Políticas. [Em linha]. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/> [Consultado em 10/02/2014]

Carmo, M. G. (2004). *A influência das características das Famílias em Intervenção Precoce na Identificação das suas necessidades e na utilidade da sua rede de apoio social*. Braga: Universidade do Minho. [Em linha]. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/589> [Consultado em 26/11/2013]

Carrapatoso, M. (2003). *Subsídios para o estudo da Intervenção Precoce centrada na família: quais as percepções dos técnicos*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. [Em linha]. Disponível em: file:///C:/Users/SONY/Downloads/Subsidios_para_o_estudo_da_intervencao_precoce_centrada_na_familia.pdf [Consultado em 10/02/2014]

Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Carvalho, J. (2008). Auto-Estima: Uma Abordagem Autoconsciencioterápica. *Conscientia*, 12 (1), pp. 18-31.

Cassoni, C. (2013). *Estilos Parentais e Práticas educativas parentais: Revisão Sistemática e crítica da literatura*. Dissertação de Mestrado. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo. Faculdade de Ciências e Letras de Ribeirão Preto. [Em linha]. Disponível em: file:///C:/Users/tmn/Downloads/MESTRADO_CYNTHIA_CASSONI.pdf [Consultado em 18/10/2013]

Chitas, V. C. (1998). *Práticas Educativas Parentais e Comportamento Social da Criança*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada. [Em linha]. Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/431/1/DM%20CHIT1.pdf> [Consultado em 18/10/2013]

Coelho, F. (2012). *Um programa de educação parental na CPCJ de Torres Vedras*. ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa: Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas. [Em linha]. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/5090/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_vers%C3%A3o%20biblioteca.pdf. [Consultado em 10/12/2013]

Coelho, M. e Murta, S. (2007). *Treinamento de pais em grupo: em relato de experiência in Estudos de Psicologia*. 24 (3) Julho-Setembro 2007, pp. 333-341. [Em linha]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n3/a05v24n3.pdf> [Consultado em 19/11/2013]

Cole, M., & Cole, S. R. (2004). *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artmed

Coleman, P. K., Karraker, K. H. (1997). Self-efficacy and parenting quality: Findings and future applications. *Developmental Review*, 18, pp. 47-85.

Coley, R. L., & Chase-Lansdale, P. L. (1998). Adolescent pregnancy and parenthood. Recent evidence and future directions. *American Psychologist*, 53 (2), pp. 152-166.

Coopersmith, S. (1967). *The Antecedents of Self-esteem*. São Francisco: W.H. Freeman.

Correia, C. (2008). *O papel do apoio social na percepção de auto-eficácia parental de mães separadas*. Tese de Mestrado em Psicologia. Lisboa: Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. [Em linha]. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/768/1/17195_Dissertacao_de_Mestrado_Claudia_Correia.pdf [Consultado em 12/02/2014]

Crocker, J. & Park, L. (2004). The costly pursuit of self-esteem. *Psychological Bulletin*, 130 (3), pp. 392-414.

Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto Editora.

Dadam, S. (2011). *Programa de orientação para parentalidade: avaliação da sua importância e momento adequado de aplicação* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Coimbra.

Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting Style as Context: An Integrative Model. *Psychological Bulletin*, 113 (3), pp. 487-496.

Decreto-Lei nº 281/2009 de 6 de Outubro de 2009. Diário da República nº 193 - I Série. Ministério da Educação, da Saúde, do Trabalho e da Solidariedade. Lisboa.

Delgado-Martins, E. (2008). *Um Programa de Educação Parental*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. [Em linha]. Disponível em: [file:///C:/Users/tmn/Downloads/TES%20MART%20E1%20-%2018440%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/tmn/Downloads/TES%20MART%20E1%20-%2018440%20(1).pdf) [Consultado em 10/02/2014]

Dias, A. & Lopes, R. (2003). Representações de maternidade de mães jovens e suas mães. *Psicologia em Estudo*, 8, pp. 63-73.

Dias, M. O. (2011). *Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica. O processo de comunicação no sistema familiar*. Comunicação sobre: A Família um Sistema Dinâmico. [Em linha]. Disponível em http://z3950.crb.ucp.pt/Biblioteca/GestaoDesenv/GD19/gestaodesenvolvimento19_139.pdf

Dunst, C. J. (2002). Family-centered practices: Birth through high school. *The Journal of Special Education*, vol. 36, pp.139-147. Database: Academic Search Premier.

Dunst, C. J. (2005). Foundations for an evidence-based approach to early childhood intervention and family support. *Casemakers*, 1 (1), pp. 1-6. [Em linha] Disponível em

http://www.fippcase.org/caseinpoint/caseinpoint_vol1_no1.pdf [Consultado em 26/11/2013]

Elder, G. H., Eccles, J. S., & Lord, S. (1995). Inner-City Parents Under Economic Pressure: Perspectives on the Strategies of Parenting. *Journal of Marriage and the Family*, 57 (3), pp. 771-784.

Erdwins, C. *et alii* (2001). The Relationship of Women's Role Strain to Social Support, Role Satisfaction and Self-Efficacy. *Family Relations*, 50 (3), pp. 230–238.

Fernandes, A. (2006). *Projeto Ser Mais, Educação para a Sexualidade Online*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade do Porto. [Em linha]. Disponível em: http://nautilus.fis.uc.pt/cec/teses/armenio/TESE_Armenio/TESE_Armenio/_vti_cnf/tese_completa.pdf [Consultado em 15/02/2014]

Ferreira, M. (2010). *O Envolvimento Parental como um Desafio Fascinante em Educação*. Dissertação de Mestrado. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. [Em linha]. Disponível em: <http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/415?show=full> [Consultado em 15/02/2014]

Gameiro, J. (1994). *Quem Sai aos Seus*. Porto: Edições Afrontamento.

Gaspar, V. (2012). *Alicerces: Avaliação Qualitativa de um Programa de Intervenção Parental*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa. [Em linha]. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/5227/1/tese%20definitiva%20Alicerces.pdf> [Consultado em 15/02/2014]

Garvin, V., Kater, N., & Hansell, J. (1993). Divorced women: Individual differences in stressors, mediating factors, and adjustment outcomes. *American Journal of Orthopsychiatry*, 63 (2), pp. 232-240.

Giddens, A. (1999). *O mundo na era da globalização* (trad. do inglês por Saul Barata), Lisboa: Presença.

Giddens, A. (2004). *Sociologia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Gomes, M., & Ribeiro, M. (2010). *(Des) complexificando os estilos parentais – com pais casados e pais divorciados/separados*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. [Em linha]. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2499/1/ulfp035810_tm.pdf [Consultado em 15/02/2014]

Gonçalves, E. (2010). *Envolvimento Parental Nos Trajectos Escolares Dos Filhos Nas Escolas Integradas E Escolas Segmentadas. A Influência Sobre Os Resultados Escolares Dos Alunos*. Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. [Em linha]. Disponível em: http://run.unl.pt/bitstream/10362/5695/1/disserta%C3%A7%C3%A3o_final_EvaGon%C3%A7alves.pdf [Consultado em 26/11/2013]

Goodyer, R., & Rubovits, J. (1982). Parent education: a model for low-income parents. *The Personal and Guidance Journal*, 60, 409-412.

Greenier, K., Kernis, M.H., & Waschull, S.B. (1995). Not all high (or low) self-esteem people are the same. Theory and research on stability of self-esteem. In M. H. Kernis (Ed.). *Efficacy, Agency, and Self-Esteem* (pp. 51-71). NI: Plenum.

Guerreiro, D. (2011). *Necessidade Psicológica de Auto-Estima/Auto-Crítica: Relação com Bem-Estar e Distress Psicológico*. Tese de Mestrado em Psicologia. Lisboa: Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. [Em linha]. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4960/1/ulfpie039658_tm.pdf [Consultado em 12/02/2014]

Harwood, K., McLean, N. & Durkin, K. (2007). First-time mothers' expectations of parenthood: what happens when optimistic expectations are not matched by later experiences? *Developmental Psychology*, 43 (1), pp. 1-12.

Hastings, R. & Brown, T. (2002). Behavior Problems of Children with Autism, Parental Self-Efficacy, and Mental Health. *American Journal of Mental Retardation*, 107 (3), pp. 222-232.

Hoghugh, M. (2004). Parenting – an introduction. In M. Hoghugh, & N. Long (Eds), *Handbook of parenting: theory and research for practice*. CA: Sage.

Kling, K. *et alii* (1999). Gender differences in self-esteem: a meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 125 (4), pp. 470-500.

Kobarg, A., Sachetti, V., & Vieira, M. (2006). Valores e crenças parentais: reflexões teóricas. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 16(2), 96-102.

Kobarg, A., & Vieira, M. (2008). Crenças e práticas de mães sobre o desenvolvimento infantil nos contextos rural e urbano. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 21(3), 401-08.

Kotchick, A., Dorsey, S., & Heller, L. (2005). Predictors of parenting among African American single mothers: Personal and contextual factors. *Journal of Marriage and Family*, 67, pp. 448-460.

Kuhn, J. & Carter, A. (2006). Maternal Self-Efficacy and Associated Parenting Cognitions among Mothers of Children with Autism. *American Journal of Orthopsychiatry*, 74 (4), pp. 564-575.

Lamborn, S. *et alii* (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent and neglectful families. *Child Development*, 62, pp. 1049-1965.

Leandro, A. (2011). “O direito da criança a uma parentalidade positiva. A formação parental como apoio à família enquanto agente e responsável central da realização desse direito”, em Daniel Sampaio et. al., *Crianças e Jovens em Risco: a Família no Centro da Intervenção*, Lisboa, Editora Principia.

Lila, T. (2009). *Auto-estima e Percepção das práticas parentais na fase inicial da Adolescência*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. [Em linha]. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/900> [Consultado em 11/03/2014]

Lorenz, F. *et alii* (1997). Married and Recently Divorced Mothers' Stressful Events and Distress: Tracing Change Across Time. *Journal of Marriage and Family*, 59, pp. 219-232.

Loureiro, K. (2012). *Relação entre a autoeficácia e autoestima parentais e rendimento escolar dos filhos*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

[Em linha]. Disponível em: https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/2751/1/msc_kkccloureiro.pdf [Consultado em 19/11/2013]

Lourenço, M. (1996). *Textos e contextos da gravidez na adolescência. A adolescente, a família e a escola*. Lisboa: Edições Fim de Século.

Maccoby, E. (1992). The role of parents in the socialization of children: Na historical overview. *Developmental Psychology*, 28 (6), pp. 1006-1017.

Malaca, I. (2008). *Hiperactividade com Défice de Atenção: que soluções? – Proposta de Construção de um Programa de Formação de Pais*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. [Em linha]. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/736/1/17394_Hiperactividade_Isabel_Malaca.pdf [Consultado em 21/10/2013]

Mandara, J., & Murray, B. (2002). Development of na empirical typology of African American family functioning. *Journal of Family Psychology*, 16 (3), pp. 318-337.

Marin, H., & Levandowski, C. (2008). Práticas educativas no contexto da maternidade adolescente: breve revisão da literatura. *Interação e Psicologia*, 12 (1), pp. 107-113.

Marques, A. (2013). *Programa de Educação Parental "(Re)Construir Famílias": Um projeto de investigação-ação*. Dissertação de Mestrado. Viseu: Instituto Politécnico de Viseu. [Em linha]. Disponível em: <http://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/1830> [Consultado em 21/10/2013]

Mejia, A., Calam, R., & Sanders, M. R. (2012). *A Review of Parenting Programs in Developing Countries: Opportunities and Challenges for Preventing Emotional and Behavioral Difficulties in Children*. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 15 (2), 163-175. doi: 10.1007/s10567-012-0116-9

Mesquita, M. (2013). *Parentalidade: Contributo para uma definição do conceito*. [Em linha]. Disponível em: <http://barometro.com.pt/archives/889> [Consultado em 21/10/2013]

Minuchin, S. (1990). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Montandon, C. (2005). As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. *Educação e Sociedade*, 26(91), 485-507. [Em linha]. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a10v2691.pdf>

Monteiro, A. (2007). Intervenção Precoce Centrada na Família. *Revista Práticas de Animação*, 1 (0).

Monteiro, I. (2012). *Estilos Educativos Parentais Rendimento Académico, Consumo de Álcool e Tabaco*. Dissertação de Mestrado. Trás-os-Montes e Alto Douro: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. [Em linha]. Disponível em: https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/2473/1/MsC_ifmonteiro.pdf [Consultado em 11/03/2013]

Monteiro, R. (2005). *O que Dizem as Mães?* Coimbra: Quarteto Editora

Nunes, O. *et alii* (2009). Escala da Estima de Si – S.E.R.T.H.U.A.L (*Self Esteem Rogers, Tap, Hipólito e UAL*) – Manual.

Oliveira, J. B. (2004). *Desejabilidade Social: Um construto de difícil avaliação*, *Psicologica*, 35, pp. 333-247. [Em linha]. Disponível em: http://sigarra.up.pt/fpceup/pt/publs_pesquisa.FormView?P_ID=82385 [Consultado em 26/11/2013]

Osório, C., & Valle, M. (2002). *Terapia de Famílias - Novas Tendências*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Oubrayrie, N., Safont, C. & Tap, P. (1991). Identité personnelle et intelligence sociale. A propos de l'estime de soi (sociale). *Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, 9 (10), pp. 63-76.

Paz, T. (2014). *Estilos Parentais e o Rendimento Escolar*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa. [Em linha]. Disponível em: <http://repositorio.ual.pt/handle/11144/691> [Consultado em 26/11/2013]

Pedrosa, A. (2009). *Gravidez e Transição para a Maternidade na Adolescência Determinantes individuais e psicossociais da ocorrência de gravidez e da adaptacao. Estudo com adolescentes da Região Autónoma dos Açores*. Universidade de Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. [Em linha]. Disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/20939/1/Tese%20Dout_AnabelaAraujoPedrosa2010.pdf.pdf [Consultado em 10/02/2014]

Pêgo, A. (2009). *Espaço Mudança: Um olhar sistémica sobre a intervenção na Promoção das Competências Parentais*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Instituto Miguel Torga. [Em linha]. Disponível em: <http://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/259/2/TESE%20andreaia%20pego%5B1%5D%5B1%5D.pdf> [Consultado em 21/10/2013]

Peixoto, F. (2003). *Auto-Estima, Autoconceito e Dinâmicas Relacionais em Contexto Escolar*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Minho: Universidade do Minho. [Em linha]. Disponível em <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/48> [Consultado em 21/10/2013]

Pelchat, D. *et alii* (2003). The effects of early relational antecedents and other factors on the parental sensitivity of mothers and fathers. *Infant and Child Development*, 12, pp. 27-51.

Pereira, F. (2007). *Crescer em relação: Estilos parentais educativos, Apoio social e Ajustamento: Estudo longitudinal com crianças em idade escolar*. Tese de Doutoramento. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Pimentel, L. (2001). *O Lugar do Idoso na Família: Contextos e Trajetórias*. Coimbra: Quarteto Editora.

Pimentel, V. (2005). *Intervenção Focada na Família: desejo ou realidade*. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.

Ponsoda, V. *et alii* (2008). Gender Differences in the Coopersmith Self-Esteem Inventory: The Incidence of Differential Item Functioning. *Journal of Individual Differences*, 29 (4), pp. 217-222.

Projeto Nós e Laços. (2013). Manual Técnico Projeto Nós e os Laços. Associação Juvenil Soltar os Sentidos. [Em linha]. Disponível em: <https://soltarossentidos.wordpress.com/projetos/nos-os-lacos/> [Consultado em 11/02/2014]

Quingostas, A. (2011). *Um Programa De Educação/Treino Parental, Parentalidade Positiva, “Pais Atentos... Pais Presentes”*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. [Em linha]. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/3690/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf> [Consultado em 26/11/2013]

Raikes, H. A. & Thompson, R. A. (2005). Efficacy and social support as predictors of parenting stress among families in poverty. *Infant Mental Health Journal*, 26 (3), pp. 177-190.

Relvas, P. (1996). *O Ciclo Vital da Família - Perspectiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.

Relvas, P. & Lourenço, C. (2001). Uma Abordagem Familiar da Gravidez e da Maternidade: Perspetiva Sistémica. Capítulo 4, pp. 105-131 *In*: Canavarro, M. C., et al. (2001). *Psicologia da Gravidez e da Maternidade*. Coimbra: Quarteto Editora.

Ribeiro, M. (2003). *Ser Família – Construção, implementação e avaliação de um programa de Educação Parental*. Braga: Universidade do Minho. [Em linha]. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/728/1/Dissertacao.pdf> [Consultado em 26/11/2013]

Rodrigues, M. S. (2008). *Representações Parentais sobre Práticas Educativas*. Tese de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.

Rosenberg, M. (1979). *Conceiving the self*. New York: Basic Books.

Rosenberg, M. *et alii* (1995). Global Self-Esteem and Specific Self-Esteem: Different Concepts, Different Outcomes. *American Sociological Review*, 60 (1), pp. 141-156.

Sampaio, D., & Gameiro, J. (2002). *Terapia Familiar*. Porto: Edições Afrontamento.

Sampaio, D., Cruz, H., & Carvalho, M. (2011). *Crianças e Jovens em Risco: a família no centro da intervenção*. Cascais: Almedina.

Samssudin, S. (2009). *Relação entre as crenças de auto-eficácia e o apoio social na transição para o trabalho em estudantes finalistas do ensino superior*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. [Em linha]. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/902/1/18396_ulsd_dep.17714_Dissertacao_Sara_Samssudin.pdf [Consultado em 26/11/2013]

Scaramella, V. *et alii* (2008). Consequences of socioeconomic disadvantage across three generations: Parenting behavior and child externalizing problems. *Journal of Family Psychology*, 22 (5), pp. 725-733.

Scheel, M. & Rieckmann, T. (1998). An empirically derived description of self-efficacy and Mental Health. *American Journal of Mental Retardation*, 107 (3), pp. 222-232.

Schunk, D.H. (1991). Self-Efficacy and Academic Motivation. *Educational Psychologist*, v. 26, n. 3 e 4, p. 207-31.

Silva, A. (2010). *Adaptação à maternidade precoce e qualidade de vinculação: Estudo de Caso*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. [Em linha]. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2498/1/ulfp035864_tm.pdf [Consultado em 26/11/2013]

Silva, A. & Marturano, E. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: Uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos em Psicologia*, 7 (2), pp. 227-235.

Silva, L. *et alii*. (2001). *Acção Social na Área da Família*. Lisboa: Universidade Aberta.

Silva, S. (2003). *Adaptação Académica, Pessoal e Social do Jovem Adulto ao Ensino Superior - Contributos do Ambiente Familiar e do Autoconceito*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Universidade de Educação e de Psicologia. [Em linha]. Disponível em: http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/docentes/S_Silva/Tese.M.pdf [Consultado em 26/11/2013]

Simões, S. (2011). *Influência dos Estilos Educativos Parentais na qualidade de vinculação de crianças em idade escolar em diferentes tipos de família*. Tese de Doutoramento. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto. [Em linha]. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56783/2/Tese%20PhD%20Sonia%20Simoes.pdf> [Consultado em 12/11/2013]

Sousa, J. (2006). As famílias como projectos de vida: O desenvolvimento de competências resilientes na conjugalidade e na parentalidade. *Saber (e) Educar* 11, pp. 41-47.

Tap, P. et alli. (2009). *Escala de Estima de Si S.E.R.T.H.U.A.L. (Self Esteem Rogers, Tap, Hipólito e UAL) – Manual.*

Teti, M., & Gelfand, M. (1991). Behavioral competence among mothers of infants in the first year: the mediational role of maternal self-efficacy. *Child Development*, 62 (5), pp. 918-929.

Vilaça, S. (2012). *Desenvolvimento infantil e capacitação materna como resultado da aplicação do Programa de Empowerment Parental para o Desenvolvimento Infantil (PEPDI)*. Universidade do Minho: Instituto de Educação. [Em linha]. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/24370/1/Sim%C3%A3o%20Pedro%20Pereira%20Vila%C3%A7a.pdf> [Consultado em 12/11/2013]

CLÁUDIA SOFIA RODRIGUES CAPELA

**Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um
Programa de Formação Parental**

ANEXOS



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

PORTO, 2016

CLÁUDIA SOFIA RODRIGUES CAPELA

**Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um
Programa de Formação Parental**

ANEXOS



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

PORTO, 2016

CLÁUDIA SOFIA RODRIGUES CAPELA

**Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um
Programa de Formação Parental**

ANEXOS

Trabalho apresentado à
Universidade Fernando Pessoa
como parte dos requisitos para
obtenção do grau de Mestre em
Ciências da Educação:
Necessidades Educativas Especiais
– Domínio Intervenção Precoce na
Infância, sob a orientação da
Professora Doutora Luísa
Saavedra.

Índice de Anexos

<i>ANEXO I</i> – Pedido de autorização para a realização de um estudo no Centro da Mãe e respetivo parecer.....	7
<i>ANEXO II</i> – Declaração de Consentimento Informado	10
<i>ANEXO III</i> – Guião da entrevista semiestruturada às mães antes da formação parental	12
<i>ANEXO IV</i> – Guião da entrevista semiestruturada às mães após a formação parental	15
<i>ANEXO V</i> – Guião da entrevista semiestruturada às assistentes sociais e psicóloga	18
<i>ANEXO VI</i> – Autorização para usar as sessões da Escola de Mães (Bernardo, 2013)	21
<i>ANEXO VII</i> – Autorização para utilização do Questionário de Estilos Parentais para Pais (PAQ-P).....	23
<i>ANEXO VIII</i> – Autorização para utilização das Escalas de Estima de Si - S.E.R.T.H.U.A.L. (Tap et al., 2009) e a Escala de Auto Eficácia Parental.....	25
<i>ANEXO IX</i> – Entrevista às mães antes da formação parental.....	27
<i>ANEXO X</i> – Entrevista às mães após a formação parental.....	34
<i>ANEXO XI</i> – Declaração de Consentimento Informado: Gravação das sessões de formação parental	41
<i>ANEXO XII</i> – Avaliação questionário de estilos parentais.....	43
<i>ANEXO XIII</i> – Dimensões da Escala de Estima de Si – SERTHUAL.....	45
<i>ANEXO XIV</i> – Tabelas de valores de referência da Escala de Estima de Si – SERTHUAL	48
<i>ANEXO XV</i> – Avaliação qualitativa das Dimensões da Escala de Estima de Si – SERTHUAL	51
<i>ANEXO XVI</i> – Tabelas de valores de referência da Escala de Autoeficácia Parental	54

<i>ANEXO XVII</i> – Principais alterações ao programa “Escola de Mães” (Bernardo, 2013)	57
<i>ANEXO XVIII</i> – Apresentação das sessões da formação parental tendo por base as sessões do programa “Escola de Mães” (Bernardo, 2013).....	59
<i>ANEXO XIX</i> – Avaliação final para cada sessão da formação parental.....	67
<i>ANEXO XX</i> – Entrevista às mães antes da formação: transcrições e escalas	69
<i>ANEXO XXI</i> – Transcrição das entrevistas às assistentes sociais e psicóloga do Centro da Mãe	134
<i>ANEXO XXII</i> – Entrevista às mães após a formação parental.....	162
<i>ANEXO XXIII</i> – Grelhas de análise de conteúdo das entrevistas às assistentes sociais e psicóloga do Centro da Mãe	227
<i>ANEXO XXIV</i> – Análise das respostas às entrevistas realizadas às assistentes sociais e psicóloga do Centro da Mãe	238
<i>ANEXO XXV</i> – Caracterização final das mães.....	248
<i>ANEXO XXVI</i> – Folhas de cotação e perfil dos Questionários de Estilos Parentais – Pais. Resultados antes da aplicação da formação parental.....	250
<i>ANEXO XXVII</i> – Folhas de cotação e perfil dos Questionários de Estilos Parentais – Pais. Resultados após a aplicação da formação parental.....	257
<i>ANEXO XXVIII</i> – Folhas de cotação da Escala de Estima de Si – S.E.R.T.H.U.A.L. Resultados antes da aplicação da formação parental.....	264
<i>ANEXO XXIX</i> – Folhas de cotação da Escala de Estima de Si – SERTHUAL Resultados após a aplicação da formação parental.....	271
<i>ANEXO XXX</i> – Folhas de cotação da Escala de Autoeficácia Parental Resultados antes da aplicação da formação parental.....	278
<i>ANEXO XXXI</i> – Folhas de cotação da Escala de Autoeficácia Parental Resultados após a aplicação da formação parental.....	285
<i>ANEXO XXXII</i> – Questionário de avaliação final para cada sessão da formação parental	292

ANEXOS

ANEXO I

Pedido de autorização para a realização de um estudo no
Centro da Mãe e respetivo parecer

Exma. Sra. Presidente do
Centro da Mãe do Funchal

Assunto: Pedido de autorização para a realização de um estudo no Centro da Mãe

Eu, Cláudia Sofia Rodrigues Capela, aluna na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Fernando Pessoa, venho por este meio solicitar a Vossa Ex.^a, autorização para a realização de um estudo, que estou a desenvolver sobre a temática da Intervenção precoce com jovens mães. O estudo intitula-se: Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental.

Este estudo surge no âmbito do Trabalho de Projeto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação: educação especial – Domínio da Intervenção Precoce na Infância, realizado sob a orientação científica da Professora Luísa Saavedra.

Na perspetiva de poder contribuir para a formação destas mães jovens e de modo a possibilitar-lhe uma formação parental adequada às suas reais necessidades, definiu-se, neste trabalho, os seguintes objetivos:

- Identificar quais as necessidades de formação destas mães.
- Elaborar/adaptar um programa de formação parental adequado às necessidades destas mães.
- Aplicar o programa de formação parental.
- Avaliar a evolução das competências e estilos parentais destas mães, e comparar os resultados com os do grupo controlo e com outros estudos.

Fica assegurado que estes registos serão utilizados para efeitos de investigação. Assim, será garantido o anonimato de todos os participantes, sendo os resultados obtidos apenas para o estudo em questão.

Todos os participantes no estudo irão preencher a declaração de consentimento informado.

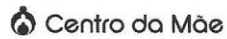
Aguardo a sua resposta.

Com os melhores cumprimentos,

Funchal, 26 de março de 2014

Cláudia Sofia Rodrigues Capela

Cláudia Sofia Rodrigues Capela



Exma. Senhora
Dra. Cláudia Sofia Rodrigues Capela

Vossa Referência

Nossa Referência
40

Data
01-04-2014

Assunto: Realização de estudo no Centro da Mãe

Na sequência do seu pedido para realizar um estudo no Centro da Mãe, vimos por este meio informá-la que a Direção deste Centro deu deferimento ao mesmo, e poderá no âmbito do seu estudo realizar entrevistas e acções de formação às utentes do Centro da Mãe.

Com os melhores cumprimentos,

A Presidente

Centro da Mãe
Associação de Solidariedade Social


(Ana Mafalda Figueira da Costa)

ANEXO II

Declaração de Consentimento Informado



Faculdade de Ciências Sociais E Humanas

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – EDUCAÇÃO ESPECIAL

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Designação do Estudo (em português):

Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental

Eu, abaixo-assinado, _____ compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que serei incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objetivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: ____/____/20__

Assinatura do participante no projeto: _____

O Investigador responsável:

Nome: Cláudia Sofia Rodrigues Capela

Assinatura:

Cláudia Sofia Rodrigues Capela

Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa

ANEXO III

Guião da entrevista semiestruturada às mães antes da formação parental

Guião Entrevista às mães antes da formação

Tipo de entrevista: Entrevista semiestruturada

Destinatários: Jovens Mães

Objetivo: Recolher informação de modo a aferir as necessidades de formação destas jovens mães

	Blocos	Objetivos Específicos	Tópicos para as Questões
I	Legitimação da entrevista e motivação do interessado	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar entrevistador e entrevistado; • Respeitar e garantir os direitos do entrevistado; • Referir os objetivos do estudo e da entrevista; • Motivar o entrevistado. 	<ul style="list-style-type: none"> ✘ Informar sobre o tema e objetivos do trabalho ✘ Explicitar a necessidade deste contacto pessoal ✘ Assegurar a confidencialidade de ideias/opiniões ✘ Pedir autorização para gravar a entrevista em áudio.
II	Caracterização pessoal e profissional das jovens mães	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer alguns dados pessoais do entrevistado; • Conhecer aspetos académicos do entrevistado. 	<p><u>Perguntar:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ✘ Idade ✘ Estado civil ✘ Filhos / Idades ✘ Habilitações Literárias ✘ Profissão ✘ Recursos a Redes de apoio.
III	Necessidades de formação enquanto mãe	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber o tipo de relação das jovens mães e os seu(s) filho(s); • Perceber qual a necessidade de formação na relação com o(s) filho(s). 	<ul style="list-style-type: none"> ✘ Como é a sua relação com o(s) seu(s) filho(s)? Dê exemplos. ✘ Que aspeto da relação com o seu filho gostaria de saber mais, para a ajudar a melhorar essa relação? Porquê?
IV	Necessidades de formação enquanto mulher e mãe.	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber se as jovens mães estão satisfeitas com a sua formação atual e se consideram importante participar numa formação parental? • Conhecer os temas que 	<ul style="list-style-type: none"> ✘ Considera-se satisfeita com a sua formação académica? Porquê? ✘ Qual a importância, para a sua vida enquanto mulher e mãe, participar numa formação parental? (nada importante, pouco importante, importante ou

		<p>estas mães gostariam de ver abordados na formação parental, de acordo com as suas necessidades.</p>	<p>muito importante? Porquê?</p> <ul style="list-style-type: none">✦ O que gostaria de aprender lá?✦ Existe algum aspeto da sua vida que gostava de alterar com esta formação?✦ De entre os temas enumerados escolha aqueles que considere mais importante e que sente que a vão ajudar enquanto mulher e mãe (assinale com um X). <p>Expectativas e Sonhos. Quem sou eu como mãe? Alimentação, saúde e higiene. Autoestima. Socialização. Comportamentos e atitudes Outros:</p>
--	--	--	--

ANEXO IV

Guião da entrevista semiestruturada às mães após a formação parental

Guião Entrevista às mães após a formação parental

Tipo de entrevista: Entrevista semiestruturada

Destinatários: Jovens Mães

Objetivo: Recolher informação sobre as alterações na vida das jovens mães e avaliar a formação parental

	Blocos	Objetivos Específicos	Tópicos para as Questões
I	Legitimação da entrevista e motivação do interessado	<ul style="list-style-type: none"> • Respeitar e garantir os direitos do entrevistado; • Referir os objetivos do estudo e da entrevista; • Motivar o entrevistado. 	<ul style="list-style-type: none"> ✘ Explicitar a necessidade deste contacto pessoal; ✘ Assegurar a confidencialidade de ideias/opiniões; ✘ Pedir autorização para gravar a entrevista em áudio.
II	Caracterização pessoal e profissional das jovens mães	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber se houve alterações em alguns dados pessoais do entrevistado. 	<p><u>Perguntar:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ✘ Idade ✘ Habilitações Literárias ✘ Recursos a Redes de apoio (atual).
III	Alterações na relação mãe/filho	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber quais foram as alterações na relação mãe/filho. 	<ul style="list-style-type: none"> ✘ Na relação com os seus filhos, estes sentiram alguma diferença na mãe, após a participação na Formação Parental? Em que aspetos?
IV	Alterações enquanto mulher e mãe	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber quais foram as alterações enquanto mulher e mãe 	<ul style="list-style-type: none"> ✘ Quais foram os aspetos da sua vida que foram alterados após a participação nesta Formação Parental? Porquê?
V	Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar a importância da participação na formação parental • Perceber o que gostaram mais, menos e o que alteravam na formação parental. 	<ul style="list-style-type: none"> ✘ Depois de ter participado nesta Formação Parental, que importância julga que teve para a sua vida, enquanto mulher e mãe? Nada importante, pouco importante, importante ou muito importante. Porquê? ✘ Do que foi que gostou mais?

		<ul style="list-style-type: none">•Averiguar se consideram importante a implementação desta formação no Centro de Mãe.	<ul style="list-style-type: none">✦ Do que foi que gostou menos?✦ O que modificava nesta Formação Parental?✦ Considera importante continuar a existir esta formação parental aqui no Centro da Mãe? Porquê? Acha que haveria outras mães interessadas?
--	--	--	--

ANEXO V

Guião da entrevista semiestruturada às assistentes sociais e psicóloga

Guião Entrevista às assistentes sociais e psicóloga do Centro da Mãe

Tipo de entrevista: Entrevista semiestruturada;

Destinatários: Assistentes Sociais e Psicóloga do Centro da Mãe

Objetivo: Recolher informação de modo a aferir as necessidades de formação das jovens mães que frequentam o Centro da Mãe.

	Blocos	Objetivos Específicos	Tópicos para as Questões
I	Legitimação da entrevista e motivação do interessado	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar entrevistador e entrevistado; • Respeitar e garantir os direitos do entrevistado; • Referir os objetivos do estudo e da entrevista; • Motivar o entrevistado. 	<ul style="list-style-type: none"> ✘ Informar sobre o tema e objetivos do trabalho; ✘ Explicitar a necessidade deste contacto pessoal; ✘ Assegurar a confidencialidade de ideias/opiniões; ✘ Pedir autorização para gravar a entrevista em áudio.
II	Enquadrament o académico do entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer alguns dados pessoais do entrevistado; • Conhecer aspetos académicos do entrevistado; 	<p><u>Perguntar:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ✘ Idade ✘ Habilitações Literárias ✘ Profissão ✘ Há quanto tempo trabalha no Centro da Mãe?
III	Apoio prestado pelo centro da mãe	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber o tipo de apoio que as mães mais necessitam. 	<ul style="list-style-type: none"> ✘ Que tipo de apoio dá o Centro da Mãe a estas mães? ✘ Quais são as maiores dificuldades que estas mães apresentam? ✘ Porque procuram estas mães o Centro da Mãe?
IV	Necessidades de formação das jovens mães	<ul style="list-style-type: none"> • Averiguar quais as necessidades de formação das jovens mães. • Perceber quais os temas que consideram 	<ul style="list-style-type: none"> ✘ Quais considera serem as principais necessidades de formação das jovens mães que frequentam este Centro de Mãe? ✘ De entre os temas apresentados indique (com um X) aqueles

		serem mais importantes para estas mães.	que considera serem mais importantes para estas jovens mães: Expectativas e Sonhos. Quem sou eu como mãe? Alimentação, saúde e higiene. Autoestima. Socialização. Comportamentos e atitudes Outros:
--	--	---	--

ANEXO VI

Autorização para usar as sessões da Escola de Mães (Bernardo, 2013)

Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental

Outlook.com interface showing an email from Cláudia Capela (17-01-2014) to anacarolbernardo@gmail.com. The subject is "Pedido de Autorização para usar as Sessões da Escola de Mães, do seu Mestrado".

Muito Bom Noite!

O meu nome é Cláudia Capela, sou a luma da Universidade Fernando Pessoa, e estou actualmente a fazer o meu mestrado em Intervenção Precoce. Nas pesquisas que realizei encontrei o seu estudo e adorei. Conversei com a professora Luísa Saavedra a minha orientadora e ela acho muito bem eu fazer um estudo comparativo com o seu aqui na ilha da Madeira onde vivo há 10 anos.

Tendo por base o que referiu nas conclusões do seu estudo:

"... considera-se que este estudo poderá vir a ser tido como base para possíveis futuras investigações, como estudo exploratório, e/ou como um programa piloto para futuras aplicações sociais.... uma sugestão realizar-se um estudo em que as idades das participantes fossem focalizadas... Outra sugestão é a realização de outros estudos em realidades socioculturais específicas.."

Assim sendo, pretendia aplicar o seu estudo aqui na ilha da Madeira, com mães adolescentes.

Para isso conto com a sua preciosa colaboração para me dar autorização para utilizar as suas sessões da Escola de Mães, para eu poder aplicar aqui com as mães da ilha da Madeira.

Desde já o meu muito obrigada e agradeço a atenção dispensada!

Aguardo ansiosa a sua resposta.

Com os melhores cumprimentos,

Cláudia Capela

Outlook.com interface showing a reply email from Ana Carolina Bernardo (21-01-2014) to Cláudia Capela. The subject is "Re: Pedido de Autorização para usar as Sessões da Escola de Mães, do seu Mestrado".

Olá Cláudia, bom dia!

Sinto-me feliz por saber do seu interesse pelo meu trabalho de mestrado e por esta área de intervenção junto da população, que não é apenas científica, mas muito mais social do que se possa imaginar à partida.

Já verifiquei o seu email este fim de semana, contudo as sessões não foram planificadas inteiramente por mim, fi-las em colaboração com a educadora que implementou-as junto da população. Entrarei em contato com ela, colocando-a a par da situação e assim que possível dou-lhe a certeza. Contudo, todo os outros aspetos que não tenham a ver propriamente com as sessões considere a minha autorização para citar na sua tese.

Com os melhores cumprimentos, Ana Carolina Bernardo

Outlook.com interface showing a reply email from Ana Carolina Bernardo (22-01-2014) to Cláudia Capela. The subject is "Re: Obrigada".

Cláudia,

falei com a minha colega e ela concordou com a cedência das sessões para o seu trabalho, desde fique sempre salvaguardada a citação.

Se necessitar de colaboração em mais algum aspeto, disponha.

Ana Carolina Bernardo

ANEXO VII

Autorização para utilização do Questionário de Estilos Parentais para Pais
(PAQ-P)

Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental

Outlook.com

mpires@ual.pt

Pastas

A Receber

Material para Escola

Lixo 1

Rascunhos 15

Enviado

Eliminado

Projeto tipo Mestrado

Resultados da Pesquisa

Nova pasta

Autorização: Questionário de Estilos Parentais para Pais: Validação Preliminar

Cláudia Capela 31-03-2014

Para: mpires@ual.pt

Boa Noite!

O meu nome é Cláudia Capela, sou aluna da Universidade Fernando Pessoa, e estou atualmente a fazer o meu mestrado em Intervenção Precoce. Nas pesquisas que efetuei, encontrei o seu estudo sobre a validação do Questionário de Estilos Parentais para Pais. Como no meu estudo pretendo avaliar os estilos parentais, este questionário será muito útil para a minha investigação. Para isso preciso da sua preciosa colaboração para me dar autorização para utilizar o questionário supra citado, para eu poder utilizar no meu estudo. Agradeço que me envie em anexo o referido questionário. Desde já o meu muito obrigada e agradeço a atenção dispensada!

Aguardo a sua resposta.

Com os melhores cumprimentos,
Cláudia Capela

Outlook.com

mpires@ual.pt

Pastas

A Receber

Material para Escola

Lixo 1

Rascunhos 15

Enviado

Eliminado

Projeto tipo Mestrado

Resultados da Pesquisa

Nova pasta

RE: Autorização: Questionário de Estilos Parentais para Pais: Validação Preliminar

Mónica Taveira Pires (mpires@ual.pt) Adicionar aos contactos 02-04-2014 Documentos

Para: Cláudia Capela

3 anexos (total 18,7 MB)

Vista Ativa do Outlook.com

Questionário de Est... Questionário de Est... Actas do VIII Cong...

Transferir tudo como zip Adicionar tudo ao OneDrive

Boa tarde Cláudia,

terei todo o gosto em dispensar-lhe PAQ-P. Desejo-lhe sucesso no seu estudo e ficarei curiosa quanto aos resultados que encontrará.

Envio em anexo os documentos solicitados (questionário e artigos de validação - pp-760-770).

Com os melhores cumprimentos,

Best regards,

Doutora Mónica Taveira Pires
PhD

Auxiliar Professor / Professora auxiliar
Psychology Research Center / Centro de Investigação em Psicologia - CIP
Psychology Internships Coordination / Coordenação de Estágios Académicos

Universidade Autónoma de Lisboa
R. Sta. Marta, 47-3º piso, sala 314, 1169-023 Lisboa
Telefone: 213 177 600 Fax: 213 533 702

ANEXO VIII

Autorização para utilização das Escalas de Estima de Si -
S.E.R.T.H.U.A.L. (Tap et al., 2009) e a Escala de Auto Eficácia Parental

Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental

Outlook.com

Novo Responder Eliminar Arquivar Lixo Varrer Mover para Categorias

Search: rbrites@ual.pt

Pastas: A Receber, Material para Escola, Lixo 1, Rascunhos 15, Enviado, Eliminado, Projeto tipo Mestrado, Resultados da Pesquisa, Nova pasta

Subject: Pedido de autorização das escalas do seu doutoramento

From: Cláudia Capela (27-01-2014)

Para: rbrites@ual.pt

Muito Bom dia!

O meu nome é Cláudia Capela, sou aluna da Universidade Fernando Pessoa, e estou actualmente a fazer o meu mestrado em Intervenção Precoce. O seu mail foi-me facultado pela colega Ana Carolina Couto Bernardo dos Açores. Pois nas pesquisas que realizei em contralé o Estudo da colega Ana Carolina e gostei muito. Em conversa com a minha orientadora decidi fazer um estudo comparativo com o da colega Ana, aqui na Ilha da Madeira.

Para isso preciso da sua preciosa colaboração para me dar autorização para utilizar as suas escalas da sua tese de doutoramento, para eu poder utilizar no meu estudo:

- A escala de Estima de Si - S.E.R.T.H.U.A.L. (Tap et al., 2009)
- Escala de Auto Eficácia Parental.

Desde já o meu muito obrigada e agradeço a atenção dispensada!

Aguardo a sua resposta.

Com os melhores cumprimentos,

Cláudia Capela

Outlook.com

Novo Responder Eliminar Arquivar Lixo Varrer Mover para Categorias

Search: rbrites@ual.pt

Pastas: A Receber, Material para Escola, Lixo 1, Rascunhos 15, Enviado, Eliminado, Projeto tipo Mestrado, Resultados da Pesquisa, Nova pasta

Subject: RE: Pedido de autorização das escalas do seu doutoramento

From: rbrites (rbrites@ual.pt) (27-01-2014)

Para: Cláudia Capela

5 anexos (total 1516.6 KB)

Attachments: Escala SERTHUAL 6..., Folha cotação e per..., Manual SERTHUAL..., EscalaAEfic_v44iten..., acta_2.pdf

Transfereir tudo como zip Adicionar tudo ao OneDrive

Olá, Cláudia, bom dia.

Tenho todo o gosto em lhe dar autorização para utilizar as escalas. Envio, em anexo, os instrumentos, assim como o manual da SERTHUAL e o artigo de validação da escala de Auto-Eficácia Parental. Bom trabalho com a sua tese!

Cumprimentos,

Rute Brites

Depto. de Psicologia

Universidade Autónoma de Lisboa

ANEXO IX

Entrevista às mães antes da formação parental

Este questionário enquadra-se num trabalho para uma dissertação de Mestrado em Intervenção Precoce na Infância, que está a ser desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, intitulado: ***Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental.***

Os dados recolhidos serão tratados estatisticamente e são por isso, estritamente anónimos e confidenciais. Desde já agradecemos a sua colaboração e disponibilidade.

Parte I - Guião Entrevista às mães antes da formação

Caraterização:

1. Idade da mãe:
2. Estado civil:
3. Filhos / Idades:
4. Habilitações literárias:
5. Profissão:
6. Recursos a Redes de apoio:

Necessidades de formação:

1. Como é a sua relação com o(s) seu(s) filho(s)? Dê exemplos.
2. Que aspeto da relação com o seu filho gostaria de saber mais, para a ajudar a melhorar essa relação? Porquê?
3. Considera-se satisfeita com a sua formação académica? Porquê?
4. Qual a importância, para a sua vida enquanto mulher e mãe, participar numa Formação Parental (nada importante, pouco importante, importante ou muito importante)? Porquê?
5. O que gostaria de aprender lá?
6. Existe algum aspeto da sua vida que gostava de alterar com esta formação?
7. De entre os temas enumerados escolha aqueles que considere mais importante e que sente que a vão ajudar enquanto mulher e mãe (assinale com um X).

Expectativas e Sonhos	
Quem sou eu como mãe?	
Alimentação, saúde e higiene	
Autoestima	
Socialização	

Comportamentos e atitudes	
Outros:	

Parte II - Questionário de Estilos Parentais – Pais (Adaptação do *Parental Authority Questionnaire* PAQ, de Buri, 1991)

Não existem respostas certas ou erradas, tente não demorar muito tempo em cada questão. É importante que responda a todos os itens, não se esquecendo de nenhum. Para cada uma das frases faça uma cruz no número da escala que melhor descreve ou se aplica a si como Mãe na relação com os seus filhos.

(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente)

1	Acredito que numa família bem estruturada, as crianças devem fazer as coisas à sua maneira.	1	2	3	4	5
2	Obrigo os meus filhos a fazer coisas que acredito serem corretas, mesmo que eles não concordem.	1	2	3	4	5
3	Sempre que digo aos meus filhos para fazerem algo, espero que o façam imediatamente sem perguntas.	1	2	3	4	5
4	Quando uma regra familiar é estabelecida, explico os motivos desta aos meus filhos.	1	2	3	4	5
5	Encorajo o diálogo com os meus filhos quando estes não estão de acordo com as regras e restrições familiares.	1	2	3	4	5
6	Acredito que uma criança necessita de ser livre para tomar as suas próprias decisões e fazer o que quiser, mesmo que isso não esteja de acordo com o meu desejo.	1	2	3	4	5
7	Não permito aos meus filhos que questionem as minhas decisões.	1	2	3	4	5
8	Oriento os meus filhos através do diálogo e da disciplina.	1	2	3	4	5
9	Penso que devo usar a minha autoridade para conseguir que os meus filhos se comportem como eu acho que devem.	1	2	3	4	5
10	Acho que os meus filhos não precisam de obedecer às regras e normas de comportamento simplesmente porque alguém com autoridade as estabeleceu.	1	2	3	4	5
11	Transmito aos meus filhos o que espero deles mas também lhes dou liberdade para conversar quando não concordam comigo.	1	2	3	4	5
12	Acredito que os pais sensatos devem ensinar desde cedo quem é o chefe da família.	1	2	3	4	5
13	Raramente dou orientações aos meus filhos sobre o seu comportamento.	1	2	3	4	5
14	Quando as decisões familiares são estabelecidas, na maioria das vezes faço aquilo que os meus filhos querem.	1	2	3	4	5
15	Dou aos meus filhos orientações de forma clara e consistente.	1	2	3	4	5
16	Fico muito chateado(a) quando os meus filhos tentam discordar comigo.	1	2	3	4	5
17	Acredito que a maior parte dos problemas na sociedade seriam resolvidos se os pais não restringissem as atividades, as decisões e os desejos dos	1	2	3	4	5

	filhos durante o seu crescimento.					
18	Deixo claro o comportamento que espero dos meus filhos e, quando não correspondem às minhas expectativas, acabo por puni-los.	1	2	3	4	5
19	Permito aos meus filhos decidir a maior parte das coisas sozinhos sem lhes dar muitas orientações.	1	2	3	4	5
20	Tenho em consideração a opinião dos meus filhos nas decisões familiares, mas não tomo decisões só porque eles assim o querem.	1	2	3	4	5
21	Não me sinto responsável por orientar e dirigir o comportamento dos meus filhos.	1	2	3	4	5
22	Tenho padrões bem definidos de comportamentos para os meus filhos, mas estou disposto(a) a ajustar esses padrões às necessidades individuais de cada um.	1	2	3	4	5
23	Oriento o comportamento dos meus filhos e espero que sigam as minhas orientações, mas converso com eles e ouço sempre as suas opiniões.	1	2	3	4	5
24	Permito que os meus filhos tenham o seu próprio ponto de vista nos assuntos familiares e decidam por si o que vão fazer.	1	2	3	4	5
25	Sempre pensei que a maioria dos problemas da sociedade seriam resolvidos se os pais fossem rígidos e autoritários para com os seus filhos.	1	2	3	4	5
26	Digo sempre aos meus filhos o que devem fazer e como fazer.	1	2	3	4	5
27	Dou indicações claras para o comportamento e atividades dos meus filhos, mas sou compreensivo(a) quando discordam delas.	1	2	3	4	5
28	Na minha família, não dou orientações em relação a comportamentos, atividades e desejos dos meus filhos.	1	2	3	4	5
29	Os meus filhos sabem o que espero deles e insisto para que atendam às minhas expectativas simplesmente por respeito pela minha autoridade.	1	2	3	4	5
30	Se tomo uma decisão que magoe os meus filhos, estou disposto(a) a conversar com eles e a admitir as minhas falhas.	1	2	3	4	5

© Mónica Taveira Pires

Parte III - Escala de S.E.R.T.H.U.A.L. – Auto-Estima

Seguidamente irá encontrar uma lista de afirmações. Tente responder a todos os itens, com sinceridade. Não existem respostas certas nem erradas. Não há tempo limite para terminar a prova. Assinale (com uma cruz) cada uma delas de acordo com a perceção que tem de si, atualmente.

(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente)

1	Muitas vezes aborreço-me comigo próprio pelas coisas que faço	1	2	3	4	5
2	Eu sou uma pessoa responsável	1	2	3	4	5
3	Eu tenho poucos valores e padrões próprios	1	2	3	4	5
4	Tenho dificuldade em controlar a minha agressividade	1	2	3	4	5
5	Geralmente gosto das pessoas	1	2	3	4	5
6	As minhas batalhas mais árduas são comigo próprio	1	2	3	4	5
7	Eu sou otimista	1	2	3	4	5
8	Eu sou sexualmente atraente	1	2	3	4	5

Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental

9	Sinto que não há ajuda possível para mim	1	2	3	4	5
10	Eu normalmente consigo tomar as minhas decisões e manter-me fiel a elas	1	2	3	4	5
11	As minhas decisões não são tomadas por mim próprio	1	2	3	4	5
12	Eu sinto-me apático	1	2	3	4	5
13	Eu sou impulsivo	1	2	3	4	5
14	Sou uma pessoa racional	1	2	3	4	5
15	Tenho a sensação que não estou a enfrentar as coisas	1	2	3	4	5
16	Sou tolerante	1	2	3	4	5
17	Sou ambicioso	1	2	3	4	5
18	Eu evito enfrentar crises ou dificuldades	1	2	3	4	5
19	Eu não me respeito a mim próprio	1	2	3	4	5
20	Eu tenho uma atitude positiva para comigo	1	2	3	4	5
21	Eu sou assertivo (afirmativo)	1	2	3	4	5
22	Tenho dificuldades em tomar decisões	1	2	3	4	5
23	Sou um falhado	1	2	3	4	5
24	Eu sou amável	1	2	3	4	5
25	Tenho medo de sexo	1	2	3	4	5
26	Tenho medo de falhar em qualquer coisa que quero muito	1	2	3	4	5
27	Eu sou um bom trabalhador	1	2	3	4	5
28	Eu sinto-me emocionalmente maduro	1	2	3	4	5
29	Estou realmente perturbado	1	2	3	4	5
30	Sinto-me inseguro comigo próprio	1	2	3	4	5
31	Eu sou inteligente	1	2	3	4	5
32	Sinto-me sem esperança	1	2	3	4	5
33	Eu sou uma pessoa na qual não se pode confiar	1	2	3	4	5
34	Eu sou bastante sociável	1	2	3	4	5
35	Eu não tenho valor	1	2	3	4	5
36	Zango-me com facilidade	1	2	3	4	5
37	Tenho um aspeto físico agradável	1	2	3	4	5
38	Sinto-me bem comigo mesmo	1	2	3	4	5
39	Os outros desconfiam de mim	1	2	3	4	5
40	Ficarei contente comigo mesmo se conseguir fazer grandes coisas na minha vida	1	2	3	4	5
41	Os meus patrões/professores estão satisfeitos comigo	1	2	3	4	5
42	Acho que sou nervoso e tenso	1	2	3	4	5
43	Sou muito fiel às minhas amizades	1	2	3	4	5
44	Sinto orgulho do meu corpo	1	2	3	4	5
45	Tenho confiança em mim mesmo	1	2	3	4	5
46	Para me sentir melhor utilizo estimulantes tais como o café, tabaco, álcool, etc.	1	2	3	4	5
47	Gosto de actividades em grupo	1	2	3	4	5
48	Os maus resultados profissionais/escolares desencorajam-me facilmente	1	2	3	4	5
49	Tenho uma boa opinião de mim mesmo	1	2	3	4	5
50	As pessoas aborrecem-se quando estão na minha companhia	1	2	3	4	5
51	Penso que todas as pessoas deveriam assumir um papel na sociedade	1	2	3	4	5
52	Gostaria de participar em movimentos de solidariedade	1	2	3	4	5
53	Tenho confiança no meu futuro	1	2	3	4	5
54	No trabalho/universidade os outros procuram a minha	1	2	3	4	5

	companhia					
55	Tenho a impressão de que faço as coisas pior do que os outros	1	2	3	4	5
56	Tenho um aspeto físico pouco atraente	1	2	3	4	5
57	Num grupo, gosto de tomar poucas iniciativas	1	2	3	4	5
58	Estou contente com a forma como o meu corpo se desenvolve	1	2	3	4	5
59	Nos grupos tenho a sensação de isolamento	1	2	3	4	5
60	Estou contente com os meus resultados profissionais/escolares	1	2	3	4	5

* © Autores: Tap, P.; Hipólito, J.

Parte IV - ESCALA DE AUTO-EFICÁCIA PARENTAL

Esta escala procura descrever a forma como a pessoa se vê, em termos da sua eficácia na vida, e a forma como ela se vê, no que se refere à sua eficácia enquanto mãe.

De modo geral, sou eficaz na vida:

0 (Nada)

20 (Totalmente)

Enquanto Mãe (refira-se à relação com o(s) seu(s) filho(s))

(1= Nunca; 2= Raramente; 3= Às vezes; 4=Muitas; 5= Sempre)

1	Desconheço qual a profissão que o meu filho quer ter	1	2	3	4	5
2	O meu filho vai para a cama e levanta-se à hora que quer	1	2	3	4	5
3	Raramente sinto necessidade de ir à escola do meu filho	1	2	3	4	5
4	Vou buscar o meu filho à escola sempre à hora combinada, para que não se sinta esquecido	1	2	3	4	5
5	Deixo o meu filho fazer as tarefas que deseja (comer, vestir-se, lavar-se, etc.)	1	2	3	4	5
6	Os colegas e amigos do meu filho são desconhecidos para mim	1	2	3	4	5
7	O futuro do meu filho preocupa-me	1	2	3	4	5
8	Tento compreender o meu filho quando faz qualquer coisa que eu não aprovo antes de o repreender ou castigar	1	2	3	4	5
9	Tento que o meu filho distinga o que é certo e errado	1	2	3	4	5
10	Converso com o meu filho quando ele tem um comportamento errado, para que compreenda as razões do meu desagrado	1	2	3	4	5
11	Permito que o meu filho não cumpra as suas tarefas	1	2	3	4	5
12	Tento ser justo com o meu filho	1	2	3	4	5
13	Em casa cada um tem tarefas próprias, incluindo o meu filho	1	2	3	4	5
14	Evito que o meu filho experimente coisas novas	1	2	3	4	5
15	O meu filho só se veste com a roupa que eu escolho para ele	1	2	3	4	5
16	Interesso-me por conhecer os interesses do meu filho	1	2	3	4	5
17	Procuo dizer ao meu filho que o amo, e tenho manifestações carinhosas para com ele	1	2	3	4	5
18	O meu filho bate-me	1	2	3	4	5
19	O meu filho desconhece quais as regras que deve cumprir em casa	1	2	3	4	5

Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental

20	O meu filho é seguido regularmente pelo médico	1	2	3	4	5
21	Acompanho o dia-a-dia do meu filho e estou disponível se ele precisar	1	2	3	4	5
22	Incentivo o meu filho a procurar respostas para as suas dúvidas	1	2	3	4	5
23	Preocupo-me que o meu filho siga um caminho que o deixe feliz	1	2	3	4	5
24	Estou atento ao que se passa com o meu filho quando ele está triste ou contente	1	2	3	4	5
25	Escolho com o meu filho os brinquedos e jogos dele para não brincar com coisas perigosas	1	2	3	4	5
26	Quero que o meu filho escolha uma profissão que o deixe realizado	1	2	3	4	5
27	O meu filho tem as vacinas em atraso	1	2	3	4	5
28	Ensino e estou atento se o meu filho se comporta com boas-maneiras	1	2	3	4	5
29	O meu filho desconhece o porquê das regras lá de casa	1	2	3	4	5
30	Quero que o meu filho tenha a mesma profissão que eu	1	2	3	4	5
31	Procuo ser para o meu filho o melhor que sei e posso	1	2	3	4	5
32	Procuo explicar ao meu filho com linguagem cuidada a razão de determinadas regras e atitudes	1	2	3	4	5
33	O meu filho só faz os deveres que quer	1	2	3	4	5
34	Verifico se o meu filho se veste conforme o estado do tempo	1	2	3	4	5
35	O meu filho chega à escola (ou creche/ ama) de acordo com os meus horários	1	2	3	4	5
36	Faço as tarefas e os deveres do meu filho sempre que ele não é capaz	1	2	3	4	5
37	Desconheço os desejos do meu filho para o seu futuro	1	2	3	4	5
38	Procuo ajudar o meu filho nas áreas escolares em que tem mais dificuldade	1	2	3	4	5
39	Deixo o meu filho quebrar os castigos que lhe atribuo	1	2	3	4	5
40	Acho que o meu filho deve ter liberdade para assistir aos conflitos entre os pais	1	2	3	4	5
41	Descontrolo-me à frente do meu filho e isso não me preocupa	1	2	3	4	5
42	É-me indiferente o tipo de ensino da escola do meu filho	1	2	3	4	5
43	Faço planos para a vida futura que quero que o meu filho tenha	1	2	3	4	5
44	Desconheço quais os medos do meu filho	1	2	3	4	5

ANEXO X

Entrevista às mães após a formação parental

Este questionário enquadra-se num trabalho para uma dissertação de Mestrado em Intervenção Precoce na Infância, que está a ser desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, intitulado: ***Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental.***

Os dados recolhidos serão tratados estatisticamente e são por isso, estritamente anónimos e confidenciais. Desde já agradecemos a sua colaboração e disponibilidade.

Entrevista às mães após a formação parental

Caracterização:

1. Idade da mãe:
2. Habilitações literárias:
3. Recursos a Redes de apoio (atual):

Após a formação:

1. Na relação com os seus filhos, estes sentiram alguma diferença na mãe, após a participação na Formação Parental? Em que aspetos?
2. Quais foram os aspetos da sua vida que foram alterados após a participação nesta Formação Parental? Porquê?
3. Depois de ter participado nesta Formação Parental, que importância julga que teve para a sua vida, enquanto mulher e mãe? Nada importante, pouco importante, importante ou muito importante. Porquê?
4. Depois de ter participado nesta Formação Parental, que importância julga que teve para a sua vida, enquanto mulher e mãe? Nada importante, pouco importante, importante ou muito importante_____.Porquê?
5. Do que foi que gostou mais?
6. Do que foi que gostou menos?
7. O que modificava nesta Formação Parental?
8. Considera importante continuar a existir esta formação parental aqui no Centro da Mãe? Porquê? Acha que haveria outras mães interessadas?

Parte II - Questionário de Estilos Parentais – Pais (Adaptação do *Parental Authority Questionnaire* PAQ, de Buri, 1991)

Não existem respostas certas ou erradas, tente não demorar muito tempo em cada questão. É importante que responda a todos os itens, não se esquecendo de

nenhum. Para cada uma das frases faça uma cruz no número da escala que melhor descreve ou se aplica a si como Mãe na relação com os seus filhos.

(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente)

1	Acredito que numa família bem estruturada, as crianças devem fazer as coisas à sua maneira.	1	2	3	4	5
2	Obrigo os meus filhos a fazer coisas que acredito serem corretas, mesmo que eles não concordem.	1	2	3	4	5
3	Sempre que digo aos meus filhos para fazerem algo, espero que o façam imediatamente sem perguntas.	1	2	3	4	5
4	Quando uma regra familiar é estabelecida, explico os motivos desta aos meus filhos.	1	2	3	4	5
5	Encorajo o diálogo com os meus filhos quando estes não estão de acordo com as regras e restrições familiares.	1	2	3	4	5
6	Acredito que uma criança necessita de ser livre para tomar as suas próprias decisões e fazer o que quiser, mesmo que isso não esteja de acordo com o meu desejo.	1	2	3	4	5
7	Não permito aos meus filhos que questionem as minhas decisões.	1	2	3	4	5
8	Oriento os meus filhos através do diálogo e da disciplina.	1	2	3	4	5
9	Penso que devo usar a minha autoridade para conseguir que os meus filhos se comportem como eu acho que devem.	1	2	3	4	5
10	Acho que os meus filhos não precisam de obedecer às regras e normas de comportamento simplesmente porque alguém com autoridade as estabeleceu.	1	2	3	4	5
11	Transmito aos meus filhos o que espero deles mas também lhes dou liberdade para conversar quando não concordam comigo.	1	2	3	4	5
12	Acredito que os pais sensatos devem ensinar desde cedo quem é o chefe da família.	1	2	3	4	5
13	Raramente dou orientações aos meus filhos sobre o seu comportamento.	1	2	3	4	5
14	Quando as decisões familiares são estabelecidas, na maioria das vezes faço aquilo que os meus filhos querem.	1	2	3	4	5
15	Dou aos meus filhos orientações de forma clara e consistente.	1	2	3	4	5
16	Fico muito chateado(a) quando os meus filhos tentam discordar comigo.	1	2	3	4	5
17	Acredito que a maior parte dos problemas na sociedade seriam resolvidos se os pais não restringissem as atividades, as decisões e os desejos dos filhos durante o seu crescimento.	1	2	3	4	5
18	Deixo claro o comportamento que espero dos meus filhos e, quando não correspondem às minhas expectativas, acabo por puni-los.	1	2	3	4	5
19	Permito aos meus filhos decidir a maior parte das coisas sozinhos sem lhes dar muitas orientações.	1	2	3	4	5
20	Tenho em consideração a opinião dos meus filhos nas decisões familiares, mas não tomo decisões só porque eles assim o querem.	1	2	3	4	5
21	Não me sinto responsável por orientar e dirigir o comportamento dos meus filhos.	1	2	3	4	5
22	Tenho padrões bem definidos de comportamentos para os meus filhos, mas estou disposto(a) a ajustar esses padrões às necessidades	1	2	3	4	5

	individuais de cada um.					
23	Oriento o comportamento dos meus filhos e espero que sigam as minhas orientações, mas converso com eles e ouço sempre as suas opiniões.	1	2	3	4	5
24	Permito que os meus filhos tenham o seu próprio ponto de vista nos assuntos familiares e decidam por si o que vão fazer.	1	2	3	4	5
25	Sempre pensei que a maioria dos problemas da sociedade seriam resolvidos se os pais fossem rígidos e autoritários para com os seus filhos.	1	2	3	4	5
26	Digo sempre aos meus filhos o que devem fazer e como fazer.	1	2	3	4	5
27	Dou indicações claras para o comportamento e atividades dos meus filhos, mas sou compreensivo(a) quando discordam delas.	1	2	3	4	5
28	Na minha família, não dou orientações em relação a comportamentos, atividades e desejos dos meus filhos.	1	2	3	4	5
29	Os meus filhos sabem o que espero deles e insisto para que atendam às minhas expectativas simplesmente por respeito pela minha autoridade.	1	2	3	4	5
30	Se tomo uma decisão que magoe os meus filhos, estou disposto(a) a conversar com eles e a admitir as minhas falhas.	1	2	3	4	5

© Mónica Taveira Pires

Parte III - Escala de S.E.R.T.H.U.A.L. – Auto-Estima

Seguidamente irá encontrar uma lista de afirmações. Tente responder a todos os itens, com sinceridade. Não existem respostas certas nem erradas. Não há tempo limite para terminar a prova. Assinale (com uma cruz) cada uma delas de acordo com a perceção que tem de si, atualmente.

(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente)

1	Muitas vezes aborreço-me comigo próprio pelas coisas que faço	1	2	3	4	5
2	Eu sou uma pessoa responsável	1	2	3	4	5
3	Eu tenho poucos valores e padrões próprios	1	2	3	4	5
4	Tenho dificuldade em controlar a minha agressividade	1	2	3	4	5
5	Geralmente gosto das pessoas	1	2	3	4	5
6	As minhas batalhas mais árduas são comigo próprio	1	2	3	4	5
7	Eu sou otimista	1	2	3	4	5
8	Eu sou sexualmente atraente	1	2	3	4	5
9	Sinto que não há ajuda possível para mim	1	2	3	4	5
10	Eu normalmente consigo tomar as minhas decisões e manter-me fiel a elas	1	2	3	4	5
11	As minhas decisões não são tomadas por mim próprio	1	2	3	4	5
12	Eu sinto-me apático	1	2	3	4	5
13	Eu sou impulsivo	1	2	3	4	5
14	Sou uma pessoa racional	1	2	3	4	5

Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental

15	Tenho a sensação que não estou a enfrentar as coisas	1	2	3	4	5
16	Sou tolerante	1	2	3	4	5
17	Sou ambicioso	1	2	3	4	5
18	Eu evito enfrentar crises ou dificuldades	1	2	3	4	5
19	Eu não me respeito a mim próprio	1	2	3	4	5
20	Eu tenho uma atitude positiva para comigo	1	2	3	4	5
21	Eu sou assertivo (afirmativo)	1	2	3	4	5
22	Tenho dificuldades em tomar decisões	1	2	3	4	5
23	Sou um falhado	1	2	3	4	5
24	Eu sou amável	1	2	3	4	5
25	Tenho medo de sexo	1	2	3	4	5
26	Tenho medo de falhar em qualquer coisa que quero muito	1	2	3	4	5
27	Eu sou um bom trabalhador	1	2	3	4	5
28	Eu sinto-me emocionalmente maduro	1	2	3	4	5
29	Estou realmente perturbado	1	2	3	4	5
30	Sinto-me inseguro comigo próprio	1	2	3	4	5
31	Eu sou inteligente	1	2	3	4	5
32	Sinto-me sem esperança	1	2	3	4	5
33	Eu sou uma pessoa na qual não se pode confiar	1	2	3	4	5
34	Eu sou bastante sociável	1	2	3	4	5
35	Eu não tenho valor	1	2	3	4	5
36	Zango-me com facilidade	1	2	3	4	5
37	Tenho um aspeto físico agradável	1	2	3	4	5
38	Sinto-me bem comigo mesmo	1	2	3	4	5
39	Os outros desconfiam de mim	1	2	3	4	5
40	Ficarei contente comigo mesmo se conseguir fazer grandes coisas na minha vida	1	2	3	4	5
41	Os meus patrões/professores estão satisfeitos comigo	1	2	3	4	5
42	Acho que sou nervoso e tenso	1	2	3	4	5
43	Sou muito fiel às minhas amizades	1	2	3	4	5
44	Sinto orgulho do meu corpo	1	2	3	4	5
45	Tenho confiança em mim mesmo	1	2	3	4	5
46	Para me sentir melhor utilizo estimulantes tais como o café, tabaco, álcool, etc.	1	2	3	4	5
47	Gosto de actividades em grupo	1	2	3	4	5
48	Os maus resultados profissionais/escolares desencorajam-me facilmente	1	2	3	4	5
49	Tenho uma boa opinião de mim mesmo	1	2	3	4	5
50	As pessoas aborrecem-se quando estão na minha companhia	1	2	3	4	5
51	Penso que todas as pessoas deveriam assumir um papel na sociedade	1	2	3	4	5
52	Gostaria de participar em movimentos de solidariedade	1	2	3	4	5
53	Tenho confiança no meu futuro	1	2	3	4	5
54	No trabalho/universidade os outros procuram a minha companhia	1	2	3	4	5
55	Tenho a impressão de que faço as coisas pior do que os outros	1	2	3	4	5
56	Tenho um aspeto físico pouco atraente	1	2	3	4	5
57	Num grupo, gosto de tomar poucas iniciativas	1	2	3	4	5

58	Estou contente com a forma como o meu corpo se desenvolve	1	2	3	4	5
59	Nos grupos tenho a sensação de isolamento	1	2	3	4	5
60	Estou contente com os meus resultados profissionais/escolares	1	2	3	4	5

* © Autores: Tap, P.; Hipólito, J.

Parte IV - ESCALA DE AUTO-EFICÁCIA PARENTAL

Esta escala procura descrever a forma como a pessoa se vê, em termos da sua eficácia na vida, e a forma como ela se vê, no que se refere à sua eficácia enquanto mãe.

De modo geral, sou eficaz na vida:

0 (Nada)

20 (Totalmente)

Enquanto Mãe (refira-se à relação com o(s) seu(s) filho(s))

(1= Nunca; 2= Raramente; 3= Às vezes; 4=Muitas; 5= Sempre)

1	Desconheço qual a profissão que o meu filho quer ter	1	2	3	4	5
2	O meu filho vai para a cama e levanta-se à hora que quer	1	2	3	4	5
3	Raramente sinto necessidade de ir à escola do meu filho	1	2	3	4	5
4	Vou buscar o meu filho à escola sempre à hora combinada, para que não se sinta esquecido	1	2	3	4	5
5	Deixo o meu filho fazer as tarefas que deseja (comer, vestir-se, lavar-se, etc.)	1	2	3	4	5
6	Os colegas e amigos do meu filho são desconhecidos para mim	1	2	3	4	5
7	O futuro do meu filho preocupa-me	1	2	3	4	5
8	Tento compreender o meu filho quando faz qualquer coisa que eu não aprovo antes de o repreender ou castigar	1	2	3	4	5
9	Tento que o meu filho distinga o que é certo e errado	1	2	3	4	5
10	Converso com o meu filho quando ele tem um comportamento errado, para que compreenda as razões do meu desagrado	1	2	3	4	5
11	Permito que o meu filho não cumpra as suas tarefas	1	2	3	4	5
12	Tento ser justo com o meu filho	1	2	3	4	5
13	Em casa cada um tem tarefas próprias, incluindo o meu filho	1	2	3	4	5
14	Evito que o meu filho experimente coisas novas	1	2	3	4	5
15	O meu filho só se veste com a roupa que eu escolho para ele	1	2	3	4	5
16	Interesso-me por conhecer os interesses do meu filho	1	2	3	4	5
17	Procuo dizer ao meu filho que o amo, e tenho manifestações carinhosas para com ele	1	2	3	4	5
18	O meu filho bate-me	1	2	3	4	5
19	O meu filho desconhece quais as regras que deve cumprir em casa	1	2	3	4	5

Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental

20	O meu filho é seguido regularmente pelo médico	1	2	3	4	5
21	Acompanho o dia-a-dia do meu filho e estou disponível se ele precisar	1	2	3	4	5
22	Incentivo o meu filho a procurar respostas para as suas dúvidas	1	2	3	4	5
23	Preocupo-me que o meu filho siga um caminho que o deixe feliz	1	2	3	4	5
24	Estou atento ao que se passa com o meu filho quando ele está triste ou contente	1	2	3	4	5
25	Escolho com o meu filho os brinquedos e jogos dele para não brincar com coisas perigosas	1	2	3	4	5
26	Quero que o meu filho escolha uma profissão que o deixe realizado	1	2	3	4	5
27	O meu filho tem as vacinas em atraso	1	2	3	4	5
28	Ensino e estou atento se o meu filho se comporta com boas-maneiras	1	2	3	4	5
29	O meu filho desconhece o porquê das regras lá de casa	1	2	3	4	5
30	Quero que o meu filho tenha a mesma profissão que eu	1	2	3	4	5
31	Procuo ser para o meu filho o melhor que sei e posso	1	2	3	4	5
32	Procuo explicar ao meu filho com linguagem cuidada a razão de determinadas regras e atitudes	1	2	3	4	5
33	O meu filho só faz os deveres que quer	1	2	3	4	5
34	Verifico se o meu filho se veste conforme o estado do tempo	1	2	3	4	5
35	O meu filho chega à escola (ou creche/ ama) de acordo com os meus horários	1	2	3	4	5
36	Faço as tarefas e os deveres do meu filho sempre que ele não é capaz	1	2	3	4	5
37	Desconheço os desejos do meu filho para o seu futuro	1	2	3	4	5
38	Procuo ajudar o meu filho nas áreas escolares em que tem mais dificuldade	1	2	3	4	5
39	Deixo o meu filho quebrar os castigos que lhe atribuo	1	2	3	4	5
40	Acho que o meu filho deve ter liberdade para assistir aos conflitos entre os pais	1	2	3	4	5
41	Descontrolo-me à frente do meu filho e isso não me preocupa	1	2	3	4	5
42	É-me indiferente o tipo de ensino da escola do meu filho	1	2	3	4	5
43	Faço planos para a vida futura que quero que o meu filho tenha	1	2	3	4	5
44	Desconheço quais os medos do meu filho	1	2	3	4	5

ANEXO XI

Declaração de Consentimento Informado: Gravação das sessões de
formação parental



Faculdade de Ciências Sociais E Humanas

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – EDUCAÇÃO ESPECIAL

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Designação do Estudo (em português):

Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental

Eu, abaixo-assinado, _____ compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que serei incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objetivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: ____/____/20__

Assinatura do participante no projeto: _____

O Investigador responsável:

Nome: Cláudia Sofia Rodrigues Capela

Assinatura: *Cláudia Sofia Rodrigues Capela*

Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa

ANEXO XII

Avaliação questionário de estilos parentais

Questionários de Estilos Parentais - Pais

Folha de Cotação e Perfil

Nome:

Sexo:

Escolaridade:

Idade:

Data de Avaliação: ___/___/___

Examinador:

Estilos Parentais					Total	Média
Estilo Autoritário						
2	3	7	9	12		
16	18	25	26	29		
Estilo Permissivo						
1	6	10	13	14		
17	19	21	24	28		
Estilo Democrático						
4	5	8	11	15		
20	22	23	27	30		

ANEXO XIII

Dimensões da Escala de Estima de Si – SERTHUAL

Dimensões da Escala de Estima de Si – SERTHUAL

Dimensões Positivas

A = Auto-Satisfação Geral: A pessoa declara-se otimista e positiva face a si mesma, possui uma boa opinião de si mesma, sente-se bem na sua pele, tem confiança em si e manifesta necessidade de afirmação.

B = Expansão Socio-Normativa: A pessoa manifesta o desejo de concretizar grandes feitos na vida e de assumir um papel na sociedade; deseja participar em movimentos de solidariedade; aprecia a companhia e as relações em grupo.

C = Maturidade Sócio-Pessoal: Predomina, na pessoa, um sentimento de responsabilidade; aprecia tomar decisões e levá-las até ao fim, com racionalidade e tolerância, maturidade emocional; desejo de satisfazer os superiores.

D = Valorização Psíquica e Intelectual: A pessoa considera que possui um físico agradável, sente-se orgulhosa do seu corpo e do desenvolvimento do mesmo; vê-se como sendo sexualmente atraente; manifesta ambição; valoriza-se intelectualmente.

E = Valorização Social, Académica e Profissional: A pessoa tem uma atitude amável, demonstra apreço pelas outras pessoas; é trabalhadora, sociável; tem confiança no seu futuro; encontra-se satisfeita com os seus resultados profissionais e/ou académicos/escolares.

Dimensões Negativas

F = Negação e Depreciação de Si: A pessoa percebe-se como falhada, sem esperança, ninguém a pode ajudar, não se respeita; é apática e não consegue enfrentar os acontecimentos.

G = Tensões Relacionais: A pessoa sente que os outros a evitam; isola-se, é pouco ativa em grupo, considera-se pouco atraente; percebe-se como sendo pior que os outros e que estes não confiam nela.

H = Perturbações Anómicas: A pessoa possui poucos valores ou modelos pessoais; manifesta uma inquietação e insegurança no que concerne à dimensão sexual; é

afetivamente perturbada; percebe-se como não merecendo a confiança de ninguém; não atribui qualquer valor a si mesma.

I = Tensões Emocionais: A pessoa não controla a sua agressividade; é impulsiva, colérica, nervosa e tensa; possui uma personalidade tendencialmente aditiva; fica desencorajada com os seus resultados.

J = Hostilidade Consigo Próprio: A pessoa sente-se insegura em relação a si própria; abúlica, com medo de falhar, não aprecia o que faz ou fez; trava batalhas internas, sentindo-se incapaz de se confrontar com crises e dificuldades.

ANEXO XIV

Tabelas de valores de referência da Escala de Estima de Si –
SERTHUAL

Tabelas de valores de referência da Escala de Estima de Si – SERTHUAL

TABELA: Grupo Etário 13-20 Anos

Percentis	Sexo Feminino										Sexo Masculino										Percentis
	Dimensões Positivas					Dimensões Negativas					Dimensões Positivas					Dimensões Negativas					
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
99	30	30	29	27	30	27	20	2	23	27	30	30	30	30	30	27	25	26	25	27	99
95	29	30	28	26	28	17	19	16	23	24	30	30	28	28	29	23	22	20	24	24	95
90	28	30	26	24	27	15	18	15	21	23	29	28	17	25	28	21	20	18	22	23	90
80	25	29	25	23	26	14	16	13	20	21	26	27	25	24	25	14	17	13	20	21	80
70	24	27	24	22	25	12	14	11	18	20	25	26	24	22	24	14	16	12	18	20	70
60	22	27	23	20	24	11	13	10	16	18	24	24	23	22	23	12	14	11	16	19	60
50	22	26	22	20	23	10	13	9	16	17	22	24	23	21	22	11	13	10	15	17	50
40	20	24	22	19	22	9	12	8	14	16	22	24	22	20	21	10	11	9	13	16	40
30	20	23	20	18	21	8	12	7	14	15	20	23	20	19	20	9	11	8	12	15	30
20	18	22	19	16	20	7	10	6	13	14	18	20	18	18	19	9	10	7	11	14	20
10	15	18	15	13	19	6	8	6	11	13	15	18	16	15	17	8	7	7	10	12	10
Média	21.60	24.79	21.95	19.81	22.9	10.60	12.87	9.68	15.83	17.53	22.22	23.3	21.6	20.66	21.97	12.4	13.31	10.82	15.25	17.29	Média
Desvio Padrão	4.39	3.84	3.47	3.47	3.16	3.86	3.42	3.38	3.87	3.96	5.10	3.99	4.2	3.91	4.43	4.71	4.48	4.33	4.62	4.24	Desvio Padrão
N	672	672	672	672	672	672	672	672	672	672	607	607	607	607	607	607	607	607	607	607	N

TABELA: Grupo Etário 21-23 Anos

Percentis	Sexo Feminino										Sexo Masculino										Percentis
	Dimensões Positivas					Dimensões Negativas					Dimensões Positivas					Dimensões Negativas					
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
99	30	30	29	30	29	29	26	26	27	28	30	30	30	30	30	21	21	20	29	26	99
95	28	30	27	26	27	19	20	16	23	24	30	30	29	29	30	21	20	17	22	23	95
90	28	30	26	25	27	16	17	14	21	23	29	29	27	26	29	17	18	14	19	21	90
80	26	29	25	23	26	14	16	12	19	21	28	28	26	25	27	14	16	10	17	19	80
70	25	27	24	22	25	12	15	10	18	20	25	27	25	23	25	11	15	10	16	18	70
60	23	26	24	21	24	10	13	9	17	19	24	26	25	22	24	10	13	9	15	17	60
50	22	26	23	20	23	9	12	8	16	17	23	24	23	21	23	10	13	9	14	16	50
40	21	24	22	19	22	8	12	8	15	16	22	23	22	20	22	8	11	7	13	15	40
30	20	23	20	18	21	8	11	7	13	15	21	21	22	19	22	8	10	6	11	13	30
20	19	21	19	17	20	7	9	6	13	14	19	21	20	18	20	8	9	6	11	12	20
10	16	18	17	15	18	6	7	6	12	13	17	17	18	17	18	6	7	6	9	11	10
Média	21.94	24.48	22.11	20.19	22.73	10.5	12.68	9.18	16	15.57	23.19	23.58	23.09	21.3	23.44	10.67	12.54	9.04	14.14	15.7	Média
Desvio Padrão	4.11	4.21	3.59	3.83	3.30	4.50	4	3.46	3.86	3.95	4.29	4.33	3.75	3.69	3.78	4.07	3.88	3.47	4.16	4.15	Desvio Padrão
N	672	672	672	672	672	672	672	672	672	672	607	607	607	607	607	607	607	607	607	607	N

TABELA: Grupo Etário 24-26 Anos

Percentis	Sexo Feminino										Sexo Masculino										Percentis
	Dimensões Positivas					Dimensões Negativas					Dimensões Positivas					Dimensões Negativas					
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
99	30	30	30	30	30	24	24	25	28	28	30	30	30	30	30	26	25	26	29	24	99
95	29	30	28	27	29	22	20	23	23	26	30	30	29	29	30	24	24	22	24	22	95
90	28	29	27	26	28	21	19	15	22	23	29	29	28	26	28	17	17	15	20	21	90
80	25	29	26	22	26	16	17	13	20	22	27	27	26	25	27	14	15	12	17	20	80
70	24	27	24	22	25	13	15	10	19	20	25	26	25	24	25	11	14	10	16	18	70
60	22	27	24	21	24	11	14	10	18	18	24	24	24	23	24	11	13	9	15	18	60
50	21	26	23	20	23	10	13	9	17	18	23	24	23	21	24	9	12	8	15	16	50
40	19	24	21	19	22	9	12	8	16	17	22	23	22	20	22	8	11	8	13	15	40
30	18	24	21	17	21	8	11	7	15	16	22	23	22	19	22	7	10	7	13	13	30
20	17	23	18	16	20	7	11	6	14	13	21	21	21	18	20	6	8	6	11	11	20
10	15	18	16	14	18	6	9	6	12	11	18	18	18	17	19	6	8	6	9	10	10
Média	20.97	24.53	22.07	19.33	22.82	11.57	13.65	9.85	17.07	17.67	23.46	23.39	22.95	21.44	23.31	10.51	12.25	9.59	14.62	15.72	Média
Desvio Padrão	4.62	4.72	4.45	4.59	3.65	5.12	3.7	4.3	4.17	4.55	3.76	3.87	3.89	4.15	3.56	4.95	4.32	4.31	4.24	4.17	Desvio Padrão
N	672	672	672	672	672	672	672	672	672	672	607	607	607	607	607	607	607	607	607	607	N

TABELA: Habilitações Literárias – 4º Ano

Percentis	Sexo Feminino										Sexo Masculino										Percentis
	Dimensões Positivas					Dimensões Negativas					Dimensões Positivas					Dimensões Negativas					
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
99	30	30	30	30	30	28	28	30	26	30	30	30	30	30	30	23	27	26	29	27	99
95	30	30	30	23	30	26	25	25	21	26	29	30	28	28	30	22	25	24	23	25	95
90	29	30	29	23	29	24	23	24	21	25	29	30	28	26	29	20	21	22	22	23	90
80	27	30	27	21	27	20	18	21	18	23	26	29	26	24	27	19	18	19	20	21	80
70	25	29	27	21	26	18	17	19	17	20	26	27	25	22	26	17	15	18	17	20	70
60	24	27	25	20	25	16	15	17	16	18	24	24	23	20	24	16	14	16	16	19	60
50	23	26	24	18	24	14	13	15	15	18	23	23	22	18	22	14	13	14	14	17	50
40	22	24	23	16	23	13	12	14	14	16	21	21	22	17	20	12	12	12	13	16	40
30	20	23	21	15	21	10	11	11	13	15	20	20	16	18	9	10	10	12	15	30	
20	17	21	19	13	20	9	10	9	11	14	17	18	18	13	17	8	9	9	10	13	20
10	14	18	17	11	17	7	8	7	10	13	14	15	14	10	14	6	6	6	10	11	10
Média	22.26	24.56	23.27	17.47	23.16	14.85	14.24	15.27	14.93	18.13	21.80	22.71	21.67	18.43	21.67	13.44	13.41	14.21	14.96	17.32	Média
Desvio Padrão	9.93	4.93	4.64	4.37	4.55	5.92	5.38	5.98	4.12	4.61	5.5	5.69	5.39	5.61	5.36	5.20	5.13	5.57	4.89	4.38	Desvio Padrão
N	672	672	672	672	672	672	672	672	672	672	607	607	607	607	607	607	607	607	607	607	N

Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental

TABELA: Habilitações Literárias – 6º Ano

Percentis	Sexo Feminino										Sexo Masculino										Percentis
	Dimensões Positivas					Dimensões Negativas					Dimensões Positivas					Dimensões Negativas					
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
99	30	30	30	29	29	27	22	24	26	28	30	30	30	30	30	30	30	30	30	28	99
95	28	30	30	27	28	26	21	23	25	27	30	30	30	29	30	25	25	23	23	26	95
90	27	30	29	25	28	21	19	22	22	24	30	30	29	28	30	22	23	21	23	25	90
80	25	30	27	22	26	17	18	17	19	21	28	29	27	25	29	19	21	19	20	21	80
70	24	26	26	21	25	15	17	14	18	20	27	29	25	23	27	16	18	18	18	19	70
60	22	26	24	19	24	13	16	14	17	18	25	27	24	22	26	15	16	15	16	18	60
50	21	25	23	18	22	11	14	12	17	18	24	27	23	20	26	14	14	14	16	17	50
40	19	24	22	17	22	10	12	9	15	17	21	24	23	19	23	12	12	12	14	16	40
30	18	24	21	16	20	8	11	8	14	16	20	23	21	17	22	10	10	10	13	14	30
20	17	21	18	15	20	7	10	6	12	15	18	21	18	16	19	8	8	7	10	12	20
10	14	20	17	9	19	6	8	6	10	12	13	17	16	14	16	6	6	6	9	10	10
Média	20.69	24.84	22.94	17.94	22.81	12.34	14.10	12	16.31	17.72	22.73	24.66	22.73	20.51	24	13.66	14.56	13.76	15.49	16.85	Média
Desvio Padrão	4.80	3.80	4.19	5.17	3.44	5.67	4.27	5.53	4.20	4.31	5.53	4.71	4.80	4.88	5.28	5.72	6.21	5.73	4.97	5.08	Desvio Padrão
N	672	672	672	672	672	672	672	672	672	672	607	607	607	607	607	607	607	607	607	607	N

TABELA: Habilitações Literárias – 9º Ano

Percentis	Sexo Feminino										Sexo Masculino										Percentis
	Dimensões Positivas					Dimensões Negativas					Dimensões Positivas					Dimensões Negativas					
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
99	30	30	30	27	30	30	28	26	28	26	30	30	30	30	30	30	29	30	30	25	99
95	30	30	29	26	30	25	23	24	24	25	29	30	30	28	30	27	27	26	26	23	95
90	29	30	28	23	29	21	21	19	23	24	29	30	28	26	28	23	24	25	25	22	90
80	27	27	27	22	27	18	15	15	21	21	27	27	27	24	27	19	19	20	21	21	80
70	25	27	27	21	26	15	16	14	19	20	26	27	25	24	26	16	16	15	18	19	70
60	24	27	25	20	24	14	14	12	18	19	25	26	25	22	25	13	15	12	17	18	60
50	22	26	23	19	24	13	13	11	16	17	24	24	24	21	24	11	14	11	16	17	50
40	21	24	22	18	22	11	12	9	15	16	23	24	22	20	23	10	13	9	14	15	40
30	20	23	21	17	21	9	11	8	13	15	21	23	21	18	21	9	10	8	12	14	30
20	19	21	20	16	20	8	10	7	13	14	19	21	20	18	20	7	6	6	11	12	20
10	16	19	18	11	19	6	9	6	11	11	18	18	17	15	17	6	7	6	9	11	10
Média	22.32	24.45	23.12	18.68	23.28	13.14	14.05	11.86	16.48	17.32	23.27	23.82	22.99	20.91	23.05	13.19	14.49	12.64	16	16.56	Média
Desvio Padrão	5.05	4.16	4.41	4.40	4.23	5.65	4.61	5.20	4.69	4.45	4.49	4.32	4.28	4.20	4.28	6.53	5.96	6.64	5.67	4.15	Desvio Padrão
N	672	672	672	672	672	672	672	672	672	672	607	607	607	607	607	607	607	607	607	607	N

TABELA: Habilitações Literárias – 12º Ano

Percentis	Sexo Feminino										Sexo Masculino										Percentis
	Dimensões Positivas					Dimensões Negativas					Dimensões Positivas					Dimensões Negativas					
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
99	30	30	30	30	30	30	27	30	30	28	30	30	30	30	30	29	30	30	28	99	
95	29	30	29	26	28	26	25	23	24	25	30	30	30	29	29	25	25	23	25	24	95
90	29	30	27	26	28	21	19	16	23	23	30	29	29	26	28	19	20	18	22	22	90
80	27	29	26	24	26	16	16	13	20	21	29	27	26	24	26	15	16	13	19	20	80
70	26	27	25	22	25	13	14	11	18	20	26	27	25	23	25	13	14	11	17	19	70
60	24	27	24	21	25	11	13	10	17	18	25	26	24	23	24	11	13	10	16	17	60
50	22	26	23	20	24	10	13	9	16	17	24	24	23	21	24	10	12	9	14	16	50
40	22	26	23	19	23	9	12	8	15	16	22	24	22	20	22	9	11	8	13	15	40
30	20	24	21	18	22	8	11	7	14	15	21	23	21	19	22	8	10	7	12	13	30
20	19	23	20	17	21	7	9	6	12	13	20	21	20	18	21	7	9	6	10	12	20
10	17	20	18	15	19	6	7	6	11	11	18	18	18	17	19	6	7	6	9	10	10
Média	22.56	25.09	22.83	19.99	23.46	11.65	13.18	10.38	16.37	17.24	23.48	23.80	23.14	21.29	23.37	11.57	12.90	10.37	14.95	16.26	Média
Desvio Padrão	4.41	4.19	3.85	4.23	3.32	5.80	4.80	5.13	4.46	4.56	4.48	3.98	3.94	4.06	3.76	5.69	5.01	5.46	5.36	4.6	Desvio Padrão
N	672	672	672	672	672	672	672	672	672	672	607	607	607	607	607	607	607	607	607	607	N

ANEXO XV

Avaliação qualitativa das Dimensões da Escala de Estima de Si –
SERTHUAL

Avaliação qualitativa das Dimensões da Escala de Estima de Si – SERTHUAL

Dimensões Positivas

A – Auto – Satisfação Geral: Um sujeito que obtém resultados elevados nesta dimensão percebe-se como tendo uma visão otimista e positiva de si, confiante e com uma manifesta necessidade de afirmação perante si e os outros.

B – Expansão Sócio – Normativa: Um sujeito que obtém resultados elevados nesta dimensão revela um desejo de atingir objetivos geralmente de grande importância e desempenhar um papel na sociedade. Procura a participação em movimentos de solidariedade e aprecia as relações interpessoais e grupais.

C – Maturidade Sócio – Pessoal: Resultados elevados nesta dimensão revelam que o sujeito se percebe e sente como uma pessoa responsável, que gosta não só de tomar as suas decisões como leva-las até ao fim. Valoriza o pensamento racional e a tolerância e demonstra maturidade emocional. Gosta frequentemente de satisfazer os seus superiores.

D – Valorização Psíquica e Intelectual: Resultados elevados nesta dimensão demonstram que o sujeito percebe o seu corpo de uma forma extremamente positiva, quer no que diz respeito aos seus atributos físicos como sentir-se sexualmente atraente e orgulhoso do seu corpo, mas também das suas capacidades intelectuais como a ambição ou inteligência.

E – Valorização Social, Académica e Profissional:

Um sujeito que obtenha resultados elevados nesta dimensão considera-se como sendo uma pessoa amável que aprecia os outros, trabalhador e sociável. Revela confiança no futuro e demonstra satisfação a nível dos resultados profissionais, académicos e escolares.

Dimensões Negativas

F – Negação e Depreciação de Si: Um sujeito que obtenha resultados elevados nesta dimensão percebe-se como um inútil para o qual não existe esperança. Tem o

sentimento de que ninguém o pode ajudar, não se respeita a si próprio e sente-se apático. Perceciona-se como incapaz de enfrentar os acontecimentos da vida.

G – Tensões Relacionais: Resultados elevados nesta dimensão demonstram que o sujeito se percebe como desinteressante pois sente que os outros o evitam. Tem tendência para se isolar dos outros, demonstra ser pouco ativo em situações de grupo e considera-se pouco atraente, pior do que os outros e que os outros não podem confiar em si.

H – Perturbações Anómicas: Resultados elevados nesta dimensão demonstram que o sujeito se percebe como possuidor de poucos valores e princípios ou modelos pessoais. Sente-se afetivamente perturbado e demonstra sentimentos de receio em relação ao sexo. Existe uma total desvalorização de si mesmo e acredita que não merece a confiança de ninguém.

I – Tensões Emocionais: Um sujeito que obtenha valores elevados nesta dimensão tem o sentimento de que não controla a sua agressividade, que é frequentemente impulsivo e colérico com sentimentos de nervosismo e tensão. Demonstra uma personalidade aditiva e sente-se muitas vezes desencorajado com os seus resultados.

J – Hostilidade Consigo Mesmo: Resultados elevados nesta dimensão revelam que o sujeito se percebe como muito inseguro em relação a si próprio, com sentimentos de extrema passividade e falta de energia. Revela um receio constante de falhar e desvaloriza constantemente as suas realizações. Sente-se incapaz de resolver os seus conflitos internos e de enfrentar situações de crise ou dificuldades.

ANEXO XVI

Tabelas de valores de referência da Escala de Autoeficácia Parental

Tabelas de valores de referência da Escala de Auto Eficácia Parental

Tabela 33. Valores médios (*M*), de dispersão (*DP*) e normas percentilicas (*Pc*) das sub-escalas, dimensões e escala total

	Atitudes e comportamentos promotores de desenvolvimento	Equilíbrio independência -segurança	Auto-eficácia positiva	Permissividade, negligência e desinteresse	Controlo negativo	Auto-eficácia negativa	Escala total
<i>M</i>	4.53	4.07	8.59	2.33	2.75	5.08	3.51
<i>DP</i>	.45	.56	.93	1.24	.94	2.02	2.38
<i>Pc</i>							
10	3.93	3.29	7.32	1.18	1.60	2.92	-.07
20	4.20	3.57	7.86	1.35	1.80	3.35	.77
30	4.40	3.86	8.19	1.47	2.20	3.76	2.34
40	4.53	4	8.54	1.65	2.40	4.11	3.40
50	4.60	4.14	8.73	1.76	2.60	4.43	3.80
60	4.73	4.29	8.94	2.00	3	4.96	4.46
70	4.86	4.43	9.17	2.59	3.20	5.79	5.15
80	4.93	4.57	9.43	3.94	3.60	7.46	5.66
90	5.00	4.71	9.71	4.53	4	8.35	6.41
99	5.00	5	10	4.99	4.97	9.68	7.79

Tabela 34. Médias, desvios-padrão e percentis (*Pc*) das sub-escalas positivas, da dimensão positiva da auto-eficácia parental e da escala total, divididos por género

	Atits.e comports. promotores de desenvolvimento		Equilíbrio independência-segurança		Auto-eficácia positiva		Escala total	
	Mães n=132	Pais n=180	Mães n=132	Pais n=180	Mães n=132	Pais n=180	Mães n=132	Pais n=180
<i>M</i>	4.46	4.50	4.15	4.00	8.71	8.50	3.45	3.56
<i>DP</i>	.43	.46	.51	.59	.86	.97	2.39	2.38
<i>Pc</i>								
10	4.02	3.87	3.43	3.14	7.63	7.06	-.02	-.09
20	4.31	4.13	3.71	3.43	8.02	7.70	.81	.71
30	4.47	4.33	3.99	3.71	8.40	8.04	1.86	2.54
40	4.60	4.47	4.00	3.86	8.68	8.41	3.38	3.45
50	4.67	4.60	4.14	4.00	8.80	8.63	3.67	3.94
60	4.73	4.73	4.29	4.14	9.03	8.85	4.29	4.50
70	4.86	4.84	4.43	4.43	9.22	9.15	5.03	5.29
80	4.93	4.87	4.57	4.57	9.43	9.42	5.55	5.68
90	5	5	4.85	4.71	9.72	9.67	6.44	6.36
99	5	5	5	5	10	10	7.84	7.74

Tabela 35. Médias, desvios-padrão e percentis das sub-escalas negativas e da dimensão negativa da auto-eficácia parental, divididos por género

	Permissividade, negligência e desinteresse		Controlo negativo		Auto-eficácia negativa	
	Mães n=132	Pais n=180	Mães n=132	Pais n=180	Mães n=132	Pais n=180
<i>M</i>	2.43	2.26	2.83	2.69	5.26	4.95
<i>DP</i>	1.35	1.16	1.01	.88	2.21	1.87
<i>Pc</i>						
10	1.14	1.19	1.43	1.60	2.86	2.98
20	1.29	1.35	1.92	1.80	3.38	3.31
30	1.47	1.47	2.20	2.20	3.76	3.76
40	1.65	1.65	2.40	2.40	4.14	4.09
50	1.76	1.76	2.78	2.60	4.54	4.41
60	2.05	2.00	3.16	3.00	5.16	4.82
70	2.95	2.40	3.40	3.20	6.26	5.57
80	4.19	3.58	3.80	3.40	7.83	6.83
90	4.65	4.35	4.20	4.00	8.60	8.09
99	5.00	4.89	5.00	4.80	10.00	9.59

ANEXO XVII

Principais alterações ao programa “Escola de Mães” (Bernardo, 2013)

Na tabela seguinte estão registadas as principais alterações ao programa “Escola de Mães” (Bernardo, 2013)

	“Escola de Mães” (Bernardo, 2013)	Nº Diapositivos	Formação Parental	Nº Diapositivos
	Diapositivos Eliminados		Diapositivos Acrescentados	
Sessão 1	Dinâmica de grupo: - Amuleto da sorte - Caixinha de sonhos	5	Atividades: - Entrevista - A viagem - Troca de segredo	6
Sessão 2	Comunicação pais/filhos	19	Atividades: - Sou boa mãe? - Vídeos estilos parentais.	21
Sessão 3		22	Atividades: - Alimentação saudável vs alimentação não saudável. Vídeos: - Criança dá dicas de uma boa alimentação. - Obesidade infantil.	23
Sessão 4	O que ela tem de positivo?	19	Ajudar a criança, escutando-a	19
Sessão 5	- Adeus e boa viagem - Socialização no desenvolvimento infantil (alguns itens)	11	- Revisão sessão nº4: autoestima - Importância dos valores e da socialização. - O que são valores (brainstorming).? - O que são valores?	13
Sessão 6	- Brincar é aprender (3) - Através do jogo podes observar o comportamento da criança nos acontecimentos de todos os dias (resumido) - Comunicação (1) - Regras práticas para uma boa comunicação (3)	18	- Brincar: atividades com as mães - Resiliência (alterado)	12

ANEXO XVIII

Apresentação das sessões da formação parental tendo por base as sessões do programa “Escola de Mães” (Bernardo, 2013)

Apresentação das sessões da Formação Parental tendo por base as sessões do programa “Escola de Mães” (Bernardo, 2013):

Sessão 1

<p>Intervenção Precoce com Jovens Mães Implementação de um programa de formação parental</p> <p>Funchal, 11 de Junho de 2014 Local: Centro da Mãe</p>	<p>Apresentação do Programa</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação • Quem sou eu como Mãe • Alimentação, saúde e higiene • Auto-estima e comunicação • Socialização • Atitudes e comportamentos 	<p>Calendário da formação</p> <ul style="list-style-type: none"> • 11 de Junho • 18 de Junho • 25 de Junho • 2 de Julho • 9 de Julho • 16 de Julho
<p>Actividades</p> <p>A viagem...</p>	<p>Actividades</p> <p>Troca de Segredo...</p>	<p>Fim da 1ª Sessão</p> <p>Muito Obrigada pela vossa atenção!</p>

Sessão 2

<p>Intervenção Precoce com Jovens Mães Implementação de um programa de formação parental</p> <p>Funchal, 18 de Junho de 2014 Local: Centro da Mãe</p>	<p>Quem sou eu como mãe?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Consciencializar para a importância das figuras parentais no desenvolvimento da criança; • Compreender a figura parental como um educador em todas as áreas de desenvolvimento da criança; • Conhecer os diferentes estilos parentais e identificar-se neles; • Reconhecer possíveis consequências de estilos parentais discrepantes, entre pai e mãe; • Refletir sobre a educação como processo em construção permanente. 	<p>Actividades</p> <p>Vídeo: "Criança vê, Criança faz!"</p>
<p>Actividades</p> <p>Sou boa mãe?</p>	<p>Papagaio de papel</p> <p>Educar...</p>	<p>Áreas de desenvolvimento infantil</p> <p>DESENVOLVIMENTO FÍSICO</p>

Áreas de desenvolvimento infantil

DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL



Programa de Formação Parental

Áreas de desenvolvimento infantil

DESENVOLVIMENTO SOCIAL



Programa de Formação Parental

Áreas de desenvolvimento infantil

DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL



Programa de Formação Parental

Áreas de desenvolvimento infantil

DESENVOLVIMENTO MORAL



Programa de Formação Parental

Actividades

Vídeo: "Estilos Parentais" →

Programa de Formação Parental

Estilos Parentais

"Pronto, queres ver o jogo na televisão, então vai lá, não é preciso berrar"

Postura de passividade; tom de voz nervoso; expressão facial tensa

"Agora vais acabar os trabalhos de casa! Não há futebol para ninguém! Nem me respondas!"

Postura agressiva; tom de voz alterado, rápido e seco; expressão facial agressiva e tensa

Programa de Formação Parental

Estilos Parentais

"Então hoje queres ver o jogo de futebol que vai dar na televisão? Mas então vamos fazer um acordo: até à hora do jogo começar, achas que consegues acabar os deveres? Que te parece?"

Postura calma; tom de voz e expressão facial revelam segurança, serenidade e confiança

"És um tolo, não fazes os trabalhos de casa, não dás nada na escola e ainda queres ir ver o futebol."


Postura agressiva; tom de voz alterado, rápido e seco; expressão facial agressiva e tensa

Programa de Formação Parental

Estilos Parentais

Estilo "Deixar fazer tudo"

- ◆ Sente dificuldade em dizer não e em ser firme, os pais funcionam como recursos aos desejos dos filhos;
- ◆ Tenta a todo o custo evitar o conflito;
- ◆ É habitual em pessoas submissas, que têm muita dificuldade em mostrar as suas opiniões e necessidades




Programa de Formação Parental

Estilos Parentais

Estilo "Autoritário"

- ◆ Impõe muitas regras, sem respeitar as necessidades e opiniões da criança, e sem lhe permitir qualquer liberdade de expressão;
- ◆ Recorrem a medidas punitivas (físicas e verbais) para que se comportem segundo as suas exigências;
- ◆ É características de pessoas agressivas




Programa de Formação Parental

Estilos Parentais

Estilo "Democrata"

- ◆ Aceita a criança tal com ela é, proporcionando-lhe amor e carinho, bem como regras pelas quais ela se possa orientar, fazendo-se respeitar;
- ◆ Mostra-se capaz de negociar situações de conflito, por forma a que as duas partes fiquem satisfeitas;
- ◆ Está associado a pessoas que exprimem as suas ideias e opiniões, de forma serena e construtiva, respeitando as dos outros.



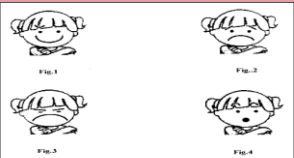
Programa de Formação Parental

Actividades

Vídeo: "Estilos Parentais"

Programa de Formação Parental

Comunicação não verbal



Figuras de Jogo "Brincando com as Expressões". História: 1. Alegria, 2. Tristeza e 3. Raiva, 4. Surpresa.

Programa de Formação Parental

Comunicação pais/filhos

- ▶ Ao dar uma informação, procure que seja sempre de uma forma positiva.
- ▶ Obedecer à regra de que "tudo o que se diz, cumpre-se".
- ▶ Colocamos no lugar do filho.
- ▶ Passar mensagens consistentes e não contraditórias.
- ▶ Escutar com atenção e interesse.
- ▶ Expressar e compartilhar sentimentos.
- ▶ Ser clara na hora de pedir algo.

Programa de Formação Parental

Síntese da 2ª Sessão

- ▶ Os pais são os modelos para os seus filhos
- ▶ É necessário e inevitável atuar consoante a situação
- ▶ Os filhos terão comportamentos consoantes as atitudes que os pais têm com eles
- ▶ Uma boa comunicação ajuda a uma boa educação

Programa de Formação Parental

Fim da 2ª Sessão

Muito Obrigada pela vossa atenção!



Programa de Formação Parental

Sessão 3

Intervenção Precoce com Jovens Mães
Implementação de um programa de formação parental

Local: Centro da Mãe

Funchal, 25 de Junho de 2014

Alimentação, Saúde e Higiene

- Desenvolver a capacidade de gestão alimentar familiar/infantil e hábitos alimentares saudáveis;
- Promover competências de higiene alimentar, doméstica e corporal.

Alimentação

Actividade

Alimentação Saudável VS Alimentação Não Saudável

Escola de Mães

Regras sobre a Alimentação

- Tomar sempre o pequeno almoço;
- Tomar sempre um lanche a meio da manhã e da tarde;
- Incluir nas refeições alimentos de todos os sectores da pirâmide dos alimentos, nas proporções por ela sugeridas.

Regras sobre a Alimentação

- Variar o mais possível de alimentos;
- Não passar mais de três horas e meia sem comer;
- Evitar alimentos com muito sal.

Regras sobre a Alimentação

- Evitar alimentos açucarados (bolos, rebuçados, refrigerantes, etc.);
- Evitar os fritos ou ementas com muita gordura; opte por cozidos, grelhados ou estufados;
- Evite gorduras aquecidas e óleo queimado, dando preferência ao azeite.

Regras sobre a Alimentação

- Aumente o consumo de legumes, frutas e hortaliças, reduz nas carnes vermelhas;
- Beba muita água;

Conselhos Alimentares

- Na loja, escolha os legumes mais frescos;
- Prefira legumes e frutos da época;
- Lave com cuidado uma a uma as folhas em água corrente.

Conselhos Alimentares

- Mantenha os alimentos refrigerados;
- Varie o tipo de vegetais. Por exemplo, nas saladas use diferentes tipos e alface e inclua tomate, pepino e pimento.

Ementa

Pequeno-almoço	Lanche
Leite	Leite/derivados
Cereais/pão	Pão
Fruta	Fruta
Meio da manhã	Jantar
Pão com fiambre/queijo	Sopa
Fruta/sumo de fruta	Arroz/batata
Almoço	Peixe/ovos
Sopa	Legumes/salada
Pão	Fruta
Massa/arroz	Ceia
Frango/carne vermelha	Leite
Legumes/salada	
Fruta	

Alimentação e Saúde

- Capacidade de aprender;
- Comunicar;
- Aprender;
- Defesa contra doenças;
- Atividade física.

Alimentação e Saúde

Subnutrição na infância

Má nutrição → Limitação da capacidade física e intelectual no futuro

Boa nutrição → Estreita ligação com a saúde, comportamento e desenvolvimento cognitivo

Alimentação e Saúde

Obesidade: crescimento anormal na infância




Consequências:

- Psicológicas (rejeição social);
- Físicas (coluna, articulações, problemas de mobilidade, problemas cardiovasculares).

Se fosse um alimento qual seria?

<h3>Saúde</h3> <ul style="list-style-type: none"> As crianças que praticam desporto são: <ul style="list-style-type: none"> Mais alegres; Menos irritadiças; Têm melhor relacionamento social. Ao mesmo tempo: <ul style="list-style-type: none"> Previne a obesidade; Melhora a capacidade pulmonar e a resistência física; Aumenta a densidade mineral óssea.  <p>Programa de Formação Parental</p>	<h3>Higiene e Saúde da Criança</h3> <ul style="list-style-type: none"> As unhas grandes acumulam mais sujidade e facilitam a contaminação da criança, além de fazer com que elas se arranhem com facilidade; Dentes - A rotina de higiene bucal é muito importante. Antes mesmo que tenha dentes, pode-se iniciar a limpeza da boca do bebé por volta dos 4 meses de idade para que comece a se acostumar com esta prática de higiene bucal; Vacinas em dia; Lavar a cabeça diariamente e escovar bem os cabelos.  <p>Programa de Formação Parental</p>	<h3>Higiene Doméstica</h3> <ul style="list-style-type: none"> Lavar, sempre que necessário, as mãos; Evitar acumulação de objetos, sem organização; Lavar bem os alimentos frescos; Ajeitar com muita frequência casa. Deixar entrar o luz solar; Cuidados com o lavar e secar a roupa; Lave com alguma frequência os cortinados, tapetes, edredons/colchonetes e almofadas. <p>Programa de Formação Parental</p>
<h3>Acidentes mais comuns</h3> <ul style="list-style-type: none"> Asfixia (travesseiro, saco plástico); Estrangulamento (cordões, laços); Queda (berço, escada, laje etc.); Ingestão de objetos estranhos (terra, pedra, insetos etc.); Envenenamento (medicamentos, inseticidas etc.); Queimaduras (água, leite ou óleo fervendo); Choques elétricos; Atropelamento; Outras contusões (fraturas e ferimentos). <p>Programa de Formação Parental</p>	<h3>Prevenir acidentes</h3> <ul style="list-style-type: none"> Proteger as janelas e outras saídas; Proteger as crianças menores do risco de ferimentos com objetos e tomar cuidado com escadas; Proteger tomadas; Manter fora do alcance das crianças, remédios, produtos de limpeza e material inflamável. <p>Programa de Formação Parental</p>	<h3>Que fazer em caso de acidente?</h3> <p>Apesar de todo cuidado, e se acontecerem acidentes?</p> <ol style="list-style-type: none"> Mantenha a calma; Providencie os primeiros socorros; Peça por ajuda se necessário; <p>Programa de Formação Parental</p>
<h3>Caixa de Primeiros Socorros</h3> <ul style="list-style-type: none"> Termómetro Tesoura Pinça Gaze esterilizada Adesivo Água Oxigenada Sabão líquido de pH neutro Soro fisiológico Ligaduras elásticas Betadine Analgésicos Compressas Pensos adesivos Alfinetes Saco de gelo instantâneo Saco para desperdícios Pó de Talco  <p>Programa de Formação Parental</p>	<h3>Fim da 3ª Sessão</h3> <p>Muito Obrigada pela vossa atenção!</p>  <p>Programa de Formação Parental</p>	

Sessão 4

<h3>Intervenção Precoce com Jovens Mães</h3> <h4>Implementação de um programa de formação parental</h4>  <p>Local: Centro da Mãe Funchal, 2 de Julho de 2014</p> <p>Programa de Formação Parental</p>	<h3>Autoestima</h3> <p>A forma como agimos, em casa, no trabalho, no amor, como pais, e até onde subiremos na vida é influenciada pela nossa autoestima.</p> <p>As nossas reações aos acontecimentos do dia-a-dia são causadas por quem e pelo que pensamos que somos.</p> <p>A AutoEstima é a avaliação que a pessoa faz de si própria, podendo esta ser positiva ou negativa.</p>  <p>Programa de Formação Parental</p>	<h3>Autoestima</h3> <p>Na verdade todos nós devíamos pensar assim...</p>  <p>Programa de Formação Parental</p>
<h3>Como melhorar a Autoestima na família</h3> <ol style="list-style-type: none"> Disponibilidade Comunicação pais-filhos: que os pais falem menos e escutem mais. Coerência dos pais e autoexigência dos filhos Ter iniciativa, inquietudes e bom humor, especialmente com o cônjuge. Aceitar nossas limitações e as dos nossos filhos <p>Programa de Formação Parental</p>	<h3>Como melhorar a Autoestima na família</h3> <ol style="list-style-type: none"> Reconhecer e reafirmar o que vale a outra pessoa Estimular a autonomia pessoal Desenhar um projeto pessoal Ter um nível de aspirações alto, mas realista Escolhemos bons amigos e amigas <p>Programa de Formação Parental</p>	<h3>Atitudes dos pais que podem magoar ou entristecer as crianças</h3> <ul style="list-style-type: none"> Criticar constantemente as crianças em frente a outras pessoas, quer sejam crianças ou adultos (Pareces mesmo um palerma...já te disse que não é assim que se faz...); Contar os segredos das crianças a outras pessoas, de uma forma que as faça sentirem-se humilhadas (Sabiam que ele ainda faz xixi na cama?); Pedir com insistência às crianças para desempenharem um determinado papel perante os outros (Anda lá, canta aquela música que cantaste há bocado, para o avô ouvir!); Esquecer os nomes dos amigos das crianças, ou confundir-los; <p>Programa de Formação Parental</p>

Atitudes dos pais que podem magoar ou entristecer as crianças

- Estar sempre a colocar **perguntas de uma forma crítica** e negativa ("Já fizeste os trabalhos de casa, ou não é para hoje?", "Vais chorar outra vez porque tens que ir dormir, como fizeste ontem?");
- **Criticar as brincadeiras** das crianças ("Não sei como é que gostas de jogar 'lazos', que brincadeira mais tonta...");
- **Desvalorizar** ou não compreender os medos das crianças ("Tens medo do escuro? O escuro não faz mal a ninguém...")

Programa de Formação Parental

Autoestima positiva na criança

- É uma qualidade importante para ser feliz;
- Protege-nos contra os contratempos da vida e os insucessos, uma pessoa com **autoestima positiva** irá ter **menos tendência a desvalorizar-se** face a um desempenho infeliz;

Programa de Formação Parental

Autoestima positiva na criança

- Funciona também como **alicerce** para a construção de expectativas de futuro positivas, **evitando ansiedades** inúteis, uma vez que a pessoa tem uma **imagem positiva de si própria**, sente bem consigo mesma e acredita nas suas capacidades e competências;
- A autoestima positiva motiva a pessoa para trabalhar construtivamente na melhoria do seu comportamento e das suas relações futuras.


Programa de Formação Parental

"História do velho, do rapaz e do burro"



Programa de Formação Parental

Equação do Amor

Expressão de sentimentos positivos + Elogio = 

Programa de Formação Parental

Comunicação pais/filhos Perceção dos filhos

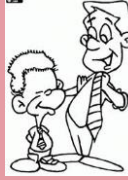
- Se o seu filho parece preocupado. Será que alguma coisa correu mal na escola?
- Terá sido com um adulto, ou com outra criança?
- Como é que o poderá ajudar?

Programa de Formação Parental

Ajudar a criança, escutando-a

Tentar resolver a situação

- Como correu hoje o dia?
- Cotidinho, conta lá...
- Nota:** *Tenho um professor de Matemática que estava todo muito depressa.*
- Oh! Que aborrecido. Deixa lá que eu ajudo-te a fazer os trabalhos... E se continuas assim, eu telefono para a escola para falar com o professor. Essa situação não pode continuar! As tuas notas não podem ser prejudicadas com isto!




Programa de Formação Parental

Ajudar a criança, escutando-a

Pregar Sermão

- Como correu hoje o dia?
- Nota:** *Tens muito de que te queixar! Quem me dera passar o dia a aprender e não ter preocupações.*
- Nota:** *Oh, mas não se queixes com professores de Matemática assim, e não gastes mais tempo.*
- Não está lá para gostar ou deixar de gostar dos professores, tens que estar atento e fazer o que te mandam. Querias que fosse tudo muito fácil, não?




Programa de Formação Parental

Ajudar a criança, escutando-a

Desviar a atenção

- Como correu hoje o dia?
- Nota:** *Deixa-te disso, não pode ter corrido assim tão mal... Anda lanchar.*
- Nota:** *Estou preocupado com a matemática.*
- Está bem, está bem, não és nenhum génio, mas olha, eu também não sou...Anda, agora anda lanchar...




Programa de Formação Parental

Ajudar a criança, escutando-a

Escutar Ativamente

- Como correu hoje o dia?
- Nota:** *Vê-se mesmo que estás aborrecido. O que foi que correu mal?*
- Nota:** *Tenho um professor de Matemática que estava todo muito depressa...*




Programa de Formação Parental

Ajudar a criança, escutando-a

Escutar Ativamente

- Estás com medo de não conseguires acompanhar a lição?
- Nota:** *Pois não ées que os professores são depressa, e não deves ter o mesmo medo com mais alunos.*
- Hum... e o que achaste disso?
- Nota:** *Fizeste bastante bem, mas talvez se de ti não quisesse que aprendes coisas importantes.*
- Então estás aborrecido porque te meteste em sarilhos por teres sido o primeiro a pedir ajuda?




Programa de Formação Parental

Ajudar a criança, escutando-a

Escutar Ativamente

- Nota:** *Estou todo muito preocupado de não conseguires a atenção dos professores e de não dar notas.*
- E o que é que pensas fazer?
- Nota:** *Se não dáes atenção, pergunta-me mesmo por que não aprendes nada.*
- Achas que assim resultava melhor?
- Nota:** *Se não dáes atenção, não aprendes nada importante e tens de estudar.*
- É isso, acho que fazes bem. Não deves deixar de pedir ajuda quando não souberes fazer as coisas.



Programa de Formação Parental

Fim da 4ª Sessão

Muito Obrigada pela vossa atenção!



Programa de Formação Parental

Sessão 5

**Intervenção Precoce com Jovens Mães
Implementação de um programa de formação parental**

Local: Centro da Mãe
Funchal, 09 de Julho de 2014

Revisão Sessão nº 4: Autoestima

A forma como agimos, em casa, no trabalho, no amor, como pais, e até onde subirmos na vida é influenciada pela nossa autoestima.

As nossas reações aos acontecimentos do dia-a-dia são causadas por quem e pelo que pensamos que somos.

A AutoEstima é a avaliação que a pessoa faz de si própria, podendo esta ser positiva ou negativa

Importância dos Valores e da Socialização

- Consciencializar para a importância do desenvolvimento da socialização infantil;
- Explorar estratégias diversas para o desenvolvimento da socialização.

Definição de Filho

"Filho é um ser que nos emprestaram para um curso intensivo de como amar alguém além de nós mesmos, de como mudar nossos piores defeitos para darmos os melhores exemplos e de aprendermos a ter coragem. Isto mesmo! Ser pai ou mãe é o maior ato de coragem que alguém pode ter, porque é se expor a todo tipo de dor, principalmente da incerteza de estar agindo corretamente e do medo de perder algo tão amado. Perder? Como? Não é nosso, recordam-se? Foi apenas um empréstimo".

(José Saramago)

O que são Valores?

O que são Valores?

- Conjunto de características de uma determinada pessoa ou organização, que determinam a forma como a pessoa ou organização se comporta e interagem com outros indivíduos e com o meio ambiente;
- Valores são definidos como normas, princípios, padrões socialmente;
- Desde o nascimento é ensinado às crianças o que é certo e errado e a partir disso reproduzimos os valores impostos pela sociedade;
- Somos orientados a aceitá-los, evitar questioná-los.

O que são Valores?

Socialização no desenvolvimento infantil

Socialização é um processo de integração dos indivíduos em diferentes contextos.

Socialização primária

- Aquela que acontece em casa, ou seja, no contexto familiar. Nesta fase, o indivíduo aprende os valores, os padrões de conduta e as vivências.

Socialização secundária

- Aquela que acontece desde a pré –Escola até a morte. Nesta fase o indivíduo aprende a lidar com a sociedade em geral, grupo de amigos, pares, na Escola, na igreja, serviço, etc, por exemplo

Socialização no desenvolvimento infantil

Nascimento

- Com seis semanas ele já reage de modo específico à voz do pai ou da mãe e exerce os reflexos presentes no nascimento

6 meses

- Devido à maior capacidade de discriminação visual, a criança sente a presença do outro e é atraído por ele pois apresenta interesse em novidades.

12 a 24 meses

- A criança apresentará uma reação amável ou hostil ao aproximar-se de outra pessoa dependendo do tipo de experiência que teve.

Socialização no desenvolvimento infantil

2-3 anos

- Bastante curiosidade, novas ideias e criança aprende que todo mundo há regras que precisam ser obedecidas, sendo assim, a criança muitas vezes tenta testar o limite do que consegue com outras crianças da mesma idade (brinc). Se manifestar alguma criança da agressão, odio e amor e tenta-se com facilidade o clima de outras crianças.

3-4 anos

- Nesta fase inicia a criança começa a desenvolver os aspectos básicos da responsabilidade e de independência, o que caracteriza um grande progresso em relação ao desenvolvimento da capacidade emocional permitindo naturalmente a criança para a primeira infância que é a da infância e os anos iniciais da fase escolar.

5 anos

- Desenvolve a racionalização diante de situações problemáticas e escolhe um melhor amigo que não sente medo e que lhe analisa os padrões de comportamento emocional, família e sociedade. Tem início a descoberta das relações sociais onde aprende a reagir diante do que quer ou não.

6 anos

- Essa fase é caracterizada pelo encontro de pares em os reunir a pequenos grupos de crianças do mesmo sexo, pois ela precisa de certa liberdade dentro do grupo para que seja capaz de se aproximar.

Atividades de Interação Social

- Histórias;
- Brincadeiras;
- Dramatizações;
- Jogos competitivos;
- Jogos cooperativos;
- Atividade física.

Historia: " O leão e o rato "

Fim da 5ª Sessão

Muito Obrigada pela vossa atenção!

Sessão 6

Intervenção Precoce com Jovens Mães
Implementação de um programa de formação parental



Local: Centro da Mãe

Funchal, 16 de Julho de 2014

BRINCAR



Programa de Formação Parental

Brincar é Aprender



Programa de Formação Parental

Jogos

Através do jogo pode observar o comportamento da sua criança nos acontecimentos de todos os dias.

É uma possibilidade de corrigir os defeitos que possa ter.

Uma criança que não é capaz de brincar, é uma criança triste. Se reparar que o seu filho não costuma brincar, investigue as razões do seu comportamento. Certamente necessita de mais amor e carinho da sua parte, para realfirmar a sua personalidade e começar a socializar-se.

Programa de Formação Parental

BRINCAR

- Uma criança que, quando brinca, quer tudo para ela, precisa que os seus pais estejam atentos;
- A criança que estraga os brinquedos e que passa o tempo no parque a zangar-se, a sujar a roupa e a magoar-se, poderá ser uma criança com falta de atenção e de carinho;

Programa de Formação Parental

BRINCAR

- A criança que, pelo contrário, vai impecável para o parque e regressa igualmente limpa, costuma querer dizer que em casa são um bocadito rigorosos com ela;
- No meio é que está a virtude. Isto é, deixemos que a criança se suje, sem ter por isso de se magoar ou de estragar os brinquedos.

Programa de Formação Parental

BRINCAR

Partilhe a Brincadeira que mais gosta de fazer com a sua criança.

Sugira um brinquedo caseiro para que outras mães possam variar na brincadeira com os filhos.

Programa de Formação Parental

Brinquedos Caseiros



Programa de Formação Parental

Não se esqueça de brincar muito com o seu filho



Programa de Formação Parental

Como lidar com situações difíceis?



Programa de Formação Parental

Resiliência

Resiliência



"A resiliência é a capacidade de se recuperar de situações de crise e aprender com ela. É ter a mente flexível e o pensamento otimista, com metas claras e a certeza de que tudo passa."

Programa de Formação Parental

Fim da Formação

Muito Obrigada pela vossa atenção!



Programa de Formação Parental

ANEXO XIX

Avaliação final para cada sessão da formação parental

Avaliação global da sessão

Nome da sessão: _____

Para cada uma das seguintes afirmações avalie, de forma espontânea, o seu grau de satisfação (coloque um círculo na resposta):

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
1. A sessão foi do meu agrado.	1	2	3	4
2. A sessão correspondeu às minhas expectativas.	1	2	3	4
3. As sessões são pertinentes para me ajudar na educação dos meus filhos.	1	2	3	4
4. A sessão foi interessante em termos de aquisição de novos conhecimentos.	1	2	3	4
5. As atividades desenvolvidas durante a sessão foram importantes para o meu dia-a-dia.	1	2	3	4
6. Os temas abordados foram do meu interesse.	1	2	3	4
7. Vou aplicar os conhecimentos nas minhas tarefas diárias.	1	2	3	4
8. Durante a sessão, senti-me à vontade para colocar as minhas dúvidas.	1	2	3	4
9. A linguagem utilizada foi objetiva e clara.	1	2	3	4
10. Aconselho as sessões aos meus amigos.	1	2	3	4

Sugestões para melhorar:

Muito obrigada pela sua colaboração!

ANEXO XX

Entrevista às mães antes da formação: transcrições e escalas

Mãe 1

Este questionário enquadra-se num trabalho para uma dissertação de Mestrado em Intervenção Precoce na Infância, que está a ser desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, intitulado: *Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental*.

Os dados recolhidos serão tratados estatisticamente e são por isso, estritamente anónimos e confidenciais. Desde já agradecemos a sua colaboração e disponibilidade.

Parte I - Entrevista às mães antes da formação

Caracterização da Mãe 1:

1. Idade da mãe: 23 anos
2. Estado civil: solteira (amigada)
3. Filhos / Idades: uma filha de 5 anos
4. Habilitações literárias: 9º ano
5. Profissão: desempregada
6. Recursos a Redes de apoio: Abono de família e Centro da Mãe.

Necessidades de formação:

1. Como é a sua relação com o(s) seu(s) filho(s)? Dê exemplos.
2. Que aspeto da relação com o seu filho gostaria de saber mais, para a ajudar a melhorar essa relação? Porquê?
3. Considera-se satisfeita com a sua formação académica? Porquê?
4. Qual a importância, para a sua vida enquanto mulher e mãe, participar numa Formação Parental (nada importante, pouco importante, importante ou muito importante)? Porquê?
5. O que gostaria de aprender lá?
6. Existe algum aspeto da sua vida que gostava de alterar com esta formação?
7. De entre os temas enumerados escolha aqueles que considere mais importante e que sente que a vão ajudar enquanto mulher e mãe (assinale com um X).

Expectativas e Sonhos.	
Quem sou eu como mãe?	
Alimentação, saúde e higiene.	
Autoestima.	
Socialização.	
Comportamentos e atitudes	
Outros:	

Transcrição das questões de resposta abertas (Necessidades de formação) – Mãe 1

Investigadora CC: Como é a sua relação com a sua filha? Dê exemplos.

Entrevistada Mãe 1: Há ocasiões que ela fica um bocado triste porque ela, há ocasiões que ela não me respeita, a nível do que eu mando ela fazer uma coisa e ela não faz. Ao pai ela já obedece mais.

CC: Que aspeto da relação com a sua filha gostaria de saber mais, para a ajudar a melhorar essa relação? Porquê?

Mãe 1: Na alimentação porque há alimentos que ela ainda escolhe.

CC: Considera-se satisfeita com a sua formação académica? Porquê?

Mãe 1: Por enquanto sim.

CC: Acha que se tivesse mais formação conseguiria mais?

Mãe 1: Se eu tivesse mais formação, há coisas que já se sabe que nem tudo a gente sabe que eu gostava, há coisas que eu gostava de saber para melhorar.

CC: Qual a importância, para a sua vida enquanto mulher e mãe, participar numa Formação Parental (nada importante, pouco importante, importante ou muito importante)?

Mãe 1: Importante.

CC: E porquê?

Mãe 1: Porque há coisas que nós mães, por mais que nos digam não fazemos, coisas que a gente não sabe ainda.

CC: O que gostaria de aprender lá?

Mãe 1: Lidar com a minha filha.

CC: Existe algum aspeto da sua vida que gostava de alterar com esta formação?

Mãe 1: Aprender mais, para saber lidar melhor com a situação da alimentação para melhorar em casa.

CC: De entre os temas enumerados escolha aqueles que considere mais importante e que sente que a vão ajudar enquanto mulher e mãe (assinale com um X).

Expectativas e Sonhos.	
Quem sou eu como mãe?	
Alimentação, saúde e higiene.	X
Autoestima.	
Socialização.	X
Comportamentos e atitudes	X
Outros:	

CC: Qual o horário que em está disponível para a participação na formação parental?

Mãe 1: De manhã, depois das 16h não posso.

Parte II - Questionário de Estilos Parentais – Pais (Adaptação do *Parental Authority Questionnaire* PAQ, de Buri, 1991)

Não existem respostas certas ou erradas, tente não demorar muito tempo em cada questão. É importante que responda a todos os itens, não se esquecendo de nenhum. Para cada uma das frases faça uma cruz no número da escala que melhor descreve ou se aplica a si como Mãe na relação com os seus filhos.

(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente)

1	Acredito que numa família bem estruturada, as crianças devem fazer as coisas à sua maneira.	1	2	3	4	5
2	Obrigo os meus filhos a fazer coisas que acredito serem corretas, mesmo que eles não concordem.	1	2	3	4	5
3	Sempre que digo aos meus filhos para fazerem algo, espero que o façam imediatamente sem perguntas.	1	2	3	4	5
4	Quando uma regra familiar é estabelecida, explico os motivos desta aos meus filhos.	1	2	3	4	5
5	Encorajo o diálogo com os meus filhos quando estes não estão de acordo com as regras e restrições familiares.	1	2	3	4	5
6	Acredito que uma criança necessita de ser livre para tomar as suas próprias decisões e fazer o que quiser, mesmo que isso não esteja de acordo com o meu desejo.	1	2	3	4	5
7	Não permito aos meus filhos que questionem as minhas decisões.	1	2	3	4	5
8	Oriento os meus filhos através do diálogo e da disciplina.	1	2	3	4	5
9	Penso que devo usar a minha autoridade para conseguir que os meus filhos se comportem como eu acho que devem.	1	2	3	4	5
10	Acho que os meus filhos não precisam de obedecer às regras e normas de comportamento simplesmente porque alguém com autoridade as	1	2	3	4	5

	estabeleceu.					
11	Transmito aos meus filhos o que espero deles mas também lhes dou liberdade para conversar quando não concordam comigo.	1	2	3 ⊗	4	5
12	Acredito que os pais sensatos devem ensinar desde cedo quem é o chefe da família.	1	2	3	4 ⊗	5
13	Raramente dou orientações aos meus filhos sobre o seu comportamento.	1	2	3 ⊗	4	5
14	Quando as decisões familiares são estabelecidas, na maioria das vezes faço aquilo que os meus filhos querem.	1	2 ⊗	3 ⊗	4	5
15	Dou aos meus filhos orientações de forma clara e consistente.	1	2	3	4 ⊗	5
16	Fico muito chateado(a) quando os meus filhos tentam discordar comigo.	1	2	3	4 ⊗	5
17	Acredito que a maior parte dos problemas na sociedade seriam resolvidos se os pais não restringissem as atividades, as decisões e os desejos dos filhos durante o seu crescimento.	1	2	3	4 ⊗ 5 ⊗	
18	Deixo claro o comportamento que espero dos meus filhos e, quando não correspondem às minhas expectativas, acabo por puni-los.	1	2	3 ⊗	4	5
19	Permito aos meus filhos decidir a maior parte das coisas sozinhos sem lhes dar muitas orientações.	1	2	3 ⊗	4	5
20	Tenho em consideração a opinião dos meus filhos nas decisões familiares, mas não tomo decisões só porque eles assim o querem.	1	2 ⊗	3	4	5
21	Não me sinto responsável por orientar e dirigir o comportamento dos meus filhos.	1	2 ⊗	3	4	5
22	Tenho padrões bem definidos de comportamentos para os meus filhos, mas estou disposto(a) a ajustar esses padrões às necessidades individuais de cada um.	1	2	3	4 ⊗	5
23	Oriento o comportamento dos meus filhos e espero que sigam as minhas orientações, mas converso com eles e ouço sempre as suas opiniões.	1	2	3 ⊗	4	5
24	Permito que os meus filhos tenham o seu próprio ponto de vista nos assuntos familiares e decidam por si o que vão fazer.	1	2 ⊗	3	4	5
25	Sempre pensei que a maioria dos problemas da sociedade seriam resolvidos se os pais fossem rígidos e autoritários para com os seus filhos.	1	2	3 ⊗	4	5
26	Digo sempre aos meus filhos o que devem fazer e como fazer.	1	2	3	4 ⊗	5
27	Dou indicações claras para o comportamento e atividades dos meus filhos, mas sou compreensivo(a) quando discordam delas.	1	2	3 ⊗	4	5
28	Na minha família, não dou orientações em relação a comportamentos, atividades e desejos dos meus filhos.	1	2 ⊗	3	4	5
29	Os meus filhos sabem o que espero deles e insisto para que atendam às minhas expectativas simplesmente por respeito pela minha autoridade.	1	2	3	4 ⊗	5
30	Se tomo uma decisão que magoe os meus filhos, estou disposto(a) a conversar com eles e a admitir as minhas falhas.	1	2	3	4 ⊗	5

Parte III - Escala de S.E.R.T.H.U.A.L. – Auto-Estima

Seguidamente irá encontrar uma lista de afirmações. Tente responder a todos os itens, com sinceridade. Não existem respostas certas nem erradas. Não há tempo limite para terminar a prova. Assinale (com uma cruz) cada uma delas de acordo com a perceção que tem de si, atualmente.

**(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo;
4=Concordo; 5=Concordo totalmente)**

1	Muitas vezes aborreço-me comigo próprio pelas coisas que faço	1	2	3	4 <input checked="" type="checkbox"/>	5
2	Eu sou uma pessoa responsável	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
3	Eu tenho poucos valores e padrões próprios	1	2	3 <input checked="" type="checkbox"/>	4	5
4	Tenho dificuldade em controlar a minha agressividade	1 <input checked="" type="checkbox"/>	2	3	4	5
5	Geralmente gosto das pessoas	1	2	3 <input checked="" type="checkbox"/>	4	5
6	As minhas batalhas mais árduas são comigo próprio	1	2	3 <input checked="" type="checkbox"/>	4	5
7	Eu sou otimista	1	2	3	4 <input checked="" type="checkbox"/>	5
8	Eu sou sexualmente atraente	1	2	3 <input checked="" type="checkbox"/>	4	5
9	Sinto que não há ajuda possível para mim	1	2 <input checked="" type="checkbox"/>	3	4	5
10	Eu normalmente consigo tomar as minhas decisões e manter-me fiel a elas	1	2	3	4 <input checked="" type="checkbox"/>	5
11	As minhas decisões não são tomadas por mim próprio	1	2 <input checked="" type="checkbox"/>	3	4	5
12	Eu sinto-me apático	1	2 <input checked="" type="checkbox"/>	3	4	5
13	Eu sou impulsivo	1 <input checked="" type="checkbox"/>	2	3	4	5
14	Sou uma pessoa racional	1	2	3	4 <input checked="" type="checkbox"/>	5
15	Tenho a sensação que não estou a enfrentar as coisas	1	2	3 <input checked="" type="checkbox"/>	4	5
16	Sou tolerante	1	2	3	4 <input checked="" type="checkbox"/>	5

17	Sou ambicioso	1	2	3 <input checked="" type="checkbox"/>	4	5
18	Eu evito enfrentar crises ou dificuldades	1	2 <input checked="" type="checkbox"/>	3	4	5
19	Eu não me respeito a mim próprio	1 <input checked="" type="checkbox"/>	2	3	4	5
20	Eu tenho uma atitude positiva para comigo	1	2	3	4 <input checked="" type="checkbox"/>	5
21	Eu sou assertivo (afirmativo)	1	2	3 <input checked="" type="checkbox"/>	4	5
22	Tenho dificuldades em tomar decisões	1	2 <input checked="" type="checkbox"/>	3	4	5
23	Sou um falhado	1 <input checked="" type="checkbox"/>	2	3	4	5
24	Eu sou amável	1	2	3	4 <input checked="" type="checkbox"/>	5
25	Tenho medo de sexo	1	2	3 <input checked="" type="checkbox"/>	4	5
26	Tenho medo de falhar em qualquer coisa que quero muito	1	2	3 <input checked="" type="checkbox"/>	4	5
27	Eu sou um bom trabalhador	1	2	3	4 <input checked="" type="checkbox"/>	5
28	Eu sinto-me emocionalmente maduro	1	2	3	4 <input checked="" type="checkbox"/>	5
29	Estou realmente perturbado	1	2 <input checked="" type="checkbox"/>	3	4	5
30	Sinto-me inseguro comigo próprio	1	2 <input checked="" type="checkbox"/>	3	4	5
31	Eu sou inteligente	1	2	3	4 <input checked="" type="checkbox"/>	5
32	Sinto-me sem esperança	1	2	3 <input checked="" type="checkbox"/>	4	5
33	Eu sou uma pessoa na qual não se pode confiar	1	2 <input checked="" type="checkbox"/>	3	4	5
34	Eu sou bastante sociável	1	2	3	4 <input checked="" type="checkbox"/>	5
35	Eu não tenho valor	1 <input checked="" type="checkbox"/>	2	3	4	5
36	Zango-me com facilidade	1 <input checked="" type="checkbox"/>	2	3	4	5
37	Tenho um aspeto físico agradável	1	2	3 <input checked="" type="checkbox"/>	4	5

38	Sinto-me bem comigo mesmo	1	2	3	4 ⊗	5
39	Os outros desconfiam de mim	1	2	3 ⊗	4	5
40	Ficarei contente comigo mesmo se conseguir fazer grandes coisas na minha vida	1	2	3	4	5 ⊗
41	Os meus patrões/professores estão satisfeitos comigo	1	2	3 ⊗	4	5
42	Acho que sou nervoso e tenso	1	2	3 ⊗	4	5
43	Sou muito fiel às minhas amizades	1	2	3	4 ⊗	5
44	Sinto orgulho do meu corpo	1	2	3	4 ⊗	5
45	Tenho confiança em mim mesmo	1	2	3	4 ⊗	5
46	Para me sentir melhor utilizo estimulantes tais como o café, tabaco, álcool, etc.	1	2 ⊗	3	4	5
47	Gosto de actividades em grupo	1	2	3	4 ⊗	5
48	Os maus resultados profissionais/escolares desencorajam-me facilmente	1	2	3 ⊗	4	5
49	Tenho uma boa opinião de mim mesmo	1	2	3	4 ⊗	5
50	As pessoas aborrecem-se quando estão na minha companhia	1	2	3 ⊗	4	5
51	Penso que todas as pessoas deveriam assumir um papel na sociedade	1	2	3	4 ⊗	5
52	Gostaria de participar em movimentos de solidariedade	1	2	3 ⊗	4	5
53	Tenho confiança no meu futuro	1	2	3	4 ⊗	5
54	No trabalho/universidade os outros procuram a minha companhia	1	2	3 ⊗	4	5
55	Tenho a impressão de que faço as coisas pior do que os outros	1	2	3 ⊗	4	5
56	Tenho um aspeto físico pouco atraente	1	2	3 ⊗	4	5
57	Num grupo, gosto de tomar poucas iniciativas	1	2	3	⊗	5
58	Estou contente com a forma como o meu corpo se desenvolve	1	2	3	⊗	4 5
59	Nos grupos tenho a sensação de isolamento	1	2	3 ⊗	4	5

60	Estou contente com os meus resultados profissionais/escolares	1	2	3	4 ⊗	5

* © Autores: Tap, P.; Hipólito, J.

Parte IV - ESCALA DE AUTO-EFICÁCIA PARENTAL

Esta escala procura descrever a forma como a pessoa se vê, em termos da sua eficácia na vida, e a forma como ela se vê, no que se refere à sua eficácia enquanto mãe.

De modo geral, sou eficaz na vida:

0 (Nada)

12

20 (Totalmente)

Enquanto Mãe (refira-se à relação com o(s) seu(s) filho(s))
(1= Nunca; 2= Raramente; 3= Às vezes; 4=Muitas; 5= Sempre)

1	Desconheço qual a profissão que o meu filho quer ter	1 ⊗	2	3	4	5
2	O meu filho vai para a cama e levanta-se à hora que quer	1	2	3 ⊗	4	5
3	Raramente sinto necessidade de ir à escola do meu filho	1	2 ⊗	3	4	5
4	Vou buscar o meu filho à escola sempre à hora combinada, para que não se sinta esquecido	1	2	3	4	5 ⊗
5	Deixo o meu filho fazer as tarefas que deseja (comer, vestir-se, lavar-se, etc.)	1	2	3 ⊗	4	5
6	Os colegas e amigos do meu filho são desconhecidos para mim	1	2 ⊗	3	4	5
7	O futuro do meu filho preocupa-me	1	2	3	4	5 ⊗
8	Tento compreender o meu filho quando faz qualquer coisa que eu não aprovo antes de o repreender ou castigar	1	2	3 ⊗	4	5
9	Tento que o meu filho distinga o que é certo e errado	1	2	3 ⊗	4	5
10	Converso com o meu filho quando ele tem um comportamento errado, para que compreenda as razões do meu desagrado	1	2	3	4 ⊗	5
11	Permito que o meu filho não cumpra as suas tarefas	1	2	3	4 ⊗	5
12	Tento ser justo com o meu filho	1	2	3 ⊗	4	5
13	Em casa cada um tem tarefas próprias, incluindo o meu filho	1	2	3	4 ⊗	5

14	Evito que o meu filho experimente coisas novas	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
15	O meu filho só se veste com a roupa que eu escolho para ele	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
16	Interesso-me por conhecer os interesses do meu filho	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
17	Procuo dizer ao meu filho que o amo, e tenho manifestações carinhosas para com ele	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
18	O meu filho bate-me	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
19	O meu filho desconhece quais as regras que deve cumprir em casa	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
20	O meu filho é seguido regularmente pelo médico	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
21	Acompanho o dia-a-dia do meu filho e estou disponível se ele precisar	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
22	Incentivo o meu filho a procurar respostas para as suas dúvidas	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
23	Preocupo-me que o meu filho siga um caminho que o deixe feliz	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
24	Estou atento ao que se passa com o meu filho quando ele está triste ou contente	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
25	Escolho com o meu filho os brinquedos e jogos dele para não brincar com coisas perigosas	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
26	Quero que o meu filho escolha uma profissão que o deixe realizado	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
27	O meu filho tem as vacinas em atraso	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
28	Ensino e estou atento se o meu filho se comporta com boas-maneiras	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
29	O meu filho desconhece o porquê das regras lá de casa	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
30	Quero que o meu filho tenha a mesma profissão que eu	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
31	Procuo ser para o meu filho o melhor que sei e posso	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
32	Procuo explicar ao meu filho com linguagem cuidada a razão de determinadas regras e atitudes	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
33	O meu filho só faz os deveres que quer	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
34	Verifico se o meu filho se veste conforme o estado do tempo	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
35	O meu filho chega à escola (ou creche/ ama) de acordo com os meus	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5

horários						
36	Faço as tarefas e os deveres do meu filho sempre que ele não é capaz	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
37	Desconheço os desejos do meu filho para o seu futuro	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
38	Procuro ajudar o meu filho nas áreas escolares em que tem mais dificuldade	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
39	Deixo o meu filho quebrar os castigos que lhe atribuo	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
40	Acho que o meu filho deve ter liberdade para assistir aos conflitos entre os pais	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
41	Descontrolo-me à frente do meu filho e isso não me preocupa	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
42	É-me indiferente o tipo de ensino da escola do meu filho	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
43	Faço planos para a vida futura que quero que o meu filho tenha	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
44	Desconheço quais os medos do meu filho	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5

Mãe 2

Este questionário enquadra-se num trabalho para uma dissertação de Mestrado em Intervenção Precoce na Infância, que está a ser desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, intitulado: *Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental*.

Os dados recolhidos serão tratados estatisticamente e são por isso, estritamente anónimos e confidenciais. Desde já agradecemos a sua colaboração e disponibilidade.

Parte I - Entrevista às mães antes da formação

Caracterização da Mãe 2:

1. Idade da mãe: 25
2. Estado civil: união de facto
3. Filhos / Idades: 2 filhas, uma com 10 meses (M.) e outra com 4 anos (I.)
4. Habilitações literárias: 4º ano
5. Profissão: Doméstica e Desempregada
6. Recursos a Redes de apoio: Segurança social, abono de família e o Centro da Mãe

Necessidades de formação:

1. Como é a sua relação com o(s) seu(s) filho(s)? Dê exemplos.
2. Que aspeto da relação com o seu filho gostaria de saber mais, para a ajudar a melhorar essa relação? Porquê?
3. Considera-se satisfeita com a sua formação académica? Porquê?
4. Qual a importância, para a sua vida enquanto mulher e mãe, participar numa Formação Parental (nada importante, pouco importante, importante ou muito importante)? Porquê?
5. O que gostaria de aprender lá?
6. Existe algum aspeto da sua vida que gostava de alterar com esta formação?
7. De entre os temas enumerados escolha aqueles que considere mais importante e que sente que a vão ajudar enquanto mulher e mãe (assinale com um X).

Expectativas e Sonhos.	
Quem sou eu como mãe?	
Alimentação, saúde e higiene.	
Autoestima.	
Socialização.	
Comportamentos e atitudes	
Outros:	

Transcrição das questões de resposta abertas (Necessidades de formação) – Mãe 2

Investigadora CC: Como é a sua relação com as suas filhas? Dê exemplos.

Entrevistada Mãe 2:Depende.

CC: Como é que é isso diga-me lá?

Mãe 2: Tenho um problema muito grave como mãe, eu não sou boa mãe, eu tive a M. é o menino Jesus, eu não deixo ninguém repreender a I. nem o Pai, não sei explicar, é isso.

CC: Sente que é muito sua e que ninguém tem o direito de...

Mãe 2: Não consigo, não consigo.

CC: Pois.

Mãe 2: Mesmo às vezes eu sei que ela está errada, e que merece um “bolo no rabo” (palmada), ou que merece um castigo. Até tenho discussões com o pai às vezes por causa disso, que ele chama-me à atenção: “não faças assim, ela precisa de regras”.

CC: Mas a mãe tem de pensar que é para o bem dela.

Mãe 2: Eu já pensei, eu penso e eu sei, mas na hora h.

CC: Tem de se controlar, fazer um esforço.

Mãe 2: E quando eu vejo alguém brincar só com a M. nem que seja uma festinha, eu já não acho a coisa muito... não tenho culpa.

CC: Mas sente o mesmo pelas duas, ou acha que sente mais pela I.?

Mãe 2: Sinto pelas duas, mas uma como é bebé ninguém repreende.

CC: Pois, mas a mãe se alguém repreende a I. sente-se ofendida a si?

Mãe 2: Sinto, sinto, eu já dei um “bolo no rabo” (palmada) na I., mas se eu dou tenho de fugir porque eu choro.

CC: Pois, mas ela não pode perceber isso.

Mãe 2: Mas eu sinto-me assim, não é de agora, desde a gravidez eu pensava: quando a M. nascer vou-me preocupar com a I., porque a M. ainda está dentro da barriga, já começou aí.

CC: Pois, vamos ver isso. A mãe sente que tem de protege-la a todo o custo?

Mãe 2: Contra tudo e todos.

CC: Mas a mãe não deixa para o pai um bocadinho dessa responsabilidade?

Mãe 2: Há pouco tempo ele disse-me à frente dela que ela ficava de castigo. Eu disse ta bem e fui embora para o café, e fugi, porque se eu estivesse presente, eu não conseguia.

CC: Então se calhar a mãe faça assim.

Mãe 2: Pois, mas nem sempre posso.

CC: Pois, então tente outra coisa, ir para o seu quarto.

Mãe 2: Para o quarto então é que eu não vou mesmo, porque o castigo dela é ir para lá, para dentro do berço.

CC: Ah, vamos ver então... Que aspeto da relação com a sua filha gostaria de saber mais, para a ajudar a melhorar essa relação? Porquê?

Mãe 2: Eu acho que tudo se baseia no que eu acabei de dizer.

CC: Pois.

Mãe 2: É mais nisso, eu penso, mas depois não consigo.

CC: Pois. Considera-se satisfeita com a sua formação académica? Porquê?

Mãe 2: Sim, é normal que a gente goste de aprender mais mas é conforme vai surgindo, a gente vai aproveitando.

CC: Pois exato. Qual a importância, para a sua vida enquanto mulher e mãe, participar numa Formação Parental (nada importante, pouco importante, importante ou muito importante)? Porquê?

Mãe 2: É importante, nunca é demais aprender.

CC: O que gostaria de aprender lá?

Mãe 2: Apoio neste sentido, conseguir ver a I., ser repreendida.

CC: Existe algum aspeto da sua vida que gostava de alterar com esta formação?

Mãe 2: Sim.

CC: Outra vez o mesmo?

Mãe 2: Sim, não há muito mais para dizer.

CC: De entre os temas enumerados escolha aqueles que considere mais importante e que sente que a vão ajudar enquanto mulher e mãe (assinale com um X).

Expectativas e Sonhos.	
Quem sou eu como mãe?	X

Alimentação, saúde e higiene.	X
Autoestima.	X
Socialização.	
Comportamentos e atitudes	X
Outros:	

CC: Qual o horário que em está disponível para a participação na formação parental?

Mãe 2: A seguir ao almoço.

Parte II - Questionário de Estilos Parentais – Pais (Adaptação do *Parental Authority Questionnaire* PAQ, de Buri, 1991)

Não existem respostas certas ou erradas, tente não demorar muito tempo em cada questão. É importante que responda a todos os itens, não se esquecendo de nenhum. Para cada uma das frases faça uma cruz no número da escala que melhor descreve ou se aplica a si como Mãe na relação com os seus filhos.

(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente)

1	Acredito que numa família bem estruturada, as crianças devem fazer as coisas à sua maneira.	1	2	3	4	5
2	Obrigo os meus filhos a fazer coisas que acredito serem corretas, mesmo que eles não concordem.	1	2	3	4	5
3	Sempre que digo aos meus filhos para fazerem algo, espero que o façam imediatamente sem perguntas.	1	2	3	4	5
4	Quando uma regra familiar é estabelecida, explico os motivos desta aos meus filhos.	1	2	3	4	5
5	Encorajo o diálogo com os meus filhos quando estes não estão de acordo com as regras e restrições familiares.	1	2	3	4	5
6	Acredito que uma criança necessita de ser livre para tomar as suas próprias decisões e fazer o que quiser, mesmo que isso não esteja de acordo com o meu desejo.	1	2	3	4	5
7	Não permito aos meus filhos que questionem as minhas decisões.	1	2	3	4	5
8	Oriento os meus filhos através do diálogo e da disciplina.	1	2	3	4	5
9	Penso que devo usar a minha autoridade para conseguir que os meus filhos se comportem como eu acho que devem.	1	2	3	4	5
10	Acho que os meus filhos não precisam de obedecer às regras e normas de comportamento simplesmente porque alguém com autoridade as estabeleceu.	1	2	3	4	5

11	Transmito aos meus filhos o que espero deles mas também lhes dou liberdade para conversar quando não concordam comigo.	1	2	3	4	5
12	Acredito que os pais sensatos devem ensinar desde cedo quem é o chefe da família.	1	2	3	4	5
13	Raramente dou orientações aos meus filhos sobre o seu comportamento.	1	2	3	4	5
14	Quando as decisões familiares são estabelecidas, na maioria das vezes faço aquilo que os meus filhos querem.	1	2	3	4	5
15	Dou aos meus filhos orientações de forma clara e consistente.	1	2	3	4	5
16	Fico muito chateado(a) quando os meus filhos tentam discordar comigo.	1	2	3	4	5
17	Acredito que a maior parte dos problemas na sociedade seriam resolvidos se os pais não restringissem as atividades, as decisões e os desejos dos filhos durante o seu crescimento.	1	2	3	4	5
18	Deixo claro o comportamento que espero dos meus filhos e, quando não correspondem às minhas expectativas, acabo por puni-los.	1	2	3	4	5
19	Permito aos meus filhos decidir a maior parte das coisas sozinhos sem lhes dar muitas orientações.	1	2	3	4	5
20	Tenho em consideração a opinião dos meus filhos nas decisões familiares, mas não tomo decisões só porque eles assim o querem.	1	2	3	4	5
21	Não me sinto responsável por orientar e dirigir o comportamento dos meus filhos.	1	2	3	4	5
22	Tenho padrões bem definidos de comportamentos para os meus filhos, mas estou disposto(a) a ajustar esses padrões às necessidades individuais de cada um.	1	2	3	4	5
23	Oriento o comportamento dos meus filhos e espero que sigam as minhas orientações, mas converso com eles e ouço sempre as suas opiniões.	1	2	3	4	5
24	Permito que os meus filhos tenham o seu próprio ponto de vista nos assuntos familiares e decidam por si o que vão fazer.	1	2	3	4	5
25	Sempre pensei que a maioria dos problemas da sociedade seriam resolvidos se os pais fossem rígidos e autoritários para com os seus filhos.	1	2	3	4	5
26	Digo sempre aos meus filhos o que devem fazer e como fazer.	1	2	3	4	5
27	Dou indicações claras para o comportamento e atividades dos meus filhos, mas sou compreensivo(a) quando discordam delas.	1	2	3	4	5
28	Na minha família, não dou orientações em relação a comportamentos, atividades e desejos dos meus filhos.	1	2	3	4	5
29	Os meus filhos sabem o que espero deles e insisto para que atendam às minhas expectativas simplesmente por respeito pela	1	2	3	4	5

	minha autoridade.					
30	Se tomo uma decisão que magoe os meus filhos, estou disposto(a) a conversar com eles e a admitir as minhas falhas.	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>

© Mónica Taveira Pires

Parte III - Escala de S.E.R.T.H.U.A.L. – Auto-Estima

Seguidamente irá encontrar uma lista de afirmações. Tente responder a todos os itens, com sinceridade. Não existem respostas certas nem erradas. Não há tempo limite para terminar a prova. Assinale (com uma cruz) cada uma delas de acordo com a perceção que tem de si, atualmente.

(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente)

1	Muitas vezes aborreço-me comigo próprio pelas coisas que faço	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
2	Eu sou uma pessoa responsável	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
3	Eu tenho poucos valores e padrões próprios	1	2	3	4 <input checked="" type="checkbox"/>	5
4	Tenho dificuldade em controlar a minha agressividade	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
5	Geralmente gosto das pessoas	1	2	3 <input checked="" type="checkbox"/>	4	5
6	As minhas batalhas mais árduas são comigo próprio	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
7	Eu sou otimista	1	2	3	4 <input checked="" type="checkbox"/>	5
8	Eu sou sexualmente atraente	1	2	3 <input checked="" type="checkbox"/>	4	5
9	Sinto que não há ajuda possível para mim	1	2	3	4 <input checked="" type="checkbox"/>	5
10	Eu normalmente consigo tomar as minhas decisões e manter-me fiel a elas	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
11	As minhas decisões não são tomadas por mim próprio	1	2 <input checked="" type="checkbox"/>	3	4	5
12	Eu sinto-me apático	1 <input checked="" type="checkbox"/>	2	3	4	5
13	Eu sou impulsivo	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
14	Sou uma pessoa racional	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>

15	Tenho a sensação que não estou a enfrentar as coisas	1	2	3	4	5
16	Sou tolerante	1	2	3	4	5
17	Sou ambicioso	1	2	3	4	5
18	Eu evito enfrentar crises ou dificuldades	1	2	3	4	5
19	Eu não me respeito a mim próprio	1	2	3	4	5
20	Eu tenho uma atitude positiva para comigo	1	2	3	4	5
21	Eu sou assertivo (afirmativo)	1	2	3	4	5
22	Tenho dificuldades em tomar decisões	1	2	3	4	5
23	Sou um falhado	1	2	3	4	5
24	Eu sou amável	1	2	3	4	5
25	Tenho medo de sexo	1	2	3	4	5
26	Tenho medo de falhar em qualquer coisa que quero muito	1	2	3	4	5
27	Eu sou um bom trabalhador	1	2	3	4	5
28	Eu sinto-me emocionalmente maduro	1	2	3	4	5
29	Estou realmente perturbado	1	2	3	4	5
30	Sinto-me inseguro comigo próprio	1	2	3	4	5
31	Eu sou inteligente	1	2	3	4	5
32	Sinto-me sem esperança	1	2	3	4	5
33	Eu sou uma pessoa na qual não se pode confiar	1	2	3	4	5
34	Eu sou bastante sociável	1	2	3	4	5
35	Eu não tenho valor	1	2	3	4	5

36	Zango-me com facilidade	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
37	Tenho um aspeto físico agradável	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
38	Sinto-me bem comigo mesmo	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
39	Os outros desconfiam de mim	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
40	Ficarei contente comigo mesmo se conseguir fazer grandes coisas na minha vida	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
41	Os meus patrões/professores estão satisfeitos comigo	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
42	Acho que sou nervoso e tenso	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
43	Sou muito fiel às minhas amizades	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
44	Sinto orgulho do meu corpo	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
45	Tenho confiança em mim mesmo	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
46	Para me sentir melhor utilizo estimulantes tais como o café, tabaco, álcool, etc.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
47	Gosto de actividades em grupo	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
48	Os maus resultados profissionais/escolares desencorajam-me facilmente	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
49	Tenho uma boa opinião de mim mesmo	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
50	As pessoas aborrecem-se quando estão na minha companhia	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
51	Penso que todas as pessoas deveriam assumir um papel na sociedade	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
52	Gostaria de participar em movimentos de solidariedade	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
53	Tenho confiança no meu futuro	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
54	No trabalho/universidade os outros procuram a minha companhia	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
55	Tenho a impressão de que faço as coisas pior do que os outros	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
56	Tenho um aspeto físico pouco atraente	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
57	Num grupo, gosto de tomar poucas iniciativas	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>

58	Estou contente com a forma como o meu corpo se desenvolve	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
59	Nos grupos tenho a sensação de isolamento	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
60	Estou contente com os meus resultados profissionais/escolares	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5

* © Autores: Tap, P.; Hipólito, J

Parte IV - ESCALA DE AUTO-EFICÁCIA PARENTAL

Esta escala procura descrever a forma como a pessoa se vê, em termos da sua eficácia na vida, e a forma como ela se vê, no que se refere à sua eficácia enquanto mãe.

De modo geral, sou eficaz na vida:

0 (Nada)

14

20 (Totalmente)

Enquanto Mãe (refira-se à relação com o(s) seu(s) filho(s))

(1= Nunca; 2= Raramente; 3= Às vezes; 4=Muitas; 5= Sempre)

1	Desconheço qual a profissão que o meu filho quer ter	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>	5
2	O meu filho vai para a cama e levanta-se à hora que quer	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5	
3	Raramente sinto necessidade de ir à escola do meu filho	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5	
4	Vou buscar o meu filho à escola sempre à hora combinada, para que não se sinta esquecido	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>	5
5	Deixo o meu filho fazer as tarefas que deseja (comer, vestir-se, lavar-se, etc.)	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5	
6	Os colegas e amigos do meu filho são desconhecidos para mim	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5	
7	O futuro do meu filho preocupa-me	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>	5
8	Tento compreender o meu filho quando faz qualquer coisa que eu não aprovo antes de o repreender ou castigar	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>	5
9	Tento que o meu filho distinga o que é certo e errado	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>	5
10	Converso com o meu filho quando ele tem um comportamento errado, para que compreenda as razões do meu desagrado	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>	5
11	Permito que o meu filho não cumpra as suas tarefas	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5	

12	Tento ser justo com o meu filho	1	2	3	4	5
13	Em casa cada um tem tarefas próprias, incluindo o meu filho	1	2	3	4	5
14	Evito que o meu filho experimente coisas novas	⊗	2	3	4	5
15	O meu filho só se veste com a roupa que eu escolho para ele	1	2	⊗	4	5
16	Interesso-me por conhecer os interesses do meu filho	1	2	3	4	5
17	Procuo dizer ao meu filho que o amo, e tenho manifestações carinhosas para com ele	1	2	3	4	5
18	O meu filho bate-me	⊗	2	3	4	5
19	O meu filho desconhece quais as regras que deve cumprir em casa	⊗	2	3	4	5
20	O meu filho é seguido regularmente pelo médico	1	2	3	4	5
21	Acompanho o dia-a-dia do meu filho e estou disponível se ele precisar	1	2	3	4	5
22	Incentivo o meu filho a procurar respostas para as suas dúvidas	1	2	3	4	5
23	Preocupo-me que o meu filho siga um caminho que o deixe feliz	1	2	3	4	5
24	Estou atento ao que se passa com o meu filho quando ele está triste ou contente	1	2	3	4	5
25	Escolho com o meu filho os brinquedos e jogos dele para não brincar com coisas perigosas	1	2	3	4	5
26	Quero que o meu filho escolha uma profissão que o deixe realizado	1	2	3	4	5
27	O meu filho tem as vacinas em atraso	⊗	2	3	4	5
28	Ensino e estou atento se o meu filho se comporta com boas-maneiras	1	2	3	4	5
29	O meu filho desconhece o porquê das regras lá de casa	1	2	3	4	5
30	Quero que o meu filho tenha a mesma profissão que eu	⊗	2	3	4	5
31	Procuo ser para o meu filho o melhor que sei e posso	1	2	3	4	5
32	Procuo explicar ao meu filho com linguagem cuidada a razão de determinadas regras e atitudes	1	2	3	4	5
33	O meu filho só faz os deveres que quer	⊗	2	3	4	5

34	Verifico se o meu filho se veste conforme o estado do tempo	1	2	3	4	5
35	O meu filho chega à escola (ou creche/ ama) de acordo com os meus horários	1	2	3	4	5
36	Faço as tarefas e os deveres do meu filho sempre que ele não é capaz	1	2	3	4	5
37	Desconheço os desejos do meu filho para o seu futuro	1	2	3	4	5
38	Procuo ajudar o meu filho nas áreas escolares em que tem mais dificuldade	1	2	3	4	5
39	Deixo o meu filho quebrar os castigos que lhe atribuo	1	2	3	4	5
40	Acho que o meu filho deve ter liberdade para assistir aos conflitos entre os pais	1	2	3	4	5
41	Descontrolo-me à frente do meu filho e isso não me preocupa	1	2	3	4	5
42	É-me indiferente o tipo de ensino da escola do meu filho	1	2	3	4	5
43	Faço planos para a vida futura que quero que o meu filho tenha	1	2	3	4	5
44	Desconheço quais os medos do meu filho	1	2	3	4	5

Mãe 3

Este questionário enquadra-se num trabalho para uma dissertação de Mestrado em Intervenção Precoce na Infância, que está a ser desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, intitulado: *Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental*.

Os dados recolhidos serão tratados estatisticamente e são por isso, estritamente anónimos e confidenciais. Desde já agradecemos a sua colaboração e disponibilidade.

Parte I - Entrevista às mães antes da formação

Caracterização da Mãe 3:

1. Idade da mãe: 26
2. Estado civil: união de facto
3. Filhos / Idades: três filhos: 9 anos, 3 anos e 1 ano

4. Habilitações literárias: 12ºano com curso profissional nível III, auxiliar de infância
5. Profissão: Desempregada, mas já trabalhei no Modelo, Pingo Doce, MEO mas na minha área nada
6. Recursos a Redes de apoio: Segurança Social e Centro da Mãe

Necessidades de formação:

1. Como é a sua relação com o(s) seu(s) filho(s)? Dê exemplos.
2. Que aspeto da relação com o seu filho gostaria de saber mais, para a ajudar a melhorar essa relação? Porquê?
3. Considera-se satisfeita com a sua formação académica? Porquê?
4. Qual a importância, para a sua vida enquanto mulher e mãe, participar numa Formação Parental (nada importante, pouco importante, importante ou muito importante)? Porquê?
5. O que gostaria de aprender lá?
6. Existe algum aspeto da sua vida que gostava de alterar com esta formação?
7. De entre os temas enumerados escolha aqueles que considere mais importante e que sente que a vão ajudar enquanto mulher e mãe (assinale com um X).

Expectativas e Sonhos.	
Quem sou eu como mãe?	
Alimentação, saúde e higiene.	
Autoestima.	
Socialização.	
Comportamentos e atitudes	
Outros:	

Transcrição das questões de resposta abertas (Necessidades de formação) – Mãe 3

Investigadora CC: Como é a sua relação com os seus filhos? Dê exemplos.

Entrevistada Mãe 3: É ótima, eles passam por qualquer dificuldade vem ter comigo: “mãe como é que eu posso fazer?” “mãe magoei-me”, “mãe o mano magoou-me”, e eu digo: “vá lá, pede desculpa”. Sempre passa um bocadinho por cada, e eu ponho eles todos a interagir uns com os outros, o mais velho faz o leite do mano, põe a fralda no lixo, a do meio ajuda o mano a fazer o leite.

CC: Pois isso é ótimo. Que aspeto da relação com os seus filhos gostaria de saber mais, para a ajudar a melhorar essa relação? Porquê?

Mãe 3: Acho que era mais ele aceitar os irmãos, acho que ele, o mais velho não aceita muito bem, acho que era mais no início, agora já vai indo mas no início ele só queria a atenção toda nele.

CC: Tinha ciúmes?

Mãe 3: Muitos e depois os avós, os meus pais também... agora como a minha filha também já tem três anos já é autónoma, já não precisa de nada, já ficam com ela e então ficam eles os dois, então eles estão sempre em sintonia, então ele já está aceitando mais a irmã.

CC: Também a diferença de idades se calhar no início também não ajudou?

Mãe 3: Ele tinha 5 anos.

CC: Pois. Considera-se satisfeita com a sua formação académica? Porquê?

Mãe 3: Adoro, gosto imenso de cuidar deles, de fazer um bocadinho de ajuda-los a crescer, de vê-los evoluir, adoro.

CC: Mas a sua formação profissional, considera-se satisfeita ou gostava de estudar mais, ou aprender novas coisas?

Mãe 3: Sim gostava de evoluir para educadora. Primeiro agora vou deixá-los crescer mais um bocadinho, depois então se eu conseguir.

CC: Muito bem. Qual a importância, para a sua vida enquanto mulher e mãe, participar numa Formação Parental (nada importante, pouco importante, importante ou muito importante)? Porquê?

Mãe 3: Acho importante, porque tanto para nós como para eles, porque estamos sempre a aprender, e o que hoje pode ser um problema das outras mães amanhã pode ser o meu.

CC: Pois exatamente. O que gostaria de aprender lá?

Mãe 3: Acho que era, um bocadinho de tudo, acho que era bom para mim e para eles.

CC: Existe algum aspeto da sua vida que gostava de alterar com esta formação?

Mãe 3: Arranjar trabalho.

CC: Oxalá que consiga. De entre os temas enumerados escolha aqueles que considere mais importante e que sente que a vão ajudar enquanto mulher e mãe (assinale com um X).

Expectativas e Sonhos.	X
Quem sou eu como mãe?	
Alimentação, saúde e higiene.	
Autoestima.	
Socialização.	
Comportamentos e atitudes	X
Outros:	

CC: Qual o horário que em está disponível para a participação na formação parental?

Mãe 3: A partir das dez horas até às treze horas.

Parte II - Questionário de Estilos Parentais – Pais (Adaptação do *Parental Authority Questionnaire* PAQ, de Buri, 1991)

Não existem respostas certas ou erradas, tente não demorar muito tempo em cada questão. É importante que responda a todos os itens, não se esquecendo de nenhum. Para cada uma das frases faça uma cruz no número da escala que melhor descreve ou se aplica a si como Mãe na relação com os seus filhos.

(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente)

1	Acredito que numa família bem estruturada, as crianças devem fazer as coisas à sua maneira.	1	2	3	4	5
			⊗			
2	Obrigo os meus filhos a fazer coisas que acredito serem corretas, mesmo que eles não concordem.	1	2	3	4	5
					⊗	
3	Sempre que digo aos meus filhos para fazerem algo, espero que o façam imediatamente sem perguntas.	1	2	3	4	5
			⊗			
4	Quando uma regra familiar é estabelecida, explico os motivos desta aos meus filhos.	1	2	3	4	5
						⊗
5	Encorajo o diálogo com os meus filhos quando estes não estão de acordo com as regras e restrições familiares.	1	2	3	4	5
						⊗
6	Acredito que uma criança necessita de ser livre para tomar as suas próprias decisões e fazer o que quiser, mesmo que isso não esteja de acordo com o meu desejo.	1	2	3	4	5
				⊗		
7	Não permito aos meus filhos que questionem as minhas decisões.	1	2	3	4	5
		⊗				
8	Oriento os meus filhos através do diálogo e da disciplina.	1	2	3	4	5
						⊗

9	Penso que devo usar a minha autoridade para conseguir que os meus filhos se comportem como eu acho que devem.	1	2	3	4	5
10	Acho que os meus filhos não precisam de obedecer às regras e normas de comportamento simplesmente porque alguém com autoridade as estabeleceu.	1	2	3	4	5
11	Transmito aos meus filhos o que espero deles mas também lhes dou liberdade para conversar quando não concordam comigo.	1	2	3	4	5
12	Acredito que os pais sensatos devem ensinar desde cedo quem é o chefe da família.	1	2	3	4	5
13	Raramente dou orientações aos meus filhos sobre o seu comportamento.	1	2	3	4	5
14	Quando as decisões familiares são estabelecidas, na maioria das vezes faço aquilo que os meus filhos querem.	1	2	3	4	5
15	Dou aos meus filhos orientações de forma clara e consistente.	1	2	3	4	5
16	Fico muito chateado(a) quando os meus filhos tentam discordar comigo.	1	2	3	4	5
17	Acredito que a maior parte dos problemas na sociedade seriam resolvidos se os pais não restringissem as atividades, as decisões e os desejos dos filhos durante o seu crescimento.	1	2	3	4	5
18	Deixo claro o comportamento que espero dos meus filhos e, quando não correspondem às minhas expectativas, acabo por puni-los.	1	2	3	4	5
19	Permito aos meus filhos decidir a maior parte das coisas sozinhos sem lhes dar muitas orientações.	1	2	3	4	5
20	Tenho em consideração a opinião dos meus filhos nas decisões familiares, mas não tomo decisões só porque eles assim o querem.	1	2	3	4	5
21	Não me sinto responsável por orientar e dirigir o comportamento dos meus filhos.	1	2	3	4	5
22	Tenho padrões bem definidos de comportamentos para os meus filhos, mas estou disposto(a) a ajustar esses padrões às necessidades individuais de cada um.	1	2	3	4	5
23	Oriento o comportamento dos meus filhos e espero que sigam as minhas orientações, mas converso com eles e ouço sempre as suas opiniões.	1	2	3	4	5
24	Permito que os meus filhos tenham o seu próprio ponto de vista nos assuntos familiares e decidam por si o que vão fazer.	1	2	3	4	5
25	Sempre pensei que a maioria dos problemas da sociedade seriam resolvidos se os pais fossem rígidos e autoritários para com os seus filhos.	1	2	3	4	5
26	Digo sempre aos meus filhos o que devem fazer e como fazer.	1	2	3	4	5
27	Dou indicações claras para o comportamento e atividades dos	1	2	3	4	5

	meus filhos, mas sou compreensivo(a) quando discordam delas.					
28	Na minha família, não dou orientações em relação a comportamentos, atividades e desejos dos meus filhos.	<input checked="" type="checkbox"/>	2	3	4	5
29	Os meus filhos sabem o que espero deles e insisto para que atendam às minhas expectativas simplesmente por respeito pela minha autoridade.	1	2	<input checked="" type="checkbox"/>	4	5
30	Se tomo uma decisão que magoe os meus filhos, estou disposto(a) a conversar com eles e a admitir as minhas falhas.	1	2	3	4	<input checked="" type="checkbox"/>

© Mónica Taveira Pires

Parte III - Escala de S.E.R.T.H.U.A.L. – Auto-Estima

Seguidamente irá encontrar uma lista de afirmações. Tente responder a todos os itens, com sinceridade. Não existem respostas certas nem erradas. Não há tempo limite para terminar a prova. Assinale (com uma cruz) cada uma delas de acordo com a perceção que tem de si, atualmente.

(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente)

1	Muitas vezes aborreço-me comigo próprio pelas coisas que faço	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
2	Eu sou uma pessoa responsável	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
3	Eu tenho poucos valores e padrões próprios	1	2	3	4 <input checked="" type="checkbox"/>	5
4	Tenho dificuldade em controlar a minha agressividade	1 <input checked="" type="checkbox"/>	2	3	4	5
5	Geralmente gosto das pessoas	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
6	As minhas batalhas mais árduas são comigo próprio	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
7	Eu sou otimista	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
8	Eu sou sexualmente atraente	1	2 <input checked="" type="checkbox"/>	3	4	5
9	Sinto que não há ajuda possível para mim	1 <input checked="" type="checkbox"/>	2	3	4	5
10	Eu normalmente consigo tomar as minhas decisões e manter-me fiel a elas	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
11	As minhas decisões não são tomadas por mim próprio	1 <input checked="" type="checkbox"/>	2	3	4	5
12	Eu sinto-me apático	1 <input checked="" type="checkbox"/>	2	3	4	5

13	Eu sou impulsivo	1	2 ⊗	3	4	5
14	Sou uma pessoa racional	1	2	3	4 ⊗	5
15	Tenho a sensação que não estou a enfrentar as coisas	1	2 ⊗	3	4	5
16	Sou tolerante	1	2	3	4 ⊗	5
17	Sou ambicioso	1	2 ⊗	3	4	5
18	Eu evito enfrentar crises ou dificuldades	1 ⊗	2	3	4	5
19	Eu não me respeito a mim próprio	1 ⊗	2	3	4	5
20	Eu tenho uma atitude positiva para comigo	1	2	3	4	5 ⊗
21	Eu sou assertivo (afirmativo)	1	2	3 ⊗	4	5
22	Tenho dificuldades em tomar decisões	1	2	3	4	5 ⊗
23	Sou um falhado	1 ⊗	2	3	4	5
24	Eu sou amável	1	2	3	4 ⊗	5
25	Tenho medo de sexo	1 ⊗	2	3	4	5
26	Tenho medo de falhar em qualquer coisa que quero muito	1	2	3	4	5 ⊗
27	Eu sou um bom trabalhador	1	2	3	4	5 ⊗
28	Eu sinto-me emocionalmente maduro	1	2	3	4	5 ⊗
29	Estou realmente perturbado	1 ⊗	2	3	4	5
30	Sinto-me inseguro comigo próprio	1 ⊗	2	3	4	5
31	Eu sou inteligente	1	2	3 ⊗	4	5
32	Sinto-me sem esperança	1 ⊗	2	3	4	5
33	Eu sou uma pessoa na qual não se pode confiar	1	2	3 ⊗	4	5

34	Eu sou bastante sociável	1 ⊗	2	3	4	5
35	Eu não tenho valor	1 ⊗	2	3	4	5
36	Zango-me com facilidade	1 ⊗	2	3	4	5
37	Tenho um aspeto físico agradável	1	2	3 ⊗	4	5
38	Sinto-me bem comigo mesmo	1	2	3	4 ⊗	5
39	Os outros desconfiam de mim	1 ⊗	2	3	4	5
40	Ficarei contente comigo mesmo se conseguir fazer grandes coisas na minha vida	1	2	3	4	5 ⊗
41	Os meus patrões/professores estão satisfeitos comigo	1	2	3	4 ⊗	5
42	Acho que sou nervoso e tenso	1 ⊗	2	3	4	5
43	Sou muito fiel às minhas amizades	1	2	3	4	5 ⊗
44	Sinto orgulho do meu corpo	1	2	3 ⊗	4	5
45	Tenho confiança em mim mesmo	1	2	3	4	5 ⊗
46	Para me sentir melhor utilizo estimulantes tais como o café, tabaco, álcool, etc.	1	2	3 ⊗	4	5
47	Gosto de actividades em grupo	1	2	3	4 ⊗	5
48	Os maus resultados profissionais/escolares desencorajam-me facilmente	1	2	3 ⊗	4	5
49	Tenho uma boa opinião de mim mesmo	1	2	3	4	5 ⊗
50	As pessoas aborrecem-se quando estão na minha companhia	1 ⊗	2	3	4	5
51	Penso que todas as pessoas deveriam assumir um papel na sociedade	1	2	3	4 ⊗	5
52	Gostaria de participar em movimentos de solidariedade	1	2	3	4 ⊗	5
53	Tenho confiança no meu futuro	1	2	3	4	5 ⊗
54	No trabalho/universidade os outros procuram a minha companhia	1	2	3	4 ⊗	5
55	Tenho a impressão de que faço as coisas pior do	1 ⊗	2	3	4	5

	que os outros					
56	Tenho um aspeto físico pouco atraente	1	2	3	4 ⊗	5
57	Num grupo, gosto de tomar poucas iniciativas	1	2	3	⊗	5
58	Estou contente com a forma como o meu corpo se desenvolve	1	2	3	⊗	4 5
59	Nos grupos tenho a sensação de isolamento	1	2 ⊗	3	4	5
60	Estou contente com os meus resultados profissionais/escolares	1	2	3	4	5 ⊗

* © Autores: Tap, P.; Hipólito, J.

Parte IV - ESCALA DE AUTO-EFICÁCIA PARENTAL

Esta escala procura descrever a forma como a pessoa se vê, em termos da sua eficácia na vida, e a forma como ela se vê, no que se refere à sua eficácia enquanto mãe.

De modo geral, sou eficaz na vida:

0 (Nada)

10

20 (Totalmente)

Enquanto Mãe (refira-se à relação com o(s) seu(s) filho(s))
(1= Nunca; 2= Raramente; 3= Às vezes; 4=Muitas; 5= Sempre)

1	Desconheço qual a profissão que o meu filho quer ter	1	2	3	4	5 ⊗
2	O meu filho vai para a cama e levanta-se à hora que quer	⊗	2	3	4	5
3	Raramente sinto necessidade de ir à escola do meu filho	⊗	2	3	4	5
4	Vou buscar o meu filho à escola sempre à hora combinada, para que não se sinta esquecido	1	2	3	4	5 ⊗
5	Deixo o meu filho fazer as tarefas que deseja (comer, vestir-se, lavar-se, etc.)	1	2	3	4	5 ⊗
6	Os colegas e amigos do meu filho são desconhecidos para mim	⊗	2	3	4	5
7	O futuro do meu filho preocupa-me	⊗	2	3	4	5
8	Tento compreender o meu filho quando faz qualquer coisa que eu não aprovo antes de o repreender ou castigar	1	2	3	4	5 ⊗
9	Tento que o meu filho distinga o que é certo e errado	1	2	3	4	5 ⊗

10	Converso com o meu filho quando ele tem um comportamento errado, para que compreenda as razões do meu desagrado	1	2	3	4	5
11	Permito que o meu filho não cumpra as suas tarefas	1	2	3	4	5
12	Tento ser justo com o meu filho	1	2	3	4	5
13	Em casa cada um tem tarefas próprias, incluindo o meu filho	1	2	3	4	5
14	Evito que o meu filho experimente coisas novas	1	2	3	4	5
15	O meu filho só se veste com a roupa que eu escolho para ele	1	2	3	4	5
16	Interesso-me por conhecer os interesses do meu filho	1	2	3	4	5
17	Procuro dizer ao meu filho que o amo, e tenho manifestações carinhosas para com ele	1	2	3	4	5
18	O meu filho bate-me	1	2	3	4	5
19	O meu filho desconhece quais as regras que deve cumprir em casa	1	2	3	4	5
20	O meu filho é seguido regularmente pelo médico	1	2	3	4	5
21	Acompanho o dia-a-dia do meu filho e estou disponível se ele precisar	1	2	3	4	5
22	Incentivo o meu filho a procurar respostas para as suas dúvidas	1	2	3	4	5
23	Preocupo-me que o meu filho siga um caminho que o deixe feliz	1	2	3	4	5
24	Estou atento ao que se passa com o meu filho quando ele está triste ou contente	1	2	3	4	5
25	Escolho com o meu filho os brinquedos e jogos dele para não brincar com coisas perigosas	1	2	3	4	5
26	Quero que o meu filho escolha uma profissão que o deixe realizado	1	2	3	4	5
27	O meu filho tem as vacinas em atraso	1	2	3	4	5
28	Ensino e estou atento se o meu filho se comporta com boas-maneiras	1	2	3	4	5
29	O meu filho desconhece o porquê das regras lá de casa	1	2	3	4	5
30	Quero que o meu filho tenha a mesma profissão que eu	1	2	3	4	5

31	Procuo ser para o meu filho o melhor que sei e posso	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
32	Procuo explicar ao meu filho com linguagem cuidada a razão de determinadas regras e atitudes	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
33	O meu filho só faz os deveres que quer	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
34	Verifico se o meu filho se veste conforme o estado do tempo	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
35	O meu filho chega à escola (ou creche/ ama) de acordo com os meus horários	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
36	Faço as tarefas e os deveres do meu filho sempre que ele não é capaz	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
37	Desconheço os desejos do meu filho para o seu futuro	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
38	Procuo ajudar o meu filho nas áreas escolares em que tem mais dificuldade	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
39	Deixo o meu filho quebrar os castigos que lhe atribuo	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
40	Acho que o meu filho deve ter liberdade para assistir aos conflitos entre os pais	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
41	Descontrolo-me à frente do meu filho e isso não me preocupa	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
42	É-me indiferente o tipo de ensino da escola do meu filho	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
43	Faço planos para a vida futura que quero que o meu filho tenha	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
44	Desconheço quais os medos do meu filho	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5

Mãe 4

Este questionário enquadra-se num trabalho para uma dissertação de Mestrado em Intervenção Precoce na Infância, que está a ser desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, intitulado: *Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental*.

Os dados recolhidos serão tratados estatisticamente e são por isso, estritamente anónimos e confidenciais. Desde já agradecemos a sua colaboração e disponibilidade.

Parte I - Entrevista às mães antes da formação

Caracterização da Mãe 4:

1. Idade da mãe: 25 anos

2. Estado civil: solteira
3. Filhos / Idades: 3 filhos – 8 anos, 4anos e 2 anos
4. Habilitações literárias: 5º ano
5. Profissão: Empregada de limpezas
6. Recursos a Redes de apoio: Centro da Mãe e Segurança Social

Necessidades de formação:

1. Como é a sua relação com o(s) seu(s) filho(s)? Dê exemplos.
2. Que aspeto da relação com o seu filho gostaria de saber mais, para a ajudar a melhorar essa relação? Porquê?
3. Considera-se satisfeita com a sua formação académica? Porquê?
4. Qual a importância, para a sua vida enquanto mulher e mãe, participar numa Formação Parental (nada importante, pouco importante, importante ou muito importante)? Porquê?
5. O que gostaria de aprender lá?
6. Existe algum aspeto da sua vida que gostava de alterar com esta formação?
7. De entre os temas enumerados escolha aqueles que considere mais importante e que sente que a vão ajudar enquanto mulher e mãe (assinale com um X).

Expectativas e Sonhos.	
Quem sou eu como mãe?	
Alimentação, saúde e higiene.	
Autoestima.	
Socialização.	
Comportamentos e atitudes	
Outros:	

Transcrição das questões de resposta abertas (Necessidades de formação) – Mãe 4

Investigadora CC: Como é a sua relação com os seus filhos? Dê exemplos.

Entrevistada Mãe 4: Boa.

CC: Mas dá-se bem com eles?

Mãe 4: Claro, são meus filhos.

CC: Mas brinca com eles?

Mãe 4: Quando tenho tempo eu brinco.

CC: Que aspeto da relação com o seu filho gostaria de saber mais, para a ajudar a melhorar essa relação? Porquê?

Mãe 4: Não percebi.

CC: Por exemplo, você quando está com eles sente dificuldade em alguma coisa? Ou tudo corre bem? Nunca se chateia com eles?

Mãe 4: Chateio quando há necessidade de chatear.

CC: Mas em que aspeto é que às vezes se chateia com eles?

Mãe 4: Volta e meia.

CC: O que eles fazem que às vezes a mãe não sabe como agir?

Mãe 4: Quando começam a “jogar corpos os três”.

CC: Quando se batem?

Mãe 4: Sim, mais nada.

CC: Considera-se satisfeita com a sua formação académica? Porquê?

Mãe 4: O que quer dizer?

CC: A mãe tem o quinto ano gostava de ter mais habilitações?

Mãe 4: Não.

CC: Acha que é suficiente?

Mãe 4: Para mim é.

CC: Qual a importância, para a sua vida enquanto mulher e mãe, participar numa Formação Parental (nada importante, pouco importante, importante ou muito importante)? Porquê?

Mãe 4: É claro que é importante.

CC: Porque a mãe acha isso?

Mãe 4: Porque se ensina tanta coisa, mas para mim não.

CC: Não?

Mãe 4: Não.

CC: O que gostaria de aprender lá se tivesse?

Mãe 4: Era preciso que eu tivesse “pachorra” (vontade) para estar lá.

CC: Mas se fosse uma coisa que a mãe quisesse saber, que fosse do seu agrado se calhar já ia.

Mãe 4: Não, não sei, estou a ser sincera.

CC: Eu pedi para ser sincera. Existe algum aspeto da sua vida que gostava de alterar com esta formação?

Mãe 4: Não.

CC: De entre os temas enumerados escolha aqueles que considere mais importante e que sente que a vão ajudar enquanto mulher e mãe (assinale com um X).

Expectativas e Sonhos.	X
Quem sou eu como mãe?	
Alimentação, saúde e higiene.	X
Autoestima.	
Socialização.	
Comportamentos e atitudes	X
Outros:	

CC: Qual o horário que em está disponível para a participação na formação parental?

Mãe 4: Quarta-feira de manhã.

Parte II - Questionário de Estilos Parentais – Pais (Adaptação do *Parental Authority Questionnaire* PAQ, de Buri, 1991)

Não existem respostas certas ou erradas, tente não demorar muito tempo em cada questão. É importante que responda a todos os itens, não se esquecendo de nenhum. Para cada uma das frases faça uma cruz no número da escala que melhor descreve ou se aplica a si como Mãe na relação com os seus filhos.

(1= **Discordo totalmente**; 2= **Discordo**; 3= **Não concordo nem discordo**; 4=**Concordo**;
5=**Concordo totalmente**)

1	Acredito que numa família bem estruturada, as crianças devem fazer as coisas à sua maneira.	1 <input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
2	Obrigo os meus filhos a fazer coisas que acredito serem corretas, mesmo que eles não concordem.	1	2	3	4 <input checked="" type="radio"/>	5
3	Sempre que digo aos meus filhos para fazerem algo, espero que o façam imediatamente sem perguntas.	1	2	3	4 <input checked="" type="radio"/>	5
4	Quando uma regra familiar é estabelecida, explico os motivos desta aos meus filhos.	1	2 <input checked="" type="radio"/>	3	4	5
5	Encorajo o diálogo com os meus filhos quando estes não estão de acordo com as regras e restrições familiares.	1	2	3	4 <input checked="" type="radio"/>	5
6	Acredito que uma criança necessita de ser livre para tomar as suas próprias decisões e fazer o que quiser, mesmo que isso não esteja de acordo com o meu desejo.	1 <input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
7	Não permito aos meus filhos que questionem as minhas decisões.	1 <input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
8	Oriento os meus filhos através do diálogo e da disciplina.	1	2	3	4 <input checked="" type="radio"/>	5
9	Penso que devo usar a minha autoridade para conseguir que os meus filhos se comportem como eu acho que devem.	1	2	3	4 <input checked="" type="radio"/>	5
10	Acho que os meus filhos não precisam de obedecer às regras e normas de comportamento simplesmente porque alguém com autoridade as estabeleceu.	1 <input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
11	Transmito aos meus filhos o que espero deles mas também lhes dou liberdade para conversar quando não concordam comigo.	1 <input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
12	Acredito que os pais sensatos devem ensinar desde cedo quem é o chefe da família.	1 <input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
13	Raramente dou orientações aos meus filhos sobre o seu comportamento.	1	2 <input checked="" type="radio"/>	3	4	5
14	Quando as decisões familiares são estabelecidas, na maioria das vezes faço aquilo que os meus filhos querem.	1 <input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
15	Dou aos meus filhos orientações de forma clara e consistente.	1	2	3	4 <input checked="" type="radio"/>	5
16	Fico muito chateado(a) quando os meus filhos tentam discordar comigo.	1	2	3	4 <input checked="" type="radio"/>	5
17	Acredito que a maior parte dos problemas na sociedade seriam resolvidos se os pais não restringissem as atividades, as decisões e os desejos dos filhos durante o seu crescimento.	1 <input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
18	Deixo claro o comportamento que espero dos meus filhos e, quando não correspondem às minhas expectativas, acabo por puni-los.	1	2	3	4 <input checked="" type="radio"/>	5

19	Permito aos meus filhos decidir a maior parte das coisas sozinhos sem lhes dar muitas orientações.	<input checked="" type="checkbox"/>	2	3	4	5
20	Tenho em consideração a opinião dos meus filhos nas decisões familiares, mas não tomo decisões só porque eles assim o querem.	1	2	3	<input checked="" type="checkbox"/>	5
21	Não me sinto responsável por orientar e dirigir o comportamento dos meus filhos.	1	2	3	<input checked="" type="checkbox"/>	5
22	Tenho padrões bem definidos de comportamentos para os meus filhos, mas estou disposto(a) a ajustar esses padrões às necessidades individuais de cada um.	1	2	3	<input checked="" type="checkbox"/>	5
23	Oriento o comportamento dos meus filhos e espero que sigam as minhas orientações, mas converso com eles e ouço sempre as suas opiniões.	1	2	3	<input checked="" type="checkbox"/>	5
24	Permito que os meus filhos tenham o seu próprio ponto de vista nos assuntos familiares e decidam por si o que vão fazer.	<input checked="" type="checkbox"/>	2	3	4	5
25	Sempre pensei que a maioria dos problemas da sociedade seriam resolvidos se os pais fossem rígidos e autoritários para com os seus filhos.	1	2	3	<input checked="" type="checkbox"/>	5
26	Digo sempre aos meus filhos o que devem fazer e como fazer.	1	2	3	<input checked="" type="checkbox"/>	5
27	Dou indicações claras para o comportamento e atividades dos meus filhos, mas sou compreensivo(a) quando discordam delas.	1	2	3	<input checked="" type="checkbox"/>	5
28	Na minha família, não dou orientações em relação a comportamentos, atividades e desejos dos meus filhos.	1	2	3	<input checked="" type="checkbox"/>	5
29	Os meus filhos sabem o que espero deles e insisto para que atendam às minhas expectativas simplesmente por respeito pela minha autoridade.	1	2	3	<input checked="" type="checkbox"/>	5
30	Se tomo uma decisão que magoe os meus filhos, estou disposto(a) a conversar com eles e a admitir as minhas falhas.	1	2	3	<input checked="" type="checkbox"/>	5

© Mónica Taveira Pires

Parte III - Escala de S.E.R.T.H.U.A.L. – Auto-Estima

Seguidamente irá encontrar uma lista de afirmações. Tente responder a todos os itens, com sinceridade. Não existem respostas certas nem erradas. Não há tempo limite para terminar a prova. Assinale (com uma cruz) cada uma delas de acordo com a perceção que tem de si, atualmente.

(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente)

1	Muitas vezes aborreço-me comigo próprio pelas coisas que faço	<input checked="" type="checkbox"/>	2	3	4	5
---	---	-------------------------------------	---	---	---	---

2	Eu sou uma pessoa responsável	1	2	3	4	5 ⊗
3	Eu tenho poucos valores e padrões próprios	1	2	3	4 ⊗	5
4	Tenho dificuldade em controlar a minha agressividade	1	2	3	4 ⊗	5
5	Geralmente gosto das pessoas	1	2	3	4 ⊗	5
6	As minhas batalhas mais árduas são comigo próprio	1	2	3	4 ⊗	5
7	Eu sou otimista	1	2 ⊗	3	4	5
8	Eu sou sexualmente atraente	1 ⊗	2	3	4	5
9	Sinto que não há ajuda possível para mim	1	2	3	4 ⊗	5
10	Eu normalmente consigo tomar as minhas decisões e manter-me fiel a elas	1	2	3 ⊗	4	5
11	As minhas decisões não são tomadas por mim próprio	1	2 ⊗	3	4	5
12	Eu sinto-me apático	1	2 ⊗	3	4	5
13	Eu sou impulsivo	1	2	3	4 ⊗	5
14	Sou uma pessoa racional	1	2	3	4	5 ⊗
15	Tenho a sensação que não estou a enfrentar as coisas	1	2	3 ⊗	4	5
16	Sou tolerante	1	2 ⊗	3	4	5
17	Sou ambicioso	1 ⊗	2	3	4	5
18	Eu evito enfrentar crises ou dificuldades	1	2 ⊗	3	4	5
19	Eu não me respeito a mim próprio	1	2 ⊗	3	4	5
20	Eu tenho uma atitude positiva para comigo	1	2 ⊗	3	4	5
21	Eu sou assertivo (afirmativo)	1	2	3 ⊗	4	5
22	Tenho dificuldades em tomar decisões	1	2	3	4 ⊗	5
23	Sou um falhado	1	2 ⊗	3	4	5

24	Eu sou amável	1	2	3	4 ⊗	5
25	Tenho medo de sexo	1 ⊗	2	3	4	5
26	Tenho medo de falhar em qualquer coisa que quero muito	1	2	3	4 ⊗	5
27	Eu sou um bom trabalhador	1	2	3	4 ⊗	5
28	Eu sinto-me emocionalmente maduro	1	2 ⊗	3	4	5
29	Estou realmente perturbado	1 ⊗	2	3	4	5
30	Sinto-me inseguro comigo próprio	1	2	3 ⊗	4	5
31	Eu sou inteligente	1 ⊗	2	3	4	5
32	Sinto-me sem esperança	1	2	3 ⊗	4	5
33	Eu sou uma pessoa na qual não se pode confiar	1 ⊗	2	3	4	5
34	Eu sou bastante sociável	1 ⊗	2	3	4	5 ⊗
35	Eu não tenho valor	1	2	3	4	5
36	Zango-me com facilidade	1	2	3	4	5 ⊗
37	Tenho um aspeto físico agradável	1	2	3	4 ⊗	5
38	Sinto-me bem comigo mesmo	1	2	3 ⊗	4	5
39	Os outros desconfiam de mim	1 ⊗	2	3	4	5
40	Ficarei contente comigo mesmo se conseguir fazer grandes coisas na minha vida	1	2	3	4	5 ⊗
41	Os meus patrões/professores estão satisfeitos comigo	1	2	3	4	5 ⊗
42	Acho que sou nervoso e tenso	1	2	3	4 ⊗	5
43	Sou muito fiel às minhas amizades	1	2	3	4	5 ⊗
44	Sinto orgulho do meu corpo	1	2 ⊗	3	4	5

45	Tenho confiança em mim mesmo	1	2	3 ⊗	4	5
46	Para me sentir melhor utilizo estimulantes tais como o café, tabaco, álcool, etc.	1	2	3	4 ⊗	5
47	Gosto de actividades em grupo	1 ⊗	2	3	4	5
48	Os maus resultados profissionais/escolares desencorajam-me facilmente	1	2	3	4 ⊗	5
49	Tenho uma boa opinião de mim mesmo	1	2	3 ⊗	4	5
50	As pessoas aborrecem-se quando estão na minha companhia	1 ⊗	2	3	4	5
51	Penso que todas as pessoas deveriam assumir um papel na sociedade	1	2	3	4	5 ⊗
52	Gostaria de participar em movimentos de solidariedade	1	2	3	4	5 ⊗
53	Tenho confiança no meu futuro	1	2	3 ⊗	4	5
54	No trabalho/universidade os outros procuram a minha companhia	1	2	3	4 ⊗	5
55	Tenho a impressão de que faço as coisas pior do que os outros	1 ⊗	2	3	4	5
56	Tenho um aspeto físico pouco atraente	1	2	3	4 ⊗	5
57	Num grupo, gosto de tomar poucas iniciativas	1	2	3 ⊗	4	5
58	Estou contente com a forma como o meu corpo se desenvolve	1 ⊗	2	3	4	5
59	Nos grupos tenho a sensação de isolamento	1	2	3 ⊗	4	5
60	Estou contente com os meus resultados profissionais/escolares	1	2 ⊗	3	4	5

* © Autores: Tap, P.; Hipólito, J.

Parte IV - ESCALA DE AUTO-EFICÁCIA PARENTAL

Esta escala procura descrever a forma como a pessoa se vê, em termos da sua eficácia na vida, e a forma como ela se vê, no que se refere à sua eficácia enquanto mãe. De modo geral, sou eficaz na vida:

0 (Nada)

14

20 (Totalmente)

Enquanto Mãe (refira-se à relação com o(s) seu(s) filho(s))

(1= Nunca; 2= Raramente; 3= Às vezes; 4=Muitas; 5= Sempre)

1	Desconheço qual a profissão que o meu filho quer ter	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
2	O meu filho vai para a cama e levanta-se à hora que quer	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
3	Raramente sinto necessidade de ir à escola do meu filho	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
4	Vou buscar o meu filho à escola sempre à hora combinada, para que não se sinta esquecido	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
5	Deixo o meu filho fazer as tarefas que deseja (comer, vestir-se, lavar-se, etc.)	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
6	Os colegas e amigos do meu filho são desconhecidos para mim	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
7	O futuro do meu filho preocupa-me	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
8	Tento compreender o meu filho quando faz qualquer coisa que eu não aprovo antes de o repreender ou castigar	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
9	Tento que o meu filho distinga o que é certo e errado	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
10	Converso com o meu filho quando ele tem um comportamento errado, para que compreenda as razões do meu desagrado	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
11	Permito que o meu filho não cumpra as suas tarefas	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
12	Tento ser justo com o meu filho	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
13	Em casa cada um tem tarefas próprias, incluindo o meu filho	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
14	Evito que o meu filho experimente coisas novas	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
15	O meu filho só se veste com a roupa que eu escolho para ele	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
16	Interesso-me por conhecer os interesses do meu filho	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
17	Procuo dizer ao meu filho que o amo, e tenho manifestações carinhosas para com ele	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
18	O meu filho bate-me	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
19	O meu filho desconhece quais as regras que deve cumprir em casa	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
20	O meu filho é seguido regularmente pelo médico	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
21	Acompanho o dia-a-dia do meu filho e estou disponível se ele precisar	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>

22	Incentivo o meu filho a procurar respostas para as suas dúvidas	1	2	3	4	5
23	Preocupo-me que o meu filho siga um caminho que o deixe feliz	1	2	3	4	5
24	Estou atento ao que se passa com o meu filho quando ele está triste ou contente	1	2	3	4	5
25	Escolho com o meu filho os brinquedos e jogos dele para não brincar com coisas perigosas	1	2	3	4	5
26	Quero que o meu filho escolha uma profissão que o deixe realizado	1	2	3	4	5
27	O meu filho tem as vacinas em atraso	1	2	3	4	5
28	Ensino e estou atento se o meu filho se comporta com boas-maneiras	1	2	3	4	5
29	O meu filho desconhece o porquê das regras lá de casa	1	2	3	4	5
30	Quero que o meu filho tenha a mesma profissão que eu	1	2	3	4	5
31	Procuro ser para o meu filho o melhor que sei e posso	1	2	3	4	5
32	Procuro explicar ao meu filho com linguagem cuidada a razão de determinadas regras e atitudes	1	2	3	4	5
33	O meu filho só faz os deveres que quer	1	2	3	4	5
34	Verifico se o meu filho se veste conforme o estado do tempo	1	2	3	4	5
35	O meu filho chega à escola (ou creche/ ama) de acordo com os meus horários	1	2	3	4	5
36	Faço as tarefas e os deveres do meu filho sempre que ele não é capaz	1	2	3	4	5
37	Desconheço os desejos do meu filho para o seu futuro	1	2	3	4	5
38	Procuro ajudar o meu filho nas áreas escolares em que tem mais dificuldade	1	2	3	4	5
39	Deixo o meu filho quebrar os castigos que lhe atribuo	1	2	3	4	5
40	Acho que o meu filho deve ter liberdade para assistir aos conflitos entre os pais	1	2	3	4	5
41	Descontrolo-me à frente do meu filho e isso não me preocupa	1	2	3	4	5
42	É-me indiferente o tipo de ensino da escola do meu filho	1	2	3	4	5

43	Faço planos para a vida futura que quero que o meu filho tenha	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
44	Desconheço quais os medos do meu filho	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5

Mãe 5

Este questionário enquadra-se num trabalho para uma dissertação de Mestrado em Intervenção Precoce na Infância, que está a ser desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, intitulado: *Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental*.

Os dados recolhidos serão tratados estatisticamente e são por isso, estritamente anónimos e confidenciais. Desde já agradecemos a sua colaboração e disponibilidade.

Parte I - Entrevista às mães antes da formação

Caracterização da Mãe 5:

1. Idade da mãe: 19
2. Estado civil: solteira
3. Filhos / Idades: uma de 3 anos
4. Habilitações literárias: 9º ano
5. Profissão: Estudante do curso de assistente administrativa
6. Recursos a Redes de apoio: Centro da Mãe sou residente

Necessidades de formação:

1. Como é a sua relação com o(s) seu(s) filho(s)? Dê exemplos.
2. Que aspeto da relação com o seu filho gostaria de saber mais, para a ajudar a melhorar essa relação? Porquê?
3. Considera-se satisfeita com a sua formação académica? Porquê?
4. Qual a importância, para a sua vida enquanto mulher e mãe, participar numa Formação Parental (nada importante, pouco importante, importante ou muito importante)? Porquê?
5. O que gostaria de aprender lá?
6. Existe algum aspeto da sua vida que gostava de alterar com esta formação?

7. De entre os temas enumerados escolha aqueles que considere mais importante e que sente que a vão ajudar enquanto mulher e mãe (assinale com um X).

Expectativas e Sonhos.	
Quem sou eu como mãe?	
Alimentação, saúde e higiene.	
Autoestima.	
Socialização.	
Comportamentos e atitudes	
Outros:	

Transcrição das questões de resposta abertas (Necessidades de formação) – Mãe 5

Investigadora CC: Como é a sua relação com a sua filha? Dê exemplos.

Entrevistada Mãe 5: É boa.

CC: Ela faz birras? Costuma ter algum problema a nível do relacionamento com ela?

Mãe 5: Não, ela é que às vezes para dar abraços dá com muita força e dá dentadinhas, quando não lhe dão o brinquedo dela.

CC: Ah, pois, pois. Que aspeto da relação com a sua filha gostaria de saber mais, para a ajudar a melhorar essa relação? Porquê?

Mãe 5: Ter mais calma com os abraços dela.

CC: Considera-se satisfeita com a sua formação académica?

Mãe 5: Sim

CC: E porque?

Mãe 5: Porque dá-me equivalência ao 9º ano, tenho um certificado de estágio e se conseguir um trabalho nesta profissão é muito bom.

CC: Qual a importância, para a sua vida enquanto mulher e mãe, participar numa Formação Parental (nada importante, pouco importante, importante ou muito importante)?

Mãe 5: Importante.

CC: E porquê?

Mãe 5: Porque além de ser mulher também já sou mãe e apercebi-me que ser mulher é ser mãe também.

CC: Pois... O que gostaria de aprender lá? Coisas que gostava que nós falássemos, para a poder ajudar de alguma forma.

Mãe 5: Mais coisas sobre o desenvolvimento dela, agora nos 3 anos, para já ficar preparada, para já saber antes e estar preparada.

CC: Para já saber a próxima etapa do seu desenvolvimento?

Mãe 5: Sim.

CC: Existe algum aspeto da sua vida que gostava de alterar com esta formação?

Mãe 5: Saber mais sobre o desenvolvimento dela.

CC: De entre os temas enumerados escolha aqueles que considere mais importante e que sente que a vão ajudar enquanto mulher e mãe (assinale com um X).

Expectativas e Sonhos.	X
Quem sou eu como mãe?	X
Alimentação, saúde e higiene.	X
Autoestima.	X
Socialização.	X
Comportamentos e atitudes	X
Outros:	

CC: Qual o horário que em está disponível para a participação na formação parental?

Mãe 5: Segunda-feira ou quarta-feira a partir das catorze horas.

Parte II - Questionário de Estilos Parentais – Pais (Adaptação do *Parental Authority Questionnaire* PAQ, de Buri, 1991)

Não existem respostas certas ou erradas, tente não demorar muito tempo em cada questão. É importante que responda a todos os itens, não se esquecendo de nenhum. Para cada uma das frases faça uma cruz no número da escala que melhor descreve ou se aplica a si como Mãe na relação com os seus filhos.

(1= **Discordo totalmente**; 2= **Discordo**; 3= **Não concordo nem discordo**; 4=**Concordo**; 5=**Concordo totalmente**)

1	Acredito que numa família bem estruturada, as crianças devem fazer as coisas à sua maneira.	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2	Obrigo os meus filhos a fazer coisas que acredito serem corretas, mesmo que eles não concordem.	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3	Sempre que digo aos meus filhos para fazerem algo, espero que o façam imediatamente sem perguntas.	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4	Quando uma regra familiar é estabelecida, explico os motivos desta aos meus filhos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
5	Encorajo o diálogo com os meus filhos quando estes não estão de acordo com as regras e restrições familiares.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
6	Acredito que uma criança necessita de ser livre para tomar as suas próprias decisões e fazer o que quiser, mesmo que isso não esteja de acordo com o meu desejo.	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7	Não permito aos meus filhos que questionem as minhas decisões.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
8	Oriento os meus filhos através do diálogo e da disciplina.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
9	Penso que devo usar a minha autoridade para conseguir que os meus filhos se comportem como eu acho que devem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
10	Acho que os meus filhos não precisam de obedecer às regras e normas de comportamento simplesmente porque alguém com autoridade as estabeleceu.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
11	Transmito aos meus filhos o que espero deles mas também lhes dou liberdade para conversar quando não concordam comigo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
12	Acredito que os pais sensatos devem ensinar desde cedo quem é o chefe da família.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
13	Raramente dou orientações aos meus filhos sobre o seu comportamento.	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14	Quando as decisões familiares são estabelecidas, na maioria das vezes faço aquilo que os meus filhos querem.	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15	Dou aos meus filhos orientações de forma clara e consistente.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
16	Fico muito chateado(a) quando os meus filhos tentam discordar comigo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
17	Acredito que a maior parte dos problemas na sociedade seriam resolvidos se os pais não restringissem as atividades, as decisões e os desejos dos filhos durante o seu crescimento.	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
18	Deixo claro o comportamento que espero dos meus filhos e, quando não correspondem às minhas expectativas, acabo por puni-los.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
19	Permito aos meus filhos decidir a maior parte das coisas sozinhos sem lhes dar muitas orientações.	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
20	Tenho em consideração a opinião dos meus filhos nas decisões	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>

	familiares, mas não tomo decisões só porque eles assim o querem.					
21	Não me sinto responsável por orientar e dirigir o comportamento dos meus filhos.	1 ⊗	2	3	4	5
22	Tenho padrões bem definidos de comportamentos para os meus filhos, mas estou disposto(a) a ajustar esses padrões às necessidades individuais de cada um.	1	2	3	4 ⊗	5
23	Oriento o comportamento dos meus filhos e espero que sigam as minhas orientações, mas converso com eles e ouço sempre as suas opiniões.	1	2	3	4 ⊗	5
24	Permito que os meus filhos tenham o seu próprio ponto de vista nos assuntos familiares e decidam por si o que vão fazer.	1	2	3 ⊗	4	5
25	Sempre pensei que a maioria dos problemas da sociedade seriam resolvidos se os pais fossem rígidos e autoritários para com os seus filhos.	1	2	3 ⊗	4	5
26	Digo sempre aos meus filhos o que devem fazer e como fazer.	1	2	3	4 ⊗	5
27	Dou indicações claras para o comportamento e atividades dos meus filhos, mas sou compreensivo(a) quando discordam delas.	1	2 ⊗	3	4	5
28	Na minha família, não dou orientações em relação a comportamentos, atividades e desejos dos meus filhos.	1	2 ⊗	3	4	5
29	Os meus filhos sabem o que espero deles e insisto para que atendam às minhas expectativas simplesmente por respeito pela minha autoridade.	1	2	3	4 ⊗	5
30	Se tomo uma decisão que magoe os meus filhos, estou disposto(a) a conversar com eles e a admitir as minhas falhas.	1	2	3	4 ⊗	5

© Mónica Taveira Pires

Parte III - Escala de S.E.R.T.H.U.A.L. – Auto-Estima

Seguidamente irá encontrar uma lista de afirmações. Tente responder a todos os itens, com sinceridade. Não existem respostas certas nem erradas. Não há tempo limite para terminar a prova. Assinale (com uma cruz) cada uma delas de acordo com a perceção que tem de si, atualmente.

(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente)

1	Muitas vezes aborreço-me comigo próprio pelas coisas que faço	1	2	3 ⊗	4	5
2	Eu sou uma pessoa responsável	1	2	3	4	5 ⊗
3	Eu tenho poucos valores e padrões próprios	1	2	3	4 ⊗	5

4	Tenho dificuldade em controlar a minha agressividade	1 ⊗	2	3	4	5
5	Geralmente gosto das pessoas	1	2	3	4 ⊗	5
6	As minhas batalhas mais árduas são comigo próprio	1	2 ⊗	3	4	5
7	Eu sou otimista	1	2	3 ⊗	4	5
8	Eu sou sexualmente atraente	1	2 ⊗	3	4	5
9	Sinto que não há ajuda possível para mim	1	2 ⊗	3	4	5
10	Eu normalmente consigo tomar as minhas decisões e manter-me fiel a elas	1	2	3	4 ⊗	5
11	As minhas decisões não são tomadas por mim próprio	1 ⊗	2	3	4	5
12	Eu sinto-me apático	1 ⊗	2	3	4	5
13	Eu sou impulsivo	1	2 ⊗	3	4	5
14	Sou uma pessoa racional	1	2	3	4 ⊗	5
15	Tenho a sensação que não estou a enfrentar as coisas	1	2 ⊗	3	4	5
16	Sou tolerante	1	2	3 ⊗	4	5
17	Sou ambicioso	1 ⊗	2	3	4	5
18	Eu evito enfrentar crises ou dificuldades	1	2 ⊗	3	4	5
19	Eu não me respeito a mim próprio	1 ⊗	2	3	4	5
20	Eu tenho uma atitude positiva para comigo	1	2	3	4 ⊗	5
21	Eu sou assertivo (afirmativo)	1	2	3	4 ⊗	5
22	Tenho dificuldades em tomar decisões	1	2	3 ⊗	4	5
23	Sou um falhado	1 ⊗	2	3	4	5
24	Eu sou amável	1	2	3 ⊗	4	5
25	Tenho medo de sexo	1	2	3	4 ⊗	5

26	Tenho medo de falhar em qualquer coisa que quero muito	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
27	Eu sou um bom trabalhador	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
28	Eu sinto-me emocionalmente maduro	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
29	Estou realmente perturbado	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
30	Sinto-me inseguro comigo próprio	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
31	Eu sou inteligente	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
32	Sinto-me sem esperança	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
33	Eu sou uma pessoa na qual não se pode confiar	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
34	Eu sou bastante sociável	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
35	Eu não tenho valor	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
36	Zango-me com facilidade	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
37	Tenho um aspeto físico agradável	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
38	Sinto-me bem comigo mesmo	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
39	Os outros desconfiam de mim	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
40	Ficarei contente comigo mesmo se conseguir fazer grandes coisas na minha vida	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
41	Os meus patrões/professores estão satisfeitos comigo	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
42	Acho que sou nervoso e tenso	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
43	Sou muito fiel às minhas amizades	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
44	Sinto orgulho do meu corpo	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
45	Tenho confiança em mim mesmo	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
46	Para me sentir melhor utilizo estimulantes tais como o café, tabaco, álcool, etc.	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5

47	Gosto de actividades em grupo	1	2	3 ⊗	4	5
48	Os maus resultados profissionais/escolares desencorajam-me facilmente	1	2 ⊗	3	4	5
49	Tenho uma boa opinião de mim mesmo	1	2	3	4 ⊗	5
50	As pessoas aborrecem-se quando estão na minha companhia	1 ⊗	2	3	4	5
51	Penso que todas as pessoas deveriam assumir um papel na sociedade	1	2	3	4	5 ⊗
52	Gostaria de participar em movimentos de solidariedade	1	2	3 ⊗	4	5
53	Tenho confiança no meu futuro	1	2	3	4	5 ⊗
54	No trabalho/universidade os outros procuram a minha companhia	1	2	3	4 ⊗	5
55	Tenho a impressão de que faço as coisas pior do que os outros	1	2 ⊗	3	4	5
56	Tenho um aspeto físico pouco atraente	1	2	3 ⊗	4	5
57	Num grupo, gosto de tomar poucas iniciativas	1 ⊗	2	3	4	5
58	Estou contente com a forma como o meu corpo se desenvolve	1	2	3 ⊗	4	5
59	Nos grupos tenho a sensação de isolamento	1 ⊗	2	3	4	5
60	Estou contente com os meus resultados profissionais/escolares	1	2	3	4	5 ⊗

* © Autores: Tap, P.; Hipólito, J.

Parte IV - ESCALA DE AUTO-EFICÁCIA PARENTAL

Esta escala procura descrever a forma como a pessoa se vê, em termos da sua eficácia na vida, e a forma como ela se vê, no que se refere à sua eficácia enquanto mãe.

De modo geral, sou eficaz na vida:

0 (Nada)

10

20 (Totalmente)

Enquanto Mãe (refira-se à relação com o(s) seu(s) filho(s))

(1= Nunca; 2= Raramente; 3= Às vezes; 4=Muitas; 5= Sempre)

1	Desconheço qual a profissão que o meu filho quer ter	1	2	3	4	5 ⊗
---	--	---	---	---	---	-----

2	O meu filho vai para a cama e levanta-se à hora que quer	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
3	Raramente sinto necessidade de ir à escola do meu filho	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
4	Vou buscar o meu filho à escola sempre à hora combinada, para que não se sinta esquecido	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
5	Deixo o meu filho fazer as tarefas que deseja (comer, vestir-se, lavar-se, etc.)	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
6	Os colegas e amigos do meu filho são desconhecidos para mim	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
7	O futuro do meu filho preocupa-me	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
8	Tento compreender o meu filho quando faz qualquer coisa que eu não aprovo antes de o repreender ou castigar	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
9	Tento que o meu filho distinga o que é certo e errado	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
10	Converso com o meu filho quando ele tem um comportamento errado, para que compreenda as razões do meu desagrado	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
11	Permito que o meu filho não cumpra as suas tarefas	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
12	Tento ser justo com o meu filho	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
13	Em casa cada um tem tarefas próprias, incluindo o meu filho	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
14	Evito que o meu filho experimente coisas novas	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
15	O meu filho só se veste com a roupa que eu escolho para ele	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
16	Interesso-me por conhecer os interesses do meu filho	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
17	Procuo dizer ao meu filho que o amo, e tenho manifestações carinhosas para com ele	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
18	O meu filho bate-me	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
19	O meu filho desconhece quais as regras que deve cumprir em casa	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
20	O meu filho é seguido regularmente pelo médico	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
21	Acompanho o dia-a-dia do meu filho e estou disponível se ele precisar	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
22	Incentivo o meu filho a procurar respostas para as suas dúvidas	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
23	Preocupo-me que o meu filho siga um caminho que o deixe feliz	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>

24	Estou atento ao que se passa com o meu filho quando ele está triste ou contente	1	2	3	4	5
25	Escolho com o meu filho os brinquedos e jogos dele para não brincar com coisas perigosas	1	2	3	4	5
26	Quero que o meu filho escolha uma profissão que o deixe realizado	1	2	3	4	5
27	O meu filho tem as vacinas em atraso	1	2	3	4	5
28	Ensino e estou atento se o meu filho se comporta com boas-maneiras	1	2	3	4	5
29	O meu filho desconhece o porquê das regras lá de casa	1	2	3	4	5
30	Quero que o meu filho tenha a mesma profissão que eu	1	2	3	4	5
31	Procuro ser para o meu filho o melhor que sei e posso	1	2	3	4	5
32	Procuro explicar ao meu filho com linguagem cuidada a razão de determinadas regras e atitudes	1	2	3	4	5
33	O meu filho só faz os deveres que quer	1	2	3	4	5
34	Verifico se o meu filho se veste conforme o estado do tempo	1	2	3	4	5
35	O meu filho chega à escola (ou creche/ ama) de acordo com os meus horários	1	2	3	4	5
36	Faço as tarefas e os deveres do meu filho sempre que ele não é capaz	1	2	3	4	5
37	Desconheço os desejos do meu filho para o seu futuro	1	2	3	4	5
38	Procuro ajudar o meu filho nas áreas escolares em que tem mais dificuldade	1	2	3	4	5
39	Deixo o meu filho quebrar os castigos que lhe atribuo	1	2	3	4	5
40	Acho que o meu filho deve ter liberdade para assistir aos conflitos entre os pais	1	2	3	4	5
41	Descontrolo-me à frente do meu filho e isso não me preocupa	1	2	3	4	5
42	É-me indiferente o tipo de ensino da escola do meu filho	1	2	3	4	5
43	Faço planos para a vida futura que quero que o meu filho tenha	1	2	3	4	5
44	Desconheço quais os medos do meu filho	1	2	3	4	5

Mãe 6

Este questionário enquadra-se num trabalho para uma dissertação de Mestrado em Intervenção Precoce na Infância, que está a ser desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, intitulado: *Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental*.

Os dados recolhidos serão tratados estatisticamente e são por isso, estritamente anónimos e confidenciais. Desde já agradecemos a sua colaboração e disponibilidade.

Parte I - Entrevista às mães antes da formação

Caracterização da Mãe 6:

1. Idade da mãe: 25
2. Estado civil: divorciada
3. Filhos / Idades: duas filhas - 6 anos (L.) e 3 anos (C.)
4. Habilitações literárias: 6º ano
5. Profissão: desempregada
6. Recursos a Redes de apoio: Centro da Mãe e Cáritas

Necessidades de formação:

1. Como é a sua relação com o(s) seu(s) filho(s)? Dê exemplos.
2. Que aspeto da relação com o seu filho gostaria de saber mais, para a ajudar a melhorar essa relação? Porquê?
3. Considera-se satisfeita com a sua formação académica? Porquê?
4. Qual a importância, para a sua vida enquanto mulher e mãe, participar numa Formação Parental (nada importante, pouco importante, importante ou muito importante)? Porquê?
5. O que gostaria de aprender lá?
6. Existe algum aspeto da sua vida que gostava de alterar com esta formação?
7. De entre os temas enumerados escolha aqueles que considere mais importante e que sente que a vão ajudar enquanto mulher e mãe (assinale com um X).

Expectativas e Sonhos.	
Quem sou eu como mãe?	
Alimentação, saúde e higiene.	
Autoestima.	

Socialização.	
Comportamentos e atitudes	
Outros:	

Transcrição das questões de resposta abertas (Necessidades de formação) – Mãe 6

Investigadora CC: Como é a sua relação com as suas filhas? Dê exemplos.

Entrevistada Mãe 6: Com a de seis anos é boa é compreensível, eu costumo dizer até que ela é uma “lady” em ponto pequeno, que ela é muito boa menina. A C. já é mais complicado porque ela, como é que eu digo, é uma criança rebelde, ela sossega, ela põe-se quieta, mas gosta de tudo à maneira dela, acha que quer, pode e manda e prontos. Ela é muito rebelde, tem um feitio muito complicado.

CC: E se a mãe a contraria como é que ela reage?

Mãe 6: O mundo vem abaixo, mas eu não quero saber, porque se eu digo que não é não, ela chora, deixa chorar, incha um umbigo, deixá-lo que ele vai desinchar, não faz mal.

CC: Mas ela é tão pequenina e já tem essa personalidade tão forte?

Mãe 6: Sim, mas já está muito melhor desde que ela começou a fazer o tratamento, a vir às consultas com a pedopsiquiatra, ela está muito melhor mas mesmo assim tem dias.

CC: Pois. E quem a aconselhou a levá-la à pedopsiquiatra?

Mãe 6: A minha psiquiatra que sabe os problemas que eu tinha com ela e acabou por encaminhá-la.

CC: Que aspeto da relação com a sua filha gostaria de saber mais, para a ajudar a melhorar essa relação? Porquê?

Mãe 6: Em relação à L. eu não posso pedir nada, porque não tenho nada para melhorar. A C., o que eu gostava mesmo, e já tentei estudar com a minha enfermeira de saúde mental, foi estudar com agir perante as reações da C. Eu gostava de saber como é que eu posso educa-la mas sem revolta-la?

CC: Pois, de modo que ela aceite é?

Mãe 6: Sim exato, a gente já andamos a estudar as revoltas das crianças mas não resulta, não resulta, eu cheguei a ir uma vez por semana ao centro de saúde com a enfermeira, estudar aquilo pra traz pra frente e pra frente pra traz, e tinha uma semana de trabalho de casa, e ao fim da semana de trabalho de casa tinha de ver como é que estava.

CC: E não resultou?

Mãe 6: Era como se nada fosse. Não tava lá, não tava falando com ela, ela não ouvia. Agora já está melhor, mas mesmo assim gostava de saber lidar com a minha filha.

CC: Pois.

Mãe 6: Porque é assim: também sou doente psiquiátrica e preciso de ajuda, sou acompanhada de três em três meses com a psiquiatra, e tem dias que eu também não tenho capacidade para tantas birras e tantas coisas.

CC: E a mãe quando está com ela, age sempre da mesma forma, ou por exemplo quando a mãe diz não podes fazer isto umas vezes deixa que ela faça e outras vezes não deixa?

Mãe 6: Não, não, não. Se ela não fizer uma vez não vai fazer agora, não, não quero.

CC: Pois é bom a mãe ser firme com ela.

Mãe 6: E quando eu digo que não, não vale a pena o pai dizer que sim, porque se o pai disser que sim vai ouvir um berro do tamanho que não quer. Portanto ele já faz de conta que nem ouve, não é não, se ele disser que sim, ele disse que sim primeiro que eu, tudo bem, também não vou contrariar. Se não quero que ele me contrarie também não vou contrariar, mas também depende dos aspetos claro. Mas agora, se eu disser que não ele não interfere. Ele quando tá lá às vezes ela vai e diz: “papá eu posso fazer aquilo?” E ele diz: “a mamã não falou contigo?”, “Sim mas eu queria o pai”. Ele fala com ela e dá-lhe mimos e isso tudo, mas não deixa fazer na mesma. Se eu disser que não é não, se eu disser que é sim, é sim e prontos.

CC: Considera-se satisfeita com a sua formação académica?

Mãe 6: Não.

CC: E porquê?

Mãe 6: Eu tive oportunidade de ir mais longe, de estudar mais um bocadinho e não fui, cabaça oca.

CC: Mas vai sempre a tempo, a mãe é muito novinha.

Mãe 6: Estou a ficar velha para essas coisas.

CC: Nunca se é velha para aprender.

Mãe 6: Eu sei.

CC: Qual a importância, para a sua vida enquanto mulher e mãe, participar numa Formação Parental (nada importante, pouco importante, importante ou muito importante)? Porquê?

Mãe 6: Eu acho que é muito importante, porque é assim, derivado a falta de saber lidar com a minha filha, eu acho que é, pelo menos para mim eu acho que é importante, vai-me ajudar, pode não me ajudar em tudo, tudo, mas nalguma coisa vai ajudar, porque como eu tenho problemas em lidar com as reações dela acho que é bastante importante.

CC: O que gostaria de aprender lá?

Mãe 6: Gostava de aprender a lidar com a minha filha.

CC: Pois.

Mãe 6: Porque ela é boa menina é carinhosa, ela é amorosa ela dá beijos, ela dá abraços: “mamã eu amo-te muito”, “mamã és a minha princesa”, “és o meu amor e o amor do papá”.

CC: Pois.

Mãe 6: Tudo, mas de uma hora a outra ela vira-se do avesso e: “sai da minha frente, não quero falar contigo, não sou tua amiga, já não gosto de ti”, assim de repente, de repente, de repente.

CC: Mas sem nada acontecer ou acontece alguma coisa?

Mãe 6: Ela vai até ao fundo das passadas (escadas) volta e diz-me aquilo, eu digo: “filha tas a falar com a mãe?” Ela diz: “eu tou chateada” e “tas chateada porquê?” “Porque eu estou cansada”. E é assim, basta ela se cansar e vira, provoca o diabo, joga as coisas, deita-se para o chão e grita.

CC: Pois é complicado. Existe algum aspeto da sua vida que gostava de alterar com esta formação?

Mãe 6: Aspeto como assim?

CC: Se há alguma coisa na sua vida para além disso que já referiu com a sua filha, sobre si, se há alguma coisa que gostava de saber mais ou aprender mais?

Mãe 6: Olhe, se quer que eu lhe diga, gostava de aprender a lidar comigo, porque às vezes também sou terrível. Por isso eu não condeno a minha filha. Acho que sim, gostava de alterar ou pelo menos aprender a tentar controlar certas atitudes.

CC: Mas a mãe não é calma?

Mãe 6: Calma? Que eu tenho de calma? Cruzes.

CC: Aqui está muito calminha.

Mãe 6: Aqui, que ela foi para a escolinha e isso tudo, mas quando a doutora me telefonou para sair, não explodi porque não tive para explodir, porque fizeram-me muito mal logo de manhã.

CC: Pois, isso é que é mau... De entre os temas enumerados escolha aqueles que considere mais importante e que sente que a vão ajudar enquanto mulher e mãe (assinale com um X).

Expectativas e Sonhos.	
Quem sou eu como mãe?	
Alimentação, saúde e higiene.	
Autoestima.	X
Socialização.	
Comportamentos e atitudes	X
Outros:	

CC: Qual o horário que em está disponível para a participação na formação parental?

Mãe 6: Por volta das catorze horas.

Parte II - Questionário de Estilos Parentais – Pais (Adaptação do *Parental Authority Questionnaire* PAQ, de Buri, 1991)

Não existem respostas certas ou erradas, tente não demorar muito tempo em cada questão. É importante que responda a todos os itens, não se esquecendo de nenhum. Para cada uma das frases faça uma cruz no número da escala que melhor descreve ou se aplica a si como Mãe na relação com os seus filhos.

(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente)

1	Acredito que numa família bem estruturada, as crianças devem fazer as coisas à sua maneira.	1	2	3	4	5
2	Obrigo os meus filhos a fazer coisas que acredito serem corretas, mesmo que eles não concordem.	1	2	3	4	5
3	Sempre que digo aos meus filhos para fazerem algo, espero que o façam imediatamente sem perguntas.	1	2	3	4	5
4	Quando uma regra familiar é estabelecida, explico os motivos desta aos meus filhos.	1	2	3	4	5
5	Encorajo o diálogo com os meus filhos quando estes não estão de acordo com as regras e restrições familiares.	1	2	3	4	5
6	Acredito que uma criança necessita de ser livre para tomar as suas próprias decisões e fazer o que quiser, mesmo que isso não esteja de acordo com o meu desejo.	1	2	3	4	5
7	Não permito aos meus filhos que questionem as minhas decisões.	1	2	3	4	5
8	Oriento os meus filhos através do diálogo e da disciplina.	1	2	3	4	5
9	Penso que devo usar a minha autoridade para conseguir que os meus filhos se comportem como eu acho que devem.	1	2	3	4	5
10	Acho que os meus filhos não precisam de obedecer às regras e normas de comportamento simplesmente porque alguém com autoridade as estabeleceu.	1	2	3	4	5
11	Transmito aos meus filhos o que espero deles mas também lhes dou liberdade para conversar quando não concordam comigo.	1	2	3	4	5
12	Acredito que os pais sensatos devem ensinar desde cedo quem é o chefe da família.	1	2	3	4	5
13	Raramente dou orientações aos meus filhos sobre o seu comportamento.	1	2	3	4	5
14	Quando as decisões familiares são estabelecidas, na maioria das vezes faço aquilo que os meus filhos querem.	1	2	3	4	5

15	Dou aos meus filhos orientações de forma clara e consistente.	1	2	3	4	5
16	Fico muito chateado(a) quando os meus filhos tentam discordar comigo.	1	2	3	4	5
17	Acredito que a maior parte dos problemas na sociedade seriam resolvidos se os pais não restringissem as atividades, as decisões e os desejos dos filhos durante o seu crescimento.	1	2	3	4	5
18	Deixo claro o comportamento que espero dos meus filhos e, quando não correspondem às minhas expectativas, acabo por puni-los.	1	2	3	4	5
19	Permito aos meus filhos decidir a maior parte das coisas sozinhos sem lhes dar muitas orientações.	1	2	3	4	5
20	Tenho em consideração a opinião dos meus filhos nas decisões familiares, mas não tomo decisões só porque eles assim o querem.	1	2	3	4	5
21	Não me sinto responsável por orientar e dirigir o comportamento dos meus filhos.	1	2	3	4	5
22	Tenho padrões bem definidos de comportamentos para os meus filhos, mas estou disposto(a) a ajustar esses padrões às necessidades individuais de cada um.	1	2	3	4	5
23	Oriento o comportamento dos meus filhos e espero que sigam as minhas orientações, mas converso com eles e ouço sempre as suas opiniões.	1	2	3	4	5
24	Permito que os meus filhos tenham o seu próprio ponto de vista nos assuntos familiares e decidam por si o que vão fazer.	1	2	3	4	5
25	Sempre pensei que a maioria dos problemas da sociedade seriam resolvidos se os pais fossem rígidos e autoritários para com os seus filhos.	1	2	3	4	5
26	Digo sempre aos meus filhos o que devem fazer e como fazer.	1	2	3	4	5
27	Dou indicações claras para o comportamento e atividades dos meus filhos, mas sou compreensivo(a) quando discordam delas.	1	2	3	4	5
28	Na minha família, não dou orientações em relação a comportamentos, atividades e desejos dos meus filhos.	1	2	3	4	5
29	Os meus filhos sabem o que espero deles e insisto para que atendam às minhas expectativas simplesmente por respeito pela minha autoridade.	1	2	3	4	5
30	Se tomo uma decisão que magoe os meus filhos, estou disposto(a) a conversar com eles e a admitir as minhas falhas.	1	2	3	4	5

© Mónica Taveira Pires

Parte III - Escala de S.E.R.T.H.U.A.L. – Auto-Estima

Seguidamente irá encontrar uma lista de afirmações. Tente responder a todos os itens, com sinceridade. Não existem respostas certas nem erradas. Não há tempo limite para terminar a prova. Assinale (com uma cruz) cada uma delas de acordo com a perceção que tem de si, atualmente.

**(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo;
4=Concordo; 5=Concordo totalmente)**

1	Muitas vezes aborreço-me comigo próprio pelas coisas que faço	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
2	Eu sou uma pessoa responsável	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
3	Eu tenho poucos valores e padrões próprios	1	2	3	4 <input checked="" type="checkbox"/>	5
4	Tenho dificuldade em controlar a minha agressividade	1	2 <input checked="" type="checkbox"/>	3	4	5
5	Geralmente gosto das pessoas	1	2	3 <input checked="" type="checkbox"/>	4	5
6	As minhas batalhas mais árduas são comigo próprio	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
7	Eu sou otimista	1	2	3 <input checked="" type="checkbox"/>	4	5
8	Eu sou sexualmente atraente	1	2	3 <input checked="" type="checkbox"/>	4	5
9	Sinto que não há ajuda possível para mim	1 <input checked="" type="checkbox"/>	2	3	4	5
10	Eu normalmente consigo tomar as minhas decisões e manter-me fiel a elas	1	2 <input checked="" type="checkbox"/>	3	4	5
11	As minhas decisões não são tomadas por mim próprio	1 <input checked="" type="checkbox"/>	2	3	4	5
12	Eu sinto-me apático	1	2	3 <input checked="" type="checkbox"/>	4	5
13	Eu sou impulsivo	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
14	Sou uma pessoa racional	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
15	Tenho a sensação que não estou a enfrentar as	1	2	3 <input checked="" type="checkbox"/>	4	5

	coisas					
16	Sou tolerante	1	2	3 ⊗	4	5
17	Sou ambicioso	1	2 ⊗	3	4	5
18	Eu evito enfrentar crises ou dificuldades	1	2	3	4	5 ⊗
19	Eu não me respeito a mim próprio	1 ⊗	2	3	4	5
20	Eu tenho uma atitude positiva para comigo	1	2 ⊗	3	4	5
21	Eu sou assertivo (afirmativo)	1	2	3	4 ⊗	5
22	Tenho dificuldades em tomar decisões	1	2	3 ⊗	4	5
23	Sou um falhado	1	2 ⊗	3	4	5
24	Eu sou amável	1	2	3	4	5 ⊗
25	Tenho medo de sexo	1 ⊗	2	3	4	5
26	Tenho medo de falhar em qualquer coisa que quero muito	1	2	3 ⊗	4	5
27	Eu sou um bom trabalhador	1	2	3	4 ⊗	5
28	Eu sinto-me emocionalmente maduro	1	2	3	4 ⊗	5
29	Estou realmente perturbado	1	2	3 ⊗	4	5
30	Sinto-me inseguro comigo próprio	1	2	3 ⊗	4	5
31	Eu sou inteligente	1	2	3	4	5 ⊗
32	Sinto-me sem esperança	1	2 ⊗	3	4	5
33	Eu sou uma pessoa na qual não se pode confiar	1 ⊗	2	3	4	5
34	Eu sou bastante sociável	1	2	3	4	5 ⊗
35	Eu não tenho valor	1 ⊗	2	3	4	5
36	Zango-me com facilidade	1	2	3	4 ⊗	5

37	Tenho um aspeto físico agradável	1	2	3 ⊗	4	5
38	Sinto-me bem comigo mesmo	1	2	3	4 ⊗	5
39	Os outros desconfiam de mim	1 ⊗	2	3	4	5
40	Ficarei contente comigo mesmo se conseguir fazer grandes coisas na minha vida	1	2	3	4	5 ⊗
41	Os meus patrões/professores estão satisfeitos comigo	1	2	3	4	5 ⊗
42	Acho que sou nervoso e tenso	1	2	3	4	5 ⊗
43	Sou muito fiel às minhas amizades	1	2	3 ⊗	4	5
44	Sinto orgulho do meu corpo	1 ⊗	2	3	4	5
45	Tenho confiança em mim mesmo	1	2	3 ⊗	4	5
46	Para me sentir melhor utilizo estimulantes tais como o café, tabaco, álcool, etc.	1	2	3	4	5 ⊗
47	Gosto de actividades em grupo	1	2	3	4	5 ⊗
48	Os maus resultados profissionais/escolares desencorajam-me facilmente	1	2 ⊗	3	4	5
49	Tenho uma boa opinião de mim mesmo	1	2	3 ⊗	4	5
50	As pessoas aborrecem-se quando estão na minha companhia	1 ⊗	2	3	4	5
51	Penso que todas as pessoas deveriam assumir um papel na sociedade	1	2	3 ⊗	4	5
52	Gostaria de participar em movimentos de solidariedade	1	2	3	4 ⊗	5
53	Tenho confiança no meu futuro	1	2	3	4 ⊗	5
54	No trabalho/universidade os outros procuram a minha companhia	1	2	3	4 ⊗	5
55	Tenho a impressão de que faço as coisas pior do que os outros	1	2	3	4	5 ⊗
56	Tenho um aspeto físico pouco atraente	1	2	3 ⊗	4	5
57	Num grupo, gosto de tomar poucas iniciativas	1	2	3 ⊗	4	5
58	Estou contente com a forma como o meu	1 ⊗	2	3	4	5

	corpo se desenvolve					
59	Nos grupos tenho a sensação de isolamento	1 ⊗	2	3	4	5
60	Estou contente com os meus resultados profissionais/escolares	1	2	3 ⊗	4	5

* © Autores: Tap, P.; Hipólito, J.

Parte IV - ESCALA DE AUTO-EFICÁCIA PARENTAL

Esta escala procura descrever a forma como a pessoa se vê, em termos da sua eficácia na vida, e a forma como ela se vê, no que se refere à sua eficácia enquanto mãe.

De modo geral, sou eficaz na vida:

0 (Nada)

10

20 (Totalmente)

Enquanto Mãe (refira-se à relação com o(s) seu(s) filho(s))

(1= Nunca; 2= Raramente; 3= Às vezes; 4=Muitas; 5= Sempre)

1	Desconheço qual a profissão que o meu filho quer ter	1	2 ⊗	3	4	5
2	O meu filho vai para a cama e levanta-se à hora que quer	1 ⊗	2	3	4	5
3	Raramente sinto necessidade de ir à escola do meu filho	1 ⊗	2	3	4	5
4	Vou buscar o meu filho à escola sempre à hora combinada, para que não se sinta esquecido	1 ⊗	2	3	4	5
5	Deixo o meu filho fazer as tarefas que deseja (comer, vestir-se, lavar-se, etc.)	1	2	3	4	5 ⊗
6	Os colegas e amigos do meu filho são desconhecidos para mim	1	2 ⊗	3	4	5
7	O futuro do meu filho preocupa-me	1	2	3	4	5 ⊗
8	Tento compreender o meu filho quando faz qualquer coisa que eu não aprovo antes de o repreender ou castigar	1	2	3	4	5 ⊗
9	Tento que o meu filho distinga o que é certo e errado	1	2	3	4	5 ⊗
10	Converso com o meu filho quando ele tem um comportamento errado, para que compreenda as razões do meu desagrado	1	2	3	4	5 ⊗
11	Permito que o meu filho não cumpra as suas tarefas	1 ⊗	2	3	4	5
12	Tento ser justo com o meu filho	1	2	3	4	5 ⊗
13	Em casa cada um tem tarefas próprias, incluindo o meu filho	1	2	3	4	5 ⊗

14	Evito que o meu filho experimente coisas novas	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
15	O meu filho só se veste com a roupa que eu escolho para ele	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
16	Interesso-me por conhecer os interesses do meu filho	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
17	Procuo dizer ao meu filho que o amo, e tenho manifestações carinhosas para com ele	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
18	O meu filho bate-me	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
19	O meu filho desconhece quais as regras que deve cumprir em casa	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
20	O meu filho é seguido regularmente pelo médico	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
21	Acompanho o dia-a-dia do meu filho e estou disponível se ele precisar	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
22	Incentivo o meu filho a procurar respostas para as suas dúvidas	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
23	Preocupo-me que o meu filho siga um caminho que o deixe feliz	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
24	Estou atento ao que se passa com o meu filho quando ele está triste ou contente	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
25	Escolho com o meu filho os brinquedos e jogos dele para não brincar com coisas perigosas	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
26	Quero que o meu filho escolha uma profissão que o deixe realizado	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
27	O meu filho tem as vacinas em atraso	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
28	Ensino e estou atento se o meu filho se comporta com boas-maneiras	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
29	O meu filho desconhece o porquê das regras lá de casa	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
30	Quero que o meu filho tenha a mesma profissão que eu	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
31	Procuo ser para o meu filho o melhor que sei e posso	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
32	Procuo explicar ao meu filho com linguagem cuidada a razão de determinadas regras e atitudes	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
33	O meu filho só faz os deveres que quer	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
34	Verifico se o meu filho se veste conforme o estado do tempo	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
35	O meu filho chega à escola (ou creche/ ama) de acordo com os	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5

	meus horários					
36	Faço as tarefas e os deveres do meu filho sempre que ele não é capaz	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
37	Desconheço os desejos do meu filho para o seu futuro	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
38	Procuro ajudar o meu filho nas áreas escolares em que tem mais dificuldade	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
39	Deixo o meu filho quebrar os castigos que lhe atribuo	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
40	Acho que o meu filho deve ter liberdade para assistir aos conflitos entre os pais	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
41	Descontrolo-me à frente do meu filho e isso não me preocupa	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
42	É-me indiferente o tipo de ensino da escola do meu filho	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
43	Faço planos para a vida futura que quero que o meu filho tenha	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
44	Desconheço quais os medos do meu filho	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5

ANEXO XXI

Transcrição das entrevistas às assistentes sociais e psicóloga do Centro da Mãe

Assistente Social 1

Este questionário enquadra-se num trabalho para uma dissertação de Mestrado em Intervenção Precoce na Infância, que está a ser desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, intitulado: *Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental*.

Os dados recolhidos serão tratados estatisticamente e são por isso, estritamente anónimos e confidenciais. Desde já agradecemos a sua colaboração e disponibilidade.

Entrevista às Técnicas e Diretora do Centro de Mãe

1. Idade:
2. Habilitações Literárias
3. Profissão:
4. Há quanto tempo trabalha no Centro da Mãe?
5. Que tipo de apoio dá o Centro da Mãe a estas mães?
6. Quais são as maiores dificuldades que estas mães apresentam?
7. Porque procuram estas mães o Centro da Mãe?
8. Quais considera serem as principais necessidades de formação das jovens mães que frequentam este Centro de Mãe?
9. De entre os temas apresentados indique (com um X) aqueles que considera serem mais importantes para estas jovens mães:

Expectativas e Sonhos.	
Quem sou eu como mãe?	
Alimentação, saúde e higiene.	
Autoestima.	
Socialização.	
Comportamentos e atitudes	
Outros:	

Guião Entrevista às Técnicas e Diretora do Centro de Mãe: Assistente Social 1

1. Idade: 32
2. Habilitações Literárias: Licenciatura em Serviço Social
3. Profissão: Assistente Social
4. Há quanto tempo trabalha no Centro da Mãe? Desde outubro de 2013

Transcrição das questões de resposta abertas – Assistente Social 1

Investigadora CC: Que tipo de apoio dá o Centro da Mãe a estas mães?

Entrevistada AS1: O centro da mãe dá apoio material a nível de fraldas, leite, alguns alimentos, também papas. Dá apoio na formação das mães, dá apoio a nível da orientação profissional e também escolar. Normalmente estas mães têm um percurso de vida marcado pelo abandono escolar, e o facto de serem mães novas interrompem ali o percurso escolar. Normalmente nós orientamos, no sentido que elas retomem para concluir a escolaridade obrigatória, ou então fazer um curso que seja de acordo com as suas expectativas e as suas capacidades. Damos também apoio psicossocial, porque normalmente elas ficam um pouco fragilizadas, às vezes um problema pode não ser muito grave, mas elas como são tão negativas parece que é uma coisa muito grave. Nós tentamos por em partes, e ver realmente, têm esse problema, mas se fizer isto e isto consegue-se resolver, não é assim tão difícil.

CC: Pois, pois...fazer ver que as coisas às vezes não são tão graves como a elas lhes parecem?

AS1: Pois, exato.

CC: Quais são as maiores dificuldades que estas mães apresentam?

AS1: As maiores dificuldades que elas apresentam, nota-se muito, dificuldades em estabelecer relações intrapessoais. As relações são um bocadinho, não diria conflituosas, mas a noção que elas têm das relações é um bocadinho complicada, e realmente apresentam grandes problemas de baixa autoestima, e dificuldades a nível económico também. A nível vocacional também temos situações em que vivem agregados muito grandes e depois acaba por dar confusão.

CC: E depois são essas mães que vocês acabam por acolher, ou não?

AS1: As mães que nós acabamos por acolher são mães que realmente, ou têm uma rede de suporte familiar muito fraca, que não lhes consegue dar apoio naquela altura, ou não têm mesmo ninguém, normalmente têm, mas não conseguem dar resposta ao que elas precisam.

CC: Pois exato.

AS1: E então neste caso são encaminhadas para o centro da mãe, ou pelas comissões de proteção, ou pelo tribunal e vêm aqui connosco e ficam na residência. Normalmente são as mães que não têm condições, grávidas ou mães com menos de 18 anos.

CC: E onde é a residência?

AS1: A residência de acolhimento é em São Martinho. Nós temos capacidade para dez mães, neste momento temos 5 mães, não 4 mães, 6 crianças e uma grávida.

CC: Porque procuram estas mães o Centro da Mãe?

AS1: Essencialmente para apoio material.

CC: Quais considera serem as principais necessidades de formação das jovens mães que frequentam este Centro de Mãe?

AS1: As necessidades que elas têm, são muito à base de competências pessoais e sociais, competências parentais, muito importante, e se calhar gestão do dia-a-dia, de gerir o tempo.

CC: As rotinas?

AS1: Sim, porque elas acabam por se perder um bocado no dia, porque muitas vezes não têm um objetivo delineado e acabam por se perder, e acaba por ficar tudo muito vago.

CC: De entre os temas apresentados indique (com um X) aqueles que considera serem mais importantes para estas jovens mães:

Expectativas e Sonhos	X
Quem sou eu como mãe?	X
Alimentação, saúde e higiene	X
Autoestima	
Socialização	X
Comportamentos e atitudes	
Outros:	

AS1: “Quem sou eu como mãe?”, é importante. A nível da “alimentação, saúde e higiene”, se bem que nó

s neste aspeto, temos sempre a parte da enfermagem, que fala muito sobre estes aspetos.

CC: E são vocês que abordam este assunto?

AS1: Não, temos enfermeiros da escola de enfermagem e que vêm cá semanalmente e normalmente focam muito estes aspetos. Penso que “socialização” também, “espectativas e sonhos” também é importante, porque elas como já disse, elas muitas vezes estão perdidas e não conseguem sair daquele emaranhado de problemas.

CC: Ver para além de?

AS1: É realmente, e às vezes a solução pode ser uma coisa fácil, mas nós normalmente tentamos fazer com que elas vejam alguma coisa de positiva. O trabalho que nós estamos agora a fazer com as da residência é nesse aspeto, pegar no que elas têm de positivo e tentar transformar esse algo positivo, ajudar a colmatar as dificuldades que elas têm.

CC: Pois exato...pegar no bom que elas têm.

AS1: Estas jovens normalmente têm muita necessidade de afeto, a ideia que elas têm do amor, dessas coisas todas é muito vaga.

CC: Elas fantasiam muito?

AS1: Sim, muito.

CC: E muitas têm problemas nesse aspeto, a nível dos relacionamentos?

AS1: Sim, sim, acabam por muitas vezes, os problemas delas é os companheiros, os pais das crianças, acabam por não, não as ajudam.

CC: Não dão o apoio de que elas necessitam?

AS1: Aliás, muitas das nossas jovens mães não tem relação com o progenitor, e quando têm, são relações muito complicadas, ora estão bem ora tão mal.

CC: Mas os pais das crianças acompanham-nas? No geral?

AS1: Temos de tudo, temos pais que acompanham mais, pais que acompanham menos.

CC: E na residência não?

AS1: Na residência sim, normalmente nós tentamos sempre que haja uma relação, quando é possível, com a família de origem, geralmente elas vão passar o fim-de-semana com a família.

AS1: Mas nós neste momento não temos nenhuma mãe no seu estudo?

CC: Sim, temos uma mãe que está na residência.

Assistente Social 2

Este questionário enquadra-se num trabalho para uma dissertação de Mestrado em Intervenção Precoce na Infância, que está a ser desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, intitulado: *Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental*.

Os dados recolhidos serão tratados estatisticamente e são por isso, estritamente anónimos e confidenciais. Desde já agradecemos a sua colaboração e disponibilidade.

Entrevista às Técnicas e Diretora do Centro de Mãe

1. Idade:
2. Habilitações Literárias
3. Profissão:
4. Há quanto tempo trabalha no Centro da Mãe?
5. Que tipo de apoio dá o Centro da Mãe a estas mães?
6. Quais são as maiores dificuldades que estas mães apresentam?
7. Porque procuram estas mães o Centro da Mãe?
8. Quais considera serem as principais necessidades de formação das jovens mães que frequentam este Centro de Mãe?
9. De entre os temas apresentados indique (com um X) aqueles que considera serem mais importantes para estas jovens mães:

Expectativas e Sonhos.	
Quem sou eu como mãe?	
Alimentação, saúde e higiene.	
Autoestima.	
Socialização.	
Comportamentos e atitudes	
Outros:	

Guião Entrevista às Técnicas e Diretora do Centro de Mãe: Assistente Social 2

1. Idade: **30**
2. Habilitações Literárias: **Licenciatura**
3. Profissão: **Assistente Social**
4. Há quanto tempo trabalha no Centro da Mãe? **Há cerca de 8 anos**

Transcrição das questões de resposta abertas – Assistente Social 2

Investigadora CC: Que tipo de apoio dá o Centro da Mãe a estas mães?

Entrevistada AS2: O centro da mãe faz uma avaliação de todas as utentes que chegam. Fazemos um levantamento das necessidades mais urgentes, tentamos traçar um plano com as utentes, a nível de projeto de vida, e tentamos combater as dificuldades através de apoio material, durante o tempo que se considerar necessário. Realizamos todo um acompanhamento psicossocial a estas mães. Também fazemos um encaminhamento na comunidade daquilo que são as necessidades, do levantamento que fazemos, nós depois fazemos todo o encaminhamento para outras estruturas da sociedade, que lhes possam dar também uma resposta e as possam ajudar, ao fim e ao cabo. O apoio que nós damos resumido é isto, é todo um acompanhamento psicossocial, e tentamos colmatar as dificuldades maiores, tanto a nível da família, mas principalmente ao nível das crianças, e na primeira infância.

CC: Quais são as maiores dificuldades que estas mães apresentam?

AS2: Estas mães quando nos chegam, aquilo que nós identificamos mais, é realmente as habilitações literárias serem baixas, a situação económica normalmente é muito complicada, os recursos são muito poucos. São as maiores dificuldades que elas apresentam. Nós depois no decorrer do nosso trabalho, geralmente a nível das competências existem algumas falhas que nós tentamos combater, tentamos trabalhar com elas nesse sentido, porque também as necessidades de formação, de competências parentais tentamos que vão de encontro às necessidades delas.

CC: Pois, pois.

AS2: Quando nós identificamos problemas mais individualizados, mais particulares, por exemplo a nível das competências pessoais, a nível da higiene e tudo isso, nós

tentamos trabalhar individualmente com cada utente e tentamos desenvolver um bocadinho essas capacidades. Nós realmente identificamos que a nossa população alvo, tem muitas lacunas ao nível das competências pessoais e sociais também, as nossas atividades também, tentam ir de encontro a isso mesmo, para trabalhar essas necessidades.

CC: Porque procuram estas mães o Centro da Mãe?

AS2: A primeira razão pela qual estas mães procuram o centro são razões económicas, é a primeira razão, depois também gira tudo em torno das dificuldades económicas, eu acredito, senão elas não recorriam. Algumas delas é também por ocupação dos tempos livres, porque não estão a fazer nada, e também há utentes que procuram-nos com esse intuito, para tentar ocupar os tempos livres, apesar de ultimamente nós já não termos tantas utentes que recorrem a nós por isso. São razões económicas que levam as utentes a darem o primeiro passo. Acaba depois, por haver uma ligação e uma empatia pela equipa, e depois elas permanecem, às vezes durante algum tempo a serem acompanhadas. Também porque estes projetos de vida são às vezes demorados e nós tratamos os objetivos com elas, que demoram algum tempo a serem concretizados e por isso nós tentamos sempre acompanhá-las. Aí procuramos que haja um desprendimento a nível do material, apoios materiais, mas também procuramos acompanhar as situações. Há situações que nós já temos há algum tempo, são situações em que já não estão a ser acompanhada tanto por razões económicas, mas porque os projetos de vida ainda não se encontram concluídos, é mesmo por aí.

CC: Quais considera serem as principais necessidades de formação das jovens mães que frequentam este Centro de Mãe?

AS2: Como já tinha referido na outra pergunta, a nível de competências pessoais e sociais sem dúvida alguma, das competências parentais sem dúvida alguma. E elas também têm necessidade de aumentar as suas habilitações literárias. Agora nós infelizmente, nós atualmente não conseguimos dar resposta a esse nível, porque também nós somos uma instituição acreditada, não somos uma escola. Portanto, apesar de nós já termos tido uma parceria com a secretaria de educação e termos tido aulas cá, e que nós conseguíamos que elas depois fizessem os exames numa escola regular. Como o ensino recorrente acabou, nós deixamos de ter possibilidade de ter cá essa valência e essa

vertente. A nível, é assim, nós também pensamos ir de encontro, nós tentamos fazer alguns *workshops* de temáticas que as nossas utentes têm mais dúvidas, principalmente a nível da sociedade. Por exemplo, nós procuramos uma advogada que viesse cá e tentasse explicar um bocadinho a relação das responsabilidades parentais, para também alertarmos as nossas utentes para os direitos que elas têm. Pensamos também fazer um *workshop* no âmbito da agricultura e de como fazer uma horta em casa.

CC: Pois, exato.

AS2: Tentamos rentabilizar ao máximo o que estas utentes podem ter, e potencializar aquilo que elas poderão fazer. Tentamos fazer alguns *workshops* pontuais nessas áreas porque o resto das temáticas nós temos, e até temos neste momento um projeto de arte-terapia em que nós estamos a trabalhar com elas. Estas utentes precisavam era de se encontrar mais motivadas, para estarem incluídas na formação e conseguirem, que as nossas utentes são muito pelo palpável, por aquilo que se vê no imediato. É muito complicado elas verem as coisas a longo prazo, têm um bocadinho aquele sentimento que podem morrer amanhã, e que não vão fazer as coisas todas.

CC: Querem tudo para já?

AS2: É, elas não conseguem ver, por exemplo o projeto de arte-terapia é algo que é a longo prazo, e que vai ser realizado cá durante um ano, e que elas provavelmente só vão conseguir ver no final. E também tem a ver com toda uma vivência, é complicado o que estas meninas normalmente têm, porque provêm de ambientes socioculturais desfavorecidos. Portanto, tudo isso faz com que estas jovens não tenham a motivação para a progressão dos estudos. Nomeadamente, estarem numa sala para receberem formação, durante se calhar uma manhã, é muito complicado, porque a nível de concentração também não foi estimulado, é muito por aí. Nós hoje conseguimos detetar que estas miúdas, se calhar se tivesses sido alvo de um projeto de intervenção precoce como o seu, se calhar tinham evoluído de uma maneira completamente diferente, porque é uma necessidade. Porque ao fim e ao cabo, estas miúdas acabam por não ter nenhum problema, como eu hei-de dizer, nenhum problema cognitivo identificado, diagnosticado, mas nós realmente vemos que a nível de concentração por exemplo é muito complicado trabalhar com estas jovens. Elas estarem numa formação, por exemplo uma manhã inteira é impossível, nós não conseguimos. Mas pronto, nós

tentamos adaptar tudo no sentido de elas poderem aproveitar ao máximo. Elas reclamam um bocadinho, porque as coisas acabam por ser repetitivas, e o que eu, nós dizemos é que: “não faz mal nenhum ouvires outra vez”, porque nós sabemos que muitas vezes à primeira não fica ou porque não estão atentas.

CC: Pois, exato.

AS2: Também tem muito a ver com isso, mas pronto nós tentamos ir, tendo em conta as necessidades que nós identificamos, e no geral e no global, competências pessoais, sociais e parentais.

CC: De entre os temas apresentados indique (com um X) aqueles que considera serem mais importantes para estas jovens mães:

Expectativas e Sonhos	X
Quem sou eu como mãe?	X
Alimentação, saúde e higiene	X
Autoestima	X
Socialização	X
Comportamentos e atitudes	X
Outros:	

AS2: São todos. É muito isto, são todos muito importantes, e tem aqui temáticas que nós nunca, não nos costumamos debruçar, por exemplo, as “expectativas e sonhos” foi o primeiro que me saltou à vista. Realmente, se calhar, todos os formadores acabam por abordar no decorrer das formações, mas é algo que elas precisam, é algo que é capaz de lhes tocar e que elas sintam vontade de participar.

CC: É bom, porque parte das necessidades delas?

AS2: Claro que sim. “Quem sou eu como mãe?” Também é essencial, e eu tenho a certeza que elas têm muita dificuldade em se interrogarem. Elas têm uma grande dificuldade em se caracterizarem a si próprias, elas muito mais facilmente caracterizam a vizinha do lado do que a si próprias. Foi algo que nós já tentamos trabalhar com elas, dinâmicas em que elas se caracterizam, e que verbalizam aquilo que sentem, ou que fazem e elas não conseguem, simplesmente não conseguem.

CC: Mas se calhar elas não pensam nisso?

AS2: Exatamente. “Alimentação, saúde e higiene”, nós de vez em quando nas formações é algo que é trabalhado com elas. Nós até a nível da alimentação já tentamos, já fizemos aulas práticas com elas, para as sopinhas dos bebés, que é algo que elas têm muita dificuldade, que é uma coisa simples. Fazer uma sopa para um bebé é muito mais fácil do que fazer uma sopa para um adulto, mas elas têm muitas dificuldades e têm crenças e mitos muito enraizados. Esta população tem muitas crenças e às vezes é um bocadinho difícil de desmistificar.

CC: Pois sempre ouviram toda a vida.

AS2: Exatamente, sim, e a minha avó faz, e a minha mãe faz e prontos. Não sabem muitas vezes manusear os alimentos, às vezes não sabem que é preciso lavar uma determinada coisa. Muitas destas miúdas nunca tiveram a experiência de cozinhar, porque elas geralmente têm a sua família minimamente estruturada, têm sempre alguém que dá algum apoio e nunca são elas às vezes as responsáveis pela confeção dos alimentos em casa. Também não se interessam, a verdade seja dita, elas engravidam e não pensam vou ter que aprender, porque eu vou ter de fazer para o meu filho, não, alguém vai fazer. Mas a “alimentação” é algo que nós trabalhamos bastante com elas.

CC: Exato.

AS2: Sim, tentamos trabalhar bastante com elas, a nível da “saúde” também. Temos uma parceria com a escola de enfermagem, quem têm trabalhado as competências parentais com elas, e a “higiene” também, nós tentamos englobar um bocadinho. A nível da “autoestima” é extremamente importante, estas miúdas têm uma autoestima tão baixa, tão baixa que nós identificamos que, muitas delas engravidam exatamente para terem alguém que goste incondicionalmente delas.

CC: Pois...porque acham que no mundo não existe ninguém que lhes dê o valor que elas merecem?

AS2: É para preencherem lacunas emocionais que estas miúdas muitas têm, nós identificamos muito isso, portanto a nível de “autoestima” é essencial nós trabalharmos. A nível da “socialização”, estas miúdas também têm muitas dificuldades, muitas delas estiverem em casa, não foram para infantários. Muitas delas até tiveram percursos escolares muito complicados, em que elas começaram a faltar na segunda e terceira

classe, é assim isto, para mim dá que pensar. Como é que uma criança tão pequena tem já na ideia de não ir à escola, não ir à escola mas ficar a jogar à bola na rua. Isto nunca nos passou pela cabeça quando éramos crianças, e faz-nos um bocadinho de confusão, como é que este tipo de situações acontece. Mas estas jovens foram um bocadinho abandonadas na sua infância.

CC: Pois...

AS2: Isto que eu identifico também aqui, e isto é uma opinião muito própria, é que elas têm os filhos, e a partir de uma determinada idade, em que eles estão um bocadinho mais autónomos, elas já começam a pensar no próximo. Que é: “porque ele já não precisa tanto de mim” e “já está a ver o mundo” e então.

CC: Acham que já não precisam de mais orientação?

AS2: É, e depois aquele fica um bocadinho esquecido, eu sinto isto na minha prática, eu sinto isto, eu sinto que: “estás independente, já não precisas tanto de mim e agora vais desenrascar-te sozinho, vais fazer as coisas sozinho”. Mas nós notamos depois que, por volta dos cinco, seis anos eles têm uma forma de fazer as coisas muito independente. Nós questionámo-nos: “porque é que ele faz isto sozinho?”, ele faz isto sozinho porque está habituado a fazer sozinho, e pronto são estes ciclos que nós tentamos quebrar. Tentamos incentivá-las para o planeamento familiar, por exemplo, para que não haja. É assim, se elas vieram ter connosco, é porque tinham grandes dificuldades, se tinham grandes dificuldades não têm uma estrutura que possam ter mais um filho, ou dois, ou três. Mas o que nós notámos efetivamente é que a grande maioria tem dois, três, quatro, e é esta população, com fracos recursos, e eu acho que isto é uma grande componente de “autoestima”, e lá está a “socialização”. Elas não sabem estabelecer um relacionamento amoroso, para elas um relacionamento amoroso é de extremos, ou nunca estão com a pessoa que gostam, ou têm uma relação muito desligada, ou é uma relação chega a ser obsessiva, com muitos ciúmes, nós verificamos muito isso. Temos uma miúda, vou-lhe dar um exemplo, temos atualmente uma miúda de quinze anos que está grávida, que está a viver connosco na residência, que tudo aquilo que nós falamos com ela para planificar o futuro, ela diz que tem de falar primeiro com o namorado, para planificar o futuro dela. E isto deixa-nos a pensar, mas há quantos anos que isto acontecia, que as mulheres tinham que perguntar primeiro aos homens se podiam fazer isto ou aquilo. Nós

tentamos também transmitir um bocadinho isto, mas também elas têm tanto medo de perder aquela pessoa, que acabam por se sujeitar e pronto. E depois a nível das amizades elas não conseguem ter uma amizade verdadeira com ninguém, é muito complicado, nós tentamos trabalhar isto, para lhe dar o exemplo de uma miúda que nos temos na residência, eu cheguei a confrontá-la e a dizer-lhe: “tu não podes fazer amigos, porque para ti os teus amigos, ou tu compras ou te compram a ti”, porque era literalmente assim. Para ti, ou então: “tu não estabelececes qualquer tipo de amizades com pessoas que se calhar eram boas para ti, porque iam trazer alguma coisa de bom para a tua vida”, elas estabelecem relações interpessoais muito negativas, tanto com os namorados, como com aquelas pessoas que supostamente são amigas delas. Eu tenho algumas que dizem: “eu não consigo ser diferente, eu não consigo procurar pessoas que me tragam para cima e que me façam bem”. Mas elas têm a perfeita noção disto: “eu não consigo procurar, não consigo encontrar ninguém que na minha vida que me traga para cima”. Elas acabam por sempre, nas miúdas que aqui se relacionam e se dão bem, chega sempre uma altura que quebraram laços, não falam mais, é assim, têm uma facilidade, por exemplo, em se meter com os namorados umas das outras. É assim, a consciência moral também está muito pouco trabalhada nestas jovens. É um rol de coisas que precisam de ser trabalhadas, e na fase em que elas cá chegam é muito complicado, porque a consciência moral já está muito formada. Em que as coisas já estão muito enraizadas, porque elas também acham que o mundo tem que se moldar a elas e não elas ao mundo.

CC: Não aceitam?

AS2: Não, nós identificamos tudo isto. É claro que nós não conseguimos estabelecer um padrão, há casos em que acontece uma coisa, há casos em que acontece outra, mas isto no global dá pano para mangas. E a “socialização”, que era tão importante ser trabalhada, nós às vezes, faltam-nos também os recursos, a nível de voluntariado, porque todas as formações que nós temos é a nível do voluntariado. A nível do nosso trabalho pessoal, nós também, às vezes para lhes podermos dar formação, temos que nos separar um bocadinho daquilo que é a vivência delas. E para nós, às vezes, estando cá tornasse complicado, no nosso dia-a-dia, nos esquecermos que temos aquela solução a frente e podemos trabalhar com elas, em tipo, de uma maneira diferente, às vezes é complicado. Mas tentamos ao máximo não interferir na vida delas, não é isso, mas tentamos direcioná-las um bocadinho, porque às vezes precisam de nós, como se

fossemos um bocadinho pais, mães, ou irmãos, direcionámos um bocadinho as coisas. E a nível do “comportamento e atitudes”, estas jovens acham que, lá esta, que o mundo tem que se moldar a elas, e que elas podem ir para o trabalho como lhes apetecer, falar como apetecer, porque “temos que ser aceites como nós somos”. E ver que o mundo do trabalho não é assim, e que a pessoa tem que ter uma certa dose de contenção, a pessoa tem que ir arranjada, tem que ir apresentada, com a sua higiene feita e tudo isto. Elas tomam consciência, sabem que é assim, mas no dia-a-dia não colocam isso em prática, porque acham que têm uma vida miserável e pronto: “as pessoas têm é que me ajudar”, acham que toda a gente lhes deve e que elas não devem nada.

CC: Por acaso deu-me essa ideia, elas acham que os outros têm de dar tudo e elas não precisam de dar nada?

AS2: É, é, elas só têm direitos, não têm deveres, e nós aqui tentamos-lhes transmitir que efetivamente nós não temos direitos se os nossos deveres não forem concretizados. Uma coisa que estas utentes desconhecem muito, é por exemplo o trabalhar para pagar impostos, para os outros poderem ter uma reforma. É assim, elas não estão alertas que têm que trabalhar, e que têm de descontar para um dia terem uma reforma, elas não têm consciência disto, do por que é que se trabalha, não. Porque normalmente elas vêm de meios que muita gente não trabalha, e que elas estão perfeitamente habituadas a ver pessoas a acordar às tantas da manhã, da tarde quase, a passar o dia no café, a fazer tudo que lhes apetece e a terem que despender muito pouco da sua energia. E elas questionam-se: “porque me manda trabalhar a mim, e tenho tanta gente lá em cima que não faz nada”. É muito fácil ao ser humano cair nisto.

CC: Exato, exato.

AS2: E nós os humanos somos muito de exemplos, infelizmente vamos muito pelo exemplo do vizinho. Eu acho que já se está a contrariar muito isso, a nível das políticas de emprego, acho que finalmente as coisas estão a funcionar melhor. E as pessoas a tomarem mais consciência que efetivamente têm de trabalhar, também porque os apoios sociais estão a baixar bastante, e acho que é a melhor coisa que podem fazer. Nós criamos uma sociedade, eu acho que este país criou uma sociedade de pessoas que faziam pouco a receber tudo, a receber casa, a receber subsídio, a receber tudo e mais alguma coisa.

CC: As pessoas não lutavam pelos seus objetivos?

AS2: Não, nada, e pode ser que agora com esta crise, que se criem novos valores, só espero que se criem novos valores, e que se criem outras coisas, porque isto a continuar assim, não vai correr bem. E é isto, é a população que nós identificamos cá, tem todas estas lacunas e tem todas estas necessidades. Elas gostam dos filhos, não tenho dúvida nenhuma que já é um princípio, já é uma possibilidade enorme para nós trabalharmos, é elas gostarem dos filhos. Eu acho que ao fim ao cabo, elas não sabem como gostar deles, como demonstrar que gostam deles, e acho que tem muito a ver com isso. Mas pronto, é um trabalho que acaba por ser gratificante, e eu ainda no outro dia estava a pensar nos casos de sucesso que nós temos, mas depende muito delas. Se não tiver nelas não vale a pena, nós podemos pintar a macaca como nós quisermos, mas se elas não tiverem o mínimo de vontade em mudar, e em evoluir, não vale a pena.

CC: Não se consegue?

AS2: Não se consegue, por isso é que nós a nível do acolhimento, por exemplo, nós aquilo não pode ser obrigado, elas não podem ser obrigadas a estar ali, apesar de elas terem um sentimento de obrigação, têm sempre. Porque elas preferem estar na sua liberdade, e acabam por ter muita mais liberdade cá fora, mas acabam por entender porque é que estão ali, e acabam por aceitar. E vêm que se não fosse ali elas não tinham futuro nenhum. E prontos, graças a Deus temos casos de sucesso, tanto lá em cima [na residência], como cá em baixo [no Centro da Mãe]. A nível de acompanhamento, temos casos em que elas evoluíram, mas é o que eu digo, está muito melhor, se não houver não se consegue trabalhar, e é assim pelos filhos consegue-se muita coisa, através das crianças e com as crianças consegue-se muita coisa. É uma grande potencialidade, o elas gostarem dos filhos, o elas se interessarem pelos filhos, até porque estas atividades com os miúdos as vezes, são aquelas que lhes dão mais prazer, e que elas estão mais incentivadas para frequentar, é algo que nós notamos. Elas porem os filhos à frente de tudo, já não é bem assim, elas gostam muito deles, mas são muito egoístas, a maior parte são adolescentes, porque é natural da idade, porque faz parte. Mas o soninho delas também é muito importante, o momento delas para estarem com as amigas também é muito importante. Enquanto há pais que põem os filhos, a maior parte das vezes à frente, estas jovens têm alguma dificuldade em fazer estes sacrifícios, mas lá está, é as prioridades, tem muito a ver com as prioridades. Outra das dificuldades que me esqueci

de referir, que estas mães têm, é a nível de outros recursos. Até podem ter alguns recursos mas por exemplo, os vícios, o haver sempre o dinheiro para os vícios, e nos virem cá pedir alimentação, e chegarem-nos cá de cigarrinho na mão, nós tentamos trabalhar isso. Não é estarmos a julgar não é isso, aceitamos que elas consigam ter a noção que aquele dinheiro é importante, é fundamental para outras coisas.

CC: Exato, em primeiro lugar deviam estar realmente os cuidados básicos e depois esses vícios.

AS2: É complicado, mas nós temos utentes que nós vamos fazer um historial, e nós tentamos fazer um historial delas todas, a nível da família, e nós às vezes comentamos: “muito boa esta utente é, tendo em conta toda a conjuntura em que ela viveu”. Porque nós sabemos que há uns anos atrás, há vinte anos atrás as coisas eram completamente diferentes, a nível de acompanhamento de menores, não havia, a sociedade não estava tao desperta, para identificar casos em que não havia estimulação, em que havia negligência. Tenho a certeza que estas jovens passaram por situações extremamente complicadas, e que muito boas elas são, e muita motivação têm elas para se levantarem de manhã, e de por exemplo, cuidarem dos filhos porque, mas pronto, era algo que elas todas tinham, era um sonho serem mães. E aquilo que nós vemos cá, é que elas, e acabam por ter vontade em, porque muitas das pessoas que estão fora pensam: “ai isto foi um acidente”, e não, estas jovens às vezes planeiam as coisas ao pormenor. É assim, mas também são egoístas, ao ponto de não pensarem que estão a partilhar com um homem, que muitas vezes não é o ideal para elas, e que nunca vai ser o ideal pai para uma criança, e é isto que nós alertamos muitas vezes, é: “vocês antes de tomar uma decisão dessas, porque vocês quando têm uma relação sexual desprotegida com alguém, estão automaticamente a habilitarem-se a ficar grávidas, antes vocês que tenham a consciência e perguntem, se aquela pessoa, se vocês eventualmente ficassem grávidas, se aquela pessoa era a pessoa ideal para ser o pai dos vossos filhos”. Elas não pensam nessas coisas, elas só querem é o momento, naquele momento têm atenção por parte de alguém: “mesmo que não goste de mim, está ali comigo e isso para mim chega-me”. É mendigar um bocadinho o amor, amores, que não é amor é carinho, é atenção momentânea mas pronto. É por isso, que nós estamos a tentar fazer um trabalho de prevenção da gravidez precoce, porque achamos que o nosso trabalho existe, mesmo que não exista a gravidez na adolescência. E por isso nós tentamos trabalhar nesse

sentido, principalmente as adolescentes, têm muitas, muitas dificuldades em criar uma criança.

CC: Estão numa idade em que ainda precisam praticamente de ser cuidadas.

AS2: De ser cuidadas claro, e nós já vimos estudos de que os filhos de mães adolescentes, são aqueles que têm mais apetência de viverem na pobreza uma vida inteira, e é verdade. Nós temos consciência de que a grande maioria destas jovens que levam uma gravidez até ao fim na adolescência, que, ou é proveniente de ambientes socioculturais desfavorecidos, e realmente nunca saem dali. Têm muitas dificuldades em sair dali, ou então vêm de famílias abastadas e realmente foi um acidente, e que muitas das vezes quem são os pais daquelas crianças, são os pais das jovens.

CC: Os avós acabam por assumir a responsabilidade?

AS2: Sim, mas mesmo nos meios socioculturais mais desfavorecidos, há muita a tendência dos pais as substituírem, quando elas são muitos jovens. Os pais acabam por as substituir, querem dar aos netos aquilo que muitas vezes não deram aos filhos, e acaba por ser bom, porque é um suporte, e pronto relativamente é isto.

CC: Esta bem, muito obrigada.

Assistente Social 3

Este questionário enquadra-se num trabalho para uma dissertação de Mestrado em Intervenção Precoce na Infância, que está a ser desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, intitulado: *Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental*.

Os dados recolhidos serão tratados estatisticamente e são por isso, estritamente anónimos e confidenciais. Desde já agradecemos a sua colaboração e disponibilidade.

Entrevista às Técnicas e Diretora do Centro de Mãe

1. Idade:
2. Habilitações Literárias
3. Profissão:
4. Há quanto tempo trabalha no Centro da Mãe?
5. Que tipo de apoio dá o Centro da Mãe a estas mães?

6. Quais são as maiores dificuldades que estas mães apresentam?
7. Porque procuram estas mães o Centro da Mãe?
8. Quais considera serem as principais necessidades de formação das jovens mães que frequentam este Centro de Mãe?
9. De entre os temas apresentados indique (com um X) aqueles que considera serem mais importantes para estas jovens mães:

Expectativas e Sonhos.	
Quem sou eu como mãe?	
Alimentação, saúde e higiene.	
Autoestima.	
Socialização.	
Comportamentos e atitudes	
Outros:	

Guião Entrevista às Técnicas e Diretora do Centro de Mãe: Assistente Social 3

1. Idade: 35 anos
2. Habilitações Literárias: Licenciatura em serviço social
3. Profissão: Serviço Social
4. Há quanto tempo trabalha no Centro da Mãe? Desde 2010, há quatro anos

Transcrição das questões de resposta abertas – Assistente Social 3

Investigadora CC: Que tipo de apoio dá o Centro da Mãe a estas mães?

Entrevistada AS3: Na área do serviço social, faço acompanhamento, atendimento, apoio psicossocial, alimentação.

CC: Basicamente.

AS3: Sim.

CC: Quais são as maiores dificuldades que estas mães apresentam?

AS3: A nível social, económico, a maioria delas que nos chegam ou por elas próprias, ou são encaminhadas, a grande maioria é em termos económicos. Depois nós começamos a ver as dificuldades que elas também apresentam, em termos de faltas de competências pessoais, competências parentais, competências sociais e começamos a colmatar essas necessidades. Muitas não têm consciência dessas dificuldades, e a maior parte não trabalha, não têm formação, vivem dos rendimentos, dos apoios, por isso também nos procuram. A maior parte da escolaridade dessas mães é baixa, para ter

emprego é complicado, vão sobrevivendo praticamente, a maioria delas é do abono dos filhos ou de apoios da segurança social. Não se conseguem organizar, têm dificuldade, a maioria delas em definir, ver qual é o seu projeto de vida, a grande maioria precisa mesmo de orientação.

CC: Porque procuram estas mães o Centro da Mãe?

AS3: A maior parte são encaminhadas, outras porque ouviram falar, ou sabem, ou conhecem da nossa existência, procuram porque tentamos, a ver se conseguimos dar respostas a que estas mães procuram. Muitas delas só pensam o material, só pensam que estão a precisar de apoio material, mas nós trabalhamos com elas, e dar-lhe a entender que faltam muitas coisas. Que não é só alimentar o filho e vestir, mas é preciso outras competências. E não são todas é verdade, não temos que generalizar, há muitas jovens mesmo adolescentes, que nos surpreendem, porque até são competentes, conseguem dar respostas, infelizmente o que não têm são os apoios, os rendimentos, conseguem-se orientar, são organizadas, e têm as competências mínimas, mas a grande maioria não.

CC: Quais considera serem as principais necessidades de formação das jovens mães que frequentam este Centro de Mãe?

AS3: Necessidades de formação?

CC: Sim, onde elas têm mais dificuldades?

AS3: Nível pessoal, competências parentais, competências sociais, muitas não têm nem sequer habilitações mínimas, abandonaram praticamente os estudos, depois não têm um grande suporte, o meio delas.

CC: O suporte também não ajuda não é?

AS3: Não ajuda, não é dos melhores, o suporte é muito fraco, muitas delas nem têm o suporte familiar, é mais da vizinhança, das amigas.

CC: De entre os temas apresentados indique (com um X) aqueles que considera serem mais importantes para estas jovens mães, pode escrever:

Expectativas e Sonhos	X
Quem sou eu como mãe?	X
Alimentação, saúde e higiene	X
Autoestima	X

Socialização	X
Comportamentos e atitudes	X
Outros:	

AS3: É assim, todos têm a sua.

CC: Pode escolher todos, só alguns.

AS3: Sim, nós por acaso já tínhamos visto, e nós achamos que são todos. “Comportamentos e atitudes”, “socialização”, elas têm dificuldades, “espectativas”, por exemplo, conseguir imaginar-se daqui a um, dois, três anos, ou dez anos. “Daqui a dez anos o que gostarias de fazer? Daqui a dez anos não sei”, acham que não são capazes acham muito que não merecem. “Sonhos”, “quem sou eu como mãe”, ser mães para elas é só mudar a fralda, alimentação. Para mim é tudo, “autoestima”, “socialização”, muita dificuldade em socializarem-se, não sabem, nós reparamos aqui entre elas.

CC: Têm muita dificuldade nesse aspeto?

AS3: Muita, mas também já vem de casa saber respeitar o outro.

CC: Pois é complicado.

AS3: Comportamentos e atitudes.

CC: E a idade?

AS3: Sim, a maioria está na fase da adolescência.

CC: Pois, o que não tiverem é difícil conseguirem elas ter, e passar para os filhos, por isso mesmo acho que a vossa ajuda é fundamental.

AS3: Mas é como tudo, nós temos casos que muitas delas não tiveram a retaguarda e conseguiram superar, conseguiram, da nossa parte só precisaram de um apoio, mas não são todas é verdade, essas contamos pelos dedos. Não é só aquelas que moram nos bairros, muitas delas conseguem, mesmo em casa não tendo o ambiente adequado, mas elas conseguem pôr-se do lado de fora e reconhecer, e ver o ambiente: “este ambiente não é bom para mim e não é bom para o meu filho”, e conseguem-nos transmitir isso. E isso é bom, nós a partir daqui é trabalhar isto.

CC: Mas depois há outros casos?

AS3: Sim, que não conseguem identificar, e acham prontos, não vêm o problema.

CC: E depois assim é mais difícil conseguirem trabalhar?

AS3: Sim, muitas delas dizem: “você nem imagina como é lá em casa”, elas dizem: “passe por lá um dia em casa para ver”, conseguem perceber que realmente o ambiente não é o melhor, mas não são todas.

CC: Vocês têm um papel de louvar realmente.

AS3: Nós tentamos, é um bocadinho a longo prazo, não podemos esperar para amanhã.

CC: Resultados imediatos?

AS3: Não, não, e depois elas sempre vão tendo, sempre altos e baixos, temos de gerir isto e dar-lhes a capacidade de gerir, é muita coisa, é estas adolescentes que tiveram de crescer rapidamente, abandonar tudo, estar na escola, criança na creche, a adolescência ficou de lado.

CC: É complicado gerir essas coisas todas ao mesmo tempo.

AS3: É verdade que elas passam por muita coisa, nem todas conseguem, umas vão pouco a pouco, muitas não conseguem fazer nada sem nos consultar, precisam mesmo.

CC: Acabem por ficar um pouco de dependentes de vocês?

AS3: Sim, sim, também por outro lado, também não é bom, mas muitas delas sim sentem necessidade de nos socorrer.

CC: Está bem, muito obrigada então.

Psicóloga

Este questionário enquadra-se num trabalho para uma dissertação de Mestrado em Intervenção Precoce na Infância, que está a ser desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, intitulado: *Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental*.

Os dados recolhidos serão tratados estatisticamente e são por isso, estritamente anónimos e confidenciais. Desde já agradecemos a sua colaboração e disponibilidade.

Entrevista às Técnicas e Diretora do Centro de Mãe

1. Idade:
2. Habilitações Literárias
3. Profissão:
4. Há quanto tempo trabalha no Centro da Mãe?
5. Que tipo de apoio dá o Centro da Mãe a estas mães?
6. Quais são as maiores dificuldades que estas mães apresentam?
7. Porque procuram estas mães o Centro da Mãe?
8. Quais considera serem as principais necessidades de formação das jovens mães que frequentam este Centro de Mãe?
9. De entre os temas apresentados indique (com um X) aqueles que considera serem mais importantes para estas jovens mães:

Expectativas e Sonhos.	
Quem sou eu como mãe?	
Alimentação, saúde e higiene.	
Autoestima.	
Socialização.	
Comportamentos e atitudes	
Outros:	

Guião Entrevista às Técnicas e Diretora do Centro de Mãe: Psicóloga

1. Idade: 30
2. Habilitações Literárias: curso de psicologia e tenho o 1º de mestrado de psicologia da educação
3. Profissão: Psicóloga
4. Há quanto tempo trabalha no Centro da Mãe? Desde Janeiro de 2014, deste presente ano

Transcrição das questões de resposta abertas – Psicóloga

Investigadora CC: Que tipo de apoio dá o Centro da Mãe a estas mães?

Entrevistada P: O meu apoio, se calhar pode-se dividir em duas áreas, eu dou apoio à residência onde estão inseridas institucionalmente algumas das jovens que já são mães, ou seja, foram grávidas adolescentes e atualmente são mães adolescentes. Presentemente temos uma grávida adolescente também neste grupo, inicialmente não

tínhamos, a partir de agora temos a presente mãe desde o mês de abril. Parte do meu trabalho, lá na residência de acolhimento, acaba por inserir mais em trabalhar os projetos de vida das jovens, integrá-las para a continuidade ou início da escolaridade, porque muito delas estão na escolaridade obrigatória.

CC: Pois.

P: Depois motivá-las para este processo, depois conseguem definir objetivos para elas e para os filhos e ajudar um pouco nesta adaptação. Estes novos papéis acabam por ser definidos e também com esta nuance de serem adolescentes.

CC: Pois.

P: E depois lá está, elas lá na residência são acompanhadas essencialmente vinte e quatro horas pela equipa direta. Estas jovens a nível educacional e desenvolvimento têm muitas dificuldades, a nível da adoção de regras, de normativa. E por vezes geram-se muitos conflitos em relação a isso, porque querem ter aquela liberdade que tinham com as famílias e não conseguem ter. Precisam de ter autorizações para sair, precisam de ter alguma supervisão e orientação e não aderem bem com este tipo de autoridade e supervisão. Por vezes também, gera-se aqui algum conflito interno, do conseguirem gerir um pouco esta parte. Depois também é ajudá-las a nível da interação com os filhos, a nível da comunicação e interação também, entre colegas e com os adultos. Mas as coisas até correm bem, mas pronto, há jovens com mais dificuldades. É procurar desenvolver as competências sociais, se calhar algumas jovens têm mais dificuldade a nível de autocontrolo, outras têm mais dificuldades em se exprimir, outras têm mais dificuldade a nível da normativa, da necessidade e importância das regras, porque depois isto também irá influenciar a educação que irão dar aos filhos.

CC: Pois exato.

P: É tentarmos neste curto espaço de tempo que elas estão connosco, lhes dar as ferramentas que elas não tiveram no período anterior. Para depois também conseguem ter um maior nível de competências, para depois também conseguem educar os filhos. Porque muitas vezes elas têm uma grande ligação emocional com os filhos, mas depois não conseguem perceber a importância, ou a responsabilidade que isso acarreta, não é só gostar, é preciso fazer sacrifícios, é preciso.

CC: Pois, nem tudo é fácil.

P: Não têm essa capacidade, têm essa dificuldade, depende das jovens. Cá em baixo [Centro da Mãe] eu acabo também, por prestar também algum apoio às jovens daqui. Quando têm alguma dificuldade, algum problema no dia-a-dia delas, acabo por falar um pouco mais com elas. Elas procuram-me, outras vezes, imaginemos, temos uma jovem ou outra que por ter estado grávida, e ter dado a luz, ficou seis meses praticamente, ou um ano sem escolaridade. E também presto alguma orientação vocacional e escolar para elas, faço alguns questionários a nível da orientação, tenho feito agora ultimamente até com duas das jovens, para ver se elas se apercebem. É mais um pouco a nível do autoconhecimento, para elas também verem o que gostam, quais são os interesses que têm, e de facto a saída do mercado, orientá-las mais para isso, os cursos existentes. Porque este tipo de jovens, há umas que têm proatividade, vão à luta, vão para casa, outras são mais recatadas não vão a procura desta informação.

CC: Ficam mais à espera?

P: Exato, então vou escrevendo isso e vou tentando motivá-las para, e também pensar sempre quer com as jovens que estão cá, quer com as que estão institucionalizadas. Adequar um pouco as expectativas e objetivos para a realidade, e para que, o atualmente é importante, mas que também não desistam dos sonhos delas. Por exemplo, uma jovem que gostava de tirar um curso mais a nível de educação física, estou logo a ver que não consegue. Não, é possível tirar o 9º ano ou o 12º ano, mais na área do desporto, na gestão desportiva, que existe, e não significa que só por não fazer a escolaridade como normalmente todos fazem, não significa que mais tarde não faça. A nível também de trabalho, trabalho um pouco em parceria com as minhas colegas, as assistentes sociais, com as famílias. Por exemplo, hoje fui com uma colega minha, fomos fazer umas visitas domiciliárias, falar um pouco com os progenitores. E sentir também, de fazê-los perceber, como vou explicar, a visão e as dificuldades que as filhas estão a passar. Apesar de terem todas as condições, por elas estarem connosco, e não terem uma boa supervisão dos pais, mas também a nível económico as coisas não estarem bem. E pronto, é tentar a nível mais emocional, fazer com que os progenitores estejam mais presentes no dia-a-dia das jovens.

CC: Pois é interessante, eu não sabia que vocês faziam essas visitas domiciliárias.

P: Sim, sim, não é sempre, hoje acabamos por fazer duas visitas domiciliárias que estavam mais relacionadas com estas jovens, que queremos que vão passar os fins-de-semana a casa. Nós temos que avaliar se existem condições dela passar lá os fins-de-semana, e depois também garantir que existe supervisão daquele lado, relativamente. Porque são adolescentes e tem que existir um adulto a supervisionar. Também perceber que aquele adulto tem capacidades de supervisão, e que existem condições para ir e também da outra parte, não é. Nós às vezes estamos a ver que existem poucos contactos, pouca ligação, e às vezes há conflitos entre a mãe ou o pai e procuramos resolver o problema, mas é um pouco por aí.

CC: É uma batalha diária?

P: Sim.

CC: Quais são as maiores dificuldades que estas mães apresentam?

P: A nível das dificuldades, a nível mais do relacionamento interpessoal que são uma grande lacuna que elas têm, relacionada com a baixa autoestima acabam por procurar sempre o carinho e a atenção, porque depois interpretam como erradamente e por vezes acabam por ter relações muito promiscuas e muito precoces com outros jovens. Têm este tipo de dificuldade, a nível mesmo do relacionamento interpessoal, quer com o adulto devido a dificuldade de não aceitarem a autoridade do adulto. Algumas delas regra geral cresceram num ambiente onde não existia supervisão, uma regra e então são muito resistentes nesta parte. E depois não, têm uma fraca capacidade de se colocar no lugar do outro, e então geram-se muitos conflitos a nível do grupo de pais, de jovens para com jovens, é uma grande lacuna que elas têm. Não significa que sejam todas, mas a nível, quando existem formações aqui, por vezes verificamos que existe sempre uma troca de palavras, um chega para lá, numa semana estão amigas, noutra já estão completamente do avesso por assim dizer, e notamos essa dificuldade presente.

CC: E a nível do brincar?

P: Sim têm essa dificuldade. Após serem mães, ao longo do crescimento com o filho, apesar de estarem presentes nas formações e tudo mais, elas têm uma grande dificuldade em saber como brincar com os filhos, nas várias faixas etárias, e não sabem como estimulá-los. Se calhar não dão a verdadeira importância, porque se calhar não tiveram

essa estimulação, não tiveram aquela família que procurasse estimulá-las ou brincar. Passar tempo de qualidade com a criança, e acabam por não fazer porque não sabem, como nunca tiveram e não têm essa capacidade de procurar. Procuramos estimular também essa parte, mais dificuldades, que eu identifique se calhar um pouco a tolerância à frustração, têm pouca tolerância à frustração. Geralmente quando as crianças já começam a andar, necessitam mais de supervisão, necessitam de uma maior atenção ou exigem mais, já fazem mais birras e aí já existe uma maior dificuldade em controlar. Todos nós já sentimos essa dificuldade, especialmente com as crianças que são muito exigentes e que dão bastante trabalho. Elas especialmente por serem jovens e não terem essas capacidades bem desenvolvidas ainda, mais dificuldades têm. E autoestima e motivação, devido a muitas delas terem um pensamento muito derrotista. Não vale a pena definir objetivos, viver um dia de cada vez: “sei que preciso de trabalhar”, mas não têm aquela grande motivação escolar e de conhecimentos. Não conseguem definir grandes projetos de vida, são muito passivas nessa parte. Eu própria tenho essa dificuldade com elas, quando procuro definir projetos de vida com elas. Tudo o que elas querem, geralmente do que gostam, até saberem o que não gostam existe esta dificuldade, às vezes ainda conseguem identificar não gosto, ou não quero, mas por vezes nem conseguem explicar o porque de não quererem ou de não gostarem. “Nunca experimentas-te, porque não ter um trabalho de secretariado, porque não um trabalho de educador de infância, ou apoio a infância ou assim”, são tudo questões que nunca pensaram nisso, e há uma grande passividade em algumas delas.

CC: Porque procuram estas mães o Centro da Mãe?

P: Inicialmente, pelo que eu me apercebi, elas acabam sempre por procurar o centro da mãe para apoio mais material. E então nós, como já sabemos um pouco as características desta população, sabemos que têm lacunas a estes níveis, e então tentamos fazer uma troca, elas dão-nos um pouco do tempo delas, para conseguirmos promover algum conhecimento e algumas competências, e nós ajudamos a nível de fraldas, de leite, cabazes, carrinhos, roupas. As minhas colegas assistentes sociais estão mais por dentro desse assunto.

CC: Quais considera serem as principais necessidades de formação das jovens mães que frequentam este Centro de Mãe?

P: “Expectativas e sonhos”, a definição de papéis, “quem sou eu como mãe”, “comportamentos e atitudes”, “socialização” e “autoestima”. É importante também a “alimentação, saúde e higiene”, mas sei que já existe um pouco essa valência aqui, porque têm formações a nível da enfermagem.

CC: Pois a colega esteve a dizer-me que têm alunos da escola de enfermagem?

P: Sim exato, eles estão um pouco nessa valência. Eu também por acaso, mas só que já têm muitas formações, inicialmente eu procurei dar algumas formações onde falei um pouco a nível da definição de objetivos, importância da opinião dos outros, aquilo que os outros pensam de nós, como os influenciem, como sofrem influências. Inventei umas cinco sessões, só que depois existiam outras formações e acabou por não haver já disponibilidade para dar continuidade, se calhar no verão irei desenvolver mais algumas. Mas é muito importante na definição de papéis, que elas têm muitas dificuldades, “comportamentos e atitudes”, “expectativas e sonhos” têm muitas dificuldades. Enquanto a nós sempre nos perguntaram: “o que queres ser quando fores grande? O que queres? O que ambicionas?” A estas jovens essa pergunta por vezes não foi muito feita.

CC: Porque elas depois não pensam muito para além disso?

P: Não, o curto prazo delas é muito para o próximo mês, não é daqui a seis meses ou daqui a um ano, o que é que eu quero estar a fazer.

CC: Pois exato, mas da maneira que são jovens é interessante isso, porque quando somos jovens é quando temos mais ambições, mais expectativas para o futuro.

P: O dito jovem adolescente normal, se calhar acaba por ter muito essa preocupação nos ombros, porque tem que decidir e dão-lhe essa possibilidade de decidir ou escolher, ou dar continuidade aos estudos ou querer trabalhar, aqui não, é uma luta só para conseguirem a escolaridade obrigatória. Sabem que têm que ir trabalhar para o seu sustento. Por vezes, o sonho delas passa, ou o objetivo passa por ter uma casa, acaba por ser muito mais material. Não existe grande estimulação, querer saber mais, de aprender mais, eu apercebi-me um pouco disso quando cheguei à residência. Naquele grupo de jovens, e a nível de televisão era tudo muito básico, “morangos com açúcar”, nada de

telejornal, nada de notícias. Por isso nós tentamos estimular outras áreas para elas depois irem à procura.

CC: De entre os temas apresentados indique (com um X) aqueles que considera serem mais importantes para estas jovens mães:

Expectativas e Sonhos	X
Quem sou eu como mãe?	X
Alimentação, saúde e higiene	
Autoestima	X
Socialização	X
Comportamentos e atitudes	X
Outros:	

P: “Expectativas e sonhos”, “quem sou eu como mãe”, “comportamentos e atitudes”, “autoestima” e “socialização”.

CC: Muito obrigada então.

ANEXO XXII

Entrevista às mães após a formação parental

Mãe 1

Este questionário enquadra-se num trabalho para uma dissertação de Mestrado em Intervenção Precoce na Infância, que está a ser desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, intitulado: *Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental*.

Os dados recolhidos serão tratados estatisticamente e são por isso, estritamente anónimos e confidenciais. Desde já agradecemos a sua colaboração e disponibilidade.

Entrevista às mães após a formação parental

Caracterização da Mãe 1:

1. Idade da mãe:
2. Habilitações literárias:
3. Recursos a Redes de apoio (atual):

Após a formação:

1. Na relação com os seus filhos, estes sentiram alguma diferença na mãe, após a participação na Formação Parental? Em que aspetos?
2. Quais foram os aspetos da sua vida que foram alterados após a participação nesta Formação Parental? Porquê?
3. Depois de ter participado nesta Formação Parental, que importância julga que teve para a sua vida, enquanto mulher e mãe? Nada importante, pouco importante, importante ou muito importante. Porquê?
4. Do que foi que gostou mais?
5. Do que foi que gostou menos?
6. O que modificava nesta Formação Parental?
7. Considera importante continuar a existir esta formação parental aqui no Centro da Mãe? Porquê? Acha que haveria outras mães interessadas?

Parte I - Guião Entrevista às mães após a formação parental

Caracterização Final: Mãe 1

1. Idade da mãe: 23 anos
2. Habilitações literárias: 9º ano

3. Recursos a Redes de Apoio (atual): **Abono de família e Centro da Mãe (com roupas)**

Transcrição das questões de resposta abertas da Entrevista às mães após a formação parental – Mãe 1

Investigadora CC: Na relação com os seus filhos, estes sentiram alguma diferença na mãe, após a participação na Formação Parental? Em que aspetos?

Entrevistada Mãe 1: Sim, ela agora a nível de birras, por exemplo como a gente falamos lá, ela agora já está melhorando a nível disso, já quando ela quer uma coisa ela já compreende melhor quando a pessoa não pode.

CC: Pois.

Mãe 1: A nível disso ela já está melhor.

CC: Quais foram os aspetos da sua vida que foram alterados após a participação nesta Formação Parental? Porquê? Acha que houve alguma coisa que mudou?

Mãe 1: Sim a nível, por exemplo: o pai agora já repreende mais, já ensina mais. Porque tudo que ela queria ele dava, e por exemplo eu fazia assim: ela pedia-me a mim eu não dava e o pai era ao contrário, tudo o que ela pedia ao pai o pai dava. Agora a gente dá-se quando temos dinheiro, agora ela já compreende mais.

CC: Mas foi a mãe que falou com o pai? Como foi?

Mãe 1: Sim, tive uma conversa com ele e disse: “eu estou a fazer de uma maneira, tu estás a fazer de outra, temos de fazer os dois da mesma maneira, porque assim ela não obedece”.

CC: Muito bem.

CC: Depois de ter participado nesta Formação Parental, que importância julga que teve para a sua vida, enquanto mulher e mãe? Nada importante, pouco importante, importante ou muito importante. Porquê?

Mãe 1: Ter participado nisto, fiquei a ter mais conhecimentos, achei bastante importante esta formação, porque há coisas que eu não sabia.

CC: Pois.

Mãe 1: A nível de birras, de convivência, como ajudá-la a conviver melhor com as amigas e a ter mais independência.

CC: Pois.

Mãe 1: Ajudou-me mais nesses níveis porque era onde ela tinha mais dificuldade.

CC: E a mãe conseguiu lidar com isso?

Mãe 1: Sim.

CC: De tudo o que aprendeu o que gostou mais?

Mãe 1: Da maior parte dos temas.

CC: Do que foi que gostou menos?

Mãe 1: Só o único que eu não gostei muito foi daquele da, acho que foi, não é não gostar da formação, foi de ver que há pais, que por exemplo nos textos que mostraram, que há pais que têm aquela coisas com os filhos, de falar mal com os filhos em vez de compreende-los mais.

CC: Há pois, porque nos aprendemos que existem várias formas de conversar com os filhos, que há pais que conversam de uma maneira e outros de outra.

Mãe 1: Sim.

CC: Há pais que são muito autoritários, é isso que a mãe está a dizer?

Mãe 1: Sim, sim.

CC: O que modificava nesta Formação Parental?

Mãe 1: Não.

CC: Esteve tudo bem, e a nível dos horários?

Mãe 1: Sim, os horários foi dentro do possível, até se houvesse mais, se continuasse a formação as horas iam ser acessíveis à mesma.

CC: Pois esta bem. Considera importante continuar a existir esta formação parental aqui no Centro da Mãe?

Mãe 1: Sim.

CC: E porquê?

Mãe 1: Porque assim a gente ficava a conhecer mais temas, por exemplo alguns temas que não foram falados podia-se falar.

CC: Acha que haveria outras mães interessadas?

Mãe 1: Penso que sim.

CC: Sim, muito bem, então obrigada.

Parte II - Questionário de Estilos Parentais – Pais (Adaptação do *Parental Authority Questionnaire* PAQ, de Buri, 1991)

Não existem respostas certas ou erradas, tente não demorar muito tempo em cada questão. É importante que responda a todos os itens, não se esquecendo de nenhum. Para cada uma das frases faça uma cruz no número da escala que melhor descreve ou se aplica a si como Mãe na relação com os seus filhos.

(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente)

1	Acredito que numa família bem estruturada, as crianças devem fazer as coisas à sua maneira.	1	2	3	4	5
2	Obrigo os meus filhos a fazer coisas que acredito serem corretas, mesmo que eles não concordem.	1	2	3	4	5
3	Sempre que digo aos meus filhos para fazerem algo, espero que o façam imediatamente sem perguntas.	1	2	3	4	5
4	Quando uma regra familiar é estabelecida, explico os motivos desta aos meus filhos.	1	2	3	4	5
5	Encorajo o diálogo com os meus filhos quando estes não estão de acordo com as regras e restrições familiares.	1	2	3	4	5
6	Acredito que uma criança necessita de ser livre para tomar as suas próprias decisões e fazer o que quiser, mesmo que isso não esteja de acordo com o meu desejo.	1	2	3	4	5

7	Não permito aos meus filhos que questionem as minhas decisões.	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
8	Oriento os meus filhos através do diálogo e da disciplina.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
9	Penso que devo usar a minha autoridade para conseguir que os meus filhos se comportem como eu acho que devem.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
10	Acho que os meus filhos não precisam de obedecer às regras e normas de comportamento simplesmente porque alguém com autoridade as estabeleceu.	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
11	Transmito aos meus filhos o que espero deles mas também lhes dou liberdade para conversar quando não concordam comigo.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
12	Acredito que os pais sensatos devem ensinar desde cedo quem é o chefe da família.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
13	Raramente dou orientações aos meus filhos sobre o seu comportamento.	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
14	Quando as decisões familiares são estabelecidas, na maioria das vezes faço aquilo que os meus filhos querem.	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
15	Dou aos meus filhos orientações de forma clara e consistente.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
16	Fico muito chateado(a) quando os meus filhos tentam discordar comigo.	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
17	Acredito que a maior parte dos problemas na sociedade seriam resolvidos se os pais não restringissem as atividades, as decisões e os desejos dos filhos durante o seu crescimento.	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
18	Deixo claro o comportamento que espero dos meus filhos e, quando não correspondem às minhas expectativas, acabo por puni-los.	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
19	Permito aos meus filhos decidir a maior parte das coisas sozinhos sem lhes dar muitas orientações.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
20	Tenho em consideração a opinião dos meus filhos nas decisões familiares, mas não tomo decisões só porque eles assim o querem.	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
21	Não me sinto responsável por orientar e dirigir o comportamento dos meus filhos.	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
22	Tenho padrões bem definidos de comportamentos para os meus filhos, mas estou disposto(a) a ajustar esses padrões às necessidades individuais de cada um.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
23	Oriento o comportamento dos meus filhos e espero que sigam as minhas orientações, mas converso com eles e ouço sempre as suas opiniões.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
24	Permito que os meus filhos tenham o seu próprio ponto de	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5

	vista nos assuntos familiares e decidam por si o que vão fazer.					
25	Sempre pensei que a maioria dos problemas da sociedade seriam resolvidos se os pais fossem rígidos e autoritários para com os seus filhos.	1	2 ⊗	3	4	5
26	Digo sempre aos meus filhos o que devem fazer e como fazer.	1	2	3	4 ⊗	5
27	Dou indicações claras para o comportamento e atividades dos meus filhos, mas sou compreensivo(a) quando discordam delas.	1	2	3	4 ⊗	5
28	Na minha família, não dou orientações em relação a comportamentos, atividades e desejos dos meus filhos.	1	2 ⊗	3	4	5
29	Os meus filhos sabem o que espero deles e insisto para que atendam às minhas expectativas simplesmente por respeito pela minha autoridade.	1	2	3	4 ⊗	5
30	Se tomo uma decisão que magoe os meus filhos, estou disposto(a) a conversar com eles e a admitir as minhas falhas.	1	2	3	4 ⊗	5

© Mónica Taveira Pires

Parte III - Escala de S.E.R.T.H.U.A.L. – Auto-Estima

Seguidamente irá encontrar uma lista de afirmações. Tente responder a todos os itens, com sinceridade. Não existem respostas certas nem erradas. Não há tempo limite para terminar a prova. Assinale (com uma cruz) cada uma delas de acordo com a perceção que tem de si, atualmente.

**(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo;
4=Concordo; 5=Concordo totalmente)**

1	Muitas vezes aborreço-me comigo próprio pelas coisas que faço	1	2	3 ⊗	4	5
2	Eu sou uma pessoa responsável	1	2	3	4	5 ⊗
3	Eu tenho poucos valores e padrões próprios	1	2 ⊗	3	4	5
4	Tenho dificuldade em controlar a minha agressividade	1	2 ⊗	3	4	5
5	Geralmente gosto das pessoas	1	2	3	4 ⊗	5
6	As minhas batalhas mais árduas são comigo próprio	1	2	3 ⊗	4	5
7	Eu sou otimista	1	2	⊗	4	5

8	Eu sou sexualmente atraente	1	2	3 ⊗	4	5
9	Sinto que não há ajuda possível para mim	1	2 ⊗	3	4	5
10	Eu normalmente consigo tomar as minhas decisões e manter-me fiel a elas	1	2	3	4 ⊗	5
11	As minhas decisões não são tomadas por mim próprio	1	2 ⊗	3	4	5
12	Eu sinto-me apático	1	2 ⊗	3	4	5
13	Eu sou impulsivo	1	2 ⊗	3	4	5
14	Sou uma pessoa racional	1	2	3	4 ⊗	5
15	Tenho a sensação que não estou a enfrentar as coisas	1	2	3 ⊗	4	5
16	Sou tolerante	1	2	3	4 ⊗	5
17	Sou ambicioso	1	2	3	4 ⊗	5
18	Eu evito enfrentar crises ou dificuldades	1	2 ⊗	3	4	5
19	Eu não me respeito a mim próprio	1	2 ⊗	3	4	5
20	Eu tenho uma atitude positiva para comigo	1	2	3	4 ⊗	5
21	Eu sou assertivo (afirmativo)	1	2	3	4 ⊗	5
22	Tenho dificuldades em tomar decisões	1	2 ⊗	3	4	5
23	Sou um falhado	1	2 ⊗	3	4	5
24	Eu sou amável	1	2	3	4 ⊗	5
25	Tenho medo de sexo	1	2 ⊗	3	4	5
26	Tenho medo de falhar em qualquer coisa que quero muito	1	2	3 ⊗	4	5
27	Eu sou um bom trabalhador	1	2	3	4 ⊗	5
28	Eu sinto-me emocionalmente maduro	1	2	3	4 ⊗	5

29	Estou realmente perturbado	1	2 ⊗	3	4	5
30	Sinto-me inseguro comigo próprio	1	2 ⊗	3	4	5
31	Eu sou inteligente	1	2	3	4 ⊗	5
32	Sinto-me sem esperança	1	2 ⊗	3	4	5
33	Eu sou uma pessoa na qual não se pode confiar	1	2 ⊗	3	4	5
34	Eu sou bastante sociável	1	2	3	4 ⊗	5
35	Eu não tenho valor	1	2 ⊗	3	4	5
36	Zango-me com facilidade	1	2	3 ⊗	4	5
37	Tenho um aspeto físico agradável	1	2	3	4 ⊗	5
38	Sinto-me bem comigo mesmo	1	2	3	4	5 ⊗
39	Os outros desconfiam de mim	1	2 ⊗	3	4	5
40	Ficarei contente comigo mesmo se conseguir fazer grandes coisas na minha vida	1	2	3	4 ⊗	5
41	Os meus patrões/professores estão satisfeitos comigo	1	2	3	4 ⊗	5
42	Acho que sou nervoso e tenso	1	2	3 ⊗	4	5
43	Sou muito fiel às minhas amizades	1	2	3	4 ⊗	5
44	Sinto orgulho do meu corpo	1	2	3	4 ⊗	5
45	Tenho confiança em mim mesmo	1	2	3	4 ⊗	5
46	Para me sentir melhor utilizo estimulantes tais como o café, tabaco, álcool, etc.	1	2 ⊗	3	4	5
47	Gosto de actividades em grupo	1	2	3	4	5 ⊗
48	Os maus resultados profissionais/escolares desencorajam-me facilmente	1	2	3 ⊗	4	5
49	Tenho uma boa opinião de mim mesmo	1	2	3	4 ⊗	5
50	As pessoas aborrecem-se quando estão na	1	2 ⊗	3	4	5

	minha companhia					
51	Penso que todas as pessoas deveriam assumir um papel na sociedade	1	2	3	4 ⊗	5
52	Gostaria de participar em movimentos de solidariedade	1	2	3 ⊗	4	5
53	Tenho confiança no meu futuro	1	2	3	4 ⊗	5
54	No trabalho/universidade os outros procuram a minha companhia	1	2	3 ⊗	4	5
55	Tenho a impressão de que faço as coisas pior do que os outros	1	2 ⊗	3	4	5
56	Tenho um aspeto físico pouco atraente	1	2 ⊗	3	4	5
57	Num grupo, gosto de tomar poucas iniciativas	1	2	3 ⊗	4	5
58	Estou contente com a forma como o meu corpo se desenvolve	1	2	3	⊗	4 5
59	Nos grupos tenho a sensação de isolamento	1	2 ⊗	3	4	5
60	Estou contente com os meus resultados profissionais/escolares	1	2	3	4 ⊗	5

* © Autores: Tap, P.; Hipólito, J.

Parte IV - ESCALA DE AUTO-EFICÁCIA PARENTAL

Esta escala procura descrever a forma como a pessoa se vê, em termos da sua eficácia na vida, e a forma como ela se vê, no que se refere à sua eficácia enquanto mãe.

De modo geral, sou eficaz na vida:

0 (Nada)

20 (Totalmente)

Enquanto Mãe (refira-se à relação com o(s) seu(s) filho(s))
(1= Nunca; 2= Raramente; 3= Às vezes; 4=Muitas; 5= Sempre)

1	Desconheço qual a profissão que o meu filho quer ter	1	2	3	4 ⊗	5
2	O meu filho vai para a cama e levanta-se à hora que quer	1	⊗	3	4	5
3	Raramente sinto necessidade de ir à escola do meu filho	1	⊗	3	4	5
4	Vou buscar o meu filho à escola sempre à hora combinada, para que não se sinta esquecido	1	2	3	4	⊗
5	Deixo o meu filho fazer as tarefas que deseja (comer, vestir-se, lavar-se, etc.)	1	2	3	4	⊗

6	Os colegas e amigos do meu filho são desconhecidos para mim	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
7	O futuro do meu filho preocupa-me	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
8	Tento compreender o meu filho quando faz qualquer coisa que eu não aprovo antes de o repreender ou castigar	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
9	Tento que o meu filho distinga o que é certo e errado	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
10	Converso com o meu filho quando ele tem um comportamento errado, para que compreenda as razões do meu desagrado	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
11	Permito que o meu filho não cumpra as suas tarefas	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
12	Tento ser justo com o meu filho	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
13	Em casa cada um tem tarefas próprias, incluindo o meu filho	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
14	Evito que o meu filho experimente coisas novas	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
15	O meu filho só se veste com a roupa que eu escolho para ele	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
16	Interesso-me por conhecer os interesses do meu filho	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
17	Procuo dizer ao meu filho que o amo, e tenho manifestações carinhosas para com ele	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
18	O meu filho bate-me	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
19	O meu filho desconhece quais as regras que deve cumprir em casa	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
20	O meu filho é seguido regularmente pelo médico	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
21	Acompanho o dia-a-dia do meu filho e estou disponível se ele precisar	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
22	Incentivo o meu filho a procurar respostas para as suas dúvidas	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
23	Preocupo-me que o meu filho siga um caminho que o deixe feliz	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
24	Estou atento ao que se passa com o meu filho quando ele está triste ou contente	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
25	Escolho com o meu filho os brinquedos e jogos dele para não brincar com coisas perigosas	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
26	Quero que o meu filho escolha uma profissão que o deixe realizado	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
27	O meu filho tem as vacinas em atraso	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5

28	Ensino e estou atento se o meu filho se comporta com boas-maneiras	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
29	O meu filho desconhece o porquê das regras lá de casa	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
30	Quero que o meu filho tenha a mesma profissão que eu	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
31	Procuro ser para o meu filho o melhor que sei e posso	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
32	Procuro explicar ao meu filho com linguagem cuidada a razão de determinadas regras e atitudes	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
33	O meu filho só faz os deveres que quer	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
34	Verifico se o meu filho se veste conforme o estado do tempo	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
35	O meu filho chega à escola (ou creche/ ama) de acordo com os meus horários	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
36	Faço as tarefas e os deveres do meu filho sempre que ele não é capaz	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
37	Desconheço os desejos do meu filho para o seu futuro	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
38	Procuro ajudar o meu filho nas áreas escolares em que tem mais dificuldade	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
39	Deixo o meu filho quebrar os castigos que lhe atribuo	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
40	Acho que o meu filho deve ter liberdade para assistir aos conflitos entre os pais	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
41	Descontrolo-me à frente do meu filho e isso não me preocupa	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
42	É-me indiferente o tipo de ensino da escola do meu filho	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
43	Faço planos para a vida futura que quero que o meu filho tenha	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
44	Desconheço quais os medos do meu filho	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5

Mãe 2

Este questionário enquadra-se num trabalho para uma dissertação de Mestrado em Intervenção Precoce na Infância, que está a ser desenvolvida na Universidade

Fernando Pessoa, intitulado: ***Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental.***

Os dados recolhidos serão tratados estatisticamente e são por isso, estritamente anónimos e confidenciais. Desde já agradecemos a sua colaboração e disponibilidade.

Entrevista às mães após a formação parental

Caracterização da Mãe 2:

1. Idade da mãe:
2. Habilitações literárias:
3. Recursos a Redes de apoio (atual):

Após a formação:

1. Na relação com os seus filhos, estes sentiram alguma diferença na mãe, após a participação na Formação Parental? Em que aspetos?
2. Quais foram os aspetos da sua vida que foram alterados após a participação nesta Formação Parental? Porquê?
3. Depois de ter participado nesta Formação Parental, que importância julga que teve para a sua vida, enquanto mulher e mãe? Nada importante, pouco importante, importante ou muito importante. Porquê?
4. Do que foi que gostou mais?
5. Do que foi que gostou menos?
6. O que modificava nesta Formação Parental?
7. Considera importante continuar a existir esta formação parental aqui no Centro da Mãe? Porquê? Acha que haveria outras mães interessadas?

Parte I - Guião Entrevista às mães após a formação parental

Caracterização Final: Mãe 2

1. Idade da mãe: 25 anos
2. Habilitações literárias: 4º ano
3. Recursos a Redes de apoio (atual): Segurança social, abono de família e o Centro da Mãe.

Transcrição das questões de resposta abertas da Entrevista às mães após a formação parental – Mãe 2

Investigadora CC: Na relação com os seus filhos, estes sentiram alguma diferença na mãe, após a participação na Formação Parental? Em que aspetos?

Entrevistada Mãe 2: Só se for mais por medo, então a I. deve ter sentido acho que não é preciso perguntar.

CC: Pois, e mudou isso foi?

Mãe 2: Foi, eu agora dou o castigo e fujo. Eu agora dou um castigo, está dado e vou-me embora.

CC: Mas ela percebe isso?

Mãe 2: Ela percebe e às vezes eu ponho-me a ver pela greta da porta.

CC: Mas ela cumpre?

Mãe 2: Ela tem de cumprir.

CC: Quais foram os aspetos da sua vida que foram alterados após a participação nesta Formação Parental? Porquê?

Mãe 2: É como eu me estou sentindo.

CC: Foi isso dos castigos?

Mãe 2: Sim, sim.

CC: A mãe não conseguia e agora já consegue?

Mãe 2: Já consigo mas é complicado.

CC: Mas desde que vá conseguindo já é importante.

Mãe 2: Pois, pois.

CC: Depois de ter participado nesta Formação Parental, que importância julga que teve para a sua vida, enquanto mulher e mãe? Nada importante, pouco importante, importante ou muito importante. Porquê?

Mãe 2: Enquanto mulher nem sequer me limitei a pensar nisso. Como mãe de resto tirando os castigos da I. eu já não ouço tantas vezes ela, eu sei que é bom ouvir cada vez mais, mas eu já não oiço. Às vezes ela fala e eu detesto que fale, porque eu vejo que é mentira, e nem sequer persisto mais.

CC: E na relação com o marido mudou alguma coisa? A nível dos castigos para a I. falaram, conversaram?

Mãe 2: É isso, agora a gente fala mais vezes sobre isso, que é para não correr o risco de ele dizer uma coisa e eu outra.

CC: De tudo o que aprendeu lá o que gostou mais?

Mãe 2: Foi essa história dos castigos, e das birras e da alimentação.

CC: Saber como agir?

Mãe 2: Exatamente.

CC: Do que foi que gostou menos?

Mãe 2: Das pessoas falarem com tanta firmeza, que é assim e assim e às vezes não é assim, pode ser para aquela pessoa, para outra já não é. Cada caso é um caso, acho que cada um deve falar por si e não por todos, ninguém sabe a minha vida.

CC: Claro, claro. O que modificava nesta Formação Parental? Alguma coisa que acha que não esteve tao bem? Ou que acha que devia ser feita de outra maneira?

Mãe 2: Houve montes de coisas que nunca tinha pensado por isso não modificava nada.

CC: E gostou?

Mãe 2: Sim, mas acho que foi poucas sessões.

CC: Então mudava isso, mais sessões?

Mãe 2: Sim, porque há coisa que a gente devia ter ido aos pormenores e não fomos.

CC: Considera importante continuar a existir esta formação parental aqui no Centro da Mãe? Porquê? Acha que haveria outras mães interessadas?

Mãe 2: Principalmente para aquelas mães mais novas.

CC: Acha que era importante para elas?

Mãe 2: Sim e para as crianças também coitadinhas.

CC: Quer dizer mais alguma coisa?

Mãe 2: Não.

Parte II - Questionário de Estilos Parentais – Pais (Adaptação do *Parental Authority Questionnaire* PAQ, de Buri, 1991)

Não existem respostas certas ou erradas, tente não demorar muito tempo em cada questão. É importante que responda a todos os itens, não se esquecendo de nenhum. Para cada uma das frases faça uma cruz no número da escala que melhor descreve ou se aplica a si como Mãe na relação com os seus filhos.

(1= **Discordo totalmente**; 2= **Discordo**; 3= **Não concordo nem discordo**; 4=**Concordo**; 5=**Concordo totalmente**)

1	Acredito que numa família bem estruturada, as crianças	1	2	3	4	5
---	--	---	---	---	---	---

	devem fazer as coisas à sua maneira.		<input checked="" type="checkbox"/>			
2	Obrigo os meus filhos a fazer coisas que acredito serem corretas, mesmo que eles não concordem.	1	2	3	<input checked="" type="checkbox"/>	5
3	Sempre que digo aos meus filhos para fazerem algo, espero que o façam imediatamente sem perguntas.	1	<input checked="" type="checkbox"/>	3	4	5
4	Quando uma regra familiar é estabelecida, explico os motivos desta aos meus filhos.	1	2	3	4	<input checked="" type="checkbox"/>
5	Encorajo o diálogo com os meus filhos quando estes não estão de acordo com as regras e restrições familiares.	1	2	3	4	<input checked="" type="checkbox"/>
6	Acredito que uma criança necessita de ser livre para tomar as suas próprias decisões e fazer o que quiser, mesmo que isso não esteja de acordo com o meu desejo.	1	<input checked="" type="checkbox"/>	3	4	5
7	Não permito aos meus filhos que questionem as minhas decisões.	1	<input checked="" type="checkbox"/>	3	4	5
8	Oriento os meus filhos através do diálogo e da disciplina.	1	2	3	4	<input checked="" type="checkbox"/>
9	Penso que devo usar a minha autoridade para conseguir que os meus filhos se comportem como eu acho que devem.	1	2	3	4	<input checked="" type="checkbox"/>
10	Acho que os meus filhos não precisam de obedecer às regras e normas de comportamento simplesmente porque alguém com autoridade as estabeleceu.	<input checked="" type="checkbox"/>	2	3	4	5
11	Transmito aos meus filhos o que espero deles mas também lhes dou liberdade para conversar quando não concordam comigo.	1	2	3	4	<input checked="" type="checkbox"/>
12	Acredito que os pais sensatos devem ensinar desde cedo quem é o chefe da família.	1	2	3	4	<input checked="" type="checkbox"/>
13	Raramente dou orientações aos meus filhos sobre o seu comportamento.	1	<input checked="" type="checkbox"/>	3	4	5
14	Quando as decisões familiares são estabelecidas, na maioria das vezes faço aquilo que os meus filhos querem.	1	2	<input checked="" type="checkbox"/>	4	5
15	Dou aos meus filhos orientações de forma clara e consistente.	1	2	3	4	<input checked="" type="checkbox"/>
16	Fico muito chateado(a) quando os meus filhos tentam discordar comigo.	1	2	<input checked="" type="checkbox"/>	4	5
17	Acredito que a maior parte dos problemas na sociedade seriam resolvidos se os pais não restringissem as atividades, as decisões e os desejos dos filhos durante o seu crescimento.	<input checked="" type="checkbox"/>	2	3	4	5
18	Deixo claro o comportamento que espero dos meus filhos e, quando não correspondem às minhas expectativas, acabo por puni-los.	1	2	3	4	<input checked="" type="checkbox"/>
19	Permito aos meus filhos decidir a maior parte das coisas sozinhos sem lhes dar muitas orientações.	1	<input checked="" type="checkbox"/>	3	4	5

20	Tenho em consideração a opinião dos meus filhos nas decisões familiares, mas não tomo decisões só porque eles assim o querem.	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
21	Não me sinto responsável por orientar e dirigir o comportamento dos meus filhos.	1 <input checked="" type="checkbox"/>	2	3	4	5
22	Tenho padrões bem definidos de comportamentos para os meus filhos, mas estou disposto(a) a ajustar esses padrões às necessidades individuais de cada um.	1	2	3	4 <input checked="" type="checkbox"/>	5
23	Oriento o comportamento dos meus filhos e espero que sigam as minhas orientações, mas converso com eles e ouço sempre as suas opiniões.	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
24	Permito que os meus filhos tenham o seu próprio ponto de vista nos assuntos familiares e decidam por si o que vão fazer.	1	2 <input checked="" type="checkbox"/>	3	4	5
25	Sempre pensei que a maioria dos problemas da sociedade seriam resolvidos se os pais fossem rígidos e autoritários para com os seus filhos.	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
26	Digo sempre aos meus filhos o que devem fazer e como fazer.	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
27	Dou indicações claras para o comportamento e atividades dos meus filhos, mas sou compreensivo(a) quando discordam delas.	1	2	3	4 <input checked="" type="checkbox"/>	5
28	Na minha família, não dou orientações em relação a comportamentos, atividades e desejos dos meus filhos.	1 <input checked="" type="checkbox"/>	2	3	4	5
29	Os meus filhos sabem o que espero deles e insisto para que atendam às minhas expectativas simplesmente por respeito pela minha autoridade.	1	2	3 <input checked="" type="checkbox"/>	4	5
30	Se tomo uma decisão que magoe os meus filhos, estou disposto(a) a conversar com eles e a admitir as minhas falhas.	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>

© Mónica Taveira Pires

Parte III - Escala de S.E.R.T.H.U.A.L. – Auto-Estima

Seguidamente irá encontrar uma lista de afirmações. Tente responder a todos os itens, com sinceridade. Não existem respostas certas nem erradas. Não há tempo limite para terminar a prova. Assinale (com uma cruz) cada uma delas de acordo com a perceção que tem de si, atualmente.

(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente)

1	Muitas vezes aborreço-me comigo próprio pelas	1	2	3	4	5 <input checked="" type="checkbox"/>
---	---	---	---	---	---	---------------------------------------

	coisas que faço					
2	Eu sou uma pessoa responsável	1	2	3	4 ⊗	5
3	Eu tenho poucos valores e padrões próprios	1	2	3 ⊗	4	5
4	Tenho dificuldade em controlar a minha agressividade	1	2	3	4	5 ⊗
5	Geralmente gosto das pessoas	1	2	3 ⊗	4	5
6	As minhas batalhas mais árduas são comigo próprio	1	2	3	4 ⊗	5
7	Eu sou otimista	1	2	3 ⊗	4	5
8	Eu sou sexualmente atraente	1	2	3 ⊗	4	5
9	Sinto que não há ajuda possível para mim	1	2	3	4	5 ⊗
10	Eu normalmente consigo tomar as minhas decisões e manter-me fiel a elas	1 ⊗	2	3	4	5
11	As minhas decisões não são tomadas por mim próprio	1	2	3	4 ⊗	5
12	Eu sinto-me apático	1	2	3 ⊗	4	5
13	Eu sou impulsivo	1	2	3	4	5 ⊗
14	Sou uma pessoa racional	1	2	3 ⊗	4	5
15	Tenho a sensação que não estou a enfrentar as coisas	1	2	3	4	5 ⊗
16	Sou tolerante	1	2	3	4 ⊗	5
17	Sou ambicioso	1	2	3 ⊗	4	5
18	Eu evito enfrentar crises ou dificuldades	1 ⊗	2	3	4	5
19	Eu não me respeito a mim próprio	1	2	3	4	5 ⊗
20	Eu tenho uma atitude positiva para comigo	1	2	3 ⊗	4	5
21	Eu sou assertivo (afirmativo)	1	2	3 ⊗	4	5
22	Tenho dificuldades em tomar decisões	1	2	3	4	5 ⊗

23	Sou um falhado	1	2	3	4 ⊗	5
24	Eu sou amável	1	2	3 ⊗	4	5
25	Tenho medo de sexo	1	2 ⊗	3	4	5
26	Tenho medo de falhar em qualquer coisa que quero muito	1	2	3	4	5 ⊗
27	Eu sou um bom trabalhador	1	2	3	4	5 ⊗
28	Eu sinto-me emocionalmente maduro	1	2	3	4	5 ⊗
29	Estou realmente perturbado	1	2	3	4 ⊗	5
30	Sinto-me inseguro comigo próprio	1	2	3	4	5 ⊗
31	Eu sou inteligente	1	2	3 ⊗	4	5
32	Sinto-me sem esperança	1	2	3	4	5 ⊗
33	Eu sou uma pessoa na qual não se pode confiar	1	2	3 ⊗	4	5
34	Eu sou bastante sociável	1	2	3 ⊗	4	5
35	Eu não tenho valor	1	2	3 ⊗	4	5
36	Zango-me com facilidade	1	2	3	4	5 ⊗
37	Tenho um aspeto físico agradável	1	2	3 ⊗	4	5
38	Sinto-me bem comigo mesmo	1 ⊗	2	3	4	5
39	Os outros desconfiam de mim	1	2	3 ⊗	4	5
40	Ficarei contente comigo mesmo se conseguir fazer grandes coisas na minha vida	1	2	3	4	5 ⊗
41	Os meus patrões/professores estão satisfeitos comigo	1	2	3 ⊗	4	5
42	Acho que sou nervoso e tenso	1	2	3	4	5 ⊗
43	Sou muito fiel às minhas amigas	1	2	3 ⊗	4	5
44	Sinto orgulho do meu corpo	1	2 ⊗	3	4	5

45	Tenho confiança em mim mesmo	1	2	3	4	5
46	Para me sentir melhor utilizo estimulantes tais como o café, tabaco, álcool, etc.	1	2	3	4	5
47	Gosto de actividades em grupo	1	2	3	4	5
48	Os maus resultados profissionais/escolares desencorajam-me facilmente	1	2	3	4	5
49	Tenho uma boa opinião de mim mesmo	1	2	3	4	5
50	As pessoas aborrecem-se quando estão na minha companhia	1	2	3	4	5
51	Penso que todas as pessoas deveriam assumir um papel na sociedade	1	2	3	4	5
52	Gostaria de participar em movimentos de solidariedade	1	2	3	4	5
53	Tenho confiança no meu futuro	1	2	3	4	5
54	No trabalho/universidade os outros procuram a minha companhia	1	2	3	4	5
55	Tenho a impressão de que faço as coisas pior do que os outros	1	2	3	4	5
56	Tenho um aspeto físico pouco atraente	1	2	3	4	5
57	Num grupo, gosto de tomar poucas iniciativas	1	2	3	4	5
58	Estou contente com a forma como o meu corpo se desenvolve	1	2	3	4	5
59	Nos grupos tenho a sensação de isolamento	1	2	3	4	5
60	Estou contente com os meus resultados profissionais/escolares	1	2	3	4	5

* © Autores: Tap, P.; Hipólito, J.

Parte IV - ESCALA DE AUTO-EFICÁCIA PARENTAL

Esta escala procura descrever a forma como a pessoa se vê, em termos da sua eficácia na vida, e a forma como ela se vê, no que se refere à sua eficácia enquanto mãe.

De modo geral, sou eficaz na vida:

0 (Nada)



17 20 (Totalmente)

Enquanto Mãe (refira-se à relação com o(s) seu(s) filho(s))
(1= Nunca; 2= Raramente; 3= Às vezes; 4=Muitas; 5= Sempre)

1	Desconheço qual a profissão que o meu filho quer ter	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
2	O meu filho vai para a cama e levanta-se à hora que quer	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
3	Raramente sinto necessidade de ir à escola do meu filho	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
4	Vou buscar o meu filho à escola sempre à hora combinada, para que não se sinta esquecido	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
5	Deixo o meu filho fazer as tarefas que deseja (comer, vestir-se, lavar-se, etc.)	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
6	Os colegas e amigos do meu filho são desconhecidos para mim	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
7	O futuro do meu filho preocupa-me	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
8	Tento compreender o meu filho quando faz qualquer coisa que eu não aprovo antes de o repreender ou castigar	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
9	Tento que o meu filho distinga o que é certo e errado	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
10	Converso com o meu filho quando ele tem um comportamento errado, para que compreenda as razões do meu desagrado	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
11	Permito que o meu filho não cumpra as suas tarefas	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
12	Tento ser justo com o meu filho	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
13	Em casa cada um tem tarefas próprias, incluindo o meu filho	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
14	Evito que o meu filho experimente coisas novas	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
15	O meu filho só se veste com a roupa que eu escolho para ele	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
16	Interesso-me por conhecer os interesses do meu filho	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
17	Procuo dizer ao meu filho que o amo, e tenho manifestações carinhosas para com ele	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
18	O meu filho bate-me	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
19	O meu filho desconhece quais as regras que deve cumprir em casa	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
20	O meu filho é seguido regularmente pelo médico	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>

21	Acompanho o dia-a-dia do meu filho e estou disponível se ele precisar	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
22	Incentivo o meu filho a procurar respostas para as suas dúvidas	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
23	Preocupo-me que o meu filho siga um caminho que o deixe feliz	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
24	Estou atento ao que se passa com o meu filho quando ele está triste ou contente	1	2	3	4	5 <input checked="" type="radio"/>
25	Escolho com o meu filho os brinquedos e jogos dele para não brincar com coisas perigosas	1	2	3	4	5 <input checked="" type="radio"/>
26	Quero que o meu filho escolha uma profissão que o deixe realizado	1	2	3	4	5 <input checked="" type="radio"/>
27	O meu filho tem as vacinas em atraso	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
28	Ensino e estou atento se o meu filho se comporta com boas-maneiras	1	2	3	4	5 <input checked="" type="radio"/>
29	O meu filho desconhece o porquê das regras lá de casa	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
30	Quero que o meu filho tenha a mesma profissão que eu	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
31	Procuo ser para o meu filho o melhor que sei e posso	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
32	Procuo explicar ao meu filho com linguagem cuidada a razão de determinadas regras e atitudes	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
33	O meu filho só faz os deveres que quer	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
34	Verifico se o meu filho se veste conforme o estado do tempo	1	2	3	4	5 <input checked="" type="radio"/>
35	O meu filho chega à escola (ou creche/ ama) de acordo com os meus horários	1	2	3	4	5 <input checked="" type="radio"/>
36	Faço as tarefas e os deveres do meu filho sempre que ele não é capaz	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
37	Desconheço os desejos do meu filho para o seu futuro	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
38	Procuo ajudar o meu filho nas áreas escolares em que tem mais dificuldade	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
39	Deixo o meu filho quebrar os castigos que lhe atribuo	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
40	Acho que o meu filho deve ter liberdade para assistir aos conflitos entre os pais	1 <input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
41	Descontrolo-me à frente do meu filho e isso não me preocupa	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
42	É-me indiferente o tipo de ensino da escola do meu filho	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5

43	Faço planos para a vida futura que quero que o meu filho tenha	⊗	2	3	4	5
44	Desconheço quais os medos do meu filho	⊗	2	3	4	5

Mãe 3

Este questionário enquadra-se num trabalho para uma dissertação de Mestrado em Intervenção Precoce na Infância, que está a ser desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, intitulado: *Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental*.

Os dados recolhidos serão tratados estatisticamente e são por isso, estritamente anónimos e confidenciais. Desde já agradecemos a sua colaboração e disponibilidade.

Entrevista às mães após a formação parental

Caracterização da Mãe 3:

1. Idade da mãe:
2. Habilitações literárias:
3. Recursos a Redes de apoio (atual):

Após a formação:

1. Na relação com os seus filhos, estes sentiram alguma diferença na mãe, após a participação na Formação Parental? Em que aspetos?
2. Quais foram os aspetos da sua vida que foram alterados após a participação nesta Formação Parental? Porquê?
3. Depois de ter participado nesta Formação Parental, que importância julga que teve para a sua vida, enquanto mulher e mãe? Nada importante, pouco importante, importante ou muito importante. Porquê?
4. Do que foi que gostou mais?
5. Do que foi que gostou menos?
6. O que modificava nesta Formação Parental?
7. Considera importante continuar a existir esta formação parental aqui no Centro da Mãe? Porquê? Acha que haveria outras mães interessadas?

Parte I - Guião Entrevista às mães após a formação parental

Caracterização Final: Mãe 3

1. Idade da mãe: 26 anos
2. Habilitações literárias: 12º ano com curso profissional
3. Recursos a Redes de apoio (atual): Segurança Social e Centro da Mãe.

Transcrição das questões de resposta abertas da Entrevista às mães após a formação parental – Mãe 3

Investigadora CC: Na relação com os seus filhos, estes sentiram alguma diferença na mãe, após a participação na Formação Parental? Em que aspetos?

Entrevistada Mãe 3: Podemos dizer que sim, eu acho que notei mais a diferença em mim própria, porque a maneira de falar com eles mudou, a maneira de tentar explicar as coisas a eles mudou bastante. Não é que eles me tenham chamado à atenção que tou diferente mas eu noto neles, ficam assim um bocadinho espantados, tipo o que é que estás a dizer.

CC: Então como a mãe fazia antes com eles?

Mãe 3: Antes eu dizia: “tens de fazer porque tens de fazer”. Agora não, digo: “tens de fazer porque também ajudas a mãe, também colaboras com a participação em casa, é bom para ti e para mim.”

CC: Agora a mãe explica o porquê das coisas, e antes não tinha esse cuidado?

Mãe 3: Não eu explicava, mas com três era muito complicado para tentar explicar, porque eles são todos de idades diferentes a que se aproxima mais é a B. do N., o J. já tem nove enquanto a B. tem quatro, por isso eu faço assim: agora primeiro explico ao J. (mais velho) o porquê quando estou sozinha em casa com ele, e quando chegam os mais pequeninhos, explico o porquê aos mais pequeninos. Até ao menino de um ano eu já faço isso, eu digo não podes fazer isso porque fazes dói-dói e depois vais para o hospital, e fazes um dói-dói aqui, e ele diz: “mamã dói-dói”, para dar beijinhos.

CC: Quais foram os aspetos da sua vida que foram alterados após a participação nesta Formação Parental? Porquê?

Mãe 3: Acho que foi mesmo o tentar explicar, a maneira de falar com eles agora é muito diferente. Quando a gente trabalha com crianças que não são nossas, a gente tem aquele cuidado de agora, quando são nossas a gente acho que se esquece.

CC: E com o marido mudou alguma coisa?

Mãe 3: Não, a gente já dividia as tarefas, por exemplo, eu faço o jantar, ele dá banho aos meninos, enquanto eu faço o jantar, estendo a roupa, lavo a loiça, e às vezes a gente troca, não mudou assim muito.

CC: Depois de ter participado nesta Formação Parental, que importância julga que teve para a sua vida, enquanto mulher e mãe? Nada importante, pouco importante, importante ou muito importante. Porquê?

Mãe 3: Eu acho que foi muito importante, para sabermos dar o valor a nós próprias enquanto mulher, e sabermos que nem tudo o que nós fazemos está errado enquanto mãe, porque fica sempre aquele medo: “será que estou errando, será que devia fazer assim, eu acho que é isso, no meu caso é esse o meu medo.

CC: Aprendeu que cada uma é mãe há sua maneira, que não existem boas mães nem más mães, se cada uma fizer o seu melhor já é muito bom.

Mãe 3: Também não sou apologista de estar sempre batendo. Eu acho que uma palmada na hora certa, vem a calhar porque com os antigos dizem, a gente sempre levou e não morreu, mas agora também aquelas mães que estão sempre dizendo: “e pará” e pumba isso também não gosto.

CC: Do que foi que gostou mais?

Mãe 3: Dos estilos parentais, identifiquei-me muito com um deles, e depois tinha um bocadinho de cada um deles.

CC: Do que foi que gostou menos?

Mãe 3: De nada.

CC: O que modificava nesta Formação Parental?

Mãe 3: O horário.

CC: Qual era o horário que lhe dava mais jeito?

Mãe 3: Entre as dez horas e o meio-dia, uma hora.

CC: Mais alguma coisa?

Mãe 3: Não.

CC: Considera importante continuar a existir esta formação parental aqui no Centro da Mãe? Porquê? Acha que haveria outras mães interessadas?

Mãe 3: Sim, porque acho que era um incentivo para outras mães, como eles ainda são pequeninos, para começar a pensar: “quando ela fizer aquilo eu já sei como vou agir”, porque é de pequenino que a gente leva eles pela vida fora.

CC: Acho que ia haver muitas mães interessadas?

Mãe 3: É assim, para ser sincera, quando eu vi formação parental eu pensei mas o que é isto? Vai ser outra vez uma coisa tonta, que a pessoa não tem pachorra, que não tem interesse, mas não, depois de a gente chegar e começar a perceber o que era, ai sim, acho que sim, acho que ia haver muitas mães interessadas.

CC: Acha que valeu a pena então?

Mãe 3: Valeu.

CC: Está bem obrigada.

Parte II - Questionário de Estilos Parentais – Pais (Adaptação do *Parental Authority Questionnaire* PAQ, de Buri, 1991)

Não existem respostas certas ou erradas, tente não demorar muito tempo em cada questão. É importante que responda a todos os itens, não se esquecendo de nenhum. Para cada uma das frases faça uma cruz no número da escala que melhor descreve ou se aplica a si como Mãe na relação com os seus filhos.

(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente)

1	Acredito que numa família bem estruturada, as crianças devem fazer as coisas à sua maneira.	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2	Obrigo os meus filhos a fazer coisas que acredito serem corretas, mesmo que eles não concordem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3	Sempre que digo aos meus filhos para fazerem algo, espero que o façam imediatamente sem perguntas.	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4	Quando uma regra familiar é estabelecida, explico os motivos desta aos meus filhos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>
5	Encorajo o diálogo com os meus filhos quando estes não estão de acordo com as regras e restrições familiares.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>
6	Acredito que uma criança necessita de ser livre para tomar as suas próprias decisões e fazer o que quiser, mesmo que isso não esteja de acordo com o meu desejo.	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7	Não permito aos meus filhos que questionem as minhas decisões.	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8	Oriento os meus filhos através do diálogo e da disciplina.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>
9	Penso que devo usar a minha autoridade para conseguir que os meus filhos se comportem como eu acho que devem.	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10	Acho que os meus filhos não precisam de obedecer às regras e normas de comportamento simplesmente porque alguém com autoridade as estabeleceu.	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11	Transmito aos meus filhos o que espero deles mas também lhes dou liberdade para conversar quando não concordam comigo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>
12	Acredito que os pais sensatos devem ensinar desde cedo quem é o chefe da família.	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13	Raramente dou orientações aos meus filhos sobre o seu comportamento.	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14	Quando as decisões familiares são estabelecidas, na maioria das vezes faço aquilo que os meus filhos querem.	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15	Dou aos meus filhos orientações de forma clara e consistente.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
16	Fico muito chateado(a) quando os meus filhos tentam discordar comigo.	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
17	Acredito que a maior parte dos problemas na sociedade seriam resolvidos se os pais não restringissem as atividades, as decisões e os desejos dos filhos durante o seu crescimento.	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
18	Deixo claro o comportamento que espero dos meus filhos e, quando não correspondem às minhas expectativas, acabo por puni-los.	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
19	Permito aos meus filhos decidir a maior parte das coisas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>

	sozinhos sem lhes dar muitas orientações.					
20	Tenho em consideração a opinião dos meus filhos nas decisões familiares, mas não tomo decisões só porque eles assim o querem.	1	2	3	4	⊗
21	Não me sinto responsável por orientar e dirigir o comportamento dos meus filhos.	1 ⊗	2	3	4	5
22	Tenho padrões bem definidos de comportamentos para os meus filhos, mas estou disposto(a) a ajustar esses padrões às necessidades individuais de cada um.	1	2	3	4	5 ⊗
23	Oriento o comportamento dos meus filhos e espero que sigam as minhas orientações, mas converso com eles e ouço sempre as suas opiniões.	1	2	3	4	5 ⊗
24	Permito que os meus filhos tenham o seu próprio ponto de vista nos assuntos familiares e decidam por si o que vão fazer.	1	2	3 ⊗	4	5
25	Sempre pensei que a maioria dos problemas da sociedade seriam resolvidos se os pais fossem rígidos e autoritários para com os seus filhos.	1 ⊗	2	3	4	5
26	Digo sempre aos meus filhos o que devem fazer e como fazer.	1	2	3	4 ⊗	5
27	Dou indicações claras para o comportamento e atividades dos meus filhos, mas sou compreensivo(a) quando discordam delas.	1	2	3	4	5 ⊗
28	Na minha família, não dou orientações em relação a comportamentos, atividades e desejos dos meus filhos.	⊗	2	3	4	5
29	Os meus filhos sabem o que espero deles e insisto para que atendam às minhas expectativas simplesmente por respeito pela minha autoridade.	1 ⊗	2	3	4	5
30	Se tomo uma decisão que magoe os meus filhos, estou disposto(a) a conversar com eles e a admitir as minhas falhas.	1	2	3	4	5 ⊗

© Mónica Taveira Pires

Parte III - Escala de S.E.R.T.H.U.A.L. – Auto-Estima

Seguidamente irá encontrar uma lista de afirmações. Tente responder a todos os itens, com sinceridade. Não existem respostas certas nem erradas. Não há tempo limite para terminar a prova. Assinale (com uma cruz) cada uma delas de acordo com a perceção que tem de si, atualmente.

(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente)

1	Muitas vezes aborreço-me comigo próprio pelas coisas que faço	1	2	3 ⊗	4	5
2	Eu sou uma pessoa responsável	1	2	3	4 ⊗	5
3	Eu tenho poucos valores e padrões próprios	1 ⊗	2	3	4	5
4	Tenho dificuldade em controlar a minha agressividade	1 ⊗	2	3	4	5
5	Geralmente gosto das pessoas	1	2	3	4	5 ⊗
6	As minhas batalhas mais árduas são comigo próprio	1	2	3	4	5 ⊗
7	Eu sou otimista	1	2	3	4	5 ⊗
8	Eu sou sexualmente atraente	1 ⊗	2	3	4	5
9	Sinto que não há ajuda possível para mim	1	2	3 ⊗	4	5
10	Eu normalmente consigo tomar as minhas decisões e manter-me fiel a elas	1	2	3	4 ⊗	5
11	As minhas decisões não são tomadas por mim próprio	1 ⊗	2	3	4	5
12	Eu sinto-me apático	1 ⊗	2	3	4	5
13	Eu sou impulsivo	1 ⊗	2	3	4	5
14	Sou uma pessoa racional	1	2	3	4 ⊗	5
15	Tenho a sensação que não estou a enfrentar as coisas	1 ⊗	2	3	4	5
16	Sou tolerante	1	2	3	4 ⊗	5
17	Sou ambicioso	1 ⊗	2	3	4	5
18	Eu evito enfrentar crises ou dificuldades	1 ⊗	2	3	4	5
19	Eu não me respeito a mim próprio	1 ⊗	2	3	4	5
20	Eu tenho uma atitude positiva para comigo	1	2	3	4 ⊗	5

21	Eu sou assertivo (afirmativo)	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
22	Tenho dificuldades em tomar decisões	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
23	Sou um falhado	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
24	Eu sou amável	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
25	Tenho medo de sexo	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
26	Tenho medo de falhar em qualquer coisa que quero muito	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
27	Eu sou um bom trabalhador	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
28	Eu sinto-me emocionalmente maduro	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
29	Estou realmente perturbado	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
30	Sinto-me inseguro comigo próprio	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
31	Eu sou inteligente	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
32	Sinto-me sem esperança	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
33	Eu sou uma pessoa na qual não se pode confiar	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
34	Eu sou bastante sociável	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
35	Eu não tenho valor	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
36	Zango-me com facilidade	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
37	Tenho um aspeto físico agradável	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
38	Sinto-me bem comigo mesmo	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
39	Os outros desconfiam de mim	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
40	Ficarei contente comigo mesmo se conseguir fazer grandes coisas na minha vida	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
41	Os meus patrões/professores estão satisfeitos comigo	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
42	Acho que sou nervoso e tenso	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5

43	Sou muito fiel às minhas amizades	1	2	3	4	5
44	Sinto orgulho do meu corpo	1	2	3	4	5
45	Tenho confiança em mim mesmo	1	2	3	4	5
46	Para me sentir melhor utilizo estimulantes tais como o café, tabaco, álcool, etc.	1	2	3	4	5
47	Gosto de actividades em grupo	1	2	3	4	5
48	Os maus resultados profissionais/escolares desencorajam-me facilmente	1	2	3	4	5
49	Tenho uma boa opinião de mim mesmo	1	2	3	4	5
50	As pessoas aborrecem-se quando estão na minha companhia	1	2	3	4	5
51	Penso que todas as pessoas deveriam assumir um papel na sociedade	1	2	3	4	5
52	Gostaria de participar em movimentos de solidariedade	1	2	3	4	5
53	Tenho confiança no meu futuro	1	2	3	4	5
54	No trabalho/universidade os outros procuram a minha companhia	1	2	3	4	5
55	Tenho a impressão de que faço as coisas pior do que os outros	1	2	3	4	5
56	Tenho um aspeto físico pouco atraente	1	2	3	4	5
57	Num grupo, gosto de tomar poucas iniciativas	1	2	3	4	5
58	Estou contente com a forma como o meu corpo se desenvolve	1	2	3	4	5
59	Nos grupos tenho a sensação de isolamento	1	2	3	4	5
60	Estou contente com os meus resultados profissionais/escolares	1	2	3	4	5

* © Autores: Tap, P.; Hipólito, J.

Parte IV - ESCALA DE AUTO-EFICÁCIA PARENTAL

Esta escala procura descrever a forma como a pessoa se vê, em termos da sua eficácia na vida, e a forma como ela se vê, no que se refere à sua eficácia enquanto mãe.

De modo geral, sou eficaz na vida:

0 (Nada)

20 (Totalmente)

Enquanto Mãe (refira-se à relação com o(s) seu(s) filho(s))

(1= Nunca; 2= Raramente; 3= Às vezes; 4=Muitas; 5= Sempre)

1	Desconheço qual a profissão que o meu filho quer ter	1 ⊗	2	3	4	5
2	O meu filho vai para a cama e levanta-se à hora que quer	1 ⊗	2	3	4	5
3	Raramente sinto necessidade de ir à escola do meu filho	1 ⊗	2	3	4	5
4	Vou buscar o meu filho à escola sempre à hora combinada, para que não se sinta esquecido	1	2	3	4	5 ⊗
5	Deixo o meu filho fazer as tarefas que deseja (comer, vestir-se, lavar-se, etc.)	1	2	3 ⊗	4	5
6	Os colegas e amigos do meu filho são desconhecidos para mim	1 ⊗	2	3	4	5
7	O futuro do meu filho preocupa-me	1	2	3 ⊗	4	5
8	Tento compreender o meu filho quando faz qualquer coisa que eu não aprovo antes de o repreender ou castigar	1	2	3	4	5 ⊗
9	Tento que o meu filho distinga o que é certo e errado	1	2	3	4	5 ⊗
10	Converso com o meu filho quando ele tem um comportamento errado, para que compreenda as razões do meu desagrado	1	2	3	4	5 ⊗
11	Permito que o meu filho não cumpra as suas tarefas	1 ⊗	2	3	4	5
12	Tento ser justo com o meu filho	1	2	3	4	5 ⊗
13	Em casa cada um tem tarefas próprias, incluindo o meu filho	1	2	3	4	5 ⊗
14	Evito que o meu filho experimente coisas novas	1 ⊗	2	3	4	5
15	O meu filho só se veste com a roupa que eu escolho para ele	1	2	3 ⊗	4	5
16	Interesso-me por conhecer os interesses do meu filho	1	2	3	4	5 ⊗

17	Procuro dizer ao meu filho que o amo, e tenho manifestações carinhosas para com ele	1	2	3	4	5
18	O meu filho bate-me	⊗	2	3	4	5
19	O meu filho desconhece quais as regras que deve cumprir em casa	⊗	2	3	4	5
20	O meu filho é seguido regularmente pelo médico	1	2	3	4	⊗
21	Acompanho o dia-a-dia do meu filho e estou disponível se ele precisar	1	2	3	4	⊗
22	Incentivo o meu filho a procurar respostas para as suas dúvidas	1	2	3	4	⊗
23	Preocupo-me que o meu filho siga um caminho que o deixe feliz	1	2	3	4	⊗
24	Estou atento ao que se passa com o meu filho quando ele está triste ou contente	1	2	3	4	⊗
25	Escolho com o meu filho os brinquedos e jogos dele para não brincar com coisas perigosas	1	2	3	4	⊗
26	Quero que o meu filho escolha uma profissão que o deixe realizado	1	2	3	4	⊗
27	O meu filho tem as vacinas em atraso	⊗	2	3	4	5
28	Ensino e estou atento se o meu filho se comporta com boas-maneiras	1	2	⊗	4	5
29	O meu filho desconhece o porquê das regras lá de casa	⊗	2	3	4	5
30	Quero que o meu filho tenha a mesma profissão que eu	⊗	2	3	4	5
31	Procuro ser para o meu filho o melhor que sei e posso	1	2	3	4	⊗
32	Procuro explicar ao meu filho com linguagem cuidada a razão de determinadas regras e atitudes	1	2	3	4	⊗
33	O meu filho só faz os deveres que quer	⊗	2	3	4	5
34	Verifico se o meu filho se veste conforme o estado do tempo	1	2	3	4	⊗
35	O meu filho chega à escola (ou creche/ ama) de acordo com os meus horários	⊗	2	3	4	5
36	Faço as tarefas e os deveres do meu filho sempre que ele não é capaz	⊗	2	3	4	5
37	Desconheço os desejos do meu filho para o seu futuro	⊗	2	3	4	5
38	Procuro ajudar o meu filho nas áreas escolares em que tem mais	1	2	3	4	⊗

	dificuldade					
39	Deixo o meu filho quebrar os castigos que lhe atribuo	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
40	Acho que o meu filho deve ter liberdade para assistir aos conflitos entre os pais	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
41	Descontrolo-me à frente do meu filho e isso não me preocupa	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
42	É-me indiferente o tipo de ensino da escola do meu filho	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
43	Faço planos para a vida futura que quero que o meu filho tenha	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
44	Desconheço quais os medos do meu filho	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5

Mãe 4

Este questionário enquadra-se num trabalho para uma dissertação de Mestrado em Intervenção Precoce na Infância, que está a ser desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, intitulado: *Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental*.

Os dados recolhidos serão tratados estatisticamente e são por isso, estritamente anónimos e confidenciais. Desde já agradecemos a sua colaboração e disponibilidade.

Entrevista às mães após a formação parental

Caracterização da Mãe 4:

1. Idade da mãe:
2. Habilitações literárias:
3. Recursos a Redes de apoio (atual):

Após a formação:

1. Na relação com os seus filhos, estes sentiram alguma diferença na mãe, após a participação na Formação Parental? Em que aspetos?
2. Quais foram os aspetos da sua vida que foram alterados após a participação nesta Formação Parental? Porquê?
3. Depois de ter participado nesta Formação Parental, que importância julga que teve para a sua vida, enquanto mulher e mãe? Nada importante, pouco importante, importante ou muito importante. Porquê?

4. Do que foi que gostou mais?
5. Do que foi que gostou menos?
6. O que modificava nesta Formação Parental?
7. Considera importante continuar a existir esta formação parental aqui no Centro da Mãe? Porquê? Acha que haveria outras mães interessadas?

Parte I - Guião Entrevista às mães após a formação parental

Caracterização Final: Mãe 4

1. Idade da mãe: 25 anos
2. Habilitações literárias: 6º ano
3. Recursos a Redes de apoio (atual): Centro da Mãe e Igreja

Transcrição das questões de resposta abertas da Entrevista às mães após a formação parental – Mãe 4

Investigadora CC: Na relação com os seus filhos, estes sentiram alguma diferença na mãe, após a participação na Formação Parental? Em que aspetos?

Entrevistada Mãe 4: Não.

CC: E a nível de regras mudou alguma coisa? Ou noutra aspeto?

Mãe 4: Não esta tudo igual.

CC: Quais foram os aspetos da sua vida que foram alterados após a participação nesta Formação Parental? Porquê?

Mãe 4: Não, mas apendi muita coisa com isto sim senhora.

CC: Depois de ter participado nesta Formação Parental, que importância julga que teve para a sua vida, enquanto mulher e mãe? Nada importante, pouco importante, importante ou muito importante. Porquê?

Mãe 4: Foi muito importante isto, prontos, ensinou muita coisa que muitas mães não sabem foi muito importante esta.

CC: Do que foi que gostou mais?

Mãe 4: Todas, não tenho nenhuma a tirar, que a pessoa vai aprendendo.

CC: Do que foi que gostou menos?

Mãe 4: Não, não tenho nenhuma a dizer.

CC: Gostou de tudo?

Mãe 4: Sim senhora.

CC: O que modificava nesta Formação Parental? A nível de horário, horas, mais formações modificava alguma coisa nesta formação?

Mãe 4: O que era bom para as mães, até eu, era haver mais destas coisas, para as mães ficarem mais preparadas, porque há muitas mães que não sabem.

CC: Pois e era bom, acha?

Mãe 4: Sim, era bom sim senhora, eu achava que houvesse mais.

CC: Considera importante continuar a existir esta formação parental aqui no Centro da Mãe?

Mãe 4: Sim senhora.

CC: E porquê?

Mãe 4: Porque como eu já lhe tinha dito, porque há mães que não sabem, pensam que sabem e não sabem, ao menos vêm aqui e vão aprendendo outras coisas, com se ensina, como se educa, prontos muita coisa.

CC: Acha que haveria outras mães interessadas?

Mãe 4: Às vezes, há pessoa que nem gostem, porque da maneira que coisa, mas eu penso que sim, as raparigas que estiveram aqui eu penso que gostaram.

CC: Está bem, muito obrigada.

Parte II - Questionário de Estilos Parentais – Pais (Adaptação do *Parental Authority Questionnaire PAQ*, de Buri, 1991)

Não existem respostas certas ou erradas, tente não demorar muito tempo em cada questão. É importante que responda a todos os itens, não se esquecendo de nenhum. Para cada uma das frases faça uma cruz no número da escala que melhor descreve ou se aplica a si como Mãe na relação com os seus filhos.

(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente)

1	Acredito que numa família bem estruturada, as crianças devem fazer as coisas à sua maneira.	1	2	3	4	5
2	Obrigo os meus filhos a fazer coisas que acredito serem corretas, mesmo que eles não concordem.	1	2	3	4	5
3	Sempre que digo aos meus filhos para fazerem algo, espero que o façam imediatamente sem perguntas.	1	2	3	4	5
4	Quando uma regra familiar é estabelecida, explico os motivos desta aos meus filhos.	1	2	3	4	5
5	Encorajo o diálogo com os meus filhos quando estes não estão de acordo com as regras e restrições familiares.	1	2	3	4	5
6	Acredito que uma criança necessita de ser livre para tomar as suas próprias decisões e fazer o que quiser, mesmo que isso não esteja de acordo com o meu desejo.	1	2	3	4	5
7	Não permito aos meus filhos que questionem as minhas decisões.	1	2	3	4	5
8	Oriento os meus filhos através do diálogo e da disciplina.	1	2	3	4	5
9	Penso que devo usar a minha autoridade para conseguir que os meus filhos se comportem como eu acho que devem.	1	2	3	4	5
10	Acho que os meus filhos não precisam de obedecer às regras e normas de comportamento simplesmente porque alguém com autoridade as estabeleceu.	1	2	3	4	5
11	Transmito aos meus filhos o que espero deles mas também lhes dou liberdade para conversar quando não concordam comigo.	1	2	3	4	5
12	Acredito que os pais sensatos devem ensinar desde cedo quem é o chefe da família.	1	2	3	4	5
13	Raramente dou orientações aos meus filhos sobre o seu comportamento.	1	2	3	4	5
14	Quando as decisões familiares são estabelecidas, na maioria das vezes faço aquilo que os meus filhos querem.	1	2	3	4	5

15	Dou aos meus filhos orientações de forma clara e consistente.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
16	Fico muito chateado(a) quando os meus filhos tentam discordar comigo.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
17	Acredito que a maior parte dos problemas na sociedade seriam resolvidos se os pais não restringissem as atividades, as decisões e os desejos dos filhos durante o seu crescimento.	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
18	Deixo claro o comportamento que espero dos meus filhos e, quando não correspondem às minhas expectativas, acabo por puni-los.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
19	Permito aos meus filhos decidir a maior parte das coisas sozinhos sem lhes dar muitas orientações.	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
20	Tenho em consideração a opinião dos meus filhos nas decisões familiares, mas não tomo decisões só porque eles assim o querem.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
21	Não me sinto responsável por orientar e dirigir o comportamento dos meus filhos.	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
22	Tenho padrões bem definidos de comportamentos para os meus filhos, mas estou disposto(a) a ajustar esses padrões às necessidades individuais de cada um.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
23	Oriento o comportamento dos meus filhos e espero que sigam as minhas orientações, mas converso com eles e ouço sempre as suas opiniões.	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
24	Permito que os meus filhos tenham o seu próprio ponto de vista nos assuntos familiares e decidam por si o que vão fazer.	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
25	Sempre pensei que a maioria dos problemas da sociedade seriam resolvidos se os pais fossem rígidos e autoritários para com os seus filhos.	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
26	Digo sempre aos meus filhos o que devem fazer e como fazer.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
27	Dou indicações claras para o comportamento e atividades dos meus filhos, mas sou compreensivo(a) quando discordam delas.	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
28	Na minha família, não dou orientações em relação a comportamentos, atividades e desejos dos meus filhos.	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
29	Os meus filhos sabem o que espero deles e insisto para que atendam às minhas expectativas simplesmente por respeito pela minha autoridade.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
30	Se tomo uma decisão que magoe os meus filhos, estou disposto(a) a conversar com eles e a admitir as minhas falhas.	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5

© Mónica Taveira Pires

Parte III - Escala de S.E.R.T.H.U.A.L. – Auto-Estima

Seguidamente irá encontrar uma lista de afirmações. Tente responder a todos os itens, com sinceridade. Não existem respostas certas nem erradas. Não há tempo limite para terminar a prova. Assinale (com uma cruz) cada uma delas de acordo com a perceção que tem de si, atualmente.

(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente)

1	Muitas vezes aborreço-me comigo próprio pelas coisas que faço	<input checked="" type="radio"/> 1	2	3	4	5
2	Eu sou uma pessoa responsável	1	2	3	<input checked="" type="radio"/> 4	5
3	Eu tenho poucos valores e padrões próprios	1	2	<input checked="" type="radio"/> 3	4	5
4	Tenho dificuldade em controlar a minha agressividade	1	2	3	<input checked="" type="radio"/> 4	5
5	Geralmente gosto das pessoas	1	2	3	<input checked="" type="radio"/> 4	5
6	As minhas batalhas mais árduas são comigo próprio	1	2	3	<input checked="" type="radio"/> 4	5
7	Eu sou otimista	1	<input checked="" type="radio"/> 2	3	4	5
8	Eu sou sexualmente atraente	1	2	3	<input checked="" type="radio"/> 4	5
9	Sinto que não há ajuda possível para mim	1	2	<input checked="" type="radio"/> 3	4	5
10	Eu normalmente consigo tomar as minhas decisões e manter-me fiel a elas	1	2	3	<input checked="" type="radio"/> 4	5
11	As minhas decisões não são tomadas por mim próprio	1	<input checked="" type="radio"/> 2	3	4	5
12	Eu sinto-me apático	1	2	<input checked="" type="radio"/> 3	4	5
13	Eu sou impulsivo	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/> 5
14	Sou uma pessoa racional	1	2	<input checked="" type="radio"/> 3	4	5
15	Tenho a sensação que não estou a enfrentar as coisas	1	2	<input checked="" type="radio"/> 3	4	5

16	Sou tolerante	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
17	Sou ambicioso	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
18	Eu evito enfrentar crises ou dificuldades	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
19	Eu não me respeito a mim próprio	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
20	Eu tenho uma atitude positiva para comigo	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
21	Eu sou assertivo (afirmativo)	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
22	Tenho dificuldades em tomar decisões	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
23	Sou um falhado	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
24	Eu sou amável	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
25	Tenho medo de sexo	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
26	Tenho medo de falhar em qualquer coisa que quero muito	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
27	Eu sou um bom trabalhador	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
28	Eu sinto-me emocionalmente maduro	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
29	Estou realmente perturbado	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
30	Sinto-me inseguro comigo próprio	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
31	Eu sou inteligente	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
32	Sinto-me sem esperança	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
33	Eu sou uma pessoa na qual não se pode confiar	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
34	Eu sou bastante sociável	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
35	Eu não tenho valor	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
36	Zango-me com facilidade	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
37	Tenho um aspeto físico agradável	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5

38	Sinto-me bem comigo mesmo	1	2 ⊗	3	4	5
39	Os outros desconfiam de mim	1	2	3 ⊗	4	5
40	Ficarei contente comigo mesmo se conseguir fazer grandes coisas na minha vida	1	2	3	4 ⊗	5
41	Os meus patrões/professores estão satisfeitos comigo	1	2	3	4 ⊗	5
42	Acho que sou nervoso e tenso	1	2	3	4	5 ⊗
43	Sou muito fiel às minhas amizades	1	2	3 ⊗	4	5 ⊗
44	Sinto orgulho do meu corpo	1	2	3	4	5
45	Tenho confiança em mim mesmo	1	2	3	4	5 ⊗
46	Para me sentir melhor utilizo estimulantes tais como o café, tabaco, álcool, etc.	1	2	3	4 ⊗	5
47	Gosto de actividades em grupo	1	2 ⊗	3	4	5
48	Os maus resultados profissionais/escolares desencorajam-me facilmente	1	2	3	4 ⊗	5
49	Tenho uma boa opinião de mim mesmo	1	2	3 ⊗	4	5
50	As pessoas aborrecem-se quando estão na minha companhia	1	2 ⊗	3	4	5
51	Penso que todas as pessoas deveriam assumir um papel na sociedade	1	2	3	4	5 ⊗
52	Gostaria de participar em movimentos de solidariedade	1	2	3	4	5 ⊗
53	Tenho confiança no meu futuro	1	2	3 ⊗	4	5
54	No trabalho/universidade os outros procuram a minha companhia	1	2	3	4	5 ⊗
55	Tenho a impressão de que faço as coisas pior do que os outros	1	2 ⊗	3	4	5
56	Tenho um aspeto físico pouco atraente	1	2 ⊗	3	4	5
57	Num grupo, gosto de tomar poucas iniciativas	1	2	3	4 ⊗	5
58	Estou contente com a forma como o meu corpo se desenvolve	1	2	3	4 ⊗	5

59	Nos grupos tenho a sensação de isolamento	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
60	Estou contente com os meus resultados profissionais/escolares	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5

* © Autores: Tap, P.; Hipólito, J.

Parte IV - ESCALA DE AUTO-EFICÁCIA PARENTAL

Esta escala procura descrever a forma como a pessoa se vê, em termos da sua eficácia na vida, e a forma como ela se vê, no que se refere à sua eficácia enquanto mãe.

De modo geral, sou eficaz na vida:

0 (Nada)

20 (Totalmente)

Enquanto Mãe (refira-se à relação com o(s) seu(s) filho(s))

(1= Nunca; 2= Raramente; 3= Às vezes; 4=Muitas; 5= Sempre)

1	Desconheço qual a profissão que o meu filho quer ter	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
2	O meu filho vai para a cama e levanta-se à hora que quer	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
3	Raramente sinto necessidade de ir à escola do meu filho	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
4	Vou buscar o meu filho à escola sempre à hora combinada, para que não se sinta esquecido	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
5	Deixo o meu filho fazer as tarefas que deseja (comer, vestir-se, lavar-se, etc.)	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
6	Os colegas e amigos do meu filho são desconhecidos para mim	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
7	O futuro do meu filho preocupa-me	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
8	Tento compreender o meu filho quando faz qualquer coisa que eu não aprovo antes de o repreender ou castigar	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
9	Tento que o meu filho distinga o que é certo e errado	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
10	Converso com o meu filho quando ele tem um comportamento errado, para que compreenda as razões do meu desagrado	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
11	Permito que o meu filho não cumpra as suas tarefas	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
12	Tento ser justo com o meu filho	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
13	Em casa cada um tem tarefas próprias, incluindo o meu filho	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>

14	Evito que o meu filho experimente coisas novas	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
15	O meu filho só se veste com a roupa que eu escolho para ele	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
16	Interesso-me por conhecer os interesses do meu filho	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
17	Procuo dizer ao meu filho que o amo, e tenho manifestações carinhosas para com ele	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
18	O meu filho bate-me	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
19	O meu filho desconhece quais as regras que deve cumprir em casa	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
20	O meu filho é seguido regularmente pelo médico	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
21	Acompanho o dia-a-dia do meu filho e estou disponível se ele precisar	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
22	Incentivo o meu filho a procurar respostas para as suas dúvidas	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
23	Preocupo-me que o meu filho siga um caminho que o deixe feliz	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
24	Estou atento ao que se passa com o meu filho quando ele está triste ou contente	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
25	Escolho com o meu filho os brinquedos e jogos dele para não brincar com coisas perigosas	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
26	Quero que o meu filho escolha uma profissão que o deixe realizado	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
27	O meu filho tem as vacinas em atraso	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
28	Ensino e estou atento se o meu filho se comporta com boas-maneyras	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
29	O meu filho desconhece o porquê das regras lá de casa	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
30	Quero que o meu filho tenha a mesma profissão que eu	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
31	Procuo ser para o meu filho o melhor que sei e posso	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
32	Procuo explicar ao meu filho com linguagem cuidada a razão de determinadas regras e atitudes	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
33	O meu filho só faz os deveres que quer	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
34	Verifico se o meu filho se veste conforme o estado do tempo	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
35	O meu filho chega à escola (ou creche/ ama) de acordo com os	1	2	3	4	5

	meus horários					
36	Faço as tarefas e os deveres do meu filho sempre que ele não é capaz	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
37	Desconheço os desejos do meu filho para o seu futuro	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
38	Procuo ajudar o meu filho nas áreas escolares em que tem mais dificuldade	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
39	Deixo o meu filho quebrar os castigos que lhe atribuo	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
40	Acho que o meu filho deve ter liberdade para assistir aos conflitos entre os pais	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
41	Descontrolo-me à frente do meu filho e isso não me preocupa	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
42	É-me indiferente o tipo de ensino da escola do meu filho	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
43	Faço planos para a vida futura que quero que o meu filho tenha	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
44	Desconheço quais os medos do meu filho	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5

Mãe 5

Este questionário enquadra-se num trabalho para uma dissertação de Mestrado em Intervenção Precoce na Infância, que está a ser desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, intitulado: *Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental*.

Os dados recolhidos serão tratados estatisticamente e são por isso, estritamente anónimos e confidenciais. Desde já agradecemos a sua colaboração e disponibilidade.

Entrevista às mães após a formação parental

Caracterização da Mãe 5:

1. Idade da mãe:
2. Habilitações literárias:
3. Recursos a Redes de apoio (atual):

Após a formação:

1. Na relação com os seus filhos, estes sentiram alguma diferença na mãe, após a participação na Formação Parental? Em que aspetos?

2. Quais foram os aspetos da sua vida que foram alterados após a participação nesta Formação Parental? Porquê?
3. Depois de ter participado nesta Formação Parental, que importância julga que teve para a sua vida, enquanto mulher e mãe? Nada importante, pouco importante, importante ou muito importante. Porquê?
4. Do que foi que gostou mais?
5. Do que foi que gostou menos?
6. O que modificava nesta Formação Parental?
7. Considera importante continuar a existir esta formação parental aqui no Centro da Mãe? Porquê? Acha que haveria outras mães interessadas?

Parte I - Guião Entrevista às mães após a formação parental

Caracterização Final: Mãe 5

1. Idade da mãe: 19 anos
2. Habilitações literárias: Curso com equivalência ao 9º ano
3. Recursos a Redes de apoio (atual): Centro da Mãe sou residente

Transcrição das questões de resposta abertas da Entrevista às mães após a formação parental – Mãe 5

Investigadora CC: Na relação com os seus filhos, estes sentiram alguma diferença na mãe, após a participação na Formação Parental? Em que aspetos?

Entrevistada Mãe 5: Sim, teve muitas coisas que a gente aprendemos na formação, e já comecei com a C., e a nível da fralda, ela já não usa fralda há muito, e eu digo muito bem não fizeste xixi na cama.

CC: A mãe agora incentiva sempre e elogia?

Mãe 5: Sim.

CC: Quais foram os aspetos da sua vida que foram alterados após a participação nesta Formação Parental? Porquê?

Mãe 5: Algumas coisas que, não é que eu fazia mal, mas também aprender mais coisas, a gente consegue melhorar mais a nível das coisas que a gente faz.

CC: Mas há alguma coisa que fazia antes e agora deixou de fazer?

Mãe 5: Por enquanto não, mas tenho de começar.

CC: Mas já está mentalizada que algumas coisas devem-se fazer de uma maneira e outras de outra?

Mãe 5: Sim.

CC: Depois de ter participado nesta Formação Parental, que importância julga que teve para a sua vida, enquanto mulher e mãe? Nada importante, pouco importante, importante ou muito importante.

Mãe 5: Importante.

CC: E porquê?

Mãe 5: Porque, enquanto mãe a gente aprende sempre mais, e a gente tem aquela coisa que quer ser uma boa mãe, e quer que os nossos filhos tenham a mesma impressão da mãe.

CC: Pois. De tudo o que aprendeu o que gostou mais?

Mãe 5: Daquela parte da criança vê criança faz, do PowerPoint.

CC: E a mãe tem isso agora em consideração?

Mãe 5: Tenho, porque ela já faz igual à mãe, eu hoje repeti os cereais e ela queria repetir os cereais.

CC: Depois tem de se explicar o que ela pode fazer e o que não pode?

Mãe 5: Sim.

CC: Do que foi que gostou menos?

Mãe 5: Não.

CC: Acha que haveria alguma coisa que deveria ser feita de maneira diferente, de outra forma? Acha que esteve tudo bem?

Mãe 5: Teve tudo bem.

CC: Considera importante continuar a existir esta formação parental aqui no Centro da Mãe?

Mãe 5: Sim.

CC: Porquê?

Mãe 5: Para que as outras mães se interessem mais para fazerem coisas melhores com os filhos.

CC: Acha que haveria outras mães interessadas?

Mãe 5: Sim.

CC: Está bem obrigada.

Parte II - Questionário de Estilos Parentais – Pais (Adaptação do *Parental Authority Questionnaire* PAQ, de Buri, 1991)

Não existem respostas certas ou erradas, tente não demorar muito tempo em cada questão. É importante que responda a todos os itens, não se esquecendo de nenhum. Para cada uma das frases faça uma cruz no número da escala que melhor descreve ou se aplica a si como Mãe na relação com os seus filhos.

(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente)

1	Acredito que numa família bem estruturada, as crianças devem fazer as coisas à sua maneira.	1	2	3	4	5
2	Obrigo os meus filhos a fazer coisas que acredito serem corretas, mesmo que eles não concordem.	1	2	3	4	5
3	Sempre que digo aos meus filhos para fazerem algo, espero que o façam imediatamente sem perguntas.	1	2	3	4	5
4	Quando uma regra familiar é estabelecida, explico os motivos desta aos meus filhos.	1	2	3	4	5
5	Encorajo o diálogo com os meus filhos quando estes não estão de acordo com as regras e restrições familiares.	1	2	3	4	5
6	Acredito que uma criança necessita de ser livre para tomar as suas próprias decisões e fazer o que quiser, mesmo que	1	2	3	4	5

	isso não esteja de acordo com o meu desejo.					
7	Não permito aos meus filhos que questionem as minhas decisões.	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
8	Oriento os meus filhos através do diálogo e da disciplina.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
9	Penso que devo usar a minha autoridade para conseguir que os meus filhos se comportem como eu acho que devem.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
10	Acho que os meus filhos não precisam de obedecer às regras e normas de comportamento simplesmente porque alguém com autoridade as estabeleceu.	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
11	Transmito aos meus filhos o que espero deles mas também lhes dou liberdade para conversar quando não concordam comigo.	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
12	Acredito que os pais sensatos devem ensinar desde cedo quem é o chefe da família.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
13	Raramente dou orientações aos meus filhos sobre o seu comportamento.	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
14	Quando as decisões familiares são estabelecidas, na maioria das vezes faço aquilo que os meus filhos querem.	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
15	Dou aos meus filhos orientações de forma clara e consistente.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
16	Fico muito chateado(a) quando os meus filhos tentam discordar comigo.	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
17	Acredito que a maior parte dos problemas na sociedade seriam resolvidos se os pais não restringissem as atividades, as decisões e os desejos dos filhos durante o seu crescimento.	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
18	Deixo claro o comportamento que espero dos meus filhos e, quando não correspondem às minhas expectativas, acabo por puni-los.	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
19	Permito aos meus filhos decidir a maior parte das coisas sozinhos sem lhes dar muitas orientações.	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
20	Tenho em consideração a opinião dos meus filhos nas decisões familiares, mas não tomo decisões só porque eles assim o querem.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
21	Não me sinto responsável por orientar e dirigir o comportamento dos meus filhos.	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
22	Tenho padrões bem definidos de comportamentos para os meus filhos, mas estou disposto(a) a ajustar esses padrões às necessidades individuais de cada um.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
23	Oriento o comportamento dos meus filhos e espero que sigam as minhas orientações, mas converso com eles e ouço sempre as suas opiniões.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5

24	Permito que os meus filhos tenham o seu próprio ponto de vista nos assuntos familiares e decidam por si o que vão fazer.	1 ⊗	2	3	4	5
25	Sempre pensei que a maioria dos problemas da sociedade seriam resolvidos se os pais fossem rígidos e autoritários para com os seus filhos.	1	2	3	4	5 ⊗
26	Digo sempre aos meus filhos o que devem fazer e como fazer.	1	2	3	4 ⊗	5
27	Dou indicações claras para o comportamento e atividades dos meus filhos, mas sou compreensivo(a) quando discordam delas.	1	2	3 ⊗	4	5
28	Na minha família, não dou orientações em relação a comportamentos, atividades e desejos dos meus filhos.	1 ⊗	2	3	4	5
29	Os meus filhos sabem o que espero deles e insisto para que atendam às minhas expectativas simplesmente por respeito pela minha autoridade.	1	2	3	4 ⊗	5
30	Se tomo uma decisão que magoe os meus filhos, estou disposto(a) a conversar com eles e a admitir as minhas falhas.	1	2	3	4 ⊗	5

© Mónica Taveira Pires

Parte III - Escala de S.E.R.T.H.U.A.L. – Auto-Estima

Seguidamente irá encontrar uma lista de afirmações. Tente responder a todos os itens, com sinceridade. Não existem respostas certas nem erradas. Não há tempo limite para terminar a prova. Assinale (com uma cruz) cada uma delas de acordo com a perceção que tem de si, atualmente.

(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente)

1	Muitas vezes aborreço-me comigo próprio pelas coisas que faço	1	2	3 ⊗	4	5
2	Eu sou uma pessoa responsável	1	2	3	4 ⊗	5
3	Eu tenho poucos valores e padrões próprios	1 ⊗	2	3	4	5
4	Tenho dificuldade em controlar a minha agressividade	1 ⊗	2	3	4	5
5	Geralmente gosto das pessoas	1	2	3 ⊗	4	5
6	As minhas batalhas mais árduas são comigo	1	2	3 ⊗	4	5

	próprio					
7	Eu sou otimista	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
8	Eu sou sexualmente atraente	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
9	Sinto que não há ajuda possível para mim	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
10	Eu normalmente consigo tomar as minhas decisões e manter-me fiel a elas	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
11	As minhas decisões não são tomadas por mim próprio	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
12	Eu sinto-me apático	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
13	Eu sou impulsivo	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
14	Sou uma pessoa racional	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
15	Tenho a sensação que não estou a enfrentar as coisas	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
16	Sou tolerante	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
17	Sou ambicioso	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
18	Eu evito enfrentar crises ou dificuldades	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
19	Eu não me respeito a mim próprio	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
20	Eu tenho uma atitude positiva para comigo	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
21	Eu sou assertivo (afirmativo)	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
22	Tenho dificuldades em tomar decisões	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
23	Sou um falhado	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
24	Eu sou amável	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
25	Tenho medo de sexo	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
26	Tenho medo de falhar em qualquer coisa que quero muito	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
27	Eu sou um bom trabalhador	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5

28	Eu sinto-me emocionalmente maduro	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
29	Estou realmente perturbado	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
30	Sinto-me inseguro comigo próprio	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
31	Eu sou inteligente	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
32	Sinto-me sem esperança	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
33	Eu sou uma pessoa na qual não se pode confiar	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
34	Eu sou bastante sociável	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
35	Eu não tenho valor	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
36	Zango-me com facilidade	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
37	Tenho um aspeto físico agradável	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
38	Sinto-me bem comigo mesmo	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
39	Os outros desconfiam de mim	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
40	Ficarei contente comigo mesmo se conseguir fazer grandes coisas na minha vida	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
41	Os meus patrões/professores estão satisfeitos comigo	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
42	Acho que sou nervoso e tenso	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
43	Sou muito fiel às minhas amizades	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
44	Sinto orgulho do meu corpo	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
45	Tenho confiança em mim mesmo	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
46	Para me sentir melhor utilizo estimulantes tais como o café, tabaco, álcool, etc.	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
47	Gosto de actividades em grupo	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
48	Os maus resultados profissionais/escolares desencorajam-me facilmente	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
49	Tenho uma boa opinião de mim mesmo	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>

50	As pessoas aborrecem-se quando estão na minha companhia	1 ⊗	2	3	4	5
51	Penso que todas as pessoas deveriam assumir um papel na sociedade	1	2	3	4 ⊗	5
52	Gostaria de participar em movimentos de solidariedade	1	2	3 ⊗	4	5
53	Tenho confiança no meu futuro	1	2	3	4 ⊗	5
54	No trabalho/universidade os outros procuram a minha companhia	1	2	3	4 ⊗	5
55	Tenho a impressão de que faço as coisas pior do que os outros	1	2 ⊗	3	4	5
56	Tenho um aspeto físico pouco atraente	1	2	3	4 ⊗	5
57	Num grupo, gosto de tomar poucas iniciativas	1	2	3 ⊗	4	5
58	Estou contente com a forma como o meu corpo se desenvolve	1	2 ⊗	3	4	5
59	Nos grupos tenho a sensação de isolamento	1	2 ⊗	3	4	5
60	Estou contente com os meus resultados profissionais/escolares	1	2	3	4	5 ⊗

* © Autores: Tap, P.; Hipólito, J.

Parte IV - ESCALA DE AUTO-EFICÁCIA PARENTAL

Esta escala procura descrever a forma como a pessoa se vê, em termos da sua eficácia na vida, e a forma como ela se vê, no que se refere à sua eficácia enquanto mãe.

De modo geral, sou eficaz na vida:

19

0 (Nada)

(Totalmente) 20

Enquanto Mãe (refira-se à relação com o(s) seu(s) filho(s))

(1= Nunca; 2= Raramente; 3= Às vezes; 4=Muitas; 5= Sempre)

1	Desconheço qual a profissão que o meu filho quer ter	1	2	3	4 ⊗	5
2	O meu filho vai para a cama e levanta-se à hora que quer	1 ⊗	2	3	4	5
3	Raramente sinto necessidade de ir à escola do meu filho	1 ⊗	2	3	4	5

4	Vou buscar o meu filho à escola sempre à hora combinada, para que não se sinta esquecido	1	2	3	4	5
5	Deixo o meu filho fazer as tarefas que deseja (comer, vestir-se, lavar-se, etc.)	1	2	3	4	5
6	Os colegas e amigos do meu filho são desconhecidos para mim	1	2	3	4	5
7	O futuro do meu filho preocupa-me	1	2	3	4	5
8	Tento compreender o meu filho quando faz qualquer coisa que eu não aprovo antes de o repreender ou castigar	1	2	3	4	5
9	Tento que o meu filho distinga o que é certo e errado	1	2	3	4	5
10	Converso com o meu filho quando ele tem um comportamento errado, para que compreenda as razões do meu desagrado	1	2	3	4	5
11	Permito que o meu filho não cumpra as suas tarefas	1	2	3	4	5
12	Tento ser justo com o meu filho	1	2	3	4	5
13	Em casa cada um tem tarefas próprias, incluindo o meu filho	1	2	3	4	5
14	Evito que o meu filho experimente coisas novas	1	2	3	4	5
15	O meu filho só se veste com a roupa que eu escolho para ele	1	2	3	4	5
16	Interesso-me por conhecer os interesses do meu filho	1	2	3	4	5
17	Procuo dizer ao meu filho que o amo, e tenho manifestações carinhosas para com ele	1	2	3	4	5
18	O meu filho bate-me	1	2	3	4	5
19	O meu filho desconhece quais as regras que deve cumprir em casa	1	2	3	4	5
20	O meu filho é seguido regularmente pelo médico	1	2	3	4	5
21	Acompanho o dia-a-dia do meu filho e estou disponível se ele precisar	1	2	3	4	5
22	Incentivo o meu filho a procurar respostas para as suas dúvidas	1	2	3	4	5
23	Preocupo-me que o meu filho siga um caminho que o deixe feliz	1	2	3	4	5
24	Estou atento ao que se passa com o meu filho quando ele está triste ou contente	1	2	3	4	5

25	Escolho com o meu filho os brinquedos e jogos dele para não brincar com coisas perigosas	1	2	3	4	5
26	Quero que o meu filho escolha uma profissão que o deixe realizado	1	2	3	4	5
27	O meu filho tem as vacinas em atraso	1	2	3	4	5
28	Ensino e estou atento se o meu filho se comporta com boas-maneiras	1	2	3	4	5
29	O meu filho desconhece o porquê das regras lá de casa	1	2	3	4	5
30	Quero que o meu filho tenha a mesma profissão que eu	1	2	3	4	5
31	Procuro ser para o meu filho o melhor que sei e posso	1	2	3	4	5
32	Procuro explicar ao meu filho com linguagem cuidada a razão de determinadas regras e atitudes	1	2	3	4	5
33	O meu filho só faz os deveres que quer	1	2	3	4	5
34	Verifico se o meu filho se veste conforme o estado do tempo	1	2	3	4	5
35	O meu filho chega à escola (ou creche/ ama) de acordo com os meus horários	1	2	3	4	5
36	Faço as tarefas e os deveres do meu filho sempre que ele não é capaz	1	2	3	4	5
37	Desconheço os desejos do meu filho para o seu futuro	1	2	3	4	5
38	Procuro ajudar o meu filho nas áreas escolares em que tem mais dificuldade	1	2	3	4	5
39	Deixo o meu filho quebrar os castigos que lhe atribuo	1	2	3	4	5
40	Acho que o meu filho deve ter liberdade para assistir aos conflitos entre os pais	1	2	3	4	5
41	Descontrolo-me à frente do meu filho e isso não me preocupa	1	2	3	4	5
42	É-me indiferente o tipo de ensino da escola do meu filho	1	2	3	4	5
43	Faço planos para a vida futura que quero que o meu filho tenha	1	2	3	4	5
44	Desconheço quais os medos do meu filho	1	2	3	4	5

Mãe 6

Este questionário enquadra-se num trabalho para uma dissertação de Mestrado em Intervenção Precoce na Infância, que está a ser desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, intitulado: *Intervenção Precoce com Jovens Mães – Implementação de um programa de formação parental*.

Os dados recolhidos serão tratados estatisticamente e são por isso, estritamente anónimos e confidenciais. Desde já agradecemos a sua colaboração e disponibilidade.

Entrevista às mães após a formação parental

Caracterização da Mãe 6:

1. Idade da mãe:
2. Habilitações literárias:
3. Recursos a Redes de apoio (atual):

Após a formação:

1. Na relação com os seus filhos, estes sentiram alguma diferença na mãe, após a participação na Formação Parental? Em que aspetos?
2. Quais foram os aspetos da sua vida que foram alterados após a participação nesta Formação Parental? Porquê?
3. Depois de ter participado nesta Formação Parental, que importância julga que teve para a sua vida, enquanto mulher e mãe? Nada importante, pouco importante, importante ou muito importante. Porquê?
4. Do que foi que gostou mais?
5. Do que foi que gostou menos?
6. O que modificava nesta Formação Parental?
7. Considera importante continuar a existir esta formação parental aqui no Centro da Mãe? Porquê? Acha que haveria outras mães interessadas?

Parte I - Guião Entrevista às mães após a formação parental

Caracterização Final: Mãe 6

1. Idade da mãe: 26 anos
2. Habilitações literárias: 6º ano
3. Recursos a Redes de apoio (atual): Centro da Mãe e Cáritas

Transcrição das questões de resposta abertas da Entrevista às mães após a formação parental – Mãe 6

Investigadora CC: Na relação com os seus filhos, estes sentiram alguma diferença na mãe, após a participação na Formação Parental? Em que aspetos?

Entrevistada Mãe 6: A menina nem tanto, talvez derivado à idade dela, mas o pai tem notado muitas diferenças. Em certas e determinadas coisas eu estou mais rígida, nas reações dela, nas birras, isso tudo, e há outras coisas que eu tento perceber e ajudar e estou mais molinha nas coisas dela.

CC: Quais foram os aspetos da sua vida que foram alterados após a participação nesta Formação Parental? Porquê?

Mãe 6: Foram vários, principalmente o modo como eu agia com a C. principalmente porque ela é a minha filha que me dá mais dores de cabeça, mas fez-me pensar melhor antes de agir, antes de reagir se ela faz uma asneira, não é logo ferver em pouca água, é dizer: “não é assim, não podes fazer assim, tem de ser assim, isso não tá bem”, fez-me mudar mesmo bastante a maneira como eu reagia com a menina.

CC: E antes como é que a mãe fazia?

Mãe 6: Eu nem tinha tempo para pensar, ela fazia uma asneira eu batia, e nem pensava, punha de castigo ou brigava, ou alguma coisa do género, e nem tentava perceber porque é que ela faz aquilo, ou como é que aquilo aconteceu, se foi sem querer ou não, depois das formações, depois que comecei nas formações, eu acho que mudou bastante agora eu começo a pensar e a ver primeiro antes de reagir.

CC: E acha que esta a resultar?

Mãe 6: Está bastante, bastante, bastante mesmo, bastante.

CC: Depois de ter participado nesta Formação Parental, que importância julga que teve para a sua vida, enquanto mulher e mãe? Nada importante, pouco importante, importante ou muito importante. Porquê?

Mãe 6: Muito importante, porque é assim, eu não me considero a melhor mãe do mundo, mas também não sou das piores, e como mulher e mãe eu acho que foi muito

importante, porque eu aprendi muita coisa e já tenho posto muita coisa em prática e tem resultado.

CC: Do que foi que gostou mais?

Mãe 6: Gostei mais da formadora, não pondo em causa o trabalho da C. mas gostei muito da participação da psicóloga, porque ela soube explicar e falou o português correto, falou como a gente queria perceber, como eu queria perceber, das palavras mais simples e bem explicado, o que eu mais gostei foi a maneira que ela explicou a maneira que ela ajudou.

CC: Do que foi que gostou menos?

Mãe 6: De ter faltado há formação.

CC: Mas só faltou uma vez?

Mãe 6: Só faltei uma vez, mas o que eu menos gostei foi de ter faltado há formação que realmente me fazia mais falta que era a da.

CC: A da autoestima? Mas depois a formadora fez um resumo do que aconteceu lá, não foi?

Mãe 6: Foi.

CC: O que modificava nesta Formação Parental?

Mãe 6: Eu aumentava as formações, porque eu acho que como disse, a formadora e é verdade isto todos os dias e todo a hora tem tema de conversa.

CC: Mas mais horas ou mais temas?

Mãe 6: Mais temas, mais horas também, e mais dias, mas também tendo em conta que há mães que não podem.

CC: Pois, foi para simplificar a vida das mães que fizemos assim mais pequenino. Há sempre muito a falar. Considera importante continuar a existir esta formação parental aqui no Centro da Mãe? Porquê?

Mãe 6: Considero, acho bastante importante, derivado ao Centro da Mãe ser uma instituição que apoia jovens mães solteiras, e muitas das vezes são mães ainda na idade de crianças a bem dizer, porque nem sabem o que é mudar uma fralda, e pronto às vezes já batem no filho ou assim. Eu acho que é muito importante, porque há jovens mães aí que não têm maturidade sequer para saber o que é ser mãe, eu acho que sim, que devia continuar a existir destas formações mais aprofundadas, não só para mães que têm filhos dos três aos seis anos, ou dos dois aos sete anos, ou seja lá o que for, mas para jovens mães também desde o nascimento do seu filho até aos quatro, cinco, seis ou sete anos, porque há raparigas aí que não têm sequer noção do que é ter um filho.

CC: Acha que haveria outras mães interessadas?

Mãe 6: Algumas, penso que sim, penso que sim.

CC: Muito obrigada então.

Parte II - Questionário de Estilos Parentais – Pais (Adaptação do *Parental Authority Questionnaire* PAQ, de Buri, 1991)

Não existem respostas certas ou erradas, tente não demorar muito tempo em cada questão. É importante que responda a todos os itens, não se esquecendo de nenhum. Para cada uma das frases faça uma cruz no número da escala que melhor descreve ou se aplica a si como Mãe na relação com os seus filhos.

(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente)

1	Acredito que numa família bem estruturada, as crianças devem fazer as coisas à sua maneira.	1	2	3	4	5
			⊗			
2	Obrigo os meus filhos a fazer coisas que acredito serem corretas, mesmo que eles não concordem.	1	2	3	4	5
						⊗
3	Sempre que digo aos meus filhos para fazerem algo, espero que o façam imediatamente sem perguntas.	1	2	3	4	5
				⊗		
4	Quando uma regra familiar é estabelecida, explico os motivos desta aos meus filhos.	1	2	3	4	5
						⊗
5	Encorajo o diálogo com os meus filhos quando estes não estão de acordo com as regras e restrições familiares.	1	2	3	4	5
						⊗
6	Acredito que uma criança necessita de ser livre para tomar as suas próprias decisões e fazer o que quiser, mesmo que	1	2	3	4	5
		⊗				

	isso não esteja de acordo com o meu desejo.					
7	Não permito aos meus filhos que questionem as minhas decisões.	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
8	Oriento os meus filhos através do diálogo e da disciplina.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
9	Penso que devo usar a minha autoridade para conseguir que os meus filhos se comportem como eu acho que devem.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
10	Acho que os meus filhos não precisam de obedecer às regras e normas de comportamento simplesmente porque alguém com autoridade as estabeleceu.	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
11	Transmito aos meus filhos o que espero deles mas também lhes dou liberdade para conversar quando não concordam comigo.	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
12	Acredito que os pais sensatos devem ensinar desde cedo quem é o chefe da família.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
13	Raramente dou orientações aos meus filhos sobre o seu comportamento.	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
14	Quando as decisões familiares são estabelecidas, na maioria das vezes faço aquilo que os meus filhos querem.	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
15	Dou aos meus filhos orientações de forma clara e consistente.	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
16	Fico muito chateado(a) quando os meus filhos tentam discordar comigo.	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
17	Acredito que a maior parte dos problemas na sociedade seriam resolvidos se os pais não restringissem as atividades, as decisões e os desejos dos filhos durante o seu crescimento.	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
18	Deixo claro o comportamento que espero dos meus filhos e, quando não correspondem às minhas expectativas, acabo por puni-los.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
19	Permito aos meus filhos decidir a maior parte das coisas sozinhos sem lhes dar muitas orientações.	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
20	Tenho em consideração a opinião dos meus filhos nas decisões familiares, mas não tomo decisões só porque eles assim o querem.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
21	Não me sinto responsável por orientar e dirigir o comportamento dos meus filhos.	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
22	Tenho padrões bem definidos de comportamentos para os meus filhos, mas estou disposto(a) a ajustar esses padrões às necessidades individuais de cada um.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
23	Oriento o comportamento dos meus filhos e espero que sigam as minhas orientações, mas converso com eles e ouço sempre as suas opiniões.	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5

24	Permito que os meus filhos tenham o seu próprio ponto de vista nos assuntos familiares e decidam por si o que vão fazer.	1 ⊗	2	3	4	5
25	Sempre pensei que a maioria dos problemas da sociedade seriam resolvidos se os pais fossem rígidos e autoritários para com os seus filhos.	1	2 ⊗	3	4	5
26	Digo sempre aos meus filhos o que devem fazer e como fazer.	1	2	3	4	5 ⊗
27	Dou indicações claras para o comportamento e atividades dos meus filhos, mas sou compreensivo(a) quando discordam delas.	1	2	3	4 ⊗	5
28	Na minha família, não dou orientações em relação a comportamentos, atividades e desejos dos meus filhos.	1 ⊗	2	3	4	5
29	Os meus filhos sabem o que espero deles e insisto para que atendam às minhas expectativas simplesmente por respeito pela minha autoridade.	1	2 ⊗	3	4	5
30	Se tomo uma decisão que magoe os meus filhos, estou disposto(a) a conversar com eles e a admitir as minhas falhas.	1	2	3	4	5 ⊗

© Mónica Taveira Pires

Parte III - Escala de S.E.R.T.H.U.A.L. – Auto-Estima

Seguidamente irá encontrar uma lista de afirmações. Tente responder a todos os itens, com sinceridade. Não existem respostas certas nem erradas. Não há tempo limite para terminar a prova. Assinale (com uma cruz) cada uma delas de acordo com a perceção que tem de si, atualmente.

(1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Não concordo nem discordo; 4=Concordo; 5=Concordo totalmente)

1	Muitas vezes aborreço-me comigo próprio pelas coisas que faço	1	2	3	4	5 ⊗
2	Eu sou uma pessoa responsável	1	2	3	4 ⊗	5
3	Eu tenho poucos valores e padrões próprios	1	2	3 ⊗	4	5
4	Tenho dificuldade em controlar a minha agressividade	1	2	3	4 ⊗	5
5	Geralmente gosto das pessoas	1	2	3 ⊗	4	5

6	As minhas batalhas mais árduas são comigo próprio	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
7	Eu sou otimista	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
8	Eu sou sexualmente atraente	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
9	Sinto que não há ajuda possível para mim	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
10	Eu normalmente consigo tomar as minhas decisões e manter-me fiel a elas	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
11	As minhas decisões não são tomadas por mim próprio	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
12	Eu sinto-me apático	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
13	Eu sou impulsivo	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
14	Sou uma pessoa racional	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
15	Tenho a sensação que não estou a enfrentar as coisas	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
16	Sou tolerante	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
17	Sou ambicioso	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
18	Eu evito enfrentar crises ou dificuldades	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
19	Eu não me respeito a mim próprio	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
20	Eu tenho uma atitude positiva para comigo	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
21	Eu sou assertivo (afirmativo)	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
22	Tenho dificuldades em tomar decisões	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
23	Sou um falhado	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
24	Eu sou amável	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
25	Tenho medo de sexo	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
26	Tenho medo de falhar em qualquer coisa que quero muito	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
27	Eu sou um bom trabalhador	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5

28	Eu sinto-me emocionalmente maduro	1	2	3	4	5
29	Estou realmente perturbado	1	2	3	4	5
30	Sinto-me inseguro comigo próprio	1	2	3	4	5
31	Eu sou inteligente	1	2	3	4	5
32	Sinto-me sem esperança	1	2	3	4	5
33	Eu sou uma pessoa na qual não se pode confiar	1	2	3	4	5
34	Eu sou bastante sociável	1	2	3	4	5
35	Eu não tenho valor	1	2	3	4	5
36	Zango-me com facilidade	1	2	3	4	5
37	Tenho um aspeto físico agradável	1	2	3	4	5
38	Sinto-me bem comigo mesmo	1	2	3	4	5
39	Os outros desconfiam de mim	1	2	3	4	5
40	Ficarei contente comigo mesmo se conseguir fazer grandes coisas na minha vida	1	2	3	4	5
41	Os meus patrões/professores estão satisfeitos comigo	1	2	3	4	5
42	Acho que sou nervoso e tenso	1	2	3	4	5
43	Sou muito fiel às minhas amizades	1	2	3	4	5
44	Sinto orgulho do meu corpo	1	2	3	4	5
45	Tenho confiança em mim mesmo	1	2	3	4	5
46	Para me sentir melhor utilizo estimulantes tais como o café, tabaco, álcool, etc.	1	2	3	4	5
47	Gosto de actividades em grupo	1	2	3	4	5
48	Os maus resultados profissionais/escolares desencorajam-me facilmente	1	2	3	4	5

49	Tenho uma boa opinião de mim mesmo	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
50	As pessoas aborrecem-se quando estão na minha companhia	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
51	Penso que todas as pessoas deveriam assumir um papel na sociedade	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
52	Gostaria de participar em movimentos de solidariedade	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
53	Tenho confiança no meu futuro	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
54	No trabalho/universidade os outros procuram a minha companhia	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
55	Tenho a impressão de que faço as coisas pior do que os outros	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
56	Tenho um aspeto físico pouco atraente	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
57	Num grupo, gosto de tomar poucas iniciativas	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
58	Estou contente com a forma como o meu corpo se desenvolve	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
59	Nos grupos tenho a sensação de isolamento	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5
60	Estou contente com os meus resultados profissionais/escolares	1	2	<input checked="" type="radio"/>	4	5

* © Autores: Tap, P.; Hipólito, J.

Parte IV - ESCALA DE AUTO-EFICÁCIA PARENTAL

Esta escala procura descrever a forma como a pessoa se vê, em termos da sua eficácia na vida, e a forma como ela se vê, no que se refere à sua eficácia enquanto mãe.

De modo geral, sou eficaz na vida:

0 (Nada)

20 (Totalmente)

Enquanto Mãe (refira-se à relação com o(s) seu(s) filho(s))

(1= Nunca; 2= Raramente; 3= Às vezes; 4=Muitas; 5= Sempre)

1	Desconheço qual a profissão que o meu filho quer ter	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
2	O meu filho vai para a cama e levanta-se à hora que quer	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5

3	Raramente sinto necessidade de ir à escola do meu filho	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
4	Vou buscar o meu filho à escola sempre à hora combinada, para que não se sinta esquecido	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
5	Deixo o meu filho fazer as tarefas que deseja (comer, vestir-se, lavar-se, etc.)	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
6	Os colegas e amigos do meu filho são desconhecidos para mim	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
7	O futuro do meu filho preocupa-me	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
8	Tento compreender o meu filho quando faz qualquer coisa que eu não aprovo antes de o repreender ou castigar	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
9	Tento que o meu filho distinga o que é certo e errado	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
10	Converso com o meu filho quando ele tem um comportamento errado, para que compreenda as razões do meu desagrado	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
11	Permito que o meu filho não cumpra as suas tarefas	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
12	Tento ser justo com o meu filho	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
13	Em casa cada um tem tarefas próprias, incluindo o meu filho	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
14	Evito que o meu filho experimente coisas novas	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
15	O meu filho só se veste com a roupa que eu escolho para ele	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
16	Interesso-me por conhecer os interesses do meu filho	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
17	Procuo dizer ao meu filho que o amo, e tenho manifestações carinhosas para com ele	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
18	O meu filho bate-me	1	<input checked="" type="radio"/>	3	4	5
19	O meu filho desconhece quais as regras que deve cumprir em casa	<input checked="" type="radio"/>	2	3	4	5
20	O meu filho é seguido regularmente pelo médico	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
21	Acompanho o dia-a-dia do meu filho e estou disponível se ele precisar	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
22	Incentivo o meu filho a procurar respostas para as suas dúvidas	1	2	3	<input checked="" type="radio"/>	5
23	Preocupo-me que o meu filho siga um caminho que o deixe feliz	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>
24	Estou atento ao que se passa com o meu filho quando ele está	1	2	3	4	<input checked="" type="radio"/>

	triste ou contente					
25	Escolho com o meu filho os brinquedos e jogos dele para não brincar com coisas perigosas	1	2	3	4	5
26	Quero que o meu filho escolha uma profissão que o deixe realizado	1	2	3	4	5
27	O meu filho tem as vacinas em atraso	1	2	3	4	5
28	Ensino e estou atento se o meu filho se comporta com boas-maneiras	1	2	3	4	5
29	O meu filho desconhece o porquê das regras lá de casa	1	2	3	4	5
30	Quero que o meu filho tenha a mesma profissão que eu	1	2	3	4	5
31	Procuro ser para o meu filho o melhor que sei e posso	1	2	3	4	5
32	Procuro explicar ao meu filho com linguagem cuidada a razão de determinadas regras e atitudes	1	2	3	4	5
33	O meu filho só faz os deveres que quer	1	2	3	4	5
34	Verifico se o meu filho se veste conforme o estado do tempo	1	2	3	4	5
35	O meu filho chega à escola (ou creche/ ama) de acordo com os meus horários	1	2	3	4	5
36	Faço as tarefas e os deveres do meu filho sempre que ele não é capaz	1	2	3	4	5
37	Desconheço os desejos do meu filho para o seu futuro	1	2	3	4	5
38	Procuro ajudar o meu filho nas áreas escolares em que tem mais dificuldade	1	2	3	4	5
39	Deixo o meu filho quebrar os castigos que lhe atribuo	1	2	3	4	5
40	Acho que o meu filho deve ter liberdade para assistir aos conflitos entre os pais	1	2	3	4	5
41	Descontrolo-me à frente do meu filho e isso não me preocupa	1	2	3	4	5
42	É-me indiferente o tipo de ensino da escola do meu filho	1	2	3	4	5
43	Faço planos para a vida futura que quero que o meu filho tenha	1	2	3	4	5
44	Desconheço quais os medos do meu filho	1	2	3	4	5

ANEXO XXIII

Grelhas de análise de conteúdo das entrevistas às assistentes sociais e
psicóloga do Centro da Mãe

Grelhas de análise de conteúdo das entrevistas

Entrevista às Assistentes Sociais e Psicóloga do Centro de Mãe

Tema 1: Necessidades de formação das jovens mães que frequentam o Centro da Mãe

Categoria A – Tipo de apoio que as jovens mães mais necessitam

Categorias	Subcategorias	Indicadores	R
A) Tipo de apoio que as jovens mães mais necessitam	A1) Apoio Material	<p>“ (...) apoio material a nível de fraldas, leite, alguns alimentos, também papas.” (AS1)</p> <p>“ (...) tentamos combater as dificuldades através de apoio material, durante o tempo que se considerar necessário.” (AS2)</p> <p>“ (...) alimentação.” (AS3)</p> <p>“ (...) elas acabam sempre por procurar o centro da mãe para apoio mais material.” (P)</p> <p>“ (...)e nós ajudamos a nível de fraldas, de leite, cabazes, carrinhos, roupas(...)” (P)</p>	5
	A2) Apoio Formação	<p>“ (...) apoio na formação das mães, dá apoio a nível da orientação profissional e também escolar.” (AS1)</p> <p>“ (...) tentamos traçar um plano com as utentes, a nível de projeto de vida (...)” (AS2)</p> <p>“ (...) faço acompanhamento, atendimento (...)” (AS3)</p> <p>“Parte do meu trabalho lá na residência de acolhimento, acaba por inserir mais em trabalhar os projetos de vida das jovens, integra-las para a continuidade ou início da escolaridade, porque muito delas estão na escolaridade obrigatória.” (P)</p> <p>“ (...) conseguirem definir objetivos para elas e para os filhos e ajudar um pouco nesta adaptação, estes novos papéis acabam por ser definidos (...)” (P)</p> <p>“É tentarmos neste curto espaço de tempo que elas estão connosco, lhes dar as ferramentas que elas não tiveram no período anterior, para depois também</p>	8

		<p>conseguirem ter um maior nível de competências, para depois também conseguirem educar os filhos (...)” (P)</p> <p>“E também presto alguma orientação vocacional e escolar para elas, faço alguns questionários a nível da orientação (...) a nível do autoconhecimento, para elas também verem o que gostam, quais são os interesses que têm, e de facto a saída do mercado, orientá-las mais para isso, os cursos existentes, porque este tipo de jovens, há umas que têm proatividade, vão à luta, vão para casa, outras são mais recatadas não vão a procura desta informação.” (P)</p> <p>“ (...) nós como já sabemos um pouco as características desta população, sabemos que têm lacunas a estes níveis, e então tentamos fazer uma troca, elas dão-nos um pouco do tempo delas, para conseguirmos promover algum conhecimento e algumas competências(...)” (P)</p>	
	<p>A3) Apoio Psicossocial</p>	<p>“Damos também apoio psicossocial, porque normalmente elas ficam um pouco fragilizadas.” (AS1)</p> <p>“Realizamos todo um acompanhamento psicossocial a estas mães, e também fazemos um encaminhamento na comunidade daquilo que são as necessidades (...)” (AS2)</p> <p>“ (...) tentamos colmatar as dificuldades maiores, tanto a nível da família, mas principalmente ao nível das crianças, e na primeira infância.” (AS2)</p> <p>“ (...) apoio psicossocial (...)” (AS3)</p>	<p>4</p>

Categoria B – Dificuldades que estas mães apresentam

Categorias	Subcategorias	Indicadores	R
B) Dificuldades que estas mães apresentam.	B1) Competências Parentais	<p>“ (...) dificuldades que elas também apresentam, em termos de faltas de (...) competências parentais (...)” (AS3)</p> <p>“ (...) depois também é ajudá-las a nível da interação com os filhos (...)” (P)</p> <p>“ (...) porque muitas vezes elas têm uma grande ligação emocional com os filhos, mas depois não conseguem perceber a importância ou a responsabilidade que isso acarreta não é só gostar é preciso fazer sacrifícios, é preciso (...) Não têm essa capacidade, têm essa dificuldade, depende das jovens. “ (P)</p> <p>“ [nível brincar] Sim têm essa dificuldade.” (P)</p> <p>“ (...)elas têm uma grande dificuldade em saber como brincar com os filhos, nas várias faixas etárias, e não sabem como estimular-los. Se calhar não dão a verdadeira importância, porque se calhar não tiveram essa estimulação, não tiveram aquela família que procurasse estimulá-las ou brincar, passar tempo de qualidade com a criança e acabam por não fazer porque não sabem, como nunca tiveram e não têm essa capacidade de procurar (...)” (P)</p> <p>“Geralmente quando as crianças já começam a andar, necessitam mais de supervisão, necessitam de uma maior atenção ou exigem mais, já fazem mais birras e aí já existe uma maior dificuldade em controlar (...) Elas especialmente por serem jovens e não terem essas capacidades bem desenvolvidas ainda, mais dificuldades têm (...)” (P)</p>	6

	<p>B2) Competências Pessoais</p>	<p>“ (...) e realmente apresentam grandes problemas de baixa autoestima, e dificuldades a nível económico também, a nível vocacional também (...)” (AS1) “ (...) aquilo que nos identificamos mais, é realmente as habilitações literárias serem baixas (...)” (AS2) “ (...) dificuldades que elas também apresentam, em termos de faltas de competências pessoais (...)” (AS3) “Muitas não têm consciência dessas dificuldades e a maior parte não trabalha, não tem formação (...)” (AS3) “A maior parte da escolaridade dessas mães é baixa, para ter emprego é complicado.” (AS3) “Não se conseguem organizar, têm dificuldade, a maioria delas em definir, ver, qual é o seu projeto de vida, a grande maioria precisa mesmo de orientação.” (AS3) “Estas jovens a nível educacional e desenvolvimento têm muitas dificuldades (...)” (P) “ (...) mais dificuldades, que eu identifique se calhar um pouco a tolerância à frustração, têm pouca tolerância à frustração.” (P) “ (...) e autoestima e motivação, devido a muitas delas terem um pensamento muito derrotista.” (P) “ (...) mas não têm aquela grande motivação escolar e de conhecimentos. Não conseguem definir grandes projetos de vida, são muito passivas nessa parte.” (P)</p>	<p>10</p>
	<p>B3) Competências Sociais</p>	<p>“ (...) notasse muito, dificuldades em estabelecer relações intrapessoais, (...) a noção que elas têm das relações é um bocadinho complicada (...)” (AS1) “ (...) a situação económica normalmente é muito complicado, os recursos são muito poucos (...)” (AS2) “ (...) a grande maioria é em termos económicos (...)” (AS3)</p>	<p>13</p>

	<p>“ (...) dificuldades que elas também apresentam, em termos de faltas de (...) competências sociais (...)”(AS3)</p> <p>“ (...) vivem dos rendimentos, dos apoios, por isso também nos procuram.” (AS3)</p> <p>“ (...) vão sobrevivendo praticamente a maioria delas é do abono dos filhos ou de apoios da segurança social.” (AS3)</p> <p>“ (...) a nível da adoção de regras, de normativa, e por vezes geram-se muito conflitos em relação a isso (...)” (P)</p> <p>“ (...) a nível da comunicação e interação também, entre colegas e com os adultos.” (P)</p> <p>“ (...) é procurar desenvolver as competências sociais, se calhar algumas jovens têm mais dificuldade a nível de autocontrolo, outras têm mais dificuldades em se exprimir, outras têm mais dificuldade a nível da normativa, da necessidade e importância das regras, porque depois isto também irá influenciar a educação que irão dar aos filhos.” (P)</p> <p>“A nível das dificuldades, a nível mais do relacionamento interpessoal que são uma grande lacuna que elas têm, relacionada com a baixa autoestima acabam por procurar sempre o carinho e a atenção, porque depois interpretam como erradamente (...)” (P)</p> <p>“Têm este tipo de dificuldade, a nível mesmo do relacionamento interpessoal, quer com o adulto devido a dificuldade de não aceitarem a autoridade do adulto.” (P)</p> <p>“Algumas delas regra geral cresceram num ambiente onde não existia supervisão, uma regra e então são muito resistentes nesta parte (...)” (P)</p> <p>“ (...) têm uma fraca capacidade de se colocar no lugar do outro, e então geram-se muitos conflitos a nível do grupo de pais, de jovens para com jovens, é uma grande lacuna que elas têm.” (P)</p>	
--	--	--

Categoria C – Necessidades de formação das jovens mães

Categorias	Subcategorias	Indicadores	R
C) Necessidades de formação das jovens mães	C1) Competências Parentais	<p>“ (...) competências parentais, muito importante (...)” (AS1)</p> <p>“ (...) a nível (...) das competências parentais sem dúvida alguma.” (AS2)</p> <p>“Nível (...) competências parentais (...) ” (AS3)</p> <p>“ (...) a definição de papéis, quem sou eu como mãe (...)” (P)</p>	4
	C2) Competências Pessoais	<p>“As necessidades que elas têm, são muito à base de competências pessoais (...) ” (AS1)</p> <p>“ (...) e se calhar gestão do dia-a-dia, de gerir o tempo.” (AS1)</p> <p>“ (...) a nível de competências pessoais (...) sem dúvida alguma (...)” (AS2)</p> <p>“E elas também têm necessidade de aumentar as suas habilitações literárias (...) ” (AS2)</p> <p>“Estas utentes precisavam era de se encontrar mais motivadas (...) ” (AS2)</p> <p>“ (...) tudo isso faz com que estas jovens não tenham a motivação para a progressão dos estudos (...)” (AS2)</p> <p>“Nós hoje conseguimos detetar que estas miúdas, se calhar se tivesses sido alvo de um <u>projeto de intervenção precoce como o seu</u>, se calhar tinham evoluído de uma maneira completamente diferente, porque é uma necessidade (...) ” (AS2)</p> <p>“ (...) mas nós realmente vemos que a nível de concentração por exemplo é muito complicado trabalhar com estas jovens, elas estarem numa formação por exemplo uma manhã inteira é impossível, nós não conseguimos.” (AS2)</p> <p>“Nível pessoal (...) muitas não têm nem sequer habilitações mínimas, abandonaram praticamente os estudos (...) ” (AS3)</p> <p>“ (...) expectativas e sonhos têm muitas</p>	13

		<p>dificuldades (...)” (P)</p> <p>“ (...) autoestima, é importante também a alimentação, saúde e higiene (...)” (P)</p> <p>“ (...) é uma luta só para conseguirem a escolaridade obrigatória (...)” (P)</p> <p>“Não existe grande estimulação, querer saber mais, de aprender mais (...)” (P)</p>	
	C3) Competências Sociais	<p>“ (...) e sociais (...)”(AS1)</p> <p>“ (...) a nível de competências (...) sociais sem dúvida alguma (...)” (AS2)</p> <p>“Nível (...) competências sociais (...) depois não têm um grande suporte, o meio delas.” (AS3)</p> <p>“ (...) o suporte é muito fraco, muitas delas nem têm o suporte familiar, é mais da vizinhança, das amigas.” (AS3)</p> <p>“ (...) comportamentos e atitudes, socialização (...) (P)</p>	5

Categoria D – Temas mais pertinentes para a Formação Parental

Categorias	Subcategorias	Indicadores	R
D) Temas mais pertinentes para a formação parental	D1) Expectativas e Sonhos.	<p>“ (...) expectativas e sonhos também é importante, porque elas como já disse, elas muitas vezes estão perdidas e não conseguem sair daquele emaranhado de problemas.” (AS1)</p> <p>“ (...) as expectativas e sonhos (...) é algo que elas precisam, é algo que é capaz de lhes tocar e que elas sintam vontade de participar.” (AS2)</p> <p>“ (...) era algo que elas todas tinham, era um sonho serem mães (...)” (AS2)</p> <p>“ (...) expectativas, por exemplo, conseguir imaginar-se daqui a um, dois, três anos, ou dez anos (...) acham que não são capazes, acham muito que não merecem.” (AS3)</p> <p>“Expectativas e sonhos (...)” (P)</p> <p>“Por vezes o sonho delas passa, ou o objetivo passa por ter uma casa, acaba por ser muito mais material.” (P)</p>	6

	<p>D2) Quem sou eu como mãe?</p>	<p>“Quem sou eu como mãe? É importante.” (AS1) “Quem sou eu como mãe? Também é essencial e eu tenho a certeza que elas têm muita dificuldade em se interrogarem, elas têm uma grande dificuldade em se caracterizarem a si próprias, elas muito mais facilmente caracterizam a vizinha do lado do que a si próprias (...)” (AS2) “Elas gostam dos filhos (...) elas não sabem como gostar deles, como demonstrar que gostam deles (...)” (AS2) “ (...) quem sou eu como mãe, ser mães para elas é só mudar a fralda, alimentação.” (AS3) “ (...) quem sou eu como mãe (...)” (P)</p>	<p>5</p>
	<p>D3) Alimentação, saúde e higiene.</p>	<p>“ É importante, a nível da alimentação, saúde e higiene (...)” (AS1) “Alimentação, saúde e higiene (...) mas elas têm muitas dificuldades e têm crenças e mitos muito enraizados.” (AS2) “Não sabem muitas vezes manusear os alimentos (...) Muitas destas miúdas nunca tiveram a experiência de cozinhar (...) Também não se interessam (...)” (AS2) “ (...) nós achamos que são todos.” (AS3)</p>	<p>4</p>
	<p>D4) Autoestima.</p>	<p>“Estas jovens normalmente têm muita necessidade de afeto, a ideia que elas têm do amor, dessas coisas todas é muito vaga.” (AS1) “A nível da autoestima é extremamente importante, estas miúdas têm uma autoestima tão baixa, tão baixa que nós identificamos que, muitas delas engravidam exatamente para terem alguém que goste incondicionalmente delas.” (AS2) “ (...) a nível de autoestima é essencial nós trabalharmos.” (AS2) “Para mim é tudo, autoestima (...)” (AS3) “ (...) autoestima (...)” (P)</p>	<p>5</p>

	<p>D5) Socialização.</p>	<p>“Penso que socialização também.” (AS1) “A nível da socialização, estas miúdas também têm muitas dificuldades (...)” (AS2) “ (...) e lá está a socialização, elas não sabem estabelecer um relacionamento amoroso, para elas um relacionamento amoroso é de extremos (...)” (AS2) “E depois a nível das amizades elas não conseguem ter uma amizade verdadeira com ninguém, é muito complicado (...)” (AS2) “E a socialização, que era tão importante ser trabalhada, nós às vezes, faltam-nos também os recursos (...)” (AS2) “ (...) socialização, muita dificuldade em socializarem-se, não sabem, nós reparamos aqui entre elas.” (AS3) “ (...) socialização, elas têm dificuldades (...)” (AS3) “ (...) e socialização.” (P)</p>	<p>8</p>
	<p>D6) Comportamentos e atitudes</p>	<p>“ (...) muitas das nossas jovens mães não tem relação com o progenitor, e quando têm, são relações muito complicadas, ora estão bem ora tal mal.” (AS1) “E a nível do comportamento e atitudes, estas jovens acham que, lá esta, que o mundo tem que se moldar a elas, e que elas podem ir para o trabalho como lhes apetecer, falar como apetecer (...)”(AS2) “Elas tomam consciência, sabem que é assim, mas no dia-a-dia não colocam isso em prática, porque acham que têm uma vida miserável e pronto: “as pessoas têm é que me ajudar”, acham que toda a gente lhes deve e que elas não devem nada.” (AS2) “ (...) porque normalmente elas vêm de meios que muita gente não trabalha, e que elas estão perfeitamente habituadas a ver pessoas a acordar às tantas da manhã, da tarde quase, a passar o dia no café, a fazer tudo que lhes apetece (...) É muito fácil ao ser humano cair nisto.” (AS2)</p>	<p>6</p>

		“Comportamentos e atitudes (...) elas têm dificuldades” (AS3) “ (...) comportamentos e atitudes (...)” (P)	
--	--	---	--

ANEXO XXIV

Análise das respostas às entrevistas realizadas às assistentes sociais e psicóloga do Centro da Mãe

Análise Das Respostas A Perguntas Abertas Nas Entrevistas Às Assistentes Sociais E Psicóloga Do Centro Da Mãe

Caracterização das Assistentes Sociais e Psicóloga.

Em primeiro lugar será feita uma breve caracterização das mesmas, a qual pode ser observada na seguinte tabela:

	Idade	Habilitações Literárias	Profissão	Tempo serviço no Centro da Mãe
Assistente social 1	32	Licenciatura	Assistente Social	8 meses
Assistente social 2	30	Licenciatura	Assistente Social	8 anos
Assistente social 3	35	Licenciatura	Assistente Social	4 anos
Psicóloga	30	Licenciatura	Psicóloga	6 meses

Analisando a tabela apercebemo-nos que a idade das entrevistadas se situa entre os 30 e os 35 anos. São todas licenciadas e em termos do tempo de serviço no Centro da Mãe varia entre os 6 meses e os 8 anos.

Vamos agora proceder à análise de conteúdo das entrevistas realizadas às assistentes sociais e psicóloga do Centro da Mãe, realizadas apenas **antes da formação parental**.

Por forma a retratar melhor as entrevistas realizadas, foi criado um tema principal e quatro categorias exemplificadas na tabela que se segue:

Tema 1: Necessidades de formação das jovens mães que frequentam o Centro da Mãe.

Categoria A	Tipo de apoio que as jovens mães mais necessitam
Categoria B	Dificuldades que estas mães apresentam
Categoria C	Necessidades de formação das jovens mães
Categoria D	Temas mais pertinentes para a formação parental

Categoria A: Tipo de apoio que as jovens mães mais necessitam

Categorias	Subcategorias	R
A) Tipo de apoio que as jovens mães mais necessitam	A1) Apoio material	5
	A2) Apoio formação	8
	A3) Apoio psicossocial	4

Relativamente a categoria “Tipo de apoio que as jovens mães mais necessitam” as respostas dadas pelas entrevistadas incluem-se em três subcategorias. Todas as respostas das entrevistadas se enquadram nestas subcategorias.

Todas as mães que procuram o Centro da Mãe é essencialmente e principalmente para Apoio Material de acordo com o referido nas entrevistas:

“ (...) elas acabam sempre por procurar o centro da mãe para apoio mais material.” (P)

“ (...) apoio material a nível de fraldas, leite, alguns alimentos, também papas.” (AS1)

“ (...) tentamos combater as dificuldades através de apoio material, durante o tempo que se considerar necessário.” (AS2)

“ (...)e nós ajudamos a nível de fraldas, de leite, cabazes, carrinhos, roupas(...)” (P)

O Apoio na Formação também é necessário, segundo as nossas entrevistadas, apesar das mães muitas vezes nem terem noção disso, como podemos constatar pelas respostas:

“ (...) nós como já sabemos um pouco as características desta população, sabemos que têm lacunas a estes níveis, e então tentamos fazer uma troca, elas dão-nos um pouco do tempo delas, para conseguirmos promover algum conhecimento e algumas competências(...)” (P)

“É tentarmos neste curto espaço de tempo que elas estão connosco, lhes dar as ferramentas (...) para depois também conseguirem ter um maior nível de competências, para depois também conseguirem educar os filhos (...)” (P)

“ (...) apoio na formação das mães, dá apoio a nível da orientação profissional e também escolar.” (AS1)

“ (...) tentamos traçar um plano com as utentes, a nível de projeto de vida (...)” (AS2)

“ (...) conseguirem definir objetivos para elas e para os filhos e ajudar um pouco nesta adaptação, estes novos papéis acabam por ser definidos (...)” (P)

A nível do Apoio Psicossocial, também é essencial para estas mães:

“Damos também apoio psicossocial, porque normalmente elas ficam um pouco fragilizadas.” (AS1)

“Realizamos todo um acompanhamento psicossocial a estas mães, e também fazemos um encaminhamento na comunidade daquilo que são as necessidades (...)” (AS2)

“(...) tentamos colmatar as dificuldades maiores, tanto a nível da família, mas principalmente ao nível das crianças, e na primeira infância.” (AS2)

Resumindo, concluímos que o principal apoio que estas jovens mães necessitam, é apoio material, apoio na formação e apoio psicossocial.

Categoria B: Dificuldades que estas mães apresentam

Categorias	Subcategorias	R
B) Dificuldades que estas mães apresentam	B1) Competências Parentais	6
	B2) Competências Pessoais	10
	B3) Competências Sociais	13

Relativamente às maiores dificuldades que estas mães apresentam, são dificuldades a nível das competências parentais, competências pessoais e competências sociais.

No que diz respeito às Competências Parentais, estas mães apresentam dificuldades essencialmente em interagir com os filhos, o saber brincar, saber como agir perante as birras e não sabem a responsabilidade que acarrete o ser mãe.

“(...) depois também é ajudá-las a nível da interação com os filhos (...)” (P)

“(...) não conseguem perceber a importância ou a responsabilidade que isso acarreta não é só gostar é preciso fazer sacrifícios (...) Não têm essa capacidade, têm essa dificuldade, depende das jovens.” (P)

“(...) elas têm uma grande dificuldade em saber como brincar com os filhos, nas várias faixas etárias, e não sabem como estimulá-los.” (P)

“Geralmente quando as crianças já começam a andar, necessitam mais de supervisão, necessitam de uma maior atenção ou exigem mais, já fazem mais birras e aí já existe uma maior dificuldade em controlar. Elas especialmente por serem jovens e não terem essas capacidades bem desenvolvidas ainda, mais dificuldades têm (...)” (P)

Estas jovens mães a nível de Competências Pessoais, estas encontram-se muito comprometidas. Apresentam baixa autoestima, habilitações literárias baixas, dificuldade de organização, dificuldade em definir o seu projeto de vida.

“(…) e realmente apresentam grandes problemas de baixa autoestima, e dificuldades a nível económico também, a nível vocacional também (…)” (AS1)

“Muitas não têm consciência dessas dificuldades e a maior parte não trabalha, não tem formação (…)” (AS3)

“A maior parte da escolaridade dessas mães é baixa, para ter emprego é complicado.” (AS3)

“Não se conseguem organizar, têm dificuldade, a maioria delas em definir, ver, qual é o seu projeto de vida, a grande maioria precisa mesmo de orientação.” (AS3)

“Estas jovem a nível educacional e desenvolvimento têm muitas dificuldades (…)” (P)

“(…) e autoestima e motivação, devido a muitas delas terem um pensamento muito derrotista.” (P)

“(…) mas não têm aquela grande motivação escolar e de conhecimentos. Não conseguem definir grandes projetos de vida, são muito passivas nessa parte.” (P)

Uma grande lacuna que estas mães apresentam é também a nível das Competências Sociais, essencialmente em estabelecer relações saudáveis com os outros, têm dificuldade em se colocar no lugar do outro e em aceitar as regras. Muitas vivem com poucos recursos, e os que têm são essencialmente a nível de apoio da segurança social e do abono dos filhos.

“(…) notasse muito, dificuldades em estabelecer relações intrapessoais, (…) a noção que elas têm das relações é um bocadinho complicada (…)” (AS1)

“(…) a situação económica normalmente é muito complicado, os recursos são muito poucos (…)” (AS2)

“(…) a grande maioria é em termos económicos (…)” (AS3)

“(…) dificuldades que elas também apresentam, em termos de faltas de (…) competências sociais (…)” (AS3)

“(…) vivem dos rendimentos, dos apoios, por isso também nos procuram.” (AS3)

“(…) vão sobrevivendo praticamente a maioria delas é do abono dos filhos ou de apoios da segurança social.” (AS3)

“(…) a nível da adoção de regras, de normativa, e por vezes geram-se muito conflitos em relação a isso (…)” (P)

“(…) a nível da comunicação e interação também, entre colegas e com os adultos.” (P)

“(…) é procurar desenvolver as competências sociais, se calhar algumas jovens têm mais dificuldade a nível de autocontrolo, outras têm mais dificuldades em se exprimir, outras têm mais dificuldade a nível da normativa, da necessidade e importância das regras, porque depois isto também irá influenciar a educação que irão dar aos filhos.” (P)

“A nível das dificuldades, a nível mais do relacionamento interpessoal que são uma grande lacuna que elas têm, relacionada com a baixa autoestima (…)” (P)

“Têm este tipo de dificuldade, a nível mesmo do relacionamento interpessoal, quer com o adulto devido a dificuldade de não aceitarem a autoridade do adulto.” (P)

“Algumas delas regra geral cresceram num ambiente onde não existia supervisão, uma regra e então são muito resistentes nesta parte, e depois não, têm uma fraca capacidade de se colocar no lugar do outro, e então geram-se muitos conflitos a nível do grupo de pais, de jovens para com jovens, é uma grande lacuna que elas têm.” (P)

Categoria C: Necessidades de formação das jovens mães

Categorias	Subcategorias	R
C) Necessidades de formação das jovens mães	C1) Competências Parentais	4
	C2) Competências Pessoais	13
	C3) Competências Sociais	5

As necessidades destas mães vão ao encontro das dificuldades que elas apresentavam, assim, estas mães têm necessidades a nível das competências parentais, pessoais e sociais.

A nível das competências parentais:

“(…) competências parentais, muito importante (…)” (AS1)

“(…) a nível (…) das competências parentais sem dúvida alguma.” (AS2)

“Nível (…) competências parentais (…)”(AS3)

“(…) a definição de papéis, quem sou eu como mãe (…)” (P)

Relativamente às competências pessoais estas mães têm dificuldades de concentração, baixa autoestima, poucas expectativas e sonhos, pouca motivação para a progressão dos estudos e uma das assistentes sociais refere a necessidade de um projeto de intervenção precoce, como o deste estudo.

“(…) e se calhar gestão do dia-a-dia, de gerir o tempo.” (AS1)

“E elas também têm necessidade de aumentar as suas habilitações literárias (…)” (AS2)

“Estas utentes precisavam era de se encontrar mais motivadas (…)” (AS2)

“Nós hoje conseguimos detetar que estas miúdas, se calhar se tivesses sido alvo de um projeto de intervenção precoce como o seu, se calhar tinham evoluído de uma maneira completamente diferente, porque é uma necessidade (…)” (AS2)

“(…) mas nós realmente vemos que a nível de concentração por exemplo é muito complicado trabalhar com estas jovens (…)” (AS2)

“Nível pessoal (…) muitas não têm nem sequer habilitações mínimas, abandonaram praticamente os estudos (…)” (AS3)

“(…) expectativas e sonhos têm muitas dificuldades (…)” (P)

“(…) autoestima, é importante também a alimentação, saúde e higiene (…)” (P)

“Não existe grande estimulação, querer saber mais, de aprender mais (…)” (P)

As Competências Sociais também são é importante ser trabalho, pois estas mães apresentam muitas lacunas nesta área e têm um suporte familiar muito fraco.

“(…) a nível de competências (…) sociais sem dúvida alguma (…)” (AS2)

“Nível (…) competências sociais (…) depois não têm um grande suporte, o meio delas.” (AS3)

“(…) o suporte é muito fraco, muitas delas nem têm o suporte familiar, é mais da vizinhança, das amigas.” (AS3)

“(…) comportamentos e atitudes, socialização (…) (P)

Categoria D: Temas mais pertinentes para a Formação Parental

Categorias	Subcategorias	R
D) Temas mais pertinentes para a Formação Parental	D1) Expectativas e Sonhos	6
	D2) Quem sou eu como mãe?	5
	D3) Alimentação, saúde e higiene	4
	D4) Autoestima	5
	D5) Socialização	8
	D6) Comportamentos e atitudes	6

No que concerne às Expectativas e Sonhos, estas mães têm dificuldade em imaginar-se daqui a alguns anos, mas pode ser um tema que elas sintam vontade de participar.

“ (...) expectativas e sonhos também é importante, porque elas como já disse, elas muitas vezes estão perdidas e não conseguem sair daquele emaranhado de problemas.” (AS1)

“ (...) as expectativas e sonhos (...) é algo que elas precisam, é algo que é capaz de lhes tocar e que elas sintam vontade de participar.” (AS2)

“ (...) era algo que elas todas tinham, era um sonho serem mães (...)” (AS2)

“ (...) expectativas, por exemplo, conseguir imaginar-se daqui a um, dois, três anos, ou dez anos (...) acham que não são capazes, acham muito que não merecem.” (AS3)

“Por vezes o sonho delas passa, ou o objetivo passa por ter uma casa, acaba por ser muito mais material.” (P)

Relativamente a subcategoria, quem sou eu como mãe, estas mães têm dificuldade em se interrogarem, em se caracterizar, e em definir o seu papel de mãe.

“Quem sou eu como mãe? Também é essencial e eu tenho a certeza que elas têm muita dificuldade em se interrogarem, elas têm uma grande dificuldade em se caracterizarem a si próprias, elas muito mais facilmente caracterizam a vizinha do lado do que a si próprias (...)” (AS2)

“Elas gostam dos filhos (...) elas não sabem como gostar deles, como demonstrar que gostam deles (...)” (AS2)

“ (...) quem sou eu como mãe, ser mães para elas é só mudar a fralda, alimentação.” (AS3)

Em relação à subcategoria, alimentação, saúde e higiene, embora esta área seja trabalhada No Centro da Mãe com estas mães, as entrevistadas consideram-na importante e uma área onde as mães ainda apresentam dificuldades.

“É importante, a nível da alimentação, saúde e higiene (...)”(AS1)

“Alimentação, saúde e higiene (...) mas elas têm muitas dificuldades e têm crenças e mitos muito enraizados.” (AS2)

“Não sabem muitas vezes manusear os alimentos (...) Muitas destas miúdas nunca tiveram a experiência de cozinhar (...) Também não se interessam (...)” (AS2)

A Autoestima destas mães é muito baixa, são muito carentes afetivamente.

“Estas jovens normalmente têm muita necessidade de afeto, a ideia que elas têm do amor, dessas coisas todas é muito vaga.” (AS1)

“A nível da autoestima é extremamente importante, estas miúdas têm uma autoestima tão baixa (...)” (AS2)

“ (...) a nível de autoestima é essencial nós trabalharmos.” (AS2)

A nível da Socialização, todas estas mães têm imensas dificuldades, não sabem estabelecer um relacionamento amoroso e uma amizade sem conflitos constantes.

“A nível da socialização, estas miúdas também têm muitas dificuldades (...)” (AS2)

“ (...) e lá está a socialização, elas não sabem estabelecer um relacionamento amoroso, para elas um relacionamento amoroso é de extremos (...)” (AS2)

“E depois a nível das amizades elas não conseguem ter uma amizade verdadeira com ninguém, é muito complicado (...)” (AS2)

“E a socialização, que era tão importante ser trabalhada, nós às vezes, faltam-nos também os recursos (...)” (AS2)

“ (...) socialização, muita dificuldade em socializarem-se, não sabem, nós reparamos aqui entre elas.” (AS3)

No que se refere à última subcategoria, Comportamentos e atitudes, estas mães geralmente não têm grandes exemplos em casa, e depois é difícil conseguirem ter uma atitude acertada.

“ (...) muitas das nossas jovens mães não tem relação com o progenitor, e quando têm, são relações muito complicadas, ora estão bem ora tal mal.” (AS1)

“ (...) estas jovens acham que, lá esta, que o mundo tem que se moldar a elas, e que elas podem ir para o trabalho como lhes apetecer, falar como apetecer (...)”(AS2)

“Elas tomam consciência, sabem que é assim, mas no dia-a-dia não colocam isso em prática (...) ” (AS2)

“ (...) porque normalmente elas vêm de meios que muita gente não trabalha (...)”(AS2)

ANEXO XXV

Caracterização final das mães

Caracterização das mães após a formação parental.

	Idade	Habilitações literárias	Recursos a Redes de apoio
Mãe 1	23	9º ano	Abono de família Centro da Mãe
Mãe 2	25	4º ano	Segurança social Abono de família e Centro da Mãe
Mãe 3	26	12ºano	Segurança Social Centro da Mãe
Mãe 4	25	6º ano	Centro da Mãe e igreja
Mãe 5	19	9º ano	Centro da Mãe, residente
Mãe 6	26	6º ano	Centro da Mãe e Cáritas

Analisando a tabela conseguimos perceber que a nível da caracterização das jovens mães foram poucas as alterações, apenas a Mãe 4 diz possuir agora o 6º ano e ter o apoio da igreja a nível de bens essenciais, e a Mãe 6 tem agora 26 anos.

ANEXO XXVI

Folhas de cotação e perfil dos Questionários de Estilos Parentais – Pais.
Resultados antes da aplicação da formação parental

Questionários de Estilos Parentais - Pais

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 1

Sexo: Feminino

Escolaridade: 9º ano

Idade: 23 anos

Data de Avaliação: 23/05/2014

Examinador: Cláudia Capela

Estilos Parentais					Total	Média
Estilo Autoritário						
2	3	7	9	12		
3	4	4	4	4		
16	18	25	26	29		
4	3	3	4	4		
Estilo Permissivo					24	2,4
1	6	10	13	14		
2	2	2	3	2		
17	19	21	24	28		
4	3	2	2	2		
Estilo Democrático					34	3,7
4	5	8	11	15		
4	4	5	3	4		
20	22	23	27	30		
0	4	3	3	4		

Questionários de Estilos Parentais - Pais

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 2

Sexo: Feminino

Escolaridade: 4ª Classe

Idade: 25 anos

Data de Avaliação: 23/05/2014

Examinador: Cláudia Capela

Estilos Parentais					Total	Média
Estilo Autoritário						
2	3	7	9	12		
5	4	3	5	5		
16	18	25	26	29		
4	4	2	5	5		
Estilo Permissivo					16	1,6
1	6	10	13	14		
2	1	1	1	2		
17	19	21	24	28		
4	1	1	2	1		
Estilo Democrático					45	5
4	5	8	11	15		
5	5	5	5	5		
20	22	23	27	30		
0	5	5	5	5		

Questionários de Estilos Parentais - Pais

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 3

Sexo: Feminino

Escolaridade: 12º ano

Idade: 26 anos

Data de Avaliação: 23/05/2014

Examinador: Cláudia Capela

Estilos Parentais					Total	Média
Estilo Autoritário						
2	3	7	9	12	24	2,4
4	2	1	4	3		
16	18	25	26	29		
2	1	1	3	3		
Estilo Permissivo						
1	6	10	13	14	22	2,2
2	3	1	1	5		
17	19	21	24	28		
2	3	1	3	1		
Estilo Democrático						
4	5	8	11	15	41	4,5
5	5	5	5	4		
20	22	23	27	30		
0	5	4	3	5		

Questionários de Estilos Parentais - Pais

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 4

Sexo: Feminino

Escolaridade: 5º ano

Idade: 25 anos

Data de Avaliação: 28/05/2014

Examinador: Cláudia Capela

Estilos Parentais					Total	Média
Estilo Autoritário						
2	3	7	9	12	34	3,4
4	4	1	4	1		
16	18	25	26	29		
4	4	4	4	4		
Estilo Permissivo					17	1,7
1	6	10	13	14		
1	1	1	2	1		
17	19	21	24	28		
1	1	4	1	4		
Estilo Democrático					31	3,4
4	5	8	11	15		
2	4	4	1	4		
20	22	23	27	30		
0	4	4	4	4		

Questionários de Estilos Parentais - Pais

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 5

Sexo: Feminino

Escolaridade: 9º ano

Idade: 19 anos

Data de Avaliação: 28/05/2014

Examinador: Cláudia Capela

Estilos Parentais					Total	Média
Estilo Autoritário						
2	3	7	9	12		
2	2	4	4	4		
16	18	25	26	29		
4	4	3	4	4		
Estilo Permissivo					20	2,0
1	6	10	13	14		
1	2	4	1	2		
17	19	21	24	28		
2	2	1	3	2		
Estilo Democrático					34	3,7
4	5	8	11	15		
4	4	4	4	4		
20	22	23	27	30		
0	4	4	2	4		

Questionários de Estilos Parentais - Pais

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 6

Sexo: Feminino

Escolaridade: 6º ano

Idade: 25 anos

Data de Avaliação: 30/05/2014

Examinador: Cláudia Capela

Estilos Parentais					Total	Média
Estilo Autoritário						
2	3	7	9	12	33	3,3
4	4	1	4	5		
16	18	25	26	29		
2	5	1	5	2		
Estilo Permissivo						
1	6	10	13	14	22	2,2
2	2	4	2	2		
17	19	21	24	28		
1	1	5	2	1		
Estilo Democrático						
4	5	8	11	15	43	4,7
5	5	4	5	5		
20	22	23	27	30		
0	5	5	4	5		

ANEXO XXVII

Folhas de cotação e perfil dos Questionários de Estilos Parentais – Pais.
Resultados após a aplicação da formação parental

Questionários de Estilos Parentais - Pais

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 1

Sexo: Feminino

Escolaridade: 9º ano

Idade: 23 anos

Data de Avaliação: 21/07/2014

Examinador: Cláudia Capela

Estilos Parentais					Total	Média
Estilo Autoritário						
2	3	7	9	12	29	2,9
1	2	3	4	4		
16	18	25	26	29		
3	2	2	4	4		
Estilo Permissivo						
1	6	10	13	14	23	2,3
2	2	3	2	2		
17	19	21	24	28		
2	4	2	2	2		
Estilo Democrático						
4	5	8	11	15	36	4
4	4	4	4	4		
20	22	23	27	30		
0	4	4	4	4		

Questionários de Estilos Parentais - Pais

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 2

Sexo: Feminino

Escolaridade: 4º Classe

Idade: 25 anos

Data de Avaliação: 21/07/2014

Examinador: Cláudia Capela

Estilos Parentais					Total	Média
Estilo Autoritário						
2	3	7	9	12		
4	2	2	5	5		
16	18	25	26	29		
3	5	5	5	3		
Estilo Permissivo					17	1,7
1	6	10	13	14		
2	2	1	2	3		
17	19	21	24	28		
1	2	1	2	1		
Estilo Democrático					43	4,7
4	5	8	11	15		
5	5	5	5	5		
20	22	23	27	30		
0	4	5	4	5		

Questionários de Estilos Parentais - Pais

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 3

Sexo: Feminino

Escolaridade: 12º ano

Idade: 26 anos

Data de Avaliação: 22/07/2014

Examinador: Cláudia Capela

Estilos Parentais					Total	Média
Estilo Autoritário						
2	3	7	9	12	19	1,9
3	2	2	1	1		
16	18	25	26	29		
2	2	1	4	1		
Estilo Permissivo						
1	6	10	13	14	15	1,5
1	1	1	1	1		
17	19	21	24	28		
1	4	1	3	1		
Estilo Democrático						
4	5	8	11	15	44	4,8
5	5	5	5	4		
20	22	23	27	30		
0	5	5	5	5		

Questionários de Estilos Parentais - Pais

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 4

Sexo: Feminino

Escolaridade: 5º ano

Idade: 25 anos

Data de Avaliação: 22/07/2014

Examinador: Cláudia Capela

Estilos Parentais					Total	Média
Estilo Autoritário						
2	3	7	9	12		
4	3	1	4	4		
16	18	25	26	29		
4	4	1	4	4		
Estilo Permissivo					11	1,1
1	6	10	13	14		
2	1	1	1	1		
17	19	21	24	28		
1	1	1	1	1		
Estilo Democrático					31	3,4
4	5	8	11	15		
5	2	4	4	4		
20	22	23	27	30		
0	4	2	3	3		

Questionários de Estilos Parentais - Pais

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 5

Sexo: Feminino

Escolaridade: 9º ano

Idade: 19 anos

Data de Avaliação: 18/07/2014

Examinador: Cláudia Capela

Estilos Parentais					Total	Média
Estilo Autoritário						
2	3	7	9	12		
2	2	3	4	4		
16	18	25	26	29		
3	3	5	4	4		
Estilo Permissivo					13	1,3
1	6	10	13	14		
2	1	1	1	1		
17	19	21	24	28		
1	3	1	1	1		
Estilo Democrático					34	3,7
4	5	8	11	15		
4	4	4	3	4		
20	22	23	27	30		
0	4	4	3	4		

Questionários de Estilos Parentais - Pais

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 6

Sexo: Feminino

Escolaridade: 6º ano

Idade: 26 anos

Data de Avaliação: 16/07/2014

Examinador: Cláudia Capela

Estilos Parentais					Total	Média
Estilo Autoritário						
2	3	7	9	12	35	3,5
5	3	3	4	4		
16	18	25	26	29		
3	4	2	5	2		
Estilo Permissivo						
1	6	10	13	14	12	1,2
2	1	1	1	1		
17	19	21	24	28		
1	2	1	1	1		
Estilo Democrático						
4	5	8	11	15	41	4,5
5	5	4	5	5		
20	22	23	27	30		
0	4	4	4	5		

ANEXO XXVIII

Folhas de cotação da Escala de Estima de Si – S.E.R.T.H.U.A.L.
Resultados antes da aplicação da formação parental

Escala S.E.R.T.H.U.A.L.

FOLHA DE COTAÇÃO E PERFIL

Nome: Mãe 1
 Sexo: F M Idade: 23 anos
 Escolaridade: 9º ano
 Data de Avaliação: 23/5/2014 Examinador: Cláudia Papela

Dimensões Positivas						Total	Média
Dimensão A							
7	20	21	38	45	49	23	3,83
4	4	3	4	4	4		
Dimensão B						23	3,83
40	43	47	51	52	54		
5	4	4	4	3	3		
Dimensão C						24	4
2	10	14	16	28	41		
5	4	4	4	4	3		
Dimensão D						21	3,5
8	17	31	37	44	58		
3	3	4	3	4	4		
Dimensão E						23	3,85
5	24	27	34	53	60		
3	4	4	4	4	4		
Total das Dimensões Positivas						114	18,99

Dimensões Negativas						Total	Média
Dimensão F							
9	12	15	19	23	32	12	2
2	2	3	1	1	3		
Dimensão G						19	3,16
39	50	55	56	57	59		
3	3	3	3	4	3		
Dimensão H						13	2,16
3	11	25	29	33	35		
3	2	3	2	2	1		
Dimensão I						11	1,83
4	13	36	42	46	48		
1	1	1	3	2	3		
Dimensão J						16	2,66
1	6	18	22	26	30		
4	3	2	2	3	2		
Total das Dimensões Negativas						79	11,81

* © Autores: Nunes, O.; Tap, P.; Hipólito, J.

Escala S.E.R.T.H.U.A.L.

FOLHA DE COTAÇÃO E PERFIL

Nome: Mãe 2
 Sexo: F M Idade: 24 anos
 Escolaridade: 4.º ano
 Data de Avaliação: 23/5/2014 Examinador: Cláudia Papela

Dimensões Positivas						Total	Média
Dimensão A							
7	20	21	38	45	49	22	3,66
4	4	3	4	4	3		
Dimensão B						29	4,83
40	43	47	51	52	54		
5	5	5	5	4	5		
Dimensão C						27	4,5
2	10	14	16	28	41		
5	5	5	4	5	3		
Dimensão D						20	3,33
8	17	31	37	44	58		
3	4	4	3	3	3		
Dimensão E						21	3,5
5	24	27	34	53	60		
3	4	4	4	5	1		
Total das Dimensões Positivas						119	19,82

Dimensões Negativas						Total	Média
Dimensão F							
9	12	15	19	23	32	22	3,66
4	1	5	4	3	5		
Dimensão G						25	4,16
39	50	55	56	57	59		
5	4	4	3	5	4		
Dimensão H						21	3,5
3	11	25	29	33	35		
4	2	5	4	3	3		
Dimensão I						24	4
4	13	36	42	46	48		
5	5	4	4	4	2		
Dimensão J						26	4,33
1	6	18	22	26	30		
5	5	1	5	5	5		
Total das Dimensões Negativas						118	19,65

Escala S.E.R.T.H.U.A.L.

FOLHA DE COTAÇÃO E PERFIL

Nome: Mãe 3
 Sexo: F M Idade: 26 anos
 Escolaridade: 12º ano
 Data de Avaliação: 23/5/2014 Examinador: Elcídia Capela

Dimensões Positivas						Total	Média
Dimensão A							
7	20	21	38	45	49	27	4,5
5	5	3	4	5	5		
Dimensão B						26	4,33
40	43	47	51	52	54		
5	5	4	4	4	4		
Dimensão C						27	4,5
2	10	14	16	28	41		
5	5	4	4	5	4		
Dimensão D						17	2,83
8	17	31	37	44	58		
2	2	3	3	3	4		
Dimensão E						25	4,16
5	24	27	34	53	60		
5	4	5	1	5	5		
Total das Dimensões Positivas						122	20,32

Dimensões Negativas						Total	Média
Dimensão F							
9	12	15	19	23	32	7	1,16
1	1	2	1	1	1		
Dimensão G						13	2,16
39	50	55	56	57	59		
1	1	1	4	4	2		
Dimensão H						11	1,83
3	11	25	29	33	35		
4	1	1	1	3	1		
Dimensão I						11	1,83
4	13	36	42	46	48		
1	2	1	1	3	3		
Dimensão J						22	3,66
1	6	18	22	26	30		
5	5	1	5	5	1		
Total das Dimensões Negativas						64	10,64

Escala S.E.R.T.H.U.A.L.

FOLHA DE COTAÇÃO E PERFIL

Nome: Mãe 4
 Sexo: F M Idade: 25 anos
 Escolaridade: 5º ano
 Data de Avaliação: 28.15.2014 Examinador: Cláudia Papela

Dimensões Positivas						Total	Média
Dimensão A							
7	20	21	38	45	49	16	2,66
2	2	3	3	3	3		
Dimensão B						25	4,16
40	43	47	51	52	54		
5	5	1	5	5	4		
Dimensão C						22	3,66
2	10	14	16	28	41		
5	3	5	2	2	5		
Dimensão D						10	1,66
8	17	31	37	44	58		
1	1	1	4	2	1		
Dimensão E						22	3,66
5	24	27	34	53	60		
4	4	4	5	3	2		
Total das Dimensões Positivas						95	15,8

Dimensões Negativas						Total	Média
Dimensão F							
9	12	15	19	23	32	16	2,66
4	2	3	2	2	3		
Dimensão G						13	2,16
39	50	55	56	57	59		
1	1	1	4	3	3		
Dimensão H						10	1,66
3	11	25	29	33	35		
4	2	1	1	1	1		
Dimensão I						25	4,16
4	13	36	42	46	48		
4	4	5	4	4	4		
Dimensão J						18	3
1	6	18	22	26	30		
1	4	2	4	4	3		
Total das Dimensões Negativas						82	13,64

Escala S.E.R.T.H.U.A.L.

FOLHA DE COTAÇÃO E PERFIL

Nome: Mãe 5
 Sexo: F M Idade: 19 anos
 Escolaridade: 9º ano
 Data de Avaliação: 28/5/2014 Examinador: Cláudia Capela

Dimensões Positivas						Total	Média
Dimensão A							
7	20	21	38	45	49	23	3,83
3	4	4	4	4	4		
Dimensão B						24	4
40	43	47	51	52	54		
5	4	3	5	3	4		
Dimensão C						24	4
2	10	14	16	28	41		
5	4	4	3	4	4		
Dimensão D						13	2,16
8	17	31	37	44	58		
2	1	2	2	3	3		
Dimensão E						25	4,16
5	24	27	34	53	60		
4	3	4	4	5	5		
Total das Dimensões Positivas						109	18,15

Dimensões Negativas						Total	Média
Dimensão F							
9	12	15	19	23	32	8	1,33
2	1	2	1	1	1		
Dimensão G						9	1,5
39	50	55	56	57	59		
1	1	2	3	1	1		
Dimensão H						13	2,16
3	11	25	29	33	35		
4	1	4	2	1	1		
Dimensão I						10	1,66
4	13	36	42	46	48		
1	2	3	1	1	2		
Dimensão J						14	2,33
1	6	18	22	26	30		
3	2	2	3	3	1		
Total das Dimensões Negativas						54	8,98

* © Autores: Nunes, O.; Tap, P.; Hipólito, J.

Escala S.E.R.T.H.U.A.L.

FOLHA DE COTAÇÃO E PERFIL

Nome: Mãe G
 Sexo: F M Idade: 25 anos
 Escolaridade: 6º ano
 Data de Avaliação: 30/5/2014 Examinador: Cláudia Papela

Dimensões Positivas						Total	Média
Dimensão A							
7	20	21	38	45	49	19	3,16
3	2	4	4	3	3		
Dimensão B						24	4
40	43	47	51	52	54		
5	3	5	3	4	4		
Dimensão C						24	4
2	10	14	16	28	41		
5	2	5	3	4	5		
Dimensão D						15	2,5
8	17	31	37	44	58		
3	2	5	3	1	1		
Dimensão E						24	4
5	24	27	34	53	60		
3	5	4	5	4	3		
Total das Dimensões Positivas						106	17,66

Dimensões Negativas						Total	Média
Dimensão F							
9	12	15	19	23	32	12	2
1	3	3	1	2	2		
Dimensão G						14	2,33
39	50	55	56	57	59		
1	1	5	3	3	1		
Dimensão H						11	1,83
3	11	25	29	33	35		
4	1	1	3	1	1		
Dimensão I						23	3,83
4	13	36	42	46	48		
2	5	4	5	5	2		
Dimensão J						24	4
1	6	18	22	26	30		
5	5	5	3	3	3		
Total das Dimensões Negativas						84	13,99

ANEXO XXIX

Folhas de cotação da Escala de Estima de Si – SERTHUAL Resultados
após a aplicação da formação parental

Escala S.E.R.T.H.U.A.L.**FOLHA DE COTAÇÃO E PERFIL**

Nome: Mãe 1
 Sexo: F M Idade: 23 anos
 Escolaridade: 9º ano
 Data de Avaliação: 21/07/2014 Examinador: Cláudia Papela

Dimensões Positivas						Total	Média
Dimensão A							
7	20	21	38	45	49	24	4
3	4	4	5	4	4		
Dimensão B						23	3,83
40	43	47	51	52	54		
4	4	5	4	3	3		
Dimensão C						25	4,16
2	10	14	16	28	41		
5	4	4	4	4	4		
Dimensão D						23	3,83
8	17	31	37	44	58		
3	4	4	4	4	4		
Dimensão E						24	4
5	24	27	34	53	60		
4	4	4	4	4	4		
Total das Dimensões Positivas						119	19,82

Dimensões Negativas						Total	Média
Dimensão F							
9	12	15	19	23	32	13	2,16
2	2	3	2	2	2		
Dimensão G						13	2,16
39	50	55	56	57	59		
2	2	2	2	3	2		
Dimensão H						12	2
3	11	25	29	33	35		
2	2	2	2	2	2		
Dimensão I						15	2,5
4	13	36	42	46	48		
2	2	3	3	2	3		
Dimensão J						15	2,5
1	6	18	22	26	30		
3	3	2	2	3	2		
Total das Dimensões Negativas						68	29,32

Escala S.E.R.T.H.U.A.L.**FOLHA DE COTAÇÃO E PERFIL**

Nome: Mãe 2
 Sexo: F M Idade: 25 anos
 Escolaridade: 4^ª ano
 Data de Avaliação: 21.10.2014 Examinador: Cláudia Papela

Dimensões Positivas						Total	Média
Dimensão A							
7	20	21	38	45	49	16	2,66
3	3	3	1	3	3		
Dimensão B						26	4,33
40	43	47	51	52	54		
5	3	5	5	4	4		
Dimensão C						20	3,33
2	10	14	16	28	41		
4	1	3	4	5	3		
Dimensão D						16	2,66
8	17	31	37	44	58		
3	3	3	3	2	2		
Dimensão E						19	3,16
5	24	27	34	53	60		
3	3	5	3	3	2		
Total das Dimensões Positivas						97	16,14

Dimensões Negativas						Total	Média
Dimensão F							
9	12	15	19	23	32	27	4,5
5	3	5	5	4	5		
Dimensão G						21	3,5
39	50	55	56	57	59		
3	2	5	4	2	5		
Dimensão H						20	3,33
3	11	25	29	33	35		
3	4	3	4	3	3		
Dimensão I						30	5
4	13	36	42	46	48		
5	5	5	5	5	5		
Dimensão J						25	4,16
1	6	18	22	26	30		
5	4	1	5	5	5		
Total das Dimensões Negativas						123	20,49

Escala S.E.R.T.H.U.A.L.

FOLHA DE COTAÇÃO

Nome: Mãe 3
 Sexo: F M Idade: 26 anos
 Escolaridade: 12.º ano
 Data de Avaliação: 22/07/2014 Examinador: Cláudia Rapela

Dimensões Positivas						Total	Média
Dimensão A							
7	20	21	38	45	49	25	4,16
5	4	4	4	4	4		
Dimensão B						23	3,83
40	43	47	51	52	54		
5	4	4	3	3	4		
Dimensão C						21	3,5
2	10	14	16	28	41		
4	4	1	4	4	4		
Dimensão D						15	2,5
8	17	31	37	44	58		
1	1	3	3	4	3		
Dimensão E						26	4,33
5	24	27	34	53	60		
5	4	4	4	4	5		
Total das Dimensões Positivas						110	18,32

Dimensões Negativas						Total	Média
Dimensão F							
9	12	15	19	23	32	8	1,33
3	1	1	1	1	1		
Dimensão G						8	1,33
39	50	55	56	57	59		
1	1	1	3	1	1		
Dimensão H						6	1
3	11	25	29	33	35		
1	1	1	1	1	1		
Dimensão I						6	1
4	13	36	42	46	48		
1	1	1	1	1	1		
Dimensão J						15	2,5
1	6	18	22	26	30		
3	5	1	1	4	1		
Total das Dimensões Negativas						43	7,16

* © Autores: Nunes, O.; Tap, P.; Hipólito, J.

Escala S.E.R.T.H.U.A.L.**FOLHA DE COTAÇÃO E PERFIL**

Nome: Mãe 4
 Sexo: F M Idade: 25 anos
 Escolaridade: 6.º ano
 Data de Avaliação: 22.07.2014 Examinador: Cláudia Capela

Dimensões Positivas						Total	Média
Dimensão A							
7	20	21	38	45	49	20	3,33
2	3	5	2	5	3		
Dimensão B						26	4,33
40	43	47	51	52	54		
4	5	2	5	5	5		
Dimensão C						23	3,83
2	10	14	16	28	41		
4	4	3	3	5	4		
Dimensão D						18	3
8	17	31	37	44	58		
4	1	2	4	3	4		
Dimensão E						23	3,83
5	24	27	34	53	60		
4	5	5	2	3	4		
Total das Dimensões Positivas						92	18,32

Dimensões Negativas						Total	Média
Dimensão F							
9	12	15	19	23	32	17	2,83
3	3	3	3	2	3		
Dimensão G						18	3
39	50	55	56	57	59		
3	2	2	2	4	5		
Dimensão H						14	2,33
3	11	25	29	33	35		
3	2	2	3	2	2		
Dimensão I						26	4,33
4	13	36	42	46	48		
4	5	4	5	4	4		
Dimensão J						18	3
1	6	18	22	26	30		
1	4	3	4	3	3		
Total das Dimensões Negativas						93	15,49

Escala S.E.R.T.H.U.A.L.

FOLHA DE COTAÇÃO E PERFIL

Nome: Mãe 5
 Sexo: F M Idade: 19 anos
 Escolaridade: 9º ano
 Data de Avaliação: 18/07/2014 Examinador: Paula Papela

Dimensões Positivas						Total	Média
Dimensão A							
7	20	21	38	45	49	23	3,83
3	3	3	4	5	5		
Dimensão B						24	4
40	43	47	51	52	54		
5	5	3	4	3	4		
Dimensão C						24	4
2	10	14	16	28	41		
4	4	4	4	4	4		
Dimensão D						15	2,5
8	17	31	37	44	58		
3	2	3	2	3	2		
Dimensão E						25	4,16
5	24	27	34	53	60		
3	4	4	5	4	5		
Total das Dimensões Positivas						111	18,49

Dimensões Negativas						Total	Média
Dimensão F							
9	12	15	19	23	32	9	1,5
1	2	1	2	2	1		
Dimensão G						13	2,16
39	50	55	56	57	59		
1	1	2	4	3	2		
Dimensão H						12	2
3	11	25	29	33	35		
1	3	4	2	1	1		
Dimensão I						11	1,83
4	13	36	42	46	48		
1	2	3	1	1	3		
Dimensão J						17	2,83
1	6	18	22	26	30		
3	3	3	3	3	2		
Total das Dimensões Negativas						62	10,32

Escala S.E.R.T.H.U.A.L.**FOLHA DE COTAÇÃO E PERFIL**

Nome: Mãe 6
 Sexo: F M Idade: 26 anos
 Escolaridade: 6º ano
 Data de Avaliação: 16/07/2014 Examinador: Cláudia Papela

Dimensões Positivas						Total	Média
Dimensão A							
7	20	21	38	45	49	21	3,5
3	3	3	5	3	4		
Dimensão B						21	3,5
40	43	47	51	52	54		
5	4	3	3	3	3		
Dimensão C						23	3,83
2	10	14	16	28	41		
4	3	5	3	4	4		
Dimensão D						20	3,33
8	17	31	37	44	58		
3	5	5	4	2	1		
Dimensão E						23	3,83
5	24	27	34	53	60		
3	5	4	5	3	3		
Total das Dimensões Positivas						108	17,99

Dimensões Negativas						Total	Média
Dimensão F							
9	12	15	19	23	32	8	1,33
1	3	1	1	1	1		
Dimensão G						12	2
39	50	55	56	57	59		
1	1	3	1	3	3		
Dimensão H						8	1,33
3	11	25	29	33	35		
3	1	1	1	1	1		
Dimensão I						24	4
4	13	36	42	46	48		
4	5	5	3	4	3		
Dimensão J						24	4
1	6	18	22	26	30		
5	5	4	2	5	3		
Total das Dimensões Negativas						76	12,66

ANEXO XXX

Folhas de cotação da Escala de Autoeficácia Parental
Resultados antes da aplicação da formação parental

Escala de Autoeficácia Parental

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 1

Sexo: Feminino

Escolaridade: 9º ano

Idade: 23 anos

Data de Avaliação: 23/05/2014

Examinador: Cláudia Capela

Itens Positivos					Total	Média	Σ AE Positiva Média	Percentil
Atitudes e Comportamentos Parentais								
7	9	10	12	16	62	4,13		10-20
5	3	4	3	5				
17	20	23	24	25				
5	2	5	5	4				
26	28	31	32	34				
3	5	5	4	4	27	3,86		20-30
Equilíbrio Independência-Segurança								
4	5	8	13	21				
5	3	3	4	5				
22	38							
4	3							
Total das Dimensões Positivas					89	7,99		10-20

Itens Negativos					Total	Média	Σ AE Negativa Média	Percentil
Permissividade Negligência Desinteresse								
2	3	6	11	14	30	1,76		50
3	2	2	4	2				
18	19	27	29	30				
1	1	1	2	1				
33	36	39	40	41				
3	2	1	1	1	14	2,8		50-60
42	44							
1	2							
Controlo Negativo								
1	15	35	37	43				
1	5	2	2	4				
Total das Dimensões Negativas					44	4,56		50-60

Autoeficácia Total = Σ média da Autoeficácia Positiva - Σ média da Autoeficácia Negativa

Autoeficácia Total = $7,99 - 4,56 = 3,43$

Percentil: 40-50

Escala de Autoeficácia Parental

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 2

Sexo: Feminino

Escolaridade: 4ª Classe

Idade: 25 anos

Data de Avaliação: 23/05/2014

Examinador: Cláudia Capela

Itens Positivos					Total	Média	Σ AE Positiva Média	Percentil
Atitudes e Comportamentos Parentais								
7	9	10	12	16	75	5		90-99
5	5	5	5	5				
17	20	23	24	25				
5	5	5	5	5				
26	28	31	32	34				
5	5	5	5	5				
Equilíbrio Independência-Segurança					31	4,43		70
4	5	8	13	21				
5	1	5	5	5				
22	38							
5	5							
Total das Dimensões Positivas					106	9,43	80	

Itens Negativos					Total	Média	Σ AE P Negativa Média	Percentil
Permissividade Negligência Desinteresse								
2	3	6	11	14	27	1,59		30-40
1	1	1	1	1				
18	19	27	29	30				
1	1	1	5	1				
33	36	39	40	41				
1	3	1	1	1				
42	44							
1	5							
Controlo Negativo					19	3,8	80	
1	15	35	37	43				
5	3	5	1	5				
Total das Dimensões Negativas					46	5,39	60-70	

Autoeficácia Total = Σ média da Autoeficácia Positiva - Σ média da Autoeficácia Negativa

Autoeficácia Total = $9,43 - 5,39 = 4,04$

Percentil: 50-60

Escala de Autoeficácia Parental

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 3

Sexo: Feminino

Escolaridade: 12º ano

Idade: 26 anos

Data de Avaliação: 23/05/2014

Examinador: Cláudia Capela

Itens Positivos					Total	Média	Σ AE Positiva Média	Percentil
Atitudes e Comportamentos Parentais								
7	9	10	12	16	65	4,33		20-30
1	5	5	5	5				
17	20	23	24	25				
5	1	5	4	4				
26	28	31	32	34				
5	5	5	5	5				
Equilíbrio Independência-Segurança					35	5		99
4	5	8	13	21				
5	5	5	5	5				
22	38							
5	5							
Total das Dimensões Positivas					100	9,33		70-80

Itens Negativos					Total	Média	Σ AE Negativa Média	Percentil
Permissividade Negligência Desinteresse								
2	3	6	11	14	17	1		10
1	1	1	1	1				
18	19	27	29	30				
1	1	1	1	1				
33	36	39	40	41				
1	1	1	1	1				
42	44							
1	1							
Controlo Negativo					10	2		20-30
1	15	35	37	43				
5	1	1	1	2				
Total das Dimensões Negativas					27	3		10-20

Autoeficácia Total = \sum média da Autoeficácia Positiva - \sum média da Autoeficácia Negativa

Autoeficácia Total = $9,33 - 3 = 6,33$

Percentil: 80-90

Escala de Autoeficácia Parental

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 4

Sexo: Feminino

Escolaridade: 5º ano

Idade: 25 anos

Data de Avaliação: 23/05/2014

Examinador: Cláudia Capela

Itens Positivos					Total	Média	Σ AE Positiva Média	Percentil
Atitudes e Comportamentos Parentais								
7	9	10	12	16	65	4,33		20-30
3	5	5	5	5				
17	20	23	24	25				
5	5	5	4	3				
26	28	31	32	34				
4	4	4	4	4				
Equilíbrio Independência-Segurança					34	4,86		90
4	5	8	13	21				
5	5	5	5	5				
22	38							
5	4							
Total das Dimensões Positivas					99	9,19		60-70

Itens Negativos					Total	Média	Σ AE Negativa Média	Percentil
Permissividade Negligência Desinteresse								
2	3	6	11	14	46	2,71		60-70
3	3	1	1	1				
18	19	27	29	30				
1	1	1	4	4				
33	36	39	40	41				
4	4	4	3	4				
42	44							
3	4							
Controlo Negativo					19	3,8		50-60
1	15	35	37	43				
4	5	4	4	2				
Total das Dimensões Negativas					65	5,79		60-70

Autoeficácia Total = \sum média da Autoeficácia Positiva - \sum média da Autoeficácia Negativa

Autoeficácia Total = $9,19 - 5,79 = 3,40$

Percentil: 40

Escala de Autoeficácia Parental

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 5

Sexo: Feminino

Escolaridade: 9º ano

Idade: 19 anos

Data de Avaliação: 28/05/2014

Examinador: Cláudia Capela

Itens Positivos					Total	Média	Σ AE Positiva Média	Percentil
Atitudes e Comportamentos Parentais								
7	9	10	12	16	72	4,8		60-70
4	3	5	5	5				
17	20	23	24	25				
5	5	5	5	5				
26	28	31	32	34				
5	5	5	5	5				
Equilíbrio Independência-Segurança					24	3,43		10
4	5	8	13	21				
3	3	4	1	5				
22	38							
5	3							
Total das Dimensões Positivas					96	8,23		20-30

Itens Negativos					Total	Média	Σ AE Negativa Média	Percentil
Permissividade Negligência Desinteresse								
2	3	6	11	14	27	1,58		50-60
1	1	1	1	1				
18	19	27	29	30				
1	5	1	1	1				
33	36	39	40	41				
1	5	1	1	1				
42	44							
1	3							
Controlo Negativo					23	4,6		90-99
1	15	35	37	43				
5	5	5	3	5				
Total das Dimensões Negativas					50	6,18		60-70

Autoeficácia Total = \sum média da Autoeficácia Positiva - \sum média da Autoeficácia Negativa

Autoeficácia Total = $8,23 - 6,18 = 2,05$

Percentil: 20-30

Escala de Autoeficácia Parental

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 6

Sexo: Feminino

Escolaridade: 6º ano

Idade: 25 anos

Data de Avaliação: 30/05/2014

Examinador: Cláudia Capela

Itens Positivos					Total	Média	Σ AE Positiva Média	Percentil
Atitudes e Comportamentos Parentais								
7	9	10	12	16	74	4,93		80
5	5	5	5	5				
17	20	23	24	25				
5	5	5	5	5				
26	28	31	32	34				
4	5	5	5	5				
Equilíbrio Independência-Segurança					31	4,43		70
4	5	8	13	21				
1	5	5	5	5				
22	38							
5	5							
Total das Dimensões Positivas					105	9,36	70-80	

Itens Negativos					Total	Média	Σ AE Negativa Média	Percentil
Permissividade Negligência Desinteresse								
2	3	6	11	14	24	1,41		20-30
1	1	2	1	1				
18	19	27	29	30				
2	1	1	2	1				
33	36	39	40	41				
3	1	1	1	3				
42	44							
1	1							
Controlo Negativo					14	2,8	50-60	
1	15	35	37	43				
2	1	4	3	4				
Total das Dimensões Negativas					38	4,21	40-50	

Autoeficácia Total = \sum média da Autoeficácia Positiva - \sum média da Autoeficácia Negativa

Autoeficácia Total = $9,36 - 4,21 = 5,15$

Percentil: 70

ANEXO XXXI

Folhas de cotação da Escala de Autoeficácia Parental
Resultados após a aplicação da formação parental

Escala de Autoeficácia Parental

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 1

Sexo: Feminino

Escolaridade: 9º ano

Idade: 23 anos

Data de Avaliação: 21/07/2014

Examinador: Cláudia Capela

Itens Positivos					Total	Média	Σ AE Positiva Média	Percentil
Atitudes e Comportamentos Parentais								
7	9	10	12	16	59	3,9		10
4	4	4	4	4				
17	20	23	24	25				
5	2	4	4	4				
26	28	31	32	34				
4	4	4	4	4				
Equilíbrio Independência-Segurança					31	4,43	70	
4	5	8	13	21				
5	5	4	4	5				
22	38							
4	4							
Total das Dimensões Positivas					90	8,33	20-30	

Itens Negativos					Total	Média	Σ AE Negativa Média	Percentil
Permissividade Negligência Desinteresse								
2	3	6	11	14	23	1,35		20-30
2	2	1	1	1				
18	19	27	29	30				
1	1	1	1	1				
33	36	39	40	41				
2	3	1	1	1				
42	44							
1	2							
Controlo Negativo					13	2,6	40-50	
1	15	35	37	43				
4	2	2	1	4				
Total das Dimensões Negativas					36	3,95	30-40	

Autoeficácia Total = \sum média da Autoeficácia Positiva - \sum média da Autoeficácia Negativa

Autoeficácia Total = $8,33 - 3,95 = 4,38$

Percentil: 50-60

Escala de Autoeficácia Parental

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 2

Sexo: Feminino

Escolaridade: 4ª classe

Idade: 25 anos

Data de Avaliação: 21/07/2014

Examinador: Cláudia Capela

Itens Positivos					Total	Média	Σ AE Positiva Média	Percentil
Atitudes e Comportamentos Parentais								
7	9	10	12	16	74	4,93		80
5	5	5	4	5				
17	20	23	24	25				
5	5	5	5	5				
26	28	31	32	34				
5	5	5	5	5	31	4,43		70
Equilíbrio Independência-Segurança								
4	5	8	13	21				
4	2	5	5	5				
22	38							
5	5							
Total das Dimensões Positivas					105	9,35		70-80

Itens Negativos					Total	Média	Σ AE Negativa Média	Percentil
Permissividade Negligência Desinteresse								
2	3	6	11	14	22	1,29		20
2	1	2	2	2				
18	19	27	29	30				
1	2	1	1	1				
33	36	39	40	41				
1	1	1	1	1				
42	44							
1	1				12	2,4		40
Controlo Negativo								
1	15	35	37	43				
1	4	5	1	1				
Total das Dimensões Negativas					34	3,69		20-30

Autoeficácia Total = \sum média da Autoeficácia Positiva - \sum média da Autoeficácia Negativa

Autoeficácia Total = $9,35 - 3,69 = 5,66$

Percentil: 80

Escala de Autoeficácia Parental

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 3

Sexo: Feminino

Escolaridade: 12 ° ano

Idade: 26 anos

Data de Avaliação: 22/07/2014

Examinador: Cláudia Capela

Itens Positivos					Total	Média	Σ AE Positiva Média	Percentil
Atitudes e Comportamentos Parentais								
7	9	10	12	16	71	4,73		60
3	5	5	5	5				
17	20	23	24	25				
5	5	5	5	5				
26	28	31	32	34				
5	3	5	5	5				
Equilíbrio Independência-Segurança					29	4,14		50
4	5	8	13	21				
5	3	1	5	5				
22	38							
5	5							
Total das Dimensões Positivas					100	8,87		50-60

Itens Negativos					Total	Média	Σ AE Negativas Média	Percentil
Permissividade Negligência Desinteresse								
2	3	6	11	14	21	1,23		10-20
1	1	1	1	1				
18	19	27	29	30				
1	1	1	1	1				
33	36	39	40	41				
1	1	1	1	5				
42	44							
1	1							
Controlo Negativo					9	1,8		10
1	15	35	37	43				
1	3	1	1	3				
Total das Dimensões Negativas					30	3,03		10-20

Autoeficácia Total = \sum média da Autoeficácia Positiva - \sum média da Autoeficácia Negativa

Autoeficácia Total = $8,87 - 3,03 = 5,84$

Percentil: 80-90

Escala de Autoeficácia Parental

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 4

Sexo: Feminino

Escolaridade: 5º ano

Idade: 25 anos

Data de Avaliação: 22/07/2014

Examinador: Cláudia Capela

Itens Positivos					Total	Média	Σ AE Positiva Média	Percentil
Atitudes e Comportamentos Parentais								
7	9	10	12	16	60	4		10
5	4	4	4	4				
17	20	23	24	25				
3	5	5	3	1				
26	28	31	32	34				
5	4	5	3	5				
Equilíbrio Independência-Segurança					29	4,14		50
4	5	8	13	21				
5	1	4	5	5				
22	38							
5	4							
Total das Dimensões Positivas					89	8,14		20-30

Itens Negativos					Total	Média	Σ AE Negativa Média	Percentil
Permissividade Negligência Desinteresse								
2	3	6	11	14	24	1,41		20-30
4	1	4	1	1				
18	19	27	29	30				
1	1	1	1	1				
33	36	39	40	41				
1	1	1	1	1				
42	44							
1	2							
Controlo Negativo					12	2,4		40
1	15	35	37	43				
1	4	5	1	1				
Total das Dimensões Negativas					36	3,81		30-40

Autoeficácia Total = \sum média da Autoeficácia Positiva - \sum média da Autoeficácia Negativa

Autoeficácia Total = $8,14 - 3,81 = 4,33$

Percentil: 50-60

Escala de Autoeficácia Parental

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 5

Sexo: Feminino

Escolaridade: 9º ano

Idade: 19 anos

Data de Avaliação: 18/07/2014

Examinador: Cláudia Capela

Itens Positivos					Total	Média	Σ AE Positiva Média	Percentil
Atitudes e Comportamentos Parentais								
7	9	10	12	16	71	4,73		60
4	4	4	5	5				
17	20	23	24	25				
5	5	5	5	5				
26	28	31	32	34				
5	5	5	4	5				
Equilíbrio Independência-Segurança					29	4,14	50	
4	5	8	13	21				
5	4	4	4	4				
22	38							
4	4							
Total das Dimensões Positivas					100	8,87	50-60	

Itens Negativos					Total	Média	Σ AE Negativa Média	Percentil
Permissividade Negligência Desinteresse								
2	3	6	11	14	22	1,29		20
1	1	1	1	3				
18	19	27	29	30				
1	1	1	1	1				
33	36	39	40	41				
1	1	1	1	4				
42	44				16	3,2	60-70	
1	1							
Controlo Negativo								
1	15	35	37	43				
4	3	4	1	4				
Total das Dimensões Negativas					38	4,49	40-50	

Autoeficácia Total = \sum média da Autoeficácia Positiva - \sum média da Autoeficácia Negativa

Autoeficácia Total = $8,87 - 4,49 = 4,38$

Percentil: 50-60

Escala de Autoeficácia Parental

Folha de Cotação e Perfil

Nome: Mãe 6

Sexo: Feminino

Escolaridade: 6º ano

Idade: 26 anos

Data de Avaliação: 16/07/2014

Examinador: Cláudia Capela

Itens Positivos					Total	Média	Σ AE Positiva Média	Percentil
Atitudes e Comportamentos Parentais								
7	9	10	12	16	72	4,8		60-70
5	5	4	5	5				
17	20	23	24	25				
5	5	5	5	5				
26	28	31	32	34				
4	4	5	5	5	33	4,71		80-90
Equilíbrio Independência-Segurança								
4	5	8	13	21				
4	5	5	5	5				
22	38							
4	5							
Total das Dimensões Positivas					105	9,51	80-90	

Itens Negativos					Total	Média	Σ AE Negativa Média	Percentil
Permissividade Negligência Desinteresse								
2	3	6	11	14	23	1,35		20-30
2	1	2	1	4				
18	19	27	29	30				
2	1	1	1	1				
33	36	39	40	41				
1	1	1	1	1	14	2,8		50-60
42	44							
1	1							
Controlo Negativo								
1	15	35	37	43				
1	2	2	5	4				
Total das Dimensões Negativas					37	4,15	40-50	

Autoeficácia Total = Σ média da Autoeficácia Positiva - Σ média da Autoeficácia Negativa

Autoeficácia Total = 9,51 - 4,15 = 5,36

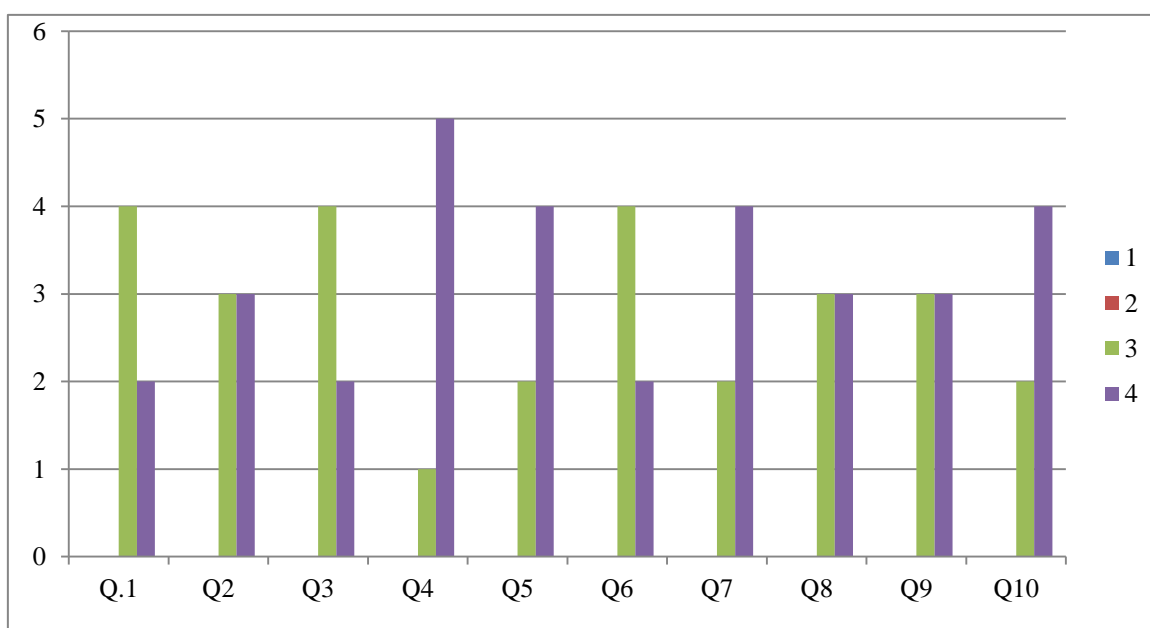
Percentil: 70-80

ANEXO XXXII

Questionário de avaliação final para cada sessão da formação
parental

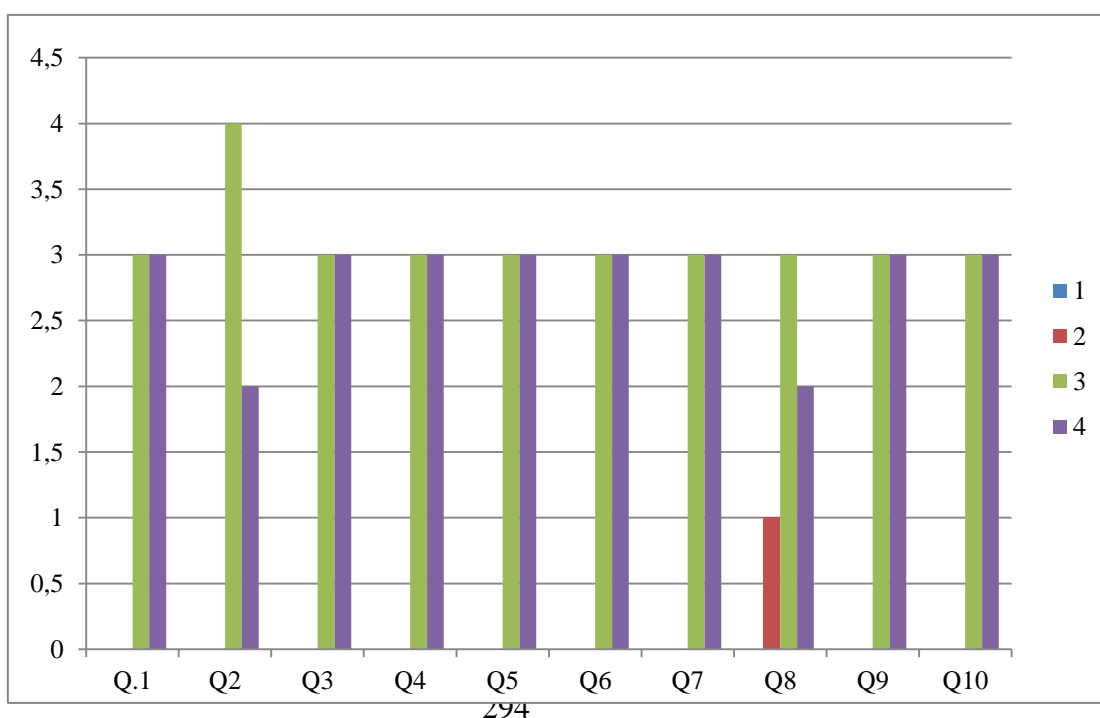
1ª Sessão: 6 mães presentes

	Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Concordo (3)	Concordo totalmente (4)
1. A sessão foi do meu agrado.			4	2
2. A sessão correspondeu às minhas expectativas.			3	3
3. As sessões são pertinentes para me ajudar na educação dos meus filhos.			4	2
4. A sessão foi interessante em termos de aquisição de novos conhecimentos.			1	5
5. As atividades desenvolvidas durante a sessão foram importantes para o meu dia-a-dia.			2	4
6. Os temas abordados foram do meu interesse.			4	2
7. Vou aplicar os conhecimentos nas minhas tarefas diárias.			2	4
8. Durante a sessão, senti-me à vontade para colocar as minhas dúvidas.			3	3
9. A linguagem utilizada foi objetiva e clara.			3	3
10. Aconselho as sessões aos meus amigos.			2	4



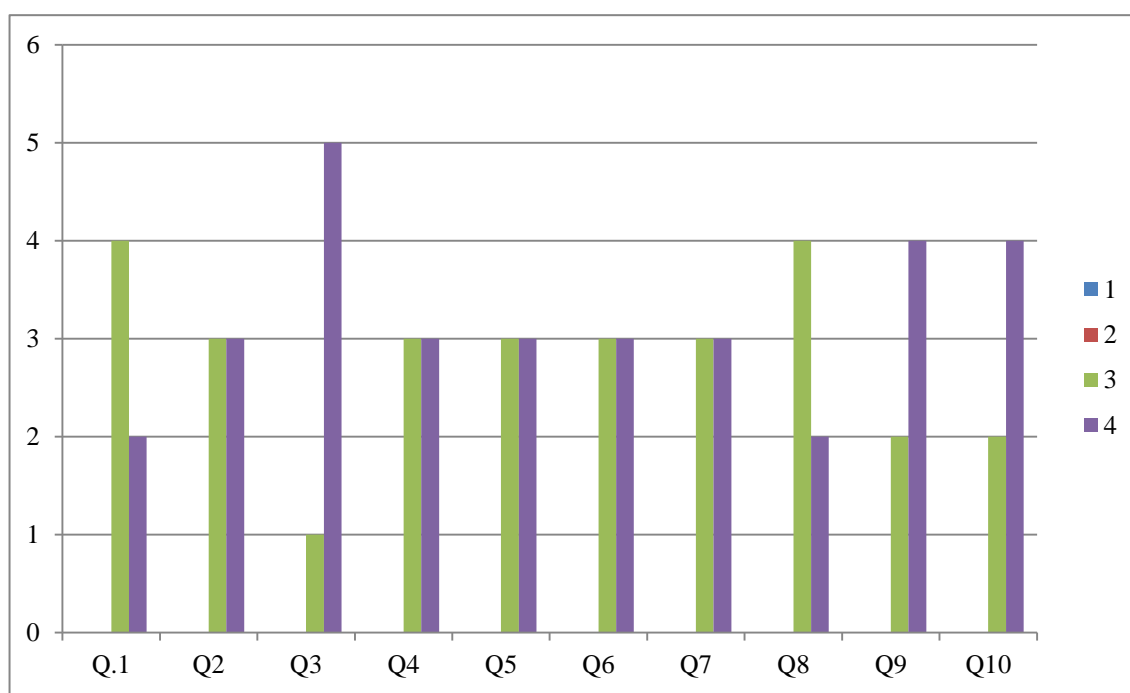
2ª Sessão: 6 mães presentes

	Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Concordo (3)	Concordo totalmente (4)
1. A sessão foi do meu agrado.			3	3
2. A sessão correspondeu às minhas expectativas.			4	2
3. As sessões são pertinentes para me ajudar na educação dos meus filhos.			3	3
4. A sessão foi interessante em termos de aquisição de novos conhecimentos.			3	3
5. As atividades desenvolvidas durante a sessão foram importantes para o meu dia-a-dia.			3	3
6. Os temas abordados foram do meu interesse.			3	3
7. Vou aplicar os conhecimentos nas minhas tarefas diárias.			3	3
8. Durante a sessão, senti-me à vontade para colocar as minhas dúvidas.		1	3	2
9. A linguagem utilizada foi objetiva e clara.			3	3
10. Aconselho as sessões aos meus amigos.			3	3



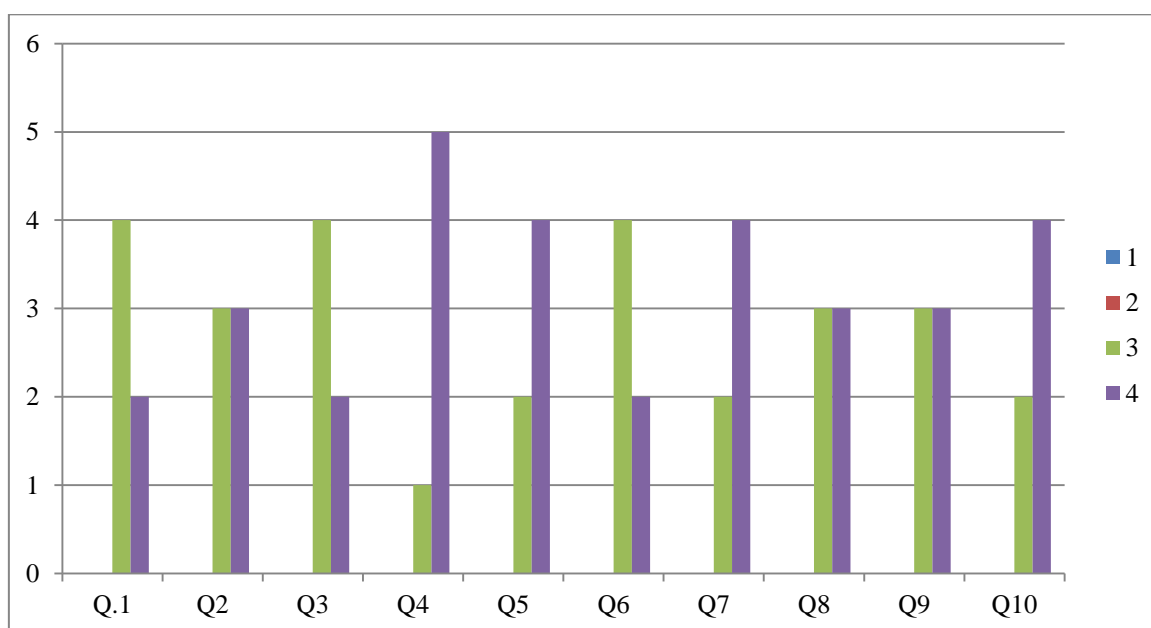
3ª Sessão: 6 mães presentes

	Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Concordo (3)	Concordo totalmente (4)
1. A sessão foi do meu agrado.			4	2
2. A sessão correspondeu às minhas expectativas.			3	3
3. As sessões são pertinentes para me ajudar na educação dos meus filhos.			1	5
4. A sessão foi interessante em termos de aquisição de novos conhecimentos.			3	3
5. As atividades desenvolvidas durante a sessão foram importantes para o meu dia-a-dia.			3	3
6. Os temas abordados foram do meu interesse.			3	3
7. Vou aplicar os conhecimentos nas minhas tarefas diárias.			3	3
8. Durante a sessão, senti-me à vontade para colocar as minhas dúvidas.			4	2
9. A linguagem utilizada foi objetiva e clara.			2	4
10. Aconselho as sessões aos meus amigos.			2	4



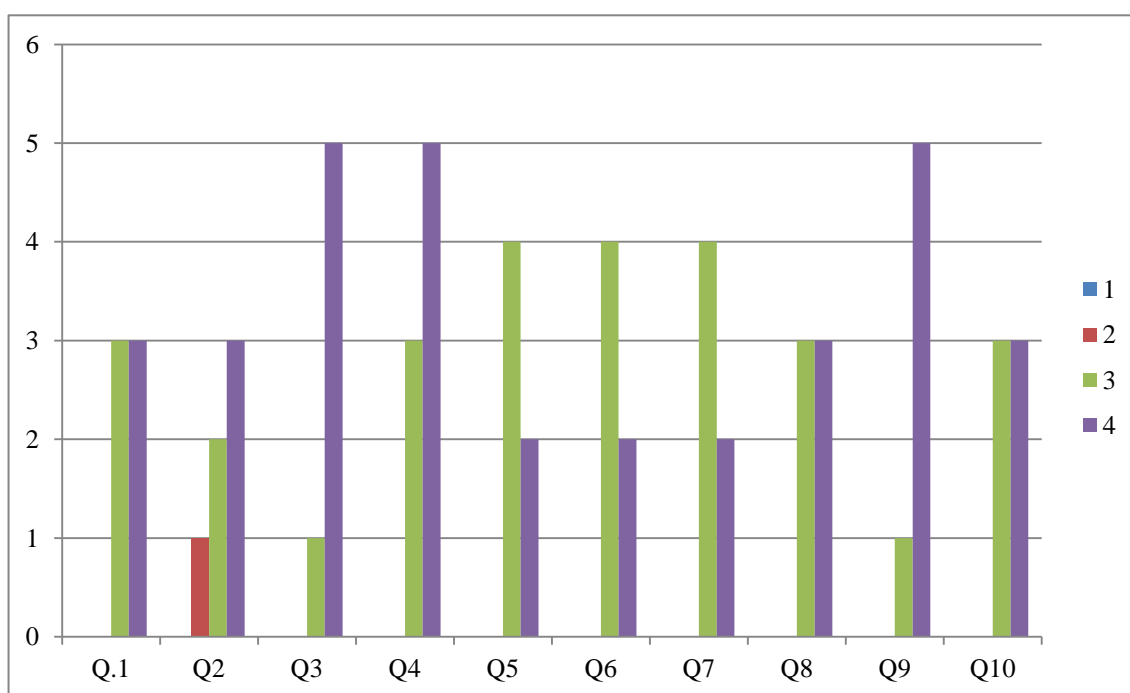
4ª Sessão: 6 mães presentes

	Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Concordo (3)	Concordo totalmente (4)
1. A sessão foi do meu agrado.			4	2
2. A sessão correspondeu às minhas expectativas.			3	3
3. As sessões são pertinentes para me ajudar na educação dos meus filhos.			4	2
4. A sessão foi interessante em termos de aquisição de novos conhecimentos.			1	5
5. As atividades desenvolvidas durante a sessão foram importantes para o meu dia-a-dia.			2	4
6. Os temas abordados foram do meu interesse.			4	2
7. Vou aplicar os conhecimentos nas minhas tarefas diárias.			2	4
8. Durante a sessão, senti-me à vontade para colocar as minhas dúvidas.			3	3
9. A linguagem utilizada foi objetiva e clara.			3	3
10. Aconselho as sessões aos meus amigos.			2	4



5ª Sessão: 6 mães presentes

	Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Concordo (3)	Concordo totalmente (4)
1. A sessão foi do meu agrado.			3	3
2. A sessão correspondeu às minhas expectativas.		1	2	3
3. As sessões são pertinentes para me ajudar na educação dos meus filhos.			1	5
4. A sessão foi interessante em termos de aquisição de novos conhecimentos.			3	3
5. As atividades desenvolvidas durante a sessão foram importantes para o meu dia-a-dia.			4	2
6. Os temas abordados foram do meu interesse.			4	2
7. Vou aplicar os conhecimentos nas minhas tarefas diárias.			4	2
8. Durante a sessão, senti-me à vontade para colocar as minhas dúvidas.			3	3
9. A linguagem utilizada foi objetiva e clara.			1	5
10. Aconselho as sessões aos meus amigos.			3	3



6ª Sessão: 6 mães presentes

	Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Concordo (3)	Concordo totalmente (4)
1. A sessão foi do meu agrado.			2	4
2. A sessão correspondeu às minhas expectativas.			3	3
3. As sessões são pertinentes para me ajudar na educação dos meus filhos.				6
4. A sessão foi interessante em termos de aquisição de novos conhecimentos.			2	4
5. As atividades desenvolvidas durante a sessão foram importantes para o meu dia-a-dia.			1	5
6. Os temas abordados foram do meu interesse.			2	4
7. Vou aplicar os conhecimentos nas minhas tarefas diárias.			2	4
8. Durante a sessão, senti-me à vontade para colocar as minhas dúvidas.			2	4
9. A linguagem utilizada foi objetiva e clara.			1	5
10. Aconselho as sessões aos meus amigos.			2	4

